

MITCH CULLIN

O LIVRO
QUE INSPIROU
O FILME
ESTRELADO POR
IAN MCKELLEN

Sr. Holmes



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MITCH CULLIN

Sr. Holmes

TRADUÇÃO DE
Alexandre Raposo



Copyright © 2005 by Mitch Cullin

TÍTULO ORIGINAL

A Slight Trick of the Mind

PREPARAÇÃO

Juliana Pitanga

Denise Scofano

REVISÃO

Breno Barreto

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-738-9

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA

Carre Noir

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Agradecimentos

Parte I

1

2

3

4

5

6

Parte II

7

8

9

10

11

12

13

14

Parte III

15

16

17

18

19

20

21

22

Origem das ilustrações

Sobre o autor

Leia também



*Para minha mãe, Charlotte
Richardson, uma fã dos mistérios e
das estradas panorâmicas da vida;
e para o falecido John Bennett
Shaw, que certa vez me deixou
no comando de sua biblioteca*

Ao menos eu tinha certeza de que finalmente vira um rosto que desempenhara um papel essencial em minha vida, e que era mais humano e infantil do que em meu sonho. Mais do que isso eu não soube, pois já tinha ido embora outra vez.

— Morio Kita, *Ghosts*

O que é essa estranha voz silenciosa que fala para as abelhas e que ninguém mais pode ouvir?

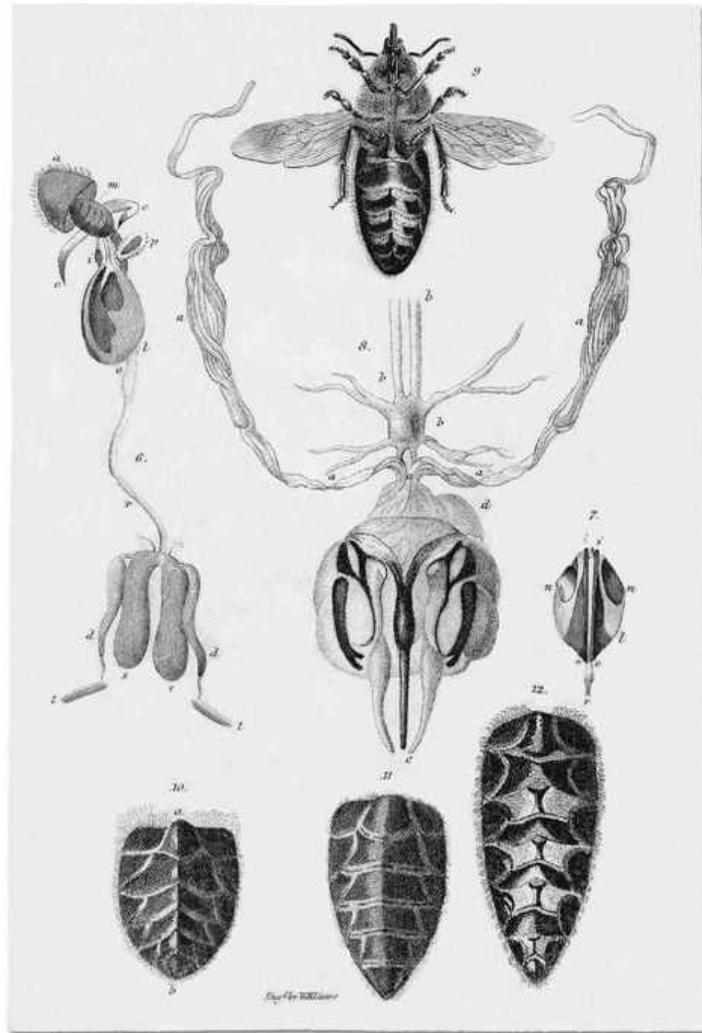
— William Longgood, *The Queen Must Die*

AGRADECIMENTOS

Com gratidão pelo apoio, informação, aconselhamento, amizade e inspiração das seguintes pessoas: Ai, John Barlow, Coates Bateman, Richard E. Bonney, Bradam, Mike e Sarah Brewer, Francine Brody, Joey Burns, Anne Carey, Anthony Bregman e Ted Hope, Neko Case, Peter I. Chang, os Christians (Charise, Craig, Cameron, Caitlin), John Convertino, meu pai, Charles Cullin, Elise D'Haene, John Dower, Carol Edwards, Demetrios Efstratiou, Todd Field, Mary Gaitskill, Dr. Randy Garland, Howe e Sofie Gelb (www.giantsand.com), Terry Gilliam, Jemma Gomez, avôs e avós, Tony Grisoni, Tom Harmsen, a família Haruta (cuja ajuda neste livro foi muito apreciada), a adorável Kristin Hersh, Tony Hillerman, Robyn Hitchcock, Sue Hubbell, Michele Hutchison, Reiko Kaigo, Patti Keating, Steve e Jesiah King, Roberto Koshikawa, Ocean Lam, Tom Lavoie, Patty LeMay e Paul Niehaus, Russell Leong, Werner Melzer, John Nichols, Kenzaburo Oe, Hikaru Okuizumi, Dave Oliphant, os Parras (Chay, Mark, Callen), Jill Patterson, Chad e Jodi Piper, Kathy Pories, Andy Quan, Michael Richardson, Charlotte Roybal, Saito Sanki, Daniel Schacter, Marty e Judy Shepard, Peter Steinberg, Nan Talese, Kurt Wagner e Mary Mancini, Billy Wilder e I. A. L. Diamond, Lulu Wu e William Wilde Zeitler.

Um agradecimento extraespecial vai para William S. Baring-Gould e seu excelente *Sherlock Holmes of Baker Street* (Bramhall House, 1962), que é um dos meus livros preferidos desde a infância e que se mostrou inestimável enquanto eu escrevia este romance. A menção de Mycroft a seu "velho amigo Winston" foi tirada diretamente dessa edição.

PARTE I



1

CERTA TARDE DE VERÃO, ao chegar de suas viagens ao exterior, ele entrou na casa de pedra de sua fazenda, deixando a bagagem à porta da frente, aos cuidados da governanta. Então, retirou-se para a biblioteca, onde se sentou em silêncio, feliz por estar cercado de seus livros e pela familiaridade do lar. Ele ficara afastado durante quase dois meses; viajara em trens militares por toda a Índia e a bordo de um navio da Marinha Real até a Austrália, e, por fim, desembarcara nas praias ocupadas do Japão pós-guerra. Indo e voltando, as mesmas rotas intermináveis foram trilhadas — geralmente na companhia de soldados rudes, poucos dos quais reconheciam o senhor que jantava ou se sentava ao seu lado (aquele velho de andar lento, buscando nos bolsos um fósforo que jamais encontraria, mastigando incansavelmente um charuto jamaicano apagado). Apenas nas raras ocasiões em que um oficial informado anunciava sua identidade, os rostos corados olhavam espantados, avaliando-o: embora usasse duas bengalas, seu corpo não estava curvado, e a passagem dos anos não esmaecera seus astutos olhos cinzentos; o cabelo branco como a neve, espesso e comprido como a barba, era penteado para trás, à moda inglesa.

— É verdade? É você mesmo?

— Acho que ainda preservo tal distinção.

— Você é Sherlock Holmes? Não, eu não acredito.

— Está tudo bem. Eu mesmo quase não acredito.

Finalmente, a viagem estava terminada, embora ele achasse difícil recordar os detalhes de seus dias no exterior. Em vez disso, suas férias — apesar de o tenham preenchido da mesma forma que uma boa refeição — pareciam-lhe insondáveis em retrospectiva,

pontuadas aqui e ali por breves lembranças que logo se tornavam vagas impressões, as quais, invariavelmente, eram esquecidas outra vez. Contudo, ele tinha os cômodos imutáveis de sua fazenda, os rituais de sua vida metódica no campo, a confiabilidade de seu apiário — coisas que não exigiam nem muita nem pouca lembrança; simplesmente tinham se entranhado durante décadas de isolamento. E havia as abelhas das quais cuidava: o mundo continuava a mudar, assim como ele, no entanto, as abelhas permaneciam. E quando seus olhos se fecharam e ele ressonou, foi uma abelha quem lhe deu as boas-vindas ao lar: uma operária manifestando-se em seus pensamentos, encontrando-o em outra parte, pousando em seu pescoço e picando-o.

É claro que ele sabia que, quando picado por uma abelha no pescoço, o melhor a se fazer era beber água com sal para evitar graves consequências. Naturalmente, o ferrão deveria ser retirado da pele quanto antes, de preferência segundos após a liberação instantânea do veneno. Em seus quarenta e quatro anos de apicultura na costa sul de Sussex Downs — morando entre Seaford e Eastbourne, sendo que a vila mais próxima era a pequena Cuckmere Haven —, ele recebera exatamente sete mil oitocentas e dezesseis picadas de abelhas-operárias (a maioria nas mãos ou no rosto, ocasionalmente nos lóbulos das orelhas ou pescoço, a causa e os efeitos de cada picada devidamente avaliados e, posteriormente, registrados em um dos vários diários que mantinha em seu escritório no sótão). Com o tempo, tais experiências moderadamente dolorosas levaram-no a dispor de uma variedade de remédios, cada um criado com exclusividade para a parte do corpo picada e a profundidade do ferrão: sal com água fria, sabão neutro com sal, depois, metade de uma cebola crua aplicada à irritação; quando em extremo desconforto, lama ou argila úmida costumava resolver, desde que fosse reaplicada de hora em hora, até desaparecer o inchaço. No entanto, para passar a dor e também evitar a

inflamação, tabaco umedecido esfregado imediatamente na pele parecia ser a solução mais eficaz.

Agora — enquanto cochilava em sua poltrona na biblioteca, ao lado da lareira vazia —, ele estava em pânico em seu sonho, incapaz de recordar o que precisava ser feito quanto àquela repentina picada em seu pomo de Adão. Ele se viu ali, em seu sonho, em um amplo campo de calêndulas, apertando o próprio pescoço com os dedos finos e artríticos. O inchaço já começara, avolumando-se sob suas mãos como uma veia saltada. Um medo paralisante tomou conta dele, que ficou completamente imóvel à medida que o inchaço aumentava, tanto para fora quanto para dentro (a túrgida protuberância por entre seus dedos, a garganta se fechando).

E lá, também, naquele campo de calêndulas, viu-se em contraste ao vermelho e ao amarelo-ouro embaixo dele. Nu, com a pele pálida exposta acima das flores, lembrava um esqueleto frágil, coberto por uma fina camada de papel de arroz. Lá se foram as vestes de sua aposentadoria — as lãs, os tweeds, as roupas duráveis que usara diariamente desde antes da Primeira Guerra Mundial, durante a Segunda Guerra, até seu nonagésimo terceiro aniversário. No sonho, seu cabelo comprido fora cortado até o couro cabeludo, e sua barba, reduzida a pelos espetados em seu queixo saliente e suas bochechas encovadas. As bengalas que o amparavam em suas perambulações — as várias bengalas que apoiara no seu colo na biblioteca — também haviam desaparecido. Mas ele permaneceu de pé, mesmo quando a garganta contrita bloqueou a passagem do ar e respirar tornou-se impossível. Somente os lábios se moviam, gaguejando para o vazio sem fazer qualquer ruído. Todo o resto — seu corpo, as flores desabrochando, as nuvens no alto — não denunciava qualquer movimento perceptível, tudo estático, com exceção daqueles lábios trêmulos e uma solitária abelha-operária caminhando com suas patas negras e operosas por uma testa enrugada.

2

HOLMES OFEGOU, DESPERTANDO. Suas pálpebras se ergueram e ele olhou em torno da biblioteca enquanto pigarreava. Então, inspirou profundamente, observando a fraca e oblíqua luz do sol que entrava por uma janela voltada para oeste: o brilho e a sombra resultantes projetados através das ripas polidas do assoalho, arrastando-se como ponteiros de relógio, apenas o suficiente para tocar a beirada do tapete persa sob seus pés, indicaram-lhe que eram precisamente dezessete horas e dezoito.

— Sono agitado? — perguntou a Sra. Munro, sua jovem empregada doméstica, que estava ali perto, de costas para ele.

— Mais ou menos — respondeu Holmes, com o olhar fixo em sua frágil figura: o cabelo comprido puxado em um coque apertado, as mechas onduladas castanho-escuras pairando sobre o pescoço fino, as tiras do avental amarelo amarradas às costas. De uma cesta de vime que estava sobre a mesa da biblioteca, ela retirou maços de correspondência (cartas com carimbos postais estrangeiros, pequenos pacotes, grandes envelopes) e, conforme fora instruída a fazer uma vez por semana, começou a separá-los em pilhas com base no tamanho dos volumes.

— O senhor estava fazendo aquilo durante o sono. Aquele som de asfixia. Estava fazendo aquilo, a mesma coisa de antes de viajar. Devo lhe trazer um copo d'água?

— Não creio ser necessário no momento — disse ele, segurando distraidamente ambas as bengalas.

— Como quiser.

Ela continuou separando: cartas à esquerda, pacotes no meio, envelopes maiores à direita. Durante a ausência dele, a mesa

normalmente vazia se enchera de instáveis pilhas de correspondência. Sabia com certeza que seriam presentes, artigos exóticos enviados de longe. Haveria solicitações de entrevistas para revistas ou rádios, pedidos de ajuda (um animal de estimação perdido, um anel de casamento roubado, uma criança desaparecida, diversas outras ninharias irrealizáveis, que seria melhor ficarem sem resposta). Então haveria os manuscritos ainda a serem publicados: ficções enganosas e lúgubres baseadas em suas façanhas do passado, soberbos trabalhos de criminologia, pilhas de antologias de mistério, além de cartas lisonjeiras pedindo um endosso, um comentário positivo para uma futura sobrecapa ou, possivelmente, um prefácio para um texto. Raras vezes ele respondia a alguma delas, e nunca satisfazia jornalistas, escritores nem gente em busca de publicidade.

Ainda assim, geralmente lia com atenção cada carta enviada, examinava o conteúdo de cada pacote entregue. Uma vez por semana, independentemente do calor ou do frio da estação, ele trabalhava à mesa enquanto a lareira ardia, abrindo envelopes, examinando o assunto antes de amassar o papel e jogá-lo às chamas. Os presentes, no entanto, eram separados e cuidadosamente colocados na cesta de vime para que a Sra. Munro os doasse para aqueles que organizavam obras de caridade na cidade. Mas se uma missiva se referisse a um interesse específico, se evitasse louvor servil e expressasse com inteligência um fascínio mútuo por aquilo que mais o interessava — o processo para se obter uma rainha de um ovo de abelha-operária, os benefícios da geleia real para a saúde, talvez uma nova visão sobre o cultivo de ervas de culinárias étnicas, como a cinza espinhosa (excentricidades da natureza de lugares longínquos, que, assim como a geleia real, eram capazes de conter a desnecessária atrofia que frequentemente assedia um corpo e uma mente idosa) —, então a carta tinha uma boa chance de ser poupada da incineração; em vez disso, poderia encontrar o caminho do bolso de seu casaco, permanecendo ali até

ele estar diante da escrivaninha do escritório no sótão, quando seus dedos finalmente recuperariam a carta para posterior apreciação. Às vezes, essas cartas afortunadas acenavam de outras partes: uma horta de ervas ao lado de um mosteiro em ruínas perto de Worthing, onde prosperava um estranho híbrido de bardana e azedinha roxa; um apiário na periferia de Dublin, agraciado pelo acaso com um lote de mel um pouco ácido, embora não desagradável, como resultado da umidade nos favos durante uma estação particularmente quente; e, um caso mais recente, Shimonoseki, uma cidade japonesa com culinária à base de cinza espinhosa, que, associada a uma dieta de pasta de missô e soja fermentada, parecia fornecer longevidade aos habitantes locais (a necessidade de documentar e obter conhecimento em primeira mão sobre um alimento tão raro que, possivelmente, seria capaz de prolongar a vida, tornara-se o principal objetivo de seus anos solitários).

— O senhor vai demorar um século para se livrar dessa bagunça — disse a Sra. Munro, acenando para as pilhas de correspondência. Ela baixou o cesto de vime vazio no chão e voltou-se para ele. — Há mais, também, no armário do corredor da frente. Aquelas caixas estão entulhando tudo.

— Muito bem, Sra. Munro — disse ele bruscamente, tentando frustrar qualquer elaboração da parte dela.

— Devo trazer as outras? Ou devo esperar que este lote seja concluído?

— Deve esperar.

Ele olhou para a porta, indicando com os olhos que desejava que ela se retirasse. Mas ela ignorou o olhar, fazendo uma pausa e alisando o avental antes de dizer:

— Há muito mais no armário do corredor, nem sei dizer quanto.

— Foi o que entendi. Mas no momento vou me concentrar no que está aqui.

— Vejo que anda muito ocupado, senhor. Se estiver precisando de ajuda...

— Posso cuidar disso sozinho, obrigado.

Desta vez, ele olhou para a porta e explicitamente inclinou a cabeça naquela direção.

— O senhor está com fome? — perguntou ela, pisando de forma hesitante no tapete persa, indo na direção da luz do sol.

Uma carranca impediu que ela se aproximasse, mas sua expressão foi ligeiramente amenizada quando ele suspirou e respondeu:

— Nem um pouco.

— Pretende comer esta noite?

— Suponho que seja inevitável. — Ele a imaginou trabalhando atabalhoadamente na cozinha, derramando vísceras nas bancadas ou deixando cair no chão migalhas de pão e fatias de queijo Stilton que com certeza eram aproveitáveis. — Pretende preparar sua insípida torta de linguiça?

— O senhor me disse que não gostava da torta — disse ela, parecendo surpresa.

— Não gosto, Sra. Munro, realmente não gosto. Ao menos, não gosto do modo como a senhora prepara o prato. Por outro lado, sua torta de carne é especial.

A expressão da empregada se iluminou, embora tenha franzido a testa ao pensar no assunto.

— Bem, vejamos, temos sobras de carne do assado de domingo. Eu poderia usá-las, embora o senhor prefira cordeiro.

— Sobra de carne me parece aceitável.

— Torta de carne, então — disse ela, cuja voz assumiu uma urgência repentina. — E, só para avisar, já desfiz suas malas. Não sabia o que fazer com aquela faca engraçada que trouxe, por isso está junto ao seu travesseiro. Cuidado para não se cortar.

Ele suspirou com maior ênfase, fechando os olhos, retirando-a de sua visão por completo.

— É uma *kusun-gobu*, minha querida, e aprecio a sua preocupação. Não gostaria de ser esfaqueado em minha própria

cama.

— E quem faria isso?

Sua mão direita remexeu o bolso do casaco, procurando o restante de um charuto jamaicano consumido pela metade. Mas, para seu espanto, ele de algum modo o perdera (talvez quando desembarcara do trem, ao se abaixar para recuperar uma bengala que escorregara de suas mãos. Provavelmente, o jamaicano escapara do seu bolso, caindo na plataforma, sendo esmagado pelos pés de alguém).

— Talvez — murmurou. — Ou então...

Procurou em outro bolso, enquanto ouvia os sapatos da Sra. Munro deixarem o tapete, cruzarem o assoalho e passarem pela porta (sete passos, o suficiente para que saísse da biblioteca). Seus dedos agarraram um tubo cilíndrico (com quase o mesmo comprimento e circunferência do jamaicano pela metade, embora, por seu peso e firmeza, prontamente tenha percebido não se tratar do charuto). Ao erguer as pálpebras, viu um frasco de vidro transparente na palma da mão. Olhando mais de perto, com a luz do sol brilhando na tampa de metal, analisou as duas abelhas mortas ali dentro — uma em cima da outra, pernas entrelaçadas, como se ambas tivessem sucumbido durante um abraço íntimo.

— Sra. Munro...

— Sim? — respondeu ela, virando-se no corredor e retornando apressada. — O que foi?

— Onde está Roger? — perguntou ele, voltando a guardar o frasco no bolso.

Ela entrou na biblioteca, refazendo os sete passos que percorrera anteriormente.

— Perdão?

— Seu filho, Roger, onde ele está? Não o vi ainda.

— Mas, senhor, ele trouxe suas malas para dentro, não se lembra? Então, o senhor mandou que ele lhe esperasse nas colmeias. Disse que o queria ali para fazer uma inspeção.

Um olhar confuso se espalhou pelo rosto pálido e barbudo dele, e a perplexidade que o tomava quando percebia que sua memória estava falhando também lançou-lhe uma sombra (o que mais fora esquecido? O que mais lhe escapara como areia escorrendo entre punhos cerrados e do que exatamente tinha certeza agora?), embora tentasse afastar tais preocupações inventando uma explicação razoável para o que o confundia de tempos em tempos.

— Claro, é verdade. Como deve imaginar, foi uma viagem cansativa. Não tenho dormido bem. Ele esperou muito?

— Um bom tempo. Não tomou o chá, embora eu acredite que não tenha se importado nem um pouco com isso. Desde que o senhor se foi, Roger tem se preocupado mais com as abelhas do que com a própria mãe, isso posso lhe garantir.

— É mesmo?

— Sim, infelizmente é.

— Bem, então — disse ele, localizando as bengalas — não deixarei o menino esperando por mais tempo.

Levantou-se da poltrona, com a ajuda das bengalas para se erguer, e caminhou até a porta, contando mentalmente cada passo — um, dois, três — enquanto ignorava o que a Sra. Munro dizia atrás dele:

— Quer que eu fique ao seu lado, senhor? Está tudo bem, não está?

Quatro, cinco, seis. Enquanto se arrastava para a frente, não viu a expressão preocupada da empregada, nem imaginou que ela fosse encontrar seu jamaicano segundos depois de ele ter saído da sala (ela curvou-se diante da poltrona, tirou o charuto fedorento do assento e deixou-o na lareira). Sete, oito, nove, dez — onze passos levaram-no até o corredor, quatro a mais do que a Sra. Munro, e dois passos a mais do que a sua média.

Naturalmente, concluiu, enquanto recuperava o fôlego à porta da frente, certa lentidão de sua parte não era inesperada. Ele se aventurara do outro lado do mundo e voltara, privando-se de sua

refeição matinal de geleia real no pão frito. A geleia real, rica em vitaminas do complexo B e com quantidades substanciais de açúcares, proteínas e certos ácidos orgânicos, era essencial para manter seu bem-estar e vigor; sem o seu alimento, tinha certeza de que seu corpo sofrera um pouco, assim como sua memória.

Contudo, uma vez ao ar livre, sua mente foi revigorada pela paisagem inundada pela luz do fim da tarde. A flora não representava nenhum dilema, nem as sombras sugeriam os vazios onde fragmentos de sua memória deveriam residir. Ali tudo estava como fora havia décadas — e ele também: caminhando sem esforço pelo passeio do jardim, inspirando profundamente durante todo o percurso, passando por narcisos silvestres e canteiros de ervas, por buddleias de um tom forte de roxo e cardos gigantes que cresciam se enroscando; uma leve brisa agitava os pinheiros ao redor, e ele saboreou o som que seus sapatos e suas bengalas produziam ao esmagar a brita. Se olhasse para trás por cima do ombro naquele exato momento, veria que a casa estava ocultada por quatro grandes pinheiros — a porta da frente e os caixilhos enfeitados com rosas trepadeiras, os toldos acima das janelas, os montantes de tijolos das paredes exteriores expostos; a maior parte de tudo isso era pouco visível entre o denso emaranhado de ramos e agulhas dos pinheiros. Mais à frente, onde o passeio terminava, estendia-se um pasto sem cercas, embelezado por uma profusão de azaleias, louros e rododendros, além do qual erguia-se um grupo de carvalhos isolados. E sob os carvalhos — disposto em linha reta, duas colmeias por grupo — estava o seu apiário.

No momento, caminhava pelo apiário enquanto o jovem Roger — ansioso para impressioná-lo com o bom tratamento dado às abelhas em sua ausência, movendo-se de colmeia em colmeia, sem véu e com as mangas arregaçadas — explicava que, após o enxame ter se estabelecido no início de abril, poucos dias antes de Holmes partir para o Japão, as abelhas já haviam removido totalmente a cera de fundação de dentro das armações, construído favos e preenchido

cada célula hexagonal. Na verdade, para seu deleite, o menino já tinha reduzido o número de armações a nove por colmeia, deixando espaço de sobra para as abelhas prosperarem.

— Excelente — disse Holmes. — Você cuidou admiravelmente dessas criaturas durante o verão, Roger. Estou muito satisfeito com seus esforços aqui. — Então, recompensando o rapaz, retirou o frasco do bolso, apresentando-o entre um dedo torto e um polegar. — Isto é para você — afirmou ele, observando Roger pegar o recipiente, olhando para o conteúdo, silenciosamente maravilhado. — *Apis cerana japonica*, ou talvez devamos apenas chamá-las de abelhas japonesas. Que tal?

— Obrigado, senhor.

O menino lhe sorriu, e, olhando para os perfeitos olhos azuis de Roger, e remexendo delicadamente em seu cabelo louro, Holmes retribuiu o sorriso. Logo depois, enfrentaram as colmeias juntos sem nada dizer durante algum tempo. O silêncio do apiário sempre lhe fora muito agradável e, pelo modo como Roger o acompanhava, acreditava que o menino compartilhava de igual satisfação. Embora raramente gostasse da companhia de crianças, era difícil evitar os instintos paternais que sentia em relação ao filho da Sra. Munro (ele se perguntava com frequência: como aquela mulher desajeitada teria dado à luz prole tão promissora?). Contudo, mesmo em sua idade avançada, descobriu ser impossível expressar seus verdadeiros sentimentos, especialmente por um rapaz de quatorze anos cujo pai se incluía entre as baixas do Exército Britânico nos Bálcãs e que fazia muita falta a Roger, ele suspeitava. Em todo caso, era sempre sábio manter o autocontrole emocional ao tratar com empregadas e seus parentes — sem dúvida, bastava-lhe ficar com o menino enquanto seu silêncio mútuo falava por conta própria e seus olhos observavam as colmeias, estudavam os oscilantes ramos de carvalho e contemplavam a transformação sutil da tarde em noite.

Logo, a Sra. Munro gritou por Roger do passeio do jardim, pedindo-lhe ajuda na cozinha. Então, relutantes, ele e o menino

atravessaram lentamente o pasto, parando para observar uma borboleta azul que pairava em torno das azaleias perfumadas. Momentos antes do anoitecer, entraram no jardim; a mão do menino gentilmente segurava-lhe o cotovelo — e continuou guiando-o adiante, através da porta da casa, mantendo-se a seu lado enquanto ele subia a escada com segurança, até chegar a seu escritório no sótão (subir a escada não era uma tarefa particularmente difícil, embora ele se sentisse grato sempre que Roger o apoiava como uma muleta humana).

— Devo vir buscá-lo quando o jantar estiver pronto?

— Sim, por favor.

— Está bem, senhor.

Então, ele se sentou à mesa, esperando que o menino voltasse para ajudá-lo a descer a escada. Por algum tempo, ocupou-se com a leitura de anotações que fizera antes de viajar, mensagens enigmáticas rabiscadas em pedaços de papel — *levulose predomina, mais solúvel que a dextrose* — cujos significados lhe escapavam. Ele olhou em volta, percebendo que a Sra. Munro tomara liberdades em sua ausência. Os livros que ele espalhara pelo chão estavam empilhados, o chão varrido, mas — como ele instruíra expressamente — nada fora espanado. Tornando-se cada vez mais inquieto em busca de tabaco, fechou os blocos de anotações e abriu gavetas, esperando encontrar um jamaicano ou, ao menos, um cigarro. Quando a busca se revelou inútil, resignou-se com a correspondência selecionada e pegou uma das muitas cartas enviadas pelo Sr. Tamiki Umezaki semanas antes de ele embarcar em sua viagem ao exterior: *Caro senhor, estou extremamente satisfeito com o fato de meu convite ter sido recebido com sério interesse e que tenha decidido ser meu convidado aqui em Kobe. Escusado será dizer que estou ansioso para mostrar-lhe os vários jardins de templos nesta região do Japão, bem como...*

Isto, também, se revelou de difícil conclusão: mal começara a ler, suas pálpebras se fecharam e seu queixo baixou gradualmente em

direção ao peito. Dormindo, não sentiu a carta escorregar por entre os dedos, nem ouviu o suave arfar que emanava de sua garganta. Ao acordar, não se lembraria do campo de calêndulas onde estivera, nem do sonho que o pusera lá outra vez. Em vez disso, surpreso ao encontrar Roger subitamente inclinado sobre ele, pigarrearia e olharia para o rosto envergonhado e hesitante do menino.

— Eu estava dormindo?

O garoto assentiu.

— Entendo... entendo...

— Seu jantar será servido logo.

— Sim, meu jantar será servido logo — murmurou, ajustando as bengalas.

Como antes, Roger cautelosamente amparou Holmes, ajudando-o a se erguer da poltrona, mantendo-se perto dele enquanto saíam do escritório. O menino o acompanhou ao longo do corredor, na escada e na sala de jantar, onde, finalmente, livrando-se do suave amparo de Roger, Holmes continuou por conta própria, em direção à grande mesa vitoriana de carvalho dourado, até o único lugar à mesa preparado pela Sra. Munro.

— Depois que eu terminar aqui — disse Holmes, sem se voltar para o menino —, gostaria muito de discutir com você os assuntos do apiário. Queria que me relatasse tudo o que ocorreu lá em minha ausência. Acredito que você possa me oferecer um relatório detalhado e preciso.

— Acho que sim — respondeu o menino, observando da porta enquanto Holmes apoiava as bengalas na mesa antes de se sentar.

— Muito bem, então — disse Holmes afinal, olhando através da sala para o lugar onde Roger estava. — Vamos nos reunir na biblioteca daqui a uma hora, está bem? Desde que, é claro, a torta de carne de sua mãe não acabe comigo.

— Sim, senhor.

Holmes pegou o guardanapo dobrado, balançou-o e prendeu-o debaixo do colarinho. Sentado na cadeira, demorou-se um instante

alinhando os talheres, organizando-os cuidadosamente. Depois suspirou pelas narinas e, apoiando as mãos de maneira uniforme em ambos os lados do prato vazio, exclamou:

— Onde está essa mulher?

— Estou indo — gritou a Sra. Munro de repente.

Ela prontamente apareceu atrás de Roger, trazendo uma bandeja fumegante.

— Afaste-se, meu filho — ordenou para o menino. — Assim você não está ajudando ninguém.

— Desculpe — disse Roger, deslocando o corpo magro para que ela pudesse entrar.

Assim que a mãe passou apressada em direção à mesa, ele lentamente deu um passo para trás — e mais outro, e mais outro — até sair da sala de jantar. Contudo, não haveria mais vadiagem de sua parte; caso contrário, ele sabia, a mãe poderia mandá-lo para casa ou, ao menos, enviar-lhe para a cozinha para fazer serviço de limpeza. Com intenção de evitar isso, escapou silenciosamente enquanto ela servia Holmes, fugindo antes que a mãe saísse da sala de jantar e chamasse seu nome.

Mas o menino não correu até o apiário, como ela poderia esperar — nem foi até a biblioteca se preparar para as perguntas de Holmes. Em vez disso, esgueirou-se escada acima até aquele cômodo onde apenas Holmes tinha autorização para entrar: o escritório no sótão. Na verdade, durante as semanas em que Holmes estivera no exterior, Roger passara longas horas explorando o escritório — inicialmente pegando diversos livros antigos, monografias empoeiradas e revistas científicas das prateleiras, folheando-as sentado à escrivaninha. Quando satisfeita a curiosidade, ele os recolocava com cuidado nas prateleiras, certificando-se de que parecessem nunca terem sido tocados. Ocasionalmente, chegava a fingir que era Holmes, reclinando-se na cadeira com as pontas dos dedos pressionadas umas nas outras, olhando pela janela e inalando fumaça imaginária.

Naturalmente, sua mãe não sabia da invasão. Se houvesse descoberto, ele teria sido imediatamente banido da casa. No entanto, quanto mais explorava o escritório (hesitante a princípio, mantendo as mãos nos bolsos), mais ousado se tornava — espreitando dentro de gavetas, tirando cartas de envelopes já abertos, respeitosamente empunhando a caneta, a tesoura e a lupa que Holmes usava com regularidade. Mais tarde, começara a folhear as pilhas de páginas escritas à mão sobre a escrivaninha, atento para não deixar nenhuma marca de identificação nas folhas, enquanto, ao mesmo tempo, tentava decifrar as anotações de Holmes e seus parágrafos incompletos. Entretanto, a maior parte do que lia não era compreendida pelo menino — fosse devido à natureza frequentemente sem sentido dos rabiscos de Holmes, fosse como resultado de o assunto ser um tanto oblíquo e clínico. Ainda assim, ele estudara cada página, desejando aprender algo único ou revelador sobre o homem famoso que agora reinava sobre o apiário.

Em verdade, Roger descobriria pouco que lançasse nova luz sobre Holmes. O mundo daquele homem, ao que parecia, era de provas concretas e fatos incontestáveis, observações pormenorizadas sobre questões externas, raramente com alguma frase de contemplação de sua autoria. Porém, entre as várias pilhas de notas e escritos aleatórios, enterrado debaixo de tudo, como se escondido, o garoto acabara se deparando com um item de verdadeiro interesse, um manuscrito curto e inacabado intitulado *A harmonicista de vidro*, em um maço de páginas preso por um elástico. Ao contrário de outros escritos de Holmes sobre a escrivaninha, o menino imediatamente percebeu que aquele fora redigido com extremo cuidado: as palavras eram fáceis de distinguir, nada fora rasurado, e nada ocupava as margens ou fora obscurecido por gotículas de tinta. O que lera então capturara a sua atenção, pois era acessível e, de algum modo, de natureza pessoal, narrando um período anterior na vida de Holmes. Mas para grande desgosto de Roger, o manuscrito terminava abruptamente após meros dois capítulos, deixando sua conclusão

como um mistério. Mesmo assim, o menino releu o texto diversas vezes, com a esperança de descobrir algo que não percebera antes.

E agora, assim como nas semanas em que Holmes estivera ausente, Roger sentou-se nervosamente à escrivaninha do escritório, extraindo de forma metódica o manuscrito de debaixo daquela desordem organizada. Logo o elástico foi posto de lado e as páginas levadas para perto da luz da lamparina. Estudou o manuscrito de trás para a frente, verificando rapidamente as últimas páginas, embora tivesse certeza de que Holmes ainda não tivera a oportunidade de continuar o texto. Então foi para o início, curvando-se para a frente enquanto lia, virando página após página. Caso se concentrasse, sem distrações, Roger acreditava poder terminar o primeiro capítulo naquela noite. Apenas quando sua mãe o chamou, sua cabeça se ergueu momentaneamente. Ela estava do lado de fora, gritando para ele do jardim, procurando-o. Depois que sua voz se afastou, ele baixou a cabeça outra vez, lembrando-se de que não tinha muito tempo: em menos de uma hora ele era esperado na biblioteca; logo o manuscrito teria de ser escondido da mesma forma que fora originalmente encontrado. Até lá, um dedo indicador deslizou sobre as palavras de Holmes; seus olhos azuis piscaram diversas vezes, embora continuassem focados, e seus lábios se moveram sem som à medida que as frases começaram a evocar cenas familiares na mente do menino.

A HARMONICISTA DE VIDRO

Prefácio

Em qualquer noite, caso um estranho suba a escada íngreme que termina neste sótão, ele vagará no escuro por alguns segundos antes de alcançar a porta fechada do meu escritório. No entanto, mesmo na escuridão, uma luz tênue atravessará a porta fechada, tal como acontece agora, e talvez ele fique ali a se perguntar: que tipo de preocupação mantém um homem acordado bem depois da meia-noite? O que exatamente ocorre ali dentro enquanto a maioria de seus compatriotas dorme? E se ele girar a maçaneta para satisfazer sua curiosidade, encontrará a porta trancada e sua entrada barrada. E se, por fim, encostar uma orelha à porta, provavelmente ouvirá o débil som do rápido movimento da caneta sobre o papel, as palavras anteriores já secando enquanto os símbolos seguintes chegam aguados da tinta mais negra.

Mas, é claro, não é segredo o fato de eu permanecer evasivo neste momento da minha vida. O registro de minhas façanhas do passado, embora aparentemente de infinito fascínio para o público leitor, nunca foi uma tarefa gratificante para mim. Durante os anos em que John esteve propenso a escrever sobre as nossas muitas experiências juntos, eu considerava suas hábeis — embora um tanto limitadas — descrições extremamente exageradas. Às vezes, lamentava sua tendência aos gostos populares e pedia que ele fosse mais atencioso com fatos e números, especialmente depois que meu nome se tornou sinônimo de suas reflexões, com frequência superficiais. Por sua vez, meu velho amigo e biógrafo me estimulava a escrever um relato de minha própria lavra. “Se você acredita que sou injusto

com nossos casos”, lembro-me de ele ter dito em ao menos uma ocasião, “sugiro que tente você mesmo, Sherlock!”

“Talvez eu tente”, respondi, “e então, talvez, você leia uma história precisa, sem os enfeites autorais de costume.”

“Boa sorte para você”, zombou ele. “Vai precisar.”

No entanto, apenas a aposentadoria permitiu que eu me desse ao luxo de me envolver com a sugestão de John, por fim. Embora dificilmente impressionantes, os resultados foram esclarecedores em um nível pessoal, mesmo que só para demonstrar que até um relato fiel deve ser apresentado de modo que entretenha o leitor. Ao dar-me conta de tal inevitabilidade, abandonei a forma de contar histórias de John após a publicação de apenas duas delas, e, em um breve bilhete enviado mais tarde para o bom médico, ofereci um sincero pedido de desculpas pelo escárnio que dediquei a seus primeiros escritos. Sua resposta foi rápida e inteligentemente pertinente: *Não precisa se desculpar, meu amigo. Os direitos autorais o absolveram há séculos, e continuam a fazê-lo, apesar de meus protestos. J. H. W.*

Agora que John está mais uma vez em meus pensamentos, gostaria de aproveitar a oportunidade para expressar uma irritação atual de minha parte. Chegou ao meu conhecimento que, recentemente, meu ex-companheiro foi exposto de modo injusto, tanto por dramaturgos quanto pelos chamados escritores de mistério. Esses indivíduos de reputação duvidosa, cujos nomes não são dignos de menção, procuraram retratá-lo como pouco mais que um idiota desajeitado. Nada poderia estar mais longe da realidade. A própria noção de que eu me associaria a um companheiro de raciocínio lento pode ser cômica em um contexto teatral, mas considero tais formas de insinuação um grave insulto a John e a mim. É possível que algum erro de representação possa ter se originado de seus escritos, pois ele sempre foi generoso em exagerar minhas capacidades, enquanto, ao mesmo tempo, tratava as suas características mais marcantes com enorme modéstia. Mesmo assim, o homem com quem trabalhei lado a lado demonstrava uma astúcia nativa e uma esperteza inata que eram de valor inestimável para nossas investigações. Não nego sua esporádica incapacidade de compreender uma conclusão óbvia ou escolher o melhor curso de ação, mas raramente ele foi pouco inteligente em suas opiniões e conclusões. Além

disso, foi um prazer passar meus dias de juventude na companhia de alguém que conseguia descobrir aventura no mais mundano dos casos, e que, com seu humor, paciência e lealdade habituais, tolerava as excentricidades de um amigo que era desagradável com certa frequência. Portanto, se os eruditos estão honestamente inclinados a escolher o mais tolo da dupla, acredito que deveriam conceder tal desonra apenas para mim.

Finalmente, devo notar que não compartilho da nostalgia que o público leitor sente em relação a meu antigo endereço em Baker Street. Já não anseio a agitação das ruas de Londres, nem sinto falta de navegar pelos emaranhados lamaçais criados pelos criminalmente dispostos. Além disso, minha vida aqui em Sussex vai além do puro contentamento, e a maioria de minhas horas de vigília é gasta ou na pacífica solidão de meu escritório ou entre as metódicas criaturas que habitam meu apiário. Devo admitir que minha idade avançada prejudicou um pouco minha memória, mas ainda sou bem ágil de corpo e mente. Quase toda semana, desço até a praia no fim da tarde. Durante o dia, geralmente sou visto vagando pelos passeios do meu jardim, onde cuido dos canteiros de ervas e flores. Nos últimos tempos, tenho sido consumido pela importante tarefa de rever a última edição do meu *Manual prático de criação de abelhas*, ao mesmo tempo em que dou os últimos retoques nos quatro volumes de minha obra *A completa arte da detecção*. Esta última é uma tarefa tediosa e labiríntica, embora deva tornar-se uma coleção indispensável quando publicada.

No entanto, senti-me compelido a deixar de lado minha obra-prima, e, neste momento, começo a tarefa de transferir o passado para o papel, para que eu não me esqueça dos detalhes de um caso que, seja lá por qual lógica inexplicável, me veio à mente esta noite. É provável que algo do que estou prestes a dizer ou descrever não seja o que realmente foi dito ou visto, por isso peço desculpas antecipadas por qualquer licença que tenha utilizado para preencher as lacunas e as áreas cinzentas de minha memória. Porém, mesmo que prevaleça um tanto de ficção nos eventos seguintes, garanto que o relato geral — assim como aqueles indivíduos que estiveram envolvidos no caso — foi descrito com a maior precisão possível.

I.
O caso da Sra. Ann Keller
de Fortis Grove

Lembro-me de que foi na primavera de 1902, apenas um mês após o histórico voo de balão de Robert Falcon Scott na Antártida, que recebi a visita do Sr. Thomas R. Keller, um jovem bem-vestido, encurvado e de ombros estreitos. O bom médico ainda não ocupara seus próprios aposentos na Queen Anne Street, mas estava de férias, repousando à beira-mar com a mulher que logo viria a se tornar a terceira Sra. Watson. Pela primeira vez em muitos meses, nosso apartamento em Baker Street era todo meu. Como me era de costume, sentei-me de costas para a janela e convidei meu visitante a sentar-se na poltrona oposta, onde — de seu ponto de vista — eu ficava obscurecido pelo brilho da luz do lado de fora, enquanto ele — do meu — era iluminado com perfeita clareza. Inicialmente, o Sr. Keller pareceu desconfortável em minha presença, e aparentemente estava com dificuldade para falar. Não fiz esforço algum para aliviar o seu desconforto, mas usei seu silêncio constrangedor como uma oportunidade para observá-lo mais atentamente. Acredito que é sempre vantajoso dar aos clientes uma sensação de sua própria vulnerabilidade, e assim, tendo chegado a conclusões a respeito de sua visita, rapidamente incuti tal sentimento nele.

— Vejo que está muito preocupado com sua esposa.

— É isso mesmo, senhor — respondeu ele, visivelmente surpreso.

— Contudo, de modo geral, é uma mulher atenciosa. Percebo, então, que não é a fidelidade dela que está em questão.

— Sr. Holmes, como sabe disso?

Sua expressão perplexa tentou me decifrar. E, enquanto meu cliente aguardava uma resposta, acendi um dos ótimos cigarros Bradley de John, dos quais eu roubara um número razoável do suprimento que ele escondia na gaveta de sua escrivaninha. Então, após deixar o jovem em suspense tempo suficiente, deliberadamente exaleei fumaça nos raios de sol, enquanto revelava o que era tão evidente aos meus olhos.

— Quando um cavalheiro entra em minha sala em um estado apreensivo, e quando brinca distraidamente com seu anel de casamento sentado à minha

frente, não é difícil imaginar a natureza de seu problema. Suas roupas são novas e razoavelmente bem-talhadas, mas não foram feitas por um profissional. Com certeza você notou uma ligeira irregularidade nos punhos, ou, talvez, o fio marrom-escuro na parte inferior da perna esquerda da calça, o fio preto à direita. Mas já observou que o botão do meio de sua camisa, embora muito semelhante em cor e forma, é um pouco menor do que os outros? Isto sugere que sua esposa fez isso para você, e que ela teve o cuidado de realizar da melhor forma que podia, mesmo na falta de materiais adequados. Como eu disse, ela é atenciosa. Por que acredito que isso seja obra de sua esposa? Bem, você é um jovem de posses modestas, evidentemente casado, e seu cartão já me informou que é um contador júnior na Throckmorton & Finley. Seria difícil encontrar um contador iniciante com uma empregada e uma governanta, não é mesmo?

— Nada lhe escapa, senhor.

— Não tenho poderes invisíveis, posso lhe assegurar, mas aprendi a prestar atenção no que é óbvio. Mesmo assim, Sr. Keller, você não me procurou esta tarde para refletir sobre meus talentos. O que ocorreu na última terça-feira que o fez vir de sua casa em Fortis Grove até aqui?

— Isso é incrível — exclamou, e mais uma vez um olhar assustado surgiu em seu rosto.

— Meu caro amigo, acalme-se. Sua carta, entregue pessoalmente, chegou à minha porta ontem, quarta-feira, com seu endereço de remetente, embora tenha sido datada na terça. Sem dúvida, a carta foi escrita durante a noite; caso contrário, você a teria entregue no mesmo dia. Como solicitou urgentemente este encontro para hoje, quinta-feira, parece que algo problemático e premente deve ter ocorrido na terça à tarde ou à noite.

— Sim, escrevi a carta na terça-feira à noite após perder a cabeça com Madame Schirmer. Ela não só está determinada a se intrometer em meu casamento, como também ameaçou me prender..

— Prendê-lo, é mesmo?

— Sim, essas foram suas últimas palavras para mim. Madame Schirmer é uma mulher muito imponente. É uma musicista e professora talentosa, mas de modo intimidador. Eu mesmo teria chamado um policial se não fosse por minha querida Ann.

— Ann é sua esposa, imagino.

— Exatamente.

O jovem tirou do colete uma fotografia de estúdio e ofereceu-a para minha inspeção.

— Esta é ela, Sr. Holmes.

Inclinei-me em minha poltrona. Com um olhar rápido e abrangente, notei os traços e a figura de uma mulher de vinte e três anos: uma única sobrancelha erguida, um meio sorriso relutante. No entanto, o rosto era severo, dando-lhe a aparência de ser mais velha do que era.

— Obrigado — falei, erguendo os olhos da foto. — Parece uma mulher muito especial. Agora, por favor explique, desde o início, o que exatamente eu deveria saber sobre o relacionamento de sua esposa com esta tal Madame Schirmer.

O Sr. Keller franziu as sobrancelhas com tristeza.

— Tentarei lhe dizer o que sei — disse ele, voltando a guardar a fotografia no colete. — Espero que seja capaz de encontrar algum sentido em tudo isso. Olhe, desde terça-feira meu cérebro está às voltas com esse problema. Não tenho dormido muito bem nos últimos dois dias, então, por favor, seja paciente comigo se minhas palavras não forem claras.

— Tentarei ser o mais paciente possível.

Foi sábio da parte dele me avisar pois, caso eu não esperasse que a narrativa do meu cliente fosse, em sua maior parte, uma divagação inconsequente, temo que minha irritação não o deixaria terminar de falar. Em vista disso, reclinei-me na poltrona, uni os dedos das mãos e virei a cabeça para o teto, de modo a ouvir com a mais atenta concentração.

— Pode começar.

Ele inspirou profundamente antes de prosseguir.

— Minha esposa e eu nos casamos há pouco mais de dois anos. Ela era a única filha do falecido coronel Bane. Seu pai morreu no Afeganistão durante o levante de Ayub Khan quando ela ainda era bebê, e Ann foi criada pela mãe em East Ham, onde nos conhecemos quando crianças. Você não poderia imaginar uma menina mais adorável, Sr. Holmes. Mesmo naquela época eu já era encantado por ela, e, com o tempo, nos apaixonamos, um tipo de amor baseado na amizade, na parceria e em um desejo de compartilhar nossas

vidas como se fossem uma só. Nós nos casamos, é claro, e logo nos mudamos para a casa em Fortis Grove. Durante algum tempo, parecia que nada seria capaz de perturbar a harmonia de nosso lar. Não é exagero dizer que nossa união era ideal e feliz. Obviamente, houve alguns períodos difíceis, como a doença prolongada de meu pai moribundo e o inesperado falecimento da mãe de Ann; mas tínhamos um ao outro, e isso fazia toda a diferença. Nossa felicidade aumentou quando soubemos da gravidez de Ann. Então, seis meses depois, ela sofreu um aborto repentino. Cinco meses mais tarde, voltou a engravidar, mas abortou novamente. Nessa segunda vez, houve um grande sangramento, uma hemorragia, que quase a levou de mim. Ainda no hospital, nosso médico informou-me que provavelmente ela não seria capaz de ter um bebê e que qualquer outra tentativa de ter um filho acabaria matando-a. A partir daí, ela começou a mudar. Esses abortos a perturbaram e a ocuparam obsessivamente. Em casa, ela tornou-se um tanto rabugenta, Sr. Holmes, desanimada e indiferente, e, como me disse, ter perdido nossos bebês era o seu maior trauma.

“Meu antídoto para seu mal-estar era a atividade terapêutica de uma nova ocupação. Por razões mentais e emocionais, achei que ela deveria ter um *hobby* para preencher o vazio de sua vida, que eu temia estar aumentando. Entre as posses do meu pai recentemente falecido havia uma antiga harmônica. Fora presente de seu tio-avô, que, segundo meu pai, comprara o instrumento de Etienne-Gaspard Robertson, o famoso inventor belga. De qualquer modo, levei a harmônica para casa, e, após muita relutância de sua parte, Ann finalmente concordou em, ao menos, dar uma chance ao instrumento. Nosso sótão é bastante espaçoso e confortável, tanto que pretendíamos torná-lo o quarto de nosso filho, de modo que era o ambiente ideal para uma pequena sala de música. Cheguei a polir e a reformar a caixa da harmônica, substituir o antigo eixo para que os vidros se ajustassem com mais firmeza uns dentro dos outros e fixar o pedal que fora danificado anos antes. Mas o pouco interesse que Ann demonstrara pelo instrumento desapareceu quase que completamente desde o início. Ela não gostava de ficar sozinha no sótão e achava difícil criar músicas na harmônica. Também se sentia incomodada com os curiosos tons produzidos pelos vidros,

enquanto seus dedos deslizavam pelas bordas. Sua ressonância, explicou, a deixava ainda mais triste.

“Mas eu não aceitava aquilo. Olhe, eu acreditava que a vantagem da harmônica estava em seus tons, e que esses tons em muito ultrapassavam a beleza do som de qualquer outro instrumento. Se executada corretamente, sua música pode aumentar e diminuir à vontade do intérprete, apenas variando a pressão dos dedos, e seus tons maravilhosos podem ser sustentados por tempo ilimitado. Não, eu não aceitava aquilo, e sabia que se Ann ouvisse o instrumento sendo tocado por outra pessoa, alguém com formação e habilidade, então talvez ela pudesse mudar de opinião a respeito da harmônica. Oportunamente, um colega de trabalho lembrou-se de ter comparecido a um recital público do Adágio e Rondó para Harmônica, Flauta, Oboé, Viola e Violoncelo, de Mozart, mas ele só sabia dizer com certeza que o concerto fora realizado em um pequeno apartamento em cima de uma livraria na Montague Street, em algum lugar perto do British Museum. Claro que eu não precisava de um detetive para me ajudar a encontrar o local, e, assim, sem ter de andar muito, vi-me no interior da Portman’s Livreiros e Especialistas em Mapas. O proprietário me indicou um lance de escada que levava até o apartamento onde meu amigo ouvira o concerto. Hoje me arrependo de ter subido aquela escada, Sr. Holmes. Na época, porém, estava bastante curioso quanto a quem poderia me atender depois que eu batesse à porta.

O Sr. Thomas R. Keller era o tipo de homem que inspirava vontade de intimidar, apenas por diversão. Era infantil, tímido e sua voz suave e hesitante era ligeiramente ceceada.

— E aqui, acho, é o lugar onde Madame Schirmer entra na história — falei antes de acender outro cigarro.

— Exato. Foi ela quem atendeu a porta. Uma mulher muito firme, viril, embora não seja realmente corpulenta. E apesar de ser alemã, minha primeira impressão dela foi bastante favorável. Sem perguntar o que queria, me convidou a entrar em seu apartamento. Ela me fez sentar em sua sala de estar e me serviu chá. Suponho que ela achasse que eu estava em busca de aulas de música, pois a sala estava repleta de instrumentos de todos os tipos, incluindo duas belas harmônicas, inteiramente restauradas. Soube

então que eu encontrara o lugar certo. Estava encantado com a gentileza de Madame Schirmer e seu óbvio amor pelo instrumento, então revelei minhas razões para tê-la procurado: falei sobre a minha mulher, a tragédia dos abortos espontâneos, como eu levava a harmônica para casa para ajudar a aliviar o sofrimento de Ann, como o encantamento dos vidros se mostraram frustrantes para ela etc. Madame Schirmer ouviu pacientemente e, quando terminei, sugeri que eu trouxesse Ann para ter aulas com ela. Eu não poderia ter ficado mais satisfeito, Sr. Holmes. Tudo o que eu queria, na verdade, era que Ann ouvisse o instrumento sendo bem tocado por outra pessoa, de modo que tal sugestão excedeu minhas expectativas. Inicialmente, combinamos dez aulas, duas vezes por semana, terças e quintas à tarde, pagamento integral com antecedência. Madame Schirmer acabou oferecendo uma redução no valor, porque, como me disse, a situação de minha mulher era especial. Isso foi em uma sexta-feira. Na terça-feira seguinte, Ann começaria as aulas.

“A Montague Street não fica muito longe de onde moramos. Em vez de tomar uma carruagem, decidi ir a pé para casa e dar a boa notícia para Ann. Mas acabamos tendo uma pequena discussão, e eu teria cancelado as aulas naquele dia caso não acreditasse que poderiam ser benéficas para ela. Ao chegar, encontrei a casa em silêncio e as cortinas fechadas. Quando chamei por Ann, não obtive resposta. Depois de procurar na cozinha e em nosso quarto, fui até o escritório e ali a encontrei, inteiramente vestida de preto, como se estivesse de luto, de costas para a porta, olhando para uma estante de livros, totalmente imóvel. O ambiente estava tão escuro que ela parecia uma sombra, e quando falei seu nome, ela não se voltou para mim. Fiquei muito preocupado, Sr. Holmes, de que seu estado mental estivesse se deteriorando em ritmo acelerado.

“‘Você já chegou?’, perguntou ela com a voz cansada. ‘Eu não o esperava tão cedo, Thomas.’

“Expliquei que saíra mais cedo do trabalho naquela tarde por motivos pessoais. Então, disse-lhe aonde eu fora e dei-lhe a notícia sobre as aulas de harmônica.

“‘Mas você não deveria ter feito isso. Afinal, não me perguntou se eu gostaria de assistir a tais aulas.’

“Achei que você não se importaria. Isso só pode lhe fazer bem. Tenho certeza. Certamente não pode ser pior do que ficar dentro de casa desta forma.’

“Suponho que eu não tenha escolha.’

“Ela olhou para mim, e na escuridão, eu mal podia ver seu rosto.

“Não tenho o direito de opinar sobre o assunto?’, perguntou.

“É claro que tem, Ann. Como posso obrigá-la a fazer algo que não quer? Mas será que você poderia ao menos comparecer a uma aula e ouvir Madame Schirmer tocar? Se você decidir não continuar, não insistirei.’

“Tal pedido a silenciou por um instante. Ela se virou devagar em minha direção e, em seguida, baixou a cabeça para olhar para o chão. Quando finalmente voltou a olhar para cima, vi a débil expressão de alguém que se sentia derrotada por todos, e que concordaria com qualquer coisa, independentemente de seus verdadeiros sentimentos.

“Tudo bem, Thomas’, disse ela, ‘se quer que eu compareça a uma aula, não brigarei com você por isso, mas não espere muito de mim. É você, afinal, quem ama o som do instrumento, não eu.’

“Eu amo você, Ann, e quero que seja feliz outra vez. Nós dois merecemos ao menos isso.’

“Sim, sim, eu sei. Ultimamente, tenho sido uma terrível preocupação. Devo dizer-lhe, no entanto, que já não acredito que exista algo como a felicidade para mim. Infelizmente, acho que cada indivíduo tem uma vida interior, com suas próprias complicações, que às vezes não podem ser postas em palavras, não importando quanto se tente. Então tudo o que peço é que você seja tolerante comigo e conceda-me o tempo necessário para eu entender melhor a mim mesma. Enquanto isso, vou comparecer a essa única aula, Thomas, e rezo para que isso me satisfaça tanto quanto sei que o satisfará.’

“Felizmente — ou infelizmente, agora — eu estava certo, Sr. Holmes. Depois da aula com Madame Schirmer, minha mulher começou a ver a harmônica com melhores olhos. E como fiquei satisfeito com sua valorização do instrumento. Na verdade, por volta da terceira ou quarta aula, parecia que ela havia passado por uma milagrosa transformação espiritual. Sua depressão se curou, bem como a apatia que muitas vezes a mantinha

acamada. Admito que nessa época eu considerava Madame Schirmer como uma espécie de dádiva de Deus, e minha estima por ela era inigualável. Então, alguns meses depois, quando minha mulher perguntou se as aulas poderiam ser estendidas de uma para duas horas, concordei sem hesitar, especialmente considerando que ela melhorara muito na harmônica. Além disso, fiquei satisfeito com as várias horas — tardes e noites, às vezes um dia inteiro — que ela dedicava a dominar os variados tons do instrumento. Além de aprender o 'Melodrama' de Beethoven, desenvolveu uma incrível capacidade de improvisar peças próprias. Contudo, tais composições eram as músicas mais incomuns e melancólicas que já ouvira. Estavam imbuídas de uma tristeza que, enquanto ela praticava sozinha no sótão, permeava toda a casa.

— Isso tudo é muito interessante, de forma indireta — falei, interrompendo a narrativa —, mas, se gentilmente me permite pressioná-lo, quais os exatos motivos que o levaram a me procurar hoje?

Percebi que meu cliente ficara consternado com minha abrupta interrupção. Olhei para ele de forma enfática, e então me recompus, minhas pálpebras novamente cerradas e os dedos mais uma vez juntos, para ouvir os fatos relevantes de seu problema.

— Se me permite — gaguejou —, eu estava começando a chegar lá, senhor. Como disse, desde que começou a ter aulas com Madame Schirmer, o estado mental de minha mulher melhorou, ou ao menos assim parecia a princípio. No entanto, comecei a sentir certo distanciamento de sua parte, uma espécie de distração e incapacidade de se envolver em qualquer conversa prolongada. Em suma, logo percebi que, embora Ann aparentasse estar superficialmente bem, ainda havia algo de errado dentro dela. Eu acreditava que era apenas a sua preocupação com a harmônica que a vinha distraindo, e esperava que ela acabasse se recuperando. Mas isso não aconteceu.

“No início, percebi só algumas coisas: pratos sujos na pia, refeições queimadas ou malpassadas, a cama por fazer. Em seguida, Ann começou a passar a maior parte de suas horas de vigília no sótão. Muitas vezes eu despertava ao som do instrumento sendo tocado lá em cima, e, quando voltava do trabalho, era recebido em casa pelo mesmo som. Àquela altura,

eu já detestava aqueles tons que outrora apreciara. Então, afora nossas refeições juntos, havia dias em que eu raramente a via. Ela se juntava a mim em nossa cama quando eu já estava dormindo e levantava de madrugada, antes que eu acordasse, mas havia sempre aquela música, seus intermináveis tons melancólicos. Isso foi suficiente para me enlouquecer, Sr. Holmes. A preocupação de fato se tornara uma obsessão doentia, e culpo Madame Schirmer por isso.

— Por que ela seria responsável? — perguntei. — Com certeza não está a par dos problemas internos de sua casa. Afinal, ela é apenas uma professora de música.

— Não, não, ela é mais do que isso, senhor. Ela é, acho, uma mulher com crenças perigosas.

— Crenças perigosas?

— Sim. Perigosas para aqueles que estão procurando desesperadamente algum tipo de esperança e que são suscetíveis a falsidades ridículas.

— Sua esposa se encaixa nessa categoria?

— Sinto muito ter que dizer que sim, Sr. Holmes. Ann sempre foi uma mulher muito sensível e crédula. É como se ela tivesse nascido para sentir e experimentar o mundo de forma mais intensa do que todos nós. É ao mesmo tempo sua maior força e fraqueza; quando reconhecida por alguém com más intenções, esta delicada qualidade pode ser facilmente explorada, e foi isso que Madame Schirmer fez. Claro que levei bastante tempo para perceber. Em verdade, estive alheio até recentemente.

“Aquela foi uma noite típica. Como é nosso costume, Ann e eu jantamos juntos em silêncio, e, depois de ter engolido algumas poucas garfadas, pediu licença para ir praticar no sótão, o que também se tornara habitual. Mas algo mais ocorreria em seguida: mais cedo naquele dia, como gratificação por eu ter resolvido alguns problemas em sua conta, um cliente enviara uma preciosa garrafa de vinho Comet ao meu escritório. Minha intenção era surpreender Ann com o vinho durante o jantar, só que, como já mencionei, ela saiu rapidamente da mesa antes que eu pudesse pegar a garrafa. Então, decidi levar o vinho até ela. Com a garrafa e duas taças na mão, comecei a subir a escada do sótão. A essa altura, ela já começara a tocar a harmônica,

e o seu som — tons extremamente graves, monótonos e sustentados — invadia meu corpo.

“Quando me aproximei da porta do sótão, as taças que eu segurava passaram a vibrar, e meus ouvidos começaram a doer. Contudo, eu conseguia ouvir bem o bastante. Ela não estava interpretando uma peça musical nem ensaiando despreocupadamente a harmônica. Não, aquilo era um exercício deliberado, senhor, um tipo de encantamento profano. Digo *encantamento* devido ao que ouvi em seguida: a voz de minha mulher falando com alguém, quase tão baixo quanto os tons que ela produzia.

— Ela não estava cantando?

— Antes estivesse, Sr. Holmes. Contudo, garanto-lhe que estava falando. A maior parte do que disse me escapou, mas o que ouvi foi o bastante para despertar o horror em minha mente.

“‘Estou aqui, James’, disse ela. ‘Grace, venha a mim. Estou aqui. Onde vocês estão escondidos? Gostaria de vê-los outra vez...’

Ergui a mão, silenciando-o.

— Sr. Keller, minha paciência é pouca e chegou ao limite. Na tentativa de dar cor e vida ao seu depoimento, o senhor tem erradamente evitado chegar ao assunto principal que deseja resolver. Se possível, por favor limite-se às características notáveis, pois provavelmente serão as únicas coisas que terão alguma utilidade para mim.

Meu cliente não disse nada por alguns segundos, franzindo as sobrancelhas e evitando meu olhar.

— Se nosso filho tivesse nascido menino — disse ele afinal —, seu nome seria James. Se fosse menina, seria Grace.

Emocionado, ele subitamente parou de falar.

— Não, não! — exclamei. — Não há necessidade de demonstrações de emoção nesta conjuntura. Por favor, continue de onde parou.

Ele meneou a cabeça, estreitando os lábios com força. Em seguida, passou um lenço sobre a testa e voltou a olhar para o chão.

— Após baixar a garrafa e as taças de vinho, abri a porta. Assustada, ela parou de tocar imediatamente e olhou para mim com olhos arregalados e escuros. O sótão estava iluminado por velas dispostas em um círculo ao redor da harmônica, lançando em Ann um brilho cintilante. Sob essa luz, com

a pele mortalmente pálida, ela parecia um fantasma. Demonstrava algo de sobrenatural, Sr. Holmes. Mas não foi apenas o efeito das velas que me deu tal impressão. Eram seus olhos, a maneira como ela olhou para mim, sugerindo a ausência de algo essencial, humano. Mesmo ao falar, sua voz soou abafada e carente de emoção.

“O que foi, querido?”, perguntou ela. ‘Você me assustou.’

“Caminhei em sua direção.

“Por que está fazendo isso?”, exclamei. ‘Por que você está falando como se eles estivessem aqui?’

“Ela se levantou lentamente da harmônica e vi um leve sorriso em seu rosto pálido.

“Está tudo certo. Está tudo bem agora, Thomas.’

“Não consigo entender’, falei. ‘Você estava falando os nomes de nossos filhos não nascidos. Falou como se eles estivessem vivos nesta sala. O que é isso, Ann? Há quanto tempo isso vem acontecendo?’

“Ela gentilmente pegou meu braço e nos afastou da harmônica.

“Tenho que ficar sozinha enquanto toco. Por favor, respeite isso.’

“Ela me conduzia em direção à porta, mas eu queria respostas.

“Veja bem’, falei. ‘Não sairei daqui até você se explicar. Há quanto tempo isso vem acontecendo? Eu insisto. Por que está fazendo isso? Madame Schirmer sabe o que você está fazendo?’

“Ela não conseguia mais me olhar nos olhos. Parecia ter sido pega em uma terrível mentira. Uma resposta fria e inesperada finalmente passou por seus lábios:

“Sim’, disse ela, ‘Madame Schirmer sabe o que estou fazendo. Ela está me ajudando, Thomas. Foi você quem quis assim. Boa noite, querido.’ Em seguida, fechou a porta na minha cara e trancou-a por dentro.

“Eu estava lívido, Sr. Holmes. Como deve imaginar, desci a escada muito agitado. A explicação de minha mulher, por mais vaga que fosse, levou-me a uma conclusão: Madame Schirmer estava ensinando algo além de música para Ann, ou, ao menos, a estava incentivando a realizar aquele ritual anormal no sótão. Era uma situação aflitiva, especialmente se o que eu acreditava fosse correto, e eu sabia que só Madame Schirmer poderia me dizer a verdade. Minha intenção era ir até o apartamento dela naquela

mesma noite e discutir o assunto. No entanto, em um esforço para acalmar os nervos, bebi do vinho Comet demais, quase toda a garrafa. Assim, não pude visitá-la até a manhã seguinte. Contudo, ao chegar ao seu apartamento, eu estava tão sóbrio e determinado quanto um homem poderia estar, Sr. Holmes. Madame Schirmer mal abriu a porta e eu a confrontei com minhas preocupações.

“Que porcaria você tem ensinado à minha mulher?”, perguntei. ‘Quero que me diga por que ela fala com nossos filhos não nascidos, e, por favor, não finja que não sabe de nada, porque Ann já me disse o bastante.’

“Houve um silêncio constrangedor e ela demorou um tempo para falar. Então me convidou a entrar e sentou-se comigo na sala.

“Sua esposa, Herr Keller, é uma mulher infeliz e entediada’, disse ela. ‘As lições que teve comigo realmente não a interessavam. Ela só pensa nos bebês, sempre nos bebês, e os bebês são o problema, certo? Mas você quer que ela toque e ela quer os bebês, então fiz algo para vocês dois, está bem? Agora, ela está tocando lindamente. Acho que está mais feliz, você não?’

“Não entendo. O que você fez por nós dois?’

“Nada muito difícil, Herr Keller. Ensinei-lhe a natureza dos vidros, os ecos da divina harmonia.’

“Você não imagina o absurdo que ela me explicou.

— Ah, mas eu imagino — falei. — Tenho algum conhecimento básico da história incomum deste instrumento em particular, Sr. Keller. Houve uma época em que certos distúrbios psíquicos eram atribuídos à música da harmônica. Isso gerou pânico em toda a população europeia e causou a queda da popularidade da harmônica. É por isso que ver e ouvir esse instrumento sendo tocado é uma oportunidade única.

— Que tipo de distúrbios?

— De todo tipo, desde lesões nos nervos a depressão persistente, bem como conflitos domésticos, partos prematuros, toda espécie de aflições mortais, até mesmo convulsões em animais domésticos. Sem dúvida, Madame Schirmer sabe do decreto policial que certa vez vigorou em vários estados alemães, uma proclamação que banuiu completamente o instrumento para o bem da saúde e da ordem pública. Claro que, como a melancolia de

sua esposa antecede o uso do instrumento, provavelmente podemos descartá-lo como fonte de seus problemas.

“Contudo, a história da harmônica tem outro lado, aquele que Madame Schirmer insinuou, ao mencionar ‘os ecos da harmonia divina’. Algumas pessoas afeitas às reflexões idealistas de alguns homens, como Franz Mesmer, Benjamin Franklin e Mozart, acreditam que a música com vidros promove um tipo de harmonia humana. Outras sustentam a crença fervorosa de que ouvir os sons produzidos pela harmônica pode curar doenças do sangue, enquanto outras, e suspeito que esta Madame Schirmer se inclui entre elas, defendem que os tons agudos e penetrantes do instrumento viajam rapidamente deste mundo para o outro. São da opinião de que um harmonicista muito talentoso pode facilmente invocar os mortos, e que, como resultado, os vivos podem se comunicar de novo com seus entes queridos falecidos. Foi isto o que ela lhe explicou, não é mesmo?”

— Exatamente isso — disse o meu cliente com um ar um tanto surpreso.

— E então você cancelou seu contrato de trabalho.

— Sim... mas como...

— Meu rapaz, isso era inevitável, não era? Você acreditava que ela era responsável pelo comportamento ocultista de sua mulher, então, com certeza, já tinha intenção de fazê-lo antes mesmo de ir procurá-la naquela manhã. De qualquer forma, se ela ainda estivesse a seu serviço, dificilmente o teria ameaçado com a prisão. Agora, por favor, perdoe essas interrupções ocasionais. São necessárias para agilizar aquilo que, de outra forma, poderia se revelar redundante para a minha mente. Prossiga.

— Eu lhe pergunto, o que mais eu poderia ter feito? Não tinha escolha. Pretendendo ser justo, não insisti no reembolso das aulas restantes, nem ela se ofereceu a fazê-lo. No entanto, fiquei chocado com a sua atitude. Quando lhe disse que não era mais necessária, ela sorriu e meneou a cabeça, concordando. Disse: “Meu caro senhor, se pensa que isso é o melhor para Ann, então penso o mesmo. Você é o marido, afinal de contas. Espero que tenham uma vida longa e feliz.”

“Eu não deveria ter acreditado na palavra dela. Quando saí de seu apartamento naquela manhã, acredito que ela sabia perfeitamente que Ann estava sob sua influência, e que minha esposa não pretendia se afastar dela.

Percebo agora que essa mulher é uma traíçoera da pior espécie. Pensando em retrospectiva, tudo fica muito evidente: como ela inicialmente me ofereceu um desconto e, então — quando minha pobre Ann se encantou por seus disparates —, sugeriu estender as aulas para tirar mais dinheiro de mim. Acredito, também, que ela tem pretensões à herança deixada pela mãe de Ann, que, embora não seja muito substancial, ainda é uma soma considerável. Tenho absoluta certeza disso, Sr. Holmes.

— Isso não lhe ocorreu na época? — perguntei.

— Não — respondeu. — Minha única preocupação era como Ann poderia reagir à notícia. Passei um dia inquieto no trabalho ponderando a situação e escolhendo as palavras apropriadas para contar a ela. Depois de voltar para casa naquela noite, chamei Ann até meu escritório e, quando ela se sentou à minha frente, me expliquei com calma. Destaquei que ultimamente ela vinha negligenciando suas tarefas e responsabilidades e que sua obsessão com a harmônica, foi a primeira vez que a classifiquei como tal, estava prejudicando nosso casamento. Disse a ela que cada um de nós tinha certas obrigações para com o outro. A minha era fornecer um ambiente seguro e sólido para ela; a dela, cuidar da casa para mim. Além disso, falei que estava profundamente incomodado com o que andava acontecendo no sótão, mas que eu não a culpava por lamentar a perda de nossos filhos não nascidos. Então, contei sobre minha visita a Madame Schirmer. Expliquei-lhe que não haveria mais aulas de harmônica, e que Madame Schirmer concordara que provavelmente seria melhor assim. Tomei-lhe a mão, olhei fixo para o seu rosto inexpressivo e disse: “Você está proibida de ver aquela mulher outra vez. E amanhã retirarei a harmônica desta casa. Não é minha intenção ser cruel ou irracional, mas quero minha mulher de volta. Eu a quero de volta, Ann. Quero que sejamos como já fomos. Precisamos restaurar a ordem em nossa vida.”

“Ela começou a chorar, mas eram lágrimas de remorso, e não de raiva. Ajoelhei-me ao seu lado, e disse: ‘Perdoe-me’, e a abracei.

“‘Não’, sussurrou ela em meu ouvido, ‘sou eu quem deveria pedir perdão. Estou tão confusa, Thomas. Sinto como se não conseguisse mais fazer nada certo, e não entendo por quê.’

“Você não deve ceder a isso, Ann. Se confiar em mim, verá que tudo vai ficar bem.”

“Em seguida, Sr. Holmes, ela me prometeu que se esforçaria para ser uma esposa melhor. E parecia estar honrando tal promessa. Na verdade, eu nunca a vira dar uma reviravolta assim. Claro, houve momentos em que senti coisas mais profundas movendo-se silenciosamente dentro dela. Às vezes, seu humor ficava sombrio, como se algo opressivo tivesse invadido seus pensamentos. Durante algum tempo, dedicou atenção incomum à limpeza do sótão. Mas, àquela altura, a harmônica já não estava mais lá, por isso não fiquei muito preocupado. E por que deveria? As tarefas domésticas estavam todas concluídas quando eu voltava do trabalho. Depois do jantar, desfrutávamos da companhia um do outro, como fazíamos em tempos melhores, sentados e conversando durante horas na sala. Era como se a felicidade tivesse voltado para o nosso lar.

— Fico muito feliz por você — murmurei, acendendo o terceiro cigarro. — No entanto, continuo perplexo quanto ao motivo que o levou a me procurar. Certamente é uma história intrigante em algum nível. Mas você parece agitado por outra coisa, e não entendo com o que seria. Está me parecendo perfeitamente capaz de lidar com tais questões por conta própria.

— Por favor, Sr. Holmes, preciso de sua ajuda.

— Não posso ajudá-lo sem saber a verdadeira natureza do seu problema. Até agora, não vejo nenhum quebra-cabeça aqui.

— Mas minha mulher tem desaparecido!

— Tem desaparecido? Devo intuir, então, que ela tem reaparecido, também?

— Sim.

— Quantas vezes isso ocorreu?

— Cinco.

— E quando ela começou a desaparecer?

— Há pouco mais de duas semanas.

— Entendo. Em uma terça-feira, mais do que provável. Então, novamente na quinta-feira seguinte. Corrija-me se eu estiver enganado, mas na semana seguinte ocorreria o mesmo, e terça passada também, é claro.

— Exatamente.

— Ótimo. Agora estamos chegando a algum lugar, Sr. Keller. Obviamente, a sua história termina na porta de Madame Schirmer, mas conte-me de qualquer modo. Pode haver um ou outro detalhe que ainda preciso esclarecer. Por favor, comece com o primeiro desaparecimento, embora realmente seja impreciso descrever esse capricho como tal.

O Sr. Keller olhou para mim com tristeza. Então, fixou o olhar na janela e balançou a cabeça solenemente.

— Tenho pensado muito nisso — disse ele. — Como meu dia costuma ser bastante movimentado, o entregador geralmente traz minha refeição. Mas, naquele dia, eu tinha menos trabalho do que o habitual, então decidi ir para casa juntar-me a Ann no almoço. Não a encontrei, e isso não me preocupou. Na verdade, ultimamente eu a vinha incentivando a sair de casa com certa regularidade e, seguindo meu conselho, ela começara a desfrutar de caminhadas vespertinas. Eu achava que fora por isso que ela saíra, de modo que escrevi-lhe um bilhete e voltei para o escritório.

— E aonde ela alegava ir nesses passeios?

— Ao açougueiro, ao mercado. Ela também se afeiçoou ao parque público da Sociedade de Física e Botânica, e disse que passava horas ali, lendo entre as flores.

— De fato, seria um lugar ideal para esse tipo de lazer. Continue o seu depoimento.

— Voltei para casa naquela noite e descobri que ela ainda estava desaparecida. O bilhete que eu colocara à porta da frente continuava lá, e não havia qualquer vestígio de sua volta. Naquele momento, fiquei preocupado. Meu primeiro pensamento foi procurá-la, mas assim que pisei no lado de fora, Ann entrou pelo portão. Ela parecia muito cansada, Sr. Holmes, e, ao me ver, se mostrou hesitante. Perguntei por que ela estava chegando tão tarde e me explicou que adormecera na Sociedade de Física e Botânica. Era uma resposta improvável, mas dificilmente implausível, e me absteve de continuar a pressioná-la. Na verdade, eu apenas estava aliviado por tê-la em casa novamente.

“Dois dias depois, no entanto, o mesmo ocorreu. Cheguei em casa e Ann não estava. Apareceu pouco depois, explicando que mais uma vez dormira sob uma árvore no parque. Na semana seguinte, aconteceu de novo,

exatamente como antes, às terças e quintas-feiras apenas. Se os dias fossem diferentes, minhas dúvidas não teriam sido tão facilmente despertadas e eu não teria procurado verificar minhas suspeitas na terça passada. Sabendo que suas aulas de harmônica anteriores começavam às quatro da tarde e terminavam às seis, saí do trabalho mais cedo e me posicionei discretamente do outro lado da rua em frente à Portman's. Por volta das quatro e quinze da tarde, fui tomado por uma vaga sensação de alívio, mas quando estava prestes a abandonar minha posição, eu a vi. Caminhava despreocupadamente pela Montague Street, do outro lado da rua, portando a sombrinha que eu lhe dera em seu aniversário. Meu coração se partiu naquele momento, e continuei ali, sem ir atrás dela nem chamá-la, apenas observando enquanto ela fechava a sombrinha e entrava na Portman's.

— Sua mulher tem o hábito de se atrasar para compromissos?

— Ao contrário, Sr. Holmes. Ela acredita que a pontualidade é uma virtude. Ao menos até recentemente.

— Entendo. Mas prossiga.

— Pode-se bem imaginar a inquietação que finalmente se agitou dentro de mim. Segundos mais tarde, me vi correndo escada acima até o apartamento de Madame Schirmer. Ann já estava tocando harmônica. Aqueles sons terríveis e desagradáveis foram suficientes para aumentar minha ira, então bati à porta com toda a minha fúria e gritei: "Ann! Ann!"

"Mas não foi minha mulher quem me recebeu, e sim Madame Schirmer. Ela abriu a porta e olhou para mim com a expressão mais maliciosa que já testemunhei.

"Quero ver minha mulher imediatamente!", exclamei. 'Sei que ela está aí!' Então a música parou abruptamente dentro do apartamento.

"Vá para casa procurar sua mulher, Herr Keller!", disse ela em voz baixa, dando um passo à frente e fechando a porta atrás de si. 'Ann não é mais minha aluna!' Ela manteve uma das mãos à maçaneta da porta, e seu corpo imponente bloqueou a entrada, impedindo-me de passar.

"Você me enganou", falei, alto o bastante para Ann me ouvir. 'As duas me enganaram, e não tolerarei isso! Você é uma pessoa perversa e vil!'

"Madame Schirmer ficou furiosa, e, na verdade, eu mesmo estava com tanta raiva que minha voz soou arrastada, como se eu estivesse embriagado.

Pensando retrospectivamente, percebo que meu comportamento foi um tanto irracional, mas aquela mulher horrível me traíra, e eu temia por minha esposa.

“Só dou aulas”, disse ela. “E você me faz uma coisa dessas. Está bêbado. Então pense nisso amanhã e fique furioso consigo mesmo! Nunca mais falarei com você, Herr Keller, portanto, não bata mais à minha porta!”

“Com isso, meu temperamento explodiu, Sr. Holmes, e temo ter erguido a voz além da razão.

“Sei que ela tem vindo aqui, e tenho certeza de que você continua a controlá-la indevidamente com suas noções diabólicas! Eu não faço ideia do que espera ganhar com isso, mas se é a herança que procura, posso lhe garantir que farei tudo o que for humanamente possível para impedi-la de tocá-la! Deixe-me avisá-la, Madame Schirmer, que até a minha mulher estar livre de sua influência, eu a prejudicarei a cada passo, e não me permitirei mais ser enganado seja lá pelo que você possa me dizer para me acalmar!”

“A mão da mulher deslizou da maçaneta, seus dedos se fechando em punho, e ela parecia prestes a me bater. Como disse, é uma alemã grande e robusta, e não tenho dúvidas de que poderia facilmente superar a maioria dos homens. No entanto, ela conteve a hostilidade e disse: ‘Quem avisa sou eu, Herr Keller. Vá e não retorne nunca mais. Se voltar a me causar problemas, posso mandar prendê-lo!’ Então ela girou sobre os calcanhares e entrou em seu apartamento batendo a porta na minha cara.

“Muito abalado, fui embora imediatamente e voltei para casa, com a firme intenção de castigar Ann quando ela retornasse. Eu tinha certeza de que ela me ouvira discutindo com Madame Schirmer, e me senti um tanto contrariado por ela ter ficado escondida na sala daquela mulher em vez de aparecer. De minha parte, eu não tinha nenhuma razão para negar que a estava espionando. Naquela tarde, ela ficara ciente desse fato. Entretanto, para minha total surpresa, Ann já estava em casa quando cheguei. E é isso que não consigo entender: teria sido impossível que ela deixasse a casa de Madame Schirmer antes de mim, especialmente porque o apartamento fica no segundo andar. Mas, mesmo que, de alguma forma, ela tivesse conseguido, não teria sido capaz de preparar meu jantar na hora em que cheguei. Fiquei e ainda estou perplexo pela forma que ela conseguiu fazer

isso. Durante a refeição, esperei que ela fizesse alguma menção à minha discussão com Madame Schirmer, mas não disse absolutamente nada a respeito. E, quando perguntei o que ela fizera naquela tarde, Ann respondeu: 'Comecei a ler um novo romance e mais cedo fiz um breve passeio pelos jardins da Sociedade de Física e Botânica.'

“‘Outra vez? Você já não está cansada disso a esta altura?’

“‘Como poderia? É um lugar encantador.’

“‘Você tem se encontrado com Madame Schirmer nesses seus passeios, Ann?’

“‘Não, Thomas, claro que não.’

“Perguntei se não estava enganada, e ela, aparentemente irritada com minha pergunta, insistiu no contrário.

— Então, ela está mentindo para você — falei. — Algumas mulheres têm um talento notável para fazer os homens acreditarem naquilo que eles já sabem não ser verdadeiro.

— O senhor não está entendendo. Ann é incapaz de mentir. Não faz parte de sua natureza. E se ela tivesse mentido, eu teria percebido e a confrontado naquele instante. Mas, não, ela não estava mentindo, vi isso em sua expressão, e estou convencido de que não sabia de minha discussão com Madame Schirmer. Como isso é possível, está além de minha compreensão. Contudo, tenho certeza de que ela estava lá, assim como tenho certeza de que me disse a verdade, e não consigo encontrar sentido em nada. Foi por isso que lhe escrevi com urgência naquela noite e pedi seu conselho e sua assistência.

Tal foi o quebra-cabeça que meu cliente me apresentou. Por mais irrelevante que fosse, tinha vários pontos que me pareceram interessantes. Então, baseado em meu bem estabelecido método de análise lógica, comecei eliminando conclusões opostas até que apenas uma permaneceu, pois parecia que pouquíssimas possibilidades poderiam determinar a realidade do assunto.

— Você viu outro funcionário, afora o proprietário, nessa loja de livros e mapas? — perguntei.

— Lembro-me apenas do velho proprietário, de ninguém mais. Tenho a impressão de que ele administra o lugar por conta própria, embora não

pareça estar muito bem.

— Como assim?

— Quer dizer, ele parece estar com a saúde debilitada. Tem uma tosse incessante, aparentemente grave, e é evidente que tem problemas de visão. Quando estive lá pela primeira vez para perguntar onde era o apartamento de Madame Schirmer, ele usou uma lupa para ver meu rosto. E, nesta última, sequer pareceu perceber que eu entrara na loja.

— Muitos anos debruçado sobre textos iluminados por lamparinas, imagino. Ao mesmo tempo, embora eu conheça muito bem a Montague Street e arredores, admito que essa loja em particular me é desconhecida. Você sabe se o lugar é bem-abastecido?

— Na verdade sim, Sr. Holmes. É um lugar pequeno, acho que já foi uma casa de família, mas cada cômodo contém livros e mais livros. Os mapas, ao que parece, ficam guardados em outro lugar. Uma placa na frente da loja solicita que os clientes peçam os mapas pessoalmente ao Sr. Portman. Na verdade, não me lembro de ter visto um único mapa na loja.

— Por acaso você perguntou ao Sr. Portman, imagino que seja esse o nome do proprietário, se ele viu sua mulher entrar na loja?

— Não havia necessidade. Como disse, a visão do homem é muito ruim. De qualquer modo, eu a vi entrar no estabelecimento, e minha visão é mais do que suficiente.

— Não questiono sua visão, Sr. Keller. Embora o assunto em si seja irrelevante, há algumas coisas que devem ser resolvidas pessoalmente. Irei com você a Montague Street agora mesmo.

— Agora mesmo?

— É quinta-feira à tarde, certo? — Puxei a corrente do meu relógio e vi que eram aproximadamente três e meia da tarde. — Imagino que, se sairmos agora, poderemos chegar à Portman's antes da sua mulher.

Levantando-me para pegar meu sobretudo, acrescentei:

— Devemos ser cautelosos daqui para a frente, pois estamos lidando com as complexidades emocionais de ao menos uma mulher perturbada. Esperemos que sua esposa seja tão confiável e consistente em suas ações quanto este meu relógio. Embora, se ela escolher atrasar a chegada mais uma vez, isso possa pesar a nosso favor.

Em seguida, com alguma pressa, deixamos a Baker Street e prontamente nos vimos em meio às movimentadas e barulhentas avenidas londrinas. A caminho da Portman's, ao ponderar sobre os detalhes, me dei conta de que o problema que o Sr. Keller me apresentara era de pouca ou nenhuma importância. Na verdade, o caso certamente não seria capaz de instigar nem mesmo as reflexões literárias do bom médico. Era, percebo agora, o tipo de caso que eu teria aceitado em meus anos de formação como detetive de consultoria, mas que, no crepúsculo de minha carreira, encaminharia para outra pessoa. Na maioria das vezes, encaminhava tais assuntos para alguns novatos escolhidos, geralmente Seth Weaver, Trevor de Southwark ou Liz Pinner, todos muito promissores no ramo.

Devo confessar, porém, que meu interesse pelo dilema do Sr. Keller não foi despertado por sua prolixa narrativa, e sim por meu particular fascínio por dois assuntos não relacionados: a maravilha musical gerada pela malafamada harmônica — instrumento que muitas vezes tive vontade de experimentar — e aquele rosto sedutor e curioso que eu vislumbrava na fotografia. Basta dizer que posso explicar o apelo de um melhor que o do outro, e que desde então decidi que minha breve predisposição para o sexo frágil fora despertada pela frequentemente declarada crença de John nos benefícios para a saúde derivados da companhia feminina. Afora atribuir isso àqueles meus sentimentos irracionais, fico realmente sem entender a atração que me foi despertada pelo retrato comum e banal de uma mulher casada.

QUANDO ROGER PERGUNTOU como ele conseguira as duas abelhas japonesas, Holmes acariciou a barba e então, após alguma reflexão, mencionou o apiário que ele descobrira no centro de Tóquio.

— Encontrei-o por pura sorte. Eu não teria visto o lugar se tivesse ido de carro com a minha bagagem, mas, como fiquei confinado no mar, precisava fazer exercício.

— Você caminhou muito?

— Acho que sim. Sim, de fato, tenho certeza de que caminhei, embora não me lembre da distância exata.

Eles estavam na biblioteca, sentados um de frente para o outro, Holmes reclinado com um copo de conhaque, Roger curvado para a frente com o frasco de abelhas entre as mãos entrelaçadas.

— Olhe, era uma excelente oportunidade para um passeio: o tempo era ideal, muito agradável, e eu estava ansioso para conhecer a cidade.

Holmes estava relaxado e efusivo, olhando para o menino enquanto narrava aquela manhã em Tóquio. É claro, ele omitiria os detalhes embaraçosos, como o fato de ter se perdido no bairro comercial de Shinjuku enquanto procurava a estação ferroviária, e que, ao vagar pelas ruas estreitas, seu normalmente infalível senso de direção o abandonara por completo. Não havia por que contar ao menino que quase perdera o trem para a cidade portuária de Kobe, ou que, até encontrar alívio no apiário, observara os piores aspectos da sociedade japonesa do pós-guerra: homens e mulheres vivendo em barracos improvisados com caixotes e tetos de zinco nas partes mais movimentadas da cidade; donas de casa com seus bebês amarrados às costas em filas para comprar arroz e batata-doce;

indivíduos amontoados em carros, sentados nos tetos das cabinas, agarrando-se ao limpa-trilhos de locomotivas; incontáveis corpos asiáticos famintos que passavam por ele na rua, com seus olhos vorazes observando o inglês que caminhava desorientado entre eles (apoiado em duas bengalas, com uma expressão confusa impossível de ser decifrada sob o cabelo comprido e a barba longa).

Em última análise, Roger soube apenas do encontro com as abelhas urbanas. No entanto, o menino ficou completamente fascinado com o que ouviu; seus olhos azuis não se desviaram de Holmes nenhuma vez. Com o rosto passivo e receptivo, olhos bem abertos, Roger fixou as pupilas naqueles olhos sábios e veneráveis, como se estivesse vendo luzes distantes brilhando em um horizonte opaco, um vislumbre de algo trêmulo e vivo fora de seu alcance. E, por sua vez, os olhos cinzentos que se concentravam nele — ao mesmo tempo penetrantes e gentis — se esforçavam para preencher o tempo de vida que os separava, enquanto o conhaque era bebido e o frasco de vidro se aquecia entre suas mãos suaves, e aquela voz experiente e bem-vivida de algum modo fazia Roger se sentir muito mais velho e muito mais universal do que a sua idade pressupunha.

Quanto mais se aprofundava em Shinjuku, explicou Holmes, mais atenção era atraída para abelhas-operárias voejando aqui e ali, zumbindo sobre as poucas flores que cresciam sob as árvores da rua e sobre os vasos do lado de fora das casas. Então, na tentativa de descobrir a rota das operárias, às vezes perdendo uma de vista, mas logo encontrando outra, foi levado a um oásis no coração da cidade: vinte colônias, pelos seus cálculos, cada uma capaz de produzir uma considerável quantidade anual de mel. Que criaturas astutas, pensou. Porque, certamente, os locais de alimentação das colônias de Shinjuku variavam a cada estação. Talvez voassem distâncias maiores em setembro, quando as flores eram raras, e viajassem muito menos na primavera e no verão, quando as flores brotavam. Os brotos de cerejeira floriam em abril e as abelhas viam-se cercadas por um ambiente rico em alimentos. Melhor ainda, disse

ele para Roger, a proximidade do alimento aumentava a eficiência do abastecimento das colônias. Assim, considerando a pouca concorrência por néctar e pólen oferecida por pobres polinizadores urbanos, como sirfídeos, moscas, borboletas e besouros, fontes mais rentáveis de alimentos evidentemente se localizavam e eram exploradas a uma distância menor em Tóquio do que nas áreas periféricas.

Contudo, a pergunta inicial de Roger sobre as abelhas japonesas não foi respondida (o menino era muito educado para pressioná-lo). Mesmo assim, Holmes não a esquecera. A resposta, entretanto, não foi imediata, demorando-se como um nome subitamente preso na ponta da língua. Sim, ele trouxera as abelhas do Japão. Sim, tinha a intenção de dá-las de presente para o menino. Mas como elas chegaram às suas mãos não estava claro: talvez no apiário de Tóquio (embora isso seja altamente improvável, uma vez que ele estava preocupado em encontrar a estação ferroviária), ou talvez durante suas viagens com o Sr. Umezaki (pois viajaram muito assim que ele chegou em Kobe). Esse aparente lapso, temia Holmes, era resultado de mudanças em seu lobo frontal, devido ao envelhecimento — de que outra forma explicar por que algumas lembranças permaneciam intactas enquanto outras eram substancialmente prejudicadas? Estranho, também, que ele conseguisse se lembrar com total clareza de momentos aleatórios de sua infância, como a manhã em que entrou no salão de esgrima de Maître Alphonse Bencin (aquele francês magro acariciando o espesso bigode militar, olhando cautelosamente para o rapaz alto, magrelo e tímido diante dele); sendo que agora, de vez em quando, podia olhar para seu relógio de bolso, mas ser incapaz de dar conta das horas anteriores de seu dia.

Ainda assim, apesar do que perdia, ele acreditava que muitas recordações sempre prevaleciam. E nas noites seguintes à sua volta para casa ele se sentou à escrivaninha no sótão e — dividindo-se entre trabalhar em sua obra-prima inacabada (*A completa arte da*

detecção) e revisar seu *Manual prático da cultura de abelhas* de trinta e sete anos para uma nova impressão pela Beach & Thompson — invariavelmente voltava a mente para onde estivera. Então, não era impossível ver-se ali, esperando na plataforma da estação ferroviária de Kobe após uma longa viagem de trem, procurando o Sr. Umezaki entre aqueles que se movimentavam ao seu redor — um punhado de oficiais e soldados norte-americanos vagando entre moradores locais japoneses, empresários, famílias; a cacofonia de diferentes vozes e passos rápidos ressoando por toda a plataforma, perdendo-se pela noite.

— Sherlock-san?

Como se tivesse se materializado do nada, um homem magro com chapéu alpino, camisa branca aberta no colarinho, bermuda e tênis apareceu ao seu lado. Estava acompanhado de outro homem, um pouco mais jovem, vestindo exatamente o mesmo traje. Os dois sujeitos idênticos olharam para ele através de óculos com aros de metal, e o mais velho — possivelmente com cinquenta e tantos anos, calculou Holmes, embora fosse difícil precisar a idade de asiáticos — curvou-se diante dele; o outro prontamente fez o mesmo.

— Acredito que você deva ser o Sr. Umezaki.

— Sim, senhor — disse o mais velho, permanecendo curvado. — Bem-vindo ao Japão, e bem-vindo a Kobe. É uma honra finalmente conhecê-lo. Também estamos honrados em tê-lo como hóspede em nossa casa.

Embora as cartas do Sr. Umezaki tivessem revelado uma afiada compreensão do inglês, Holmes ficou agradavelmente surpreso com o sotaque britânico do sujeito, que sugeria uma vasta educação fora da Terra do Sol Nascente. No entanto, tudo o que ele realmente sabia sobre aquele homem era que ambos compartilhavam de uma paixão pela cinza espinhosa, ou, como era chamada em japonês, *hire sansho*. Foi este mútuo interesse que deu início à sua longa correspondência (o Sr. Umezaki escrevera primeiro, após ler uma

monografia que Holmes publicara anos antes, intitulada *O valor da geleia real, com um comentário adicional sobre os benefícios da cinza espinhosa para a saúde*). Contudo, como arbusto floresce principalmente perto do mar, em seu Japão nativo, ele não a experimentara em primeira mão, nem provara a culinária feita com suas folhas. Além disso, durante as viagens de sua juventude, as oportunidades que tivera para visitar o Japão nunca foram aproveitadas. Quando recebeu o convite do Sr. Umezaki, deu-se conta de que o tempo não lhe daria outra chance para explorar aqueles gloriosos jardins sobre os quais apenas lera a respeito, ou, ao menos uma vez na vida, contemplar e saborear aquela planta incomum que havia muito tempo o fascinava, uma erva cujas qualidades ele suspeitava poderem prolongar a vida da mesma forma que sua amada geleia real.

— Digamos que a honra é recíproca.

— Sim — disse Umezaki, voltando à posição vertical. — Por favor, senhor, deixe-me apresentar meu irmão. Este é Hensuiro.

Hensuiro continuou curvado, com os olhos semicerrados.

— *Sensei...* Olá, você é muito grande detetive, muito grande...

— Hensuiro, certo?

— Obrigado, *sensei*, obrigado... Você é muito grande...

Quão confusa subitamente lhe pareceu aquela dupla: um irmão conversava em inglês sem o menor esforço enquanto o outro mal falava o idioma. Pouco depois, ao saírem da estação ferroviária, Holmes percebeu um peculiar gíngado nos quadris do mais novo — como se o peso da bagagem que Hensuiro estava carregando de algum modo tivesse lhe conferido um andar feminino — e concluiu que aquilo era mais uma disposição natural do que afetação (a bagagem, afinal, não era tão pesada). Quando finalmente chegaram ao ponto do bonde, Hensuiro baixou as malas no chão e ofereceu-lhe um maço de cigarros.

— *Sensei...*

— Obrigado — disse Holmes, pegando um cigarro e levando-o aos lábios.

Iluminado pela luz de um poste, Hensuiro acendeu um fósforo e protegeu a chama com a mão em concha. Inclinando-se em direção ao fósforo, Holmes viu mãos delicadas salpicadas de tinta vermelha, pele lisa, unhas aparadas, embora sujas nas bordas (mãos de artista, concluiu, unhas de pintor). Ao saborear o cigarro, ele olhou para a rua escura notando ao longe pessoas passeando por um bairro iluminado por cartazes de néon. Em algum lugar tocavam jazz, indistinto, embora animado, e entre os tragos do cigarro sentiu um cheiro fugaz de carne tostada.

— Imagino que esteja com fome — observou Umezaki, que, desde a estação, ficara em silêncio ao seu lado.

— Na verdade, também estou um pouco cansado — respondeu Holmes.

— Nesse caso, por que não vamos para casa? O jantar será servido à noite, caso deseje.

— Uma sugestão ideal.

Hensuiro começou a falar em japonês com o Sr. Umezaki. Suas mãos delicadas moviam-se freneticamente, chegando a tocar o chapéu alpino e, em seguida, gesticularam sugerindo um pequeno chifre na boca — enquanto o cigarro balançava de forma precária em seus lábios. Em seguida, Hensuiro abriu um largo sorriso, meneando a cabeça para Holmes e inclinando-se ligeiramente.

— Ele pergunta se você trouxe seu famoso chapéu — disse Umezaki com timidez. — Acho que se chama chapéu de feltro. E seu grande cachimbo. Você os trouxe?

Ainda meneando a cabeça, Hensuiro apontou simultaneamente para seu chapéu alpino e para o próprio cigarro.

— Não, não — respondeu Holmes. — Infelizmente, nunca usei chapéu de feltro, nem fumei grandes cachimbos. Aquilo não passou de uma invenção de ilustrador, suponho que destinada a me conferir distinção e vender revistas. Eu não tive participação nisso.

— Ah — exclamou Umezaki, com a desilusão registrada no rosto. A expressão se espelhou depressa em Hensuiro quando a verdade lhe foi transmitida (e o homem mais jovem logo se curvou, aparentemente envergonhado).

— Não há mesmo necessidade disso — disse Holmes, que estava acostumado a tais perguntas e, verdade seja dita, tinha uma perversa satisfação em derrubar mitos. — Diga a ele que está tudo bem, tudo bem.

— Nós não fazíamos ideia — explicou o Sr. Umezaki antes de acalmar Hensuiro.

— Poucos fazem — disse Holmes com modéstia, exalando fumaça.

Logo o bonde apareceu, sacudindo em sua direção, vindo de onde brilhavam os cartazes de néon, e, enquanto Hensuiro recolhia a bagagem, Holmes voltou a olhar para a rua.

— Você está ouvindo a música? — perguntou ao Sr. Umezaki.

— Sim. Na verdade, eu a ouço frequentemente, às vezes a noite inteira. Não há muitos pontos turísticos em Kobe, então compensamos isso com vida noturna.

— É mesmo? — disse Holmes, apertando os olhos, tentando sem sucesso ter uma visão melhor das brilhantes casas noturnas e bares ao longe (a música ia se perdendo com a clamorosa chegada do bonde).

Finalmente, estavam se distanciando dos cartazes de néon, passando por um bairro de lojas fechadas, calçadas vazias e esquinas escuras. Segundos depois, o bonde entrou em um reino de ruínas, de lugares queimados e devastados pela guerra, uma paisagem desolada sem iluminação pública, as silhuetas dos edifícios arruinados banhadas apenas pela lua cheia que pairava sobre a cidade.

Então, como se as avenidas abandonadas de Kobe tivessem agravado o seu cansaço, as pálpebras de Holmes se fecharam e seu corpo desabou no banco do bonde. O longo dia finalmente o

consumira, e, minutos depois, a pouca energia que lhe restava seria usada para se levantar e caminhar por uma rua íngreme (Hensuiro liderando o caminho e o Sr. Umezaki agarrando-o pelo cotovelo). Enquanto suas bengalas batiam no chão, um vento quente vindo do mar soprava sobre ele, trazendo consigo a maresia. Respirando o ar noturno, lembrou-se de Sussex e da casa de fazenda que tinha o apelido de “La Paisible” (*Meu lugar tranquilo*, como certa vez a chamou em uma carta para seu irmão Mycroft), e do litoral de falésias de calcário visíveis através da janela do escritório no sótão. Com a intenção de dormir, imaginou seu arrumado quarto em casa, sua cama com lençóis esticados.

— Estamos quase chegando — disse Umezaki. — À sua frente, o meu legado.

Mais adiante, ao fim da rua, havia uma casa incomum de dois andares. Anômala em um país de tradicionais habitações *minka*, a residência do Sr. Umezaki era claramente em estilo vitoriano: pintada de vermelho, rodeada por uma cerca de madeira, o quintal da frente semelhante a um jardim inglês. Embora a escuridão pairasse por trás e ao redor da propriedade, um pomposo lustre de vidro lançava luz sobre toda a ampla varanda, fazendo a casa parecer um farol sob o céu noturno. Mas Holmes estava muito exausto para fazer comentários sobre tudo aquilo, mesmo ao acompanhar Hensuiro por um corredor repleto de impressionantes objetos de vidro em estilo art nouveau e art déco.

— Colecionamos Lalique, Tiffany e Galle, entre outros — disse o Sr. Umezaki, conduzindo-o.

Holmes olhou fingindo interesse. Depois disso, sentiu-se etéreo, como se derivasse de um sonho tedioso. Em retrospecto, ele não se lembrava de mais nada daquela sua primeira noite em Kobe: não se lembrava do que comeu, da conversa que tiveram, ou de ser levado para conhecer o seu quarto. Nem se lembrava de ter sido apresentado àquela mulher mal-humorada conhecida como Maya,

embora ela lhe tivesse servido o jantar, sua bebida e certamente desfeito suas malas.

No entanto, lá estava ela na manhã seguinte, abrindo as cortinas, acordando-o. Sua presença não o surpreendeu, e embora estivesse semiconsciente quando se conheceram na noite anterior, ele imediatamente reconheceu aquele rosto sisudo. Será que era a mulher do Sr. Umezaki?, perguntou-se Holmes. Talvez uma governanta? Vestindo um quimono, o cabelo grisalho em um penteado mais ocidental, parecia mais velha que Hensuiro, mas não muito mais velha do que o refinado Umezaki. Ainda assim, era uma mulher nada atraente, bastante sem graça, com uma cabeça redonda, nariz achatado e olhos puxados em duas fendas estreitas, dando-lhe um ar míope de toupeira. Sem dúvida, concluiu, deve ser a governanta.

— Bom dia — disse ele, olhando-a de seu travesseiro.

Ela o ignorou. Em vez de responder, abriu a janela, deixando entrar a brisa do mar. Em seguida, saiu do quarto, e voltou com uma bandeja sobre a qual fumegava uma xícara de chá ao lado de um bilhete escrito pelo Sr. Umezaki. Usando uma das poucas palavras japonesas que realmente conhecia, deixou escapar “*ohayo*” quando ela baixou a bandeja na mesa de cabeceira. Ela o ignorou de novo, dessa vez indo para o banheiro adjacente para preparar-lhe um banho. Ele se sentou, pesaroso, e bebeu o chá enquanto lia o bilhete:

Preciso cuidar de alguns negócios.

Hensuiro o espera lá embaixo.

Volto antes do anoitecer.

Tamiki

“*Ohayo*”, disse para si mesmo, decepcionado, preocupado com o fato de que sua presença pudesse ter atrapalhado a rotina da casa (talvez o convite não devesse ter sido aceito, ou talvez o Sr. Umezaki

estivesse decepcionado com o cavalheiro nada interessante que encontrara esperando-o na estação). Sentiu-se aliviado quando Maya saiu do quarto, mas tal alívio foi ofuscado pela perspectiva de um dia inteiro ao lado de Hensuiro, sem comunicação adequada, e pela ideia de ter que gesticular tudo o que era importante: comida, bebida, banheiro, sesta. Ele não podia explorar Kobe sozinho, muito menos insultar seu anfitrião saindo furtivamente, por conta própria. Enquanto se banhava, o desconforto aumentou. Embora fosse um homem mais viajado que o padrão, passara quase metade da vida isolado em Sussex Downs, e agora ele não se sentia apto a funcionar em um país tão estranho, ainda mais sem um guia que falasse inglês adequadamente.

Mas depois de se vestir e encontrar Hensuiro no andar de baixo, suas preocupações desapareceram.

— Bo-om-di-a, *sensei* — gaguejou Hensuiro, sorrindo.

— *Ohayo*.

— Ah, sim, *ohayo*. Bom, muito bom.

Depois, enquanto Hensuiro repetidamente acenava com aprovação ao notar sua habilidade para comer com hashis, Holmes tomou um café da manhã simples, que consistia de chá verde e ovo cru misturado com arroz. Antes do meio-dia, os dois caminhavam ao ar livre, desfrutando de uma bela manhã iluminada por um céu azul-claro. Hensuiro, assim como o jovem Roger, agarrou-lhe o cotovelo, orientando-o delicadamente, e, após ter dormido tão bem, igualmente revigorado pelo banho, ele sentiu como se estivesse experimentando um novo Japão. À luz do dia, Kobe era muito diferente do lugar desolado que ele vira pela janela do bonde: os prédios em ruínas não estavam à vista, as ruas fervilhavam de pedestres. Vendedores ocupavam a praça central onde crianças corriam. Falatório e água em ebulição ecoavam de dentro de uma infinidade de restaurantes de soba. Nas colinas ao norte da cidade, entreviu um bairro inteiro de casas vitorianas e góticas, que,

suspeitava, deviam ter pertencido originalmente a diplomatas e comerciantes estrangeiros.

— O que, se mal pergunto, seu irmão faz, Hensuiro?

— *Sensei...*

— Seu irmão... O que ele faz... Qual o seu trabalho?

— Este... não... Eu não entendo, apenas um pouco entendo, não muito.

— Obrigado, Hensuiro.

— Sim, obrigado... Muito obrigado.

— Você é uma excelente companhia neste dia agradável, independentemente de suas dificuldades.

— Acho que sim.

No entanto, à medida que avançavam, enquanto dobravam esquinas e cruzavam ruas movimentadas, ele começou a reconhecer sinais de fome em toda parte. As crianças sem camisa nos parques não corriam como as outras crianças; ao contrário, permaneciam inertes, como se definhassem, cujas costelas proeminentes eram emolduradas por braços esqueléticos. Homens imploravam em frente aos restaurantes de soba, e mesmo aqueles que pareciam bem-alimentados — os lojistas, os clientes, os casais — exibiam semelhantes expressões de carência, embora menos óbvias. Então, pareceu-lhe que o fluxo de suas vidas diárias mascarava um desespero silencioso: por trás dos sorrisos, dos acenos, dos cumprimentos, da polidez geral, espreitava algo mais que crescera desnutrido.

EM SUAS VIAGENS, de tempos em tempos, Holmes voltaria a sentir uma imensa carência permeando a existência humana, cuja verdadeira natureza ele não era capaz de compreender inteiramente. E embora esse inefável anseio tenha passado ao largo de sua vida no campo, ainda assim volta e meia o visitava, tornando-se cada vez mais evidente entre os estranhos que continuamente invadiam sua propriedade. Em anos anteriores, os invasores constituíam, em geral, uma variedade mista de estudantes bêbados ansiosos por homenageá-lo, investigadores londrinos em busca de ajuda em um crime não resolvido, ocasionalmente jovens da Gables — um bem-conhecido estabelecimento de ensino a cerca de um quilômetro da propriedade de Holmes — ou famílias em férias na esperança de terem um vislumbre do famoso detetive.

— Sinto muito — dizia a todos, sem exceção. — Minha privacidade deve ser respeitada. Vou lhes pedir que, por favor, deixem minha propriedade imediatamente.

A Primeira Guerra Mundial trouxe-lhe um pouco de paz, pois cada vez menos gente batia à sua porta. Isso ocorreu, também, enquanto a Segunda Guerra assolava a Europa. Mas, entre as duas guerras, os invasores voltaram com vigor, e o antigo pessoal foi gradualmente substituído por outra variedade: caçadores de autógrafos, jornalistas, grupos de leitura de Londres e de outras partes. Esses indivíduos sociáveis contrastavam fortemente com os veteranos aleijados, com corpos deformados e confinados para sempre a cadeiras de rodas, as diversas mutações de respiração, pessoas com os quatro membros amputados aparecendo como presentes cruéis nos degraus da frente da casa.

— Sinto muito... sinto mesmo...

O que um grupo desejava — uma conversa, uma fotografia, uma assinatura — era fácil de negar; o que o outro queria, no entanto, era ilógico, embora mais difícil de recusar: apenas o toque de suas mãos, talvez algumas palavras sussurradas como um encantamento de cura (como se os mistérios de seus males pudessem finalmente ser resolvidos por ele, e apenas por ele). Mesmo assim, Holmes se mantinha firme em suas recusas, muitas vezes advertindo os cuidadores que, sem a menor consideração, avançavam com as cadeiras de rodas, desobedecendo às placas de NÃO ENTRE.

— Por favor, vão embora imediatamente. Caso contrário, denunciarei ao Anderson, da Polícia de Sussex!

Apenas recentemente ele descumpriria as próprias regras, sentando-se por algum tempo com uma jovem mãe e seu bebê. Foi Roger quem a viu pela primeira vez, agachada junto ao canteiro de ervas, com o bebê enrolado em um xale de cor creme, a cabeça aninhada em seu peito esquerdo exposto. Enquanto o menino o levava até lá, Holmes batia as bengalas pelo caminho, resmungando, para que ela pudesse ouvir, dizendo em voz alta que a entrada em seus jardins era estritamente proibida. Ao vê-la, sua raiva se dissipou, mas ele hesitou antes de chegar mais perto. Ela olhou para ele com pupilas grandes e serenas. Seu rosto sujo denunciava privação; sua blusa amarela desabotoada, enlameada e rasgada, insinuava os quilômetros que percorrera para encontrá-lo. Então, ela estendeu o xale em sua direção, oferecendo-lhe o bebê com as mãos sujas.

— Vá até a casa — disse para Roger em voz baixa. — Ligue para Anderson. Diga-lhe que é uma emergência. Avise que o estou esperando no jardim.

— Sim, senhor.

Ele vira algo que o menino não notara: o pequeno cadáver erguido pelas mãos trêmulas da mãe, com as bochechas arroxeadas, os lábios azulados e escuros, as inúmeras moscas rastejando e

circundando o xale feito à mão. Quando Roger se foi, ele baixou as bengalas ao seu lado e, com algum esforço, sentou-se junto à mulher. Novamente ela empurrou o xale para Holmes, e ele gentilmente aceitou o fardo, segurando o bebê no peito.

Assim que Anderson chegou, Holmes já havia devolvido a criança para a mulher. Durante algum tempo, deteve-se ao lado do policial no passeio do jardim, ambos observando-a levar o fardo ao seio, seus dedos pressionando repetidamente um mamilo nos lábios rígidos do bebê. Vindo do leste, ambulâncias se aproximaram, desligando finalmente suas sirenas perto do portão da propriedade.

— Você acredita que seja um sequestro? — murmurou Anderson, acariciando o bigode ligeiramente encrespado, ficando boquiaberto após falar, com o olhar fixo no peito da mulher.

— Não — respondeu Holmes. — Acho que é algo bem menos criminoso que isso.

— Realmente — concordou o policial, e Holmes detectou descontentamento em seu tom de voz, uma vez que não havia ali, aparentemente, nenhum grande mistério. Não seria dessa vez que o policial trabalharia em um caso com seu herói de infância. — Então, o que acha?

— Olhe para as mãos dela — disse Holmes. — Olhe para a terra e a lama sob suas unhas, em sua blusa, em sua pele e suas roupas. — A mulher mexera com terra, imaginou. Ela andara cavando. — Olhe para seus sapatos enlameados, razoavelmente novos e com poucos sinais de desgaste. Ela caminhou bastante, mas não veio de muito além de Seaford. Olhe para seu rosto e reconhecerá o sofrimento de uma mãe que perdeu o recém-nascido. Entre em contato com seus colegas em Seaford. Pergunte sobre o túmulo de uma criança que tenha sido violado durante a noite, seu corpo levado, e pergunte se a mãe da criança está desaparecida. Pergunte se o nome do bebê é Jeffrey.

Anderson olhou rapidamente para Holmes, reagindo como se tivesse levado um tapa.

— Como sabe disso?

Holmes deu de ombros com tristeza.

— Eu não sei... Ao menos não tenho certeza.

A voz da Sra. Munro ergueu-se do pátio da casa, indicando aos homens da ambulância aonde deveriam ir.

Parecendo desamparado em seu uniforme, Anderson ergueu uma sobrancelha enquanto puxava o bigode.

— Por que ela veio até aqui? — perguntou. — Por que o procurou?

Uma nuvem passou sobre o sol, lançando uma longa sombra nos jardins.

— Esperança, imagino — disse Holmes. — Parece que sou conhecido por encontrar respostas quando os fatos são desesperadores. Para além disso, eu não gostaria de especular.

— E quanto ao bebê se chamar Jeffrey?

Holmes explicou que perguntara o nome da criança enquanto a segurava. "Jeffrey", pensou ter ouvido. Ele quis saber a idade do bebê. Ela olhou com tristeza para o chão, sem dizer nada. Ele perguntou onde a criança nascera. Ela não respondeu. Será que tinha viajado muito?

— Seaford — murmurou ela, afastando uma mosca da testa.

— Você está com fome?

Nada.

— Gostaria de comer alguma coisa, querida?

Nada.

— Acredito que você esteja faminta. Você deve estar precisando beber água.

— E acredito que este é um mundo idiota — disse ela afinal, pegando o xale.

E se, na ocasião, ele tivesse lhe respondido com franqueza, teria ficado propenso a concordar.

6

EM KOBE E, posteriormente, em suas viagens rumo ao oeste, o Sr. Umezaki às vezes indagava sobre a Inglaterra, perguntando — entre outras coisas — se Holmes visitara o local de nascimento do Bardo em Stratford-upon-Avon, se passara pelo interior do misterioso círculo de Stonehenge ou se visitara o litoral da Cornualha, que inspirou tantos artistas ao longo dos séculos.

— Certamente — respondia Holmes antes de entrar em detalhes.

As grandes cidades anglicanas sobreviveram à devastação da guerra? O espírito do povo inglês se mantivera intacto durante os bombardeios aéreos da Luftwaffe?

— A maior parte, sim. Temos um caráter indomável, sabe.

— A vitória tende a ressaltar isso, não é mesmo?

— Creio que sim.

Depois de voltar para casa, foi Roger quem lhe questionou sobre o Japão (embora suas perguntas fossem menos específicas que as do Sr. Umezaki). Após uma tarde capinando o mato ao redor das colmeias e removendo as ervas daninhas para que as abelhas pudessem ir e vir sem empecilhos, o menino acompanhou-o até as falésias ali perto, onde, tomando muito cuidado ao andar, desceram um caminho longo e íngreme, que terminava na praia. Naquele lugar, em qualquer direção, estendiam-se quilômetros de cascalho e seixos, interrompidos apenas por enseadas rasas e piscinas naturais (que se enchiam a cada fluxo da maré e eram ideais para o banho). Ao longe, em um dia claro, era possível ver a pequena enseada que abrigava a aldeia de Cuckmere Haven.

Naquele momento, suas roupas estavam estendidas sobre as rochas, e tanto ele quanto o menino se refrescavam em uma piscina

natural, reclinando-se enquanto a água subia até seus peitos. Uma vez acomodados — seus ombros apenas um pouco acima da superfície, a luz do sol da tarde brilhando no mar mais além —, Roger olhou para ele e, fazendo sombra nos olhos com a mão, perguntou:

— Senhor, o mar japonês se parece com o do Canal?

— Um pouco. Ao menos o que vi dele. Água salgada é água salgada, não é?

— Havia muitos navios?

Protegendo os próprios olhos da luz, Holmes percebeu que o menino o olhava com curiosidade.

— Acredito que sim — disse ele, sem saber se os numerosos petroleiros, rebocadores e barcaças à deriva em sua memória tinham sido vistos em um porto japonês ou australiano. — É uma nação insular, afinal de contas — argumentou. — Eles, assim como nós, nunca estão longe do mar.

O menino deixou os pés flutuarem, distraidamente remexendo os dedos na espuma da superfície.

— É verdade que são um povo de gente pequena?

— Podemos afirmar que sim.

— Como anões?

— Mais altos que isso. Em média, eles têm a sua altura, menino. Os pés de Roger afundaram, e os dedos desapareceram.

— Eles são amarelos?

— O que quer saber exatamente? Pele ou constituição?

— A pele é amarela? Eles têm dentes grandes, como coelhos?

— A pele é mais escura que amarela.

Ele pressionou a ponta do dedo no ombro bronzeado de Roger.

— Mais para esta cor, está vendo?

— E quanto aos dentes?

Holmes sorriu e disse:

— Não posso afirmar com certeza. Por outro lado, me lembro com certeza de uma predominância de incisivos lagomorfos, então

suspeito que seja seguro dizer que têm dentes muito parecidos com os seus e os meus.

— Ah — murmurou Roger, sem falar mais nada.

O presente das abelhas, Holmes percebeu, despertara a curiosidade do menino: aquelas duas criaturas no frasco, semelhantes, embora diferentes, das abelhas inglesas, sugeriam um mundo paralelo onde tudo era comparável, mas não exatamente igual.

Apenas mais tarde, quando começaram a subir o caminho íngreme, recomeçou o interrogatório. O menino então queria saber se as cidades japonesas ainda tinham vestígios do bombardeio aliado.

— Em alguns lugares — respondeu Holmes, ciente da preocupação de Roger com aviões, ataques aéreos e morte pelo fogo, como se alguma conclusão em relação ao destino prematuro do pai pudesse ser encontrada nos detalhes sórdidos da guerra.

— Você esteve onde a bomba caiu?

Eles pararam para descansar, sentando-se por um instante em um banco que marcava metade do caminho. Esticando as pernas compridas em direção à borda da falésia, Holmes olhou para o Canal, pensando na bomba. Não na variedade incendiária, nem no modelo antipessoal, mas no tipo atômico.

— Eles a chamam de *pika-don* — disse para Roger. — Significa “explosão luminosa”; e, sim, vi o local atingido por uma das bombas.

— Todos por lá parecem doentes?

Holmes continuou olhando para o mar, observando a água avermelhada pelo sol poente, e disse:

— Não, a maioria não parecia visivelmente doente. Mas alguns, sim. É algo difícil de descrever, Roger.

— Ah — exclamou o menino, olhando para ele com a expressão um tanto confusa, sem dizer mais nada.

Holmes se flagrou pensando no evento mais infeliz na vida de uma colmeia: a perda repentina da rainha, quando não há recursos

disponíveis para se criar uma nova. No entanto, como ele poderia explicar a doença mais profunda da desolação não expressa, aquela imprecisa mortalha abraçada em massa pelo japonês comum? Era algo quase imperceptível, pois aquele é um povo reticente, mas estava sempre ali, perambulando pelas ruas de Tóquio e Kobe, visível de alguma forma nos rostos solenes dos jovens repatriados, nos olhares vagos de mães e crianças desnutridas, sugerido por um ditado popular do ano anterior: *Kamikaze mo fuki sokone*.

Na segunda noite de Holmes com seu anfitrião em Kobe, compartilhando saquê em uma pequena loja de bebidas, o Sr. Umezaki traduziu o ditado:

— Basicamente, significa: "O vento divino não soprou."

Ele dissera aquilo depois que um cliente bêbado — usando um antigo e surrado traje militar, cambaleando impetuosamente de mesa em mesa — fora expulso do lugar, gritando enquanto saía: '*Kamikaze mo fuki sokone! Kamikaze mo fuki sokone! Kamikaze mo fuki sokone!*'

Por coincidência, pouco antes do acesso do bêbado, eles estavam discutindo o Japão pós-rendição. Ou melhor, o Sr. Umezaki, esquivando-se bruscamente de uma conversa a respeito de seu itinerário de viagem, perguntara a Holmes se ele também achava que a retórica de liberdade e democracia da ocupação aliada estava em desacordo com a contínua censura a poetas, escritores e artistas japoneses.

— Não acha desconcertante o fato de que muitos morrem de fome, e ainda assim não estamos autorizados a criticar abertamente as forças de ocupação? Por isso, não podemos chorar nossas perdas como um todo e lamentar juntos como uma nação, ou nem mesmo fazer elogios públicos a nossos mortos, pois esse tipo de evocação pode ser interpretado como uma promoção do espírito militarista.

— Francamente — admitiu Holmes, trazendo a xícara aos lábios —, sei muito pouco sobre isso. Sinto muito.

— Não, por favor, me desculpe por ter mencionado o assunto. — O rosto do Sr. Umezaki, já enrubescido, ficou ainda mais vermelho, então relaxou com a fadiga e um pressentimento de embriaguez. — De qualquer forma, onde estávamos?

— Hiroshima, acho.

— É isso mesmo, você estava interessado em visitar Hiroshima...

— *Kamikaze mo fuki sokone!* — começou a gritar o bêbado, assustando a todos, exceto o Sr. Umezaki. — *Kamikaze mo fuki sokone!*

Imperturbável, o Sr. Umezaki serviu outra dose para ele e para Hensuiro, que repetidamente engolia seu saquê em um só gole. Após os gritos do bêbado e sua imediata remoção, Holmes percebeu que estava observando o Sr. Umezaki, e este — com o comportamento cada vez mais sombrio a cada dose — olhava pensativo para a mesa, com uma expressão carrancuda e abatida, como o beijo de uma criança repreendida (expressão imitada por Hensuiro, cuja aparência em geral alegre assumiu um semblante sombrio, fechado). Finalmente, o Sr. Umezaki olhou para ele.

— Então, onde estávamos mesmo? Ah, sim, nossa viagem para o oeste. E você queria saber se Hiroshima estaria em nosso caminho. Bem, posso dizer que sim.

— Eu gostaria muito de ver o lugar, se não se importa.

— Certamente. Eu também gostaria de ir até lá. Para ser sincero, não vou a Hiroshima desde antes da guerra, a não ser passando de trem.

Mas Holmes notou a apreensão na voz do Sr. Umezaki, ou, talvez, pensou em seguida, fosse simplesmente o cansaço saturando o tom de voz de seu anfitrião. Afinal, o Sr. Umezaki que o recebera naquela tarde parecia exausto devido a seus negócios em outras partes, ao contrário do companheiro atencioso e afável que o acolhera na estação ferroviária no dia anterior. Agora, depois de tirar uma satisfatória soneca após explorar a cidade ao lado de Hensuiro, era a sua vez de ficar bem acordado durante a noite, enquanto o Sr.

Umezaki exibia enorme exaustão, profundamente enraizada (uma lassidão tornada menos severa pela contínua ingestão de álcool e nicotina).

Holmes reconhecera os sinais mais cedo naquele dia, ao abrir a porta do escritório do Sr. Umezaki e encontrá-lo de pé ao lado de sua escrivaninha, perdido em pensamentos, pressionando o polegar e o dedo indicador nas pálpebras e segurando um manuscrito junto ao corpo. Uma vez que o Sr. Umezaki ainda estava com chapéu e casaco, era evidente que acabara de chegar em casa.

— Perdão — disse Holmes, subitamente sentindo-se inconveniente. No entanto, ele despertara em uma casa silenciosa, onde as portas estavam fechadas e ninguém mais era visto nem ouvido e, sem pretender, violara seu próprio código: durante toda sua vida, acreditara que o escritório de um homem era solo sagrado, um santuário para a reflexão e um retiro do resto do mundo, destinado a um trabalho importante, ou, ao menos, à comunhão privada com textos de outras pessoas. Portanto, o escritório do sótão de sua casa em Sussex era o cômodo de que ele mais gostava, e, embora nunca tenha dito isso explicitamente, tanto a Sra. Munro quanto Roger sabiam que não seriam bem-vindos ali se a porta estivesse fechada.

— Não pretendia incomodá-lo. Parece que minha idade avançada me leva a entrar em cômodos sem nenhum motivo aparente.

O Sr. Umezaki ergueu a cabeça demonstrando pouca surpresa, e disse:

— Ao contrário, estou feliz que esteja aqui. Entre, por favor.

— Realmente, não pretendo incomodá-lo ainda mais.

— Na verdade, pensei que você estivesse dormindo. Caso contrário, eu o teria convidado a se juntar a mim. Portanto, entre e dê uma olhada ao redor. Diga-me o que acha da minha biblioteca.

— Se você insiste — disse Holmes, avançando em direção à estante de teca que ocupava uma parede inteira, enquanto observava as atividades do Sr. Umezaki: o manuscrito sendo

colocado no centro da mesa bem-arrumada e, em seguida, o chapéu removido e cuidadosamente pousado sobre o papel.

— Peço desculpas por meus compromissos profissionais, mas imagino que meu camarada tenha cuidado bem de você.

— Ah, sim, tivemos um dia agradável apesar dos obstáculos do idioma.

Neste momento, Maya o chamou do corredor lá embaixo, sua voz soando um tanto irritada.

— Desculpe-me — disse Umezaki. — Voltarei em menos de um minuto.

— Fique à vontade — comentou Holmes, agora de pé diante das extensas fileiras de livros.

Mais uma vez, Maya o chamou, e o Sr. Umezaki caminhou apressadamente em sua direção, esquecendo-se de fechar a porta ao sair. Quando ele se foi, Holmes observou os livros por algum tempo; seus olhos percorrendo cada prateleira. A maior parte dos livros de capa dura era em edições de luxo, a maioria com caracteres japoneses nas lombadas. Ainda assim, havia uma prateleira exclusivamente de obras ocidentais, organizadas de forma criteriosa em categorias separadas: literatura norte-americana, literatura inglesa, peças e uma grande área para a poesia (Whitman, Pound, Yeats, vários livros didáticos de Oxford a respeito dos poetas românticos). A prateleira mais abaixo era quase exclusivamente dedicada a Karl Marx, embora houvesse diversos exemplares de Sigmund Freud espremidos no fim.

Quando Holmes virou-se e olhou ao redor, percebeu que o escritório do Sr. Umezaki, embora pequeno, era organizado com eficiência: a cadeira de leitura, uma luminária de pé, algumas fotografias e o que parecia um diploma universitário emoldurado e pendurado atrás da mesa. Então, ouviu a incompreensível discussão do Sr. Umezaki com Maya, uma conversa que variou do debate caloroso ao súbito silêncio, e ele estava prestes a ir até o corredor para espiar quando o Sr. Umezaki voltou, dizendo:

— Houve alguma confusão quanto ao menu do jantar, e infelizmente comeremos mais tarde do que o habitual. Espero que não se importe.

— Nem um pouco.

— Enquanto isso, imagino que gostaria de uma bebida. Há um bar não muito longe daqui, bem confortável, provavelmente um lugar tão bom quanto qualquer outro para discutirmos nosso cronograma de viagem, se você não se importar.

— Parece ótimo.

Então, enquanto o céu escurecia, caminharam calmamente até o bar apertado, permanecendo por muito mais tempo que o pretendido e voltando somente após a multidão de frequentadores ter se tornado muito grande e barulhenta. Então se depararam com um jantar simples, que consistia de peixe, alguns legumes, arroz cozido no vapor e sopa de missô, cada prato servido sem muita cerimônia na sala de jantar por Maya, que se recusou terminantemente a se juntar a eles. As articulações dos dedos de Holmes doíam por mexer nos *hashis* e, assim que ele os baixou, o Sr. Umezaki sugeriu que se retirassem para seu escritório.

— Se desejar, há algo que gostaria de lhe mostrar. — E, com isso, os dois saíram da mesa, caminhando juntos pelo corredor, deixando Hensuiro sozinho com o que restava de sua refeição.

Sua lembrança daquela noite no escritório do Sr. Umezaki permanecia bastante vívida, apesar de, no momento, o álcool e a comida o terem deixado cansado. No entanto, ao contrário de antes, o Sr. Umezaki estava mais animado, e sorriu ao lhe oferecer sua poltrona de leitura. Em seguida, acendeu um fósforo antes que Holmes acabasse de pegar um jamaicano. Uma vez acomodado na poltrona — com as bengalas no colo e o charuto aceso entre os lábios —, Holmes observou o Sr. Umezaki abrir uma gaveta e tirar dali um livro fino de capa dura.

— O que acha disso? — perguntou o Sr. Umezaki, estendendo o livro para que ele o pegasse.

— Uma edição russa — disse Holmes, aceitando o exemplar, imediatamente percebendo os emblemas imperiais que adornavam a capa e a lombada. Após uma inspeção mais atenta, tocando com os dedos a encadernação avermelhada e as incrustações douradas ao redor dos emblemas, varrendo rapidamente as páginas com os olhos, concluiu que era uma tradução extremamente original de um romance muito popular. — *O Cão dos Baskervilles*. Uma impressão única, acho.

— Sim — concordou Umezaki, parecendo satisfeito. — Impresso exclusivamente para a coleção particular do czar. Sei que ele era um grande seguidor de suas histórias.

— Era mesmo? — exclamou Holmes, devolvendo o livro.

— Sim, muito — respondeu o Sr. Umezaki, voltando para sua escrivaninha. Após guardar o raro exemplar dentro da gaveta, acrescentou: — Como pode imaginar, este é o item mais valioso da minha biblioteca, embora bem valha o preço que paguei por ele.

— De fato.

— Você deve ter um bom número de livros sobre suas aventuras. Diferentes impressões, inúmeras traduções e edições.

— Na verdade, não tenho nenhum, nem mesmo um frágil livro de bolso. Sinceramente, li apenas algumas histórias, e isso foi há muitos anos. Não consegui incutir em John a diferença básica entre indução e dedução, então parei de tentar. Também parei de ler as versões fabricadas da verdade, pois as imprecisões me deixavam maluco. Sabe, nunca o chamei de Watson. Para mim ele era John, simplesmente John. Mas ele era mesmo um hábil escritor, veja bem, muito imaginativo. Ouso dizer que era melhor com a ficção do que com os fatos.

O Sr. Umezaki olhava para ele, e havia um toque de perplexidade em seus olhos.

— Como isso é possível? — perguntou, sentando-se à mesa.

Holmes deu de ombros, exalando a fumaça e dizendo:

— Infelizmente, esta é a verdade.

Mas o que ocorreu depois foi o que permaneceu claro em sua mente. Pois o Sr. Umezaki — ainda corado pela bebida, exalando um longo suspiro, como se também estivesse fumando — fez uma pausa cuidadosa antes de falar. Sorrindo, confessou que não ficara muito surpreso ao saber que as histórias não eram inteiramente precisas.

— Sua habilidade, ou talvez eu deva dizer a habilidade de sua personagem, para tirar conclusões definitivas a partir de observações frequentemente frágeis sempre me pareceu fantasiosa, não acha? Quer dizer, você não parece nada com a pessoa sobre quem tanto li a respeito. Como explicar? Você me parece menos extravagante, menos vivaz.

Holmes suspirou em tom de censura, acenando brevemente com a mão, como se estivesse afastando a fumaça.

— Bem, você está se referindo à arrogância de minha juventude. Sou velho agora e estou aposentado desde que você era criança. Em retrospecto, toda a vã presunção de meu eu mais jovem me é muito vergonhosa. De fato é. Sabe, lamentavelmente cometemos erros em diversos casos importantes. Claro, quem quer ler sobre nossos erros? Eu certamente não. Mas posso lhe dizer com um razoável grau de certeza que os sucessos podem ter sido exagerados, mas as conclusões fantasiosas a que você se refere não foram.

— Sério? — O Sr. Umezaki fez mais uma pausa, emitindo outro longo suspiro. Então disse: — Eu me pergunto o que você sabe a meu respeito. Ou será que seu talento também se aposentou?

Talvez, pensou Holmes após refletir um pouco, o Sr. Umezaki não tenha usado exatamente tais palavras. No entanto, lembrou-se de ter inclinado a cabeça para trás e olhado para o teto. Com o charuto fumegante na mão, começou, lentamente a princípio:

— O que sei de você? Bem, seu domínio do inglês sugere uma educação formal no exterior. Pelas velhas edições Oxford nas estantes, diria que estudou na Inglaterra, e o diploma na parede deve provar que estou certo. Suponho que seu pai era um diplomata com fortes preferências por todas as coisas ocidentais. Por que outro

motivo preferiria uma casa não tradicional como esta, seu legado, se não me falha a memória, ou, ainda, por que enviaria o filho para estudar na Inglaterra, um país no qual, sem dúvida, tinha negócios? — Ele fechou os olhos. — Quanto a você especificamente, meu caro Tamiki, posso perceber com facilidade que é um homem de letras e bem-lido. Na verdade, é incrível quanto é possível descobrir sobre as pessoas a partir dos livros que têm. No seu caso, há um interesse pela poesia, especialmente Whitman e Yeats, o que me diz que você tem uma afinidade com versos. No entanto, você não é apenas um leitor de poesia, mas muitas vezes também as escreve. Com tanta frequência, na verdade, que provavelmente não percebeu que o bilhete que me deixou esta manhã estava em forma de haikai — do tipo cinco-sete-cinco, acho. E, embora não tenha nenhuma maneira de saber a não ser que eu o veja, imagino que o manuscrito em cima da sua escrivaninha contém sua obra inédita. Digo *inédita* porque teve o cuidado de escondê-la debaixo de seu chapéu. O que me leva à sua viagem de negócios. Se chegou em casa com seu próprio manuscrito, um pouco desanimado, devo acrescentar, então suspeito que você o levou esta manhã. Mas que tipo de negócio requer que um escritor traga consigo um texto inédito? E por que voltou para casa em tal estado de espírito, com o texto ainda em mãos? Provavelmente uma reunião envolvendo um editor. E que não foi favorável, imagino. Daí, embora seja possível supor que foi a qualidade de sua escrita que impediu sua publicação, acredito no contrário. Sugiro que o conteúdo de sua escrita, e não a qualidade, é o que está em questão. Por que outro motivo você expressaria indignação pela contínua repressão a poetas, escritores e artistas japoneses pelos censores aliados? Contudo, um poeta que dedica grande parte de sua biblioteca a Marx com certeza não é um defensor do espírito militarista do imperador. Muito provavelmente, e você é uma espécie de comunista de gabinete, o que, é claro, significa que é digno de censura tanto pelas forças de ocupação quanto por aqueles que ainda mantêm o imperador em alta estima.

O próprio fato de você ter se referido a Hensuiro como seu camarada esta noite, uma palavra estranha para se referir ao próprio irmão, acho, dá uma pista de suas inclinações ideológicas, bem como de seu idealismo. Claro que Hensuiro não é seu irmão, certo? Se fosse, sem dúvida seu pai também o teria enviado à Inglaterra, dando para ele e para mim o conforto de uma melhor comunicação. É curioso, então, que vocês dois morem juntos nesta casa e se vistam de modo tão parecido, e que continuamente substituam o *nós* por *eu*, da mesma forma como fazem as pessoas casadas. É claro que isso não é da minha conta, embora eu esteja convencido de que você foi criado como filho único.

Um relógio de parede começou a tocar, e Holmes abriu os olhos, fixando o olhar no teto.

— Por último, e espero que você não se ofenda, me pergunto como conseguiu sobreviver tão confortavelmente durante estes tempos conturbados. Você não mostra sinais de pobreza, tem uma governanta e é muito orgulhoso de sua cara coleção de vidros art déco, tudo isso estando um ou dois degraus acima da burguesia, não concorda? Por outro lado, lidar com produtos no mercado negro é um pouco menos hipócrita em se tratando de um comunista, especialmente se ele está oferecendo sua generosidade a um preço justo e à custa das hordas capitalistas que ocupam o seu país. — Suspirando profundamente, Holmes ficou em silêncio. Por fim, disse: — Há outros detalhes, tenho certeza, mas me escapam no momento. Sabe, não tenho a mesma memória de antes. — Nesse momento, ele baixou a cabeça, levou o charuto à boca e lançou um olhar cansado para o homem.

— Notável. — O Sr. Umezaki balançou a cabeça com um gesto de incredulidade. — Absolutamente incrível.

— Não há necessidade, de verdade.

O Sr. Umezaki tentou parecer imperturbável. Ele tirou um cigarro do bolso, segurando-o entre os dedos, sem se preocupar em acendê-lo.

— Afora um ou dois erros, você me despiu completamente. De fato, tive um envolvimento menor no mercado negro, mas apenas como comprador casual. Na verdade, meu pai era um homem muito rico e fez questão de que sua família tivesse uma vida boa, mas isso não significa que eu não possa apreciar a teoria marxista. Além disso, não é exatamente correto dizer que tenho uma governanta.

— Minha ciência está longe de ser exata, você sabe.

— No entanto, é impressionante. Diria que suas observações sobre mim e Hensuiro não são muito surpreendentes. Sem querer ser muito franco: você é um solteiro que viveu com outro solteiro durante muitos anos.

— Puramente platônico, lhe garanto.

— Se é o que diz. — O Sr. Umezaki continuou olhando para ele, momentaneamente pasmo. — É mesmo notável.

A expressão de Holmes mostrou perplexidade.

— Estou confuso. A mulher que prepara suas refeições e cuida de sua casa, Maya, ela é sua governanta, não é?

Evidentemente, o Sr. Umezaki era solteiro por opção, embora lhe parecesse estranho que Maya se comportasse mais como esposa explorada do que como ajudante contratada.

— É uma questão semântica, se é isso que você quer dizer, mas não gosto de pensar em minha mãe como uma governanta.

— Naturalmente.

Holmes esfregou as mãos, dando baforadas de fumaça azul, tentando mascarar o que, na realidade, fora um incômodo lapso de sua parte: o esquecimento da relação do Sr. Umezaki com Maya, algo que com certeza lhe fora dito durante as apresentações. Ou talvez, ponderou, o lapso tenha sido de seu anfitrião. Talvez nunca tenha lhe explicado. Contudo, não valia a pena se preocupar com isso (um erro compreensível, pois a mulher parecia muito jovem para ser mãe do Sr. Umezaki).

— Agora, se me permite — disse Holmes, segurando o charuto a poucos centímetros da boca. — Fiquei um pouco cansado e

acordaremos cedo amanhã.

— Sim, também já vou me recolher. Antes, porém, gostaria de lhe dizer que eu estou muito agradecido por sua visita.

— Não há de quê — disse Holmes, erguendo-se com suas bengalas, o charuto em um canto da boca. — Eu é que lhe sou grato. Durma bem.

— Você também.

— Obrigado, dormirei. Boa noite.

— Boa noite.

Em seguida, Holmes atravessou o corredor escuro, passando no salão por onde as luzes haviam sido apagadas. Tudo à sua frente estava mergulhado em sombras. No entanto, alguma luz prevalecia em meio à escuridão, derramando-se de uma porta entreaberta diante dele. Holmes caminhou em direção à luz até alcançar a porta iluminada. Olhando para dentro do cômodo, observou Hensuiro trabalhando: sem camisa dentro de uma sala parcamente mobiliada, curvando-se diante de uma tela pintada que, do ponto de vista de Holmes, retratava uma paisagem vermelho-sangue repleta de uma infinidade de formas geométricas (linhas pretas e retas, círculos azuis, quadrados amarelos). Olhando mais atentamente, viu pinturas terminadas, de diversos tamanhos, empilhadas ao longo das paredes nuas: todas em vermelho e, as que podia ver com clareza, sombrias (prédios em ruínas, corpos pálidos emergindo longitudinalmente através do carmesim, braços retorcidos, pernas dobradas, mãos em garras e cabeças sem rosto apresentadas como uma pilha visceral). Pontilhando o piso de madeira, pingadas ao acaso por todo o cavalete, havia incontáveis gotas e salpicos de tinta, parecendo borrifos de uma hemorragia.

Mais tarde, ao se deitar, ponderaria sobre a reprimida relação do poeta com o artista — ambos posando como irmãos, mas vivendo como um casal sob o mesmo teto, sem dúvida compartilhando os lençóis, julgados pelo crítico olhar de reprovação da fiel Maya. Certamente era uma vida clandestina de total sutileza e discrição.

Mas ele suspeitava de que também havia outros segredos, possivelmente um ou dois assuntos delicados que em breve seriam revelados, pois as cartas do Sr. Umezaki, agora desconfiava, tinham mais motivos além daquilo que lhe fora escrito. Então, um convite fora feito e aceito. Na manhã seguinte, ele e o Sr. Umezaki começariam suas viagens, deixando Hensuiro e Maya sozinhos na mansão. Quão habilmente você me atraiu até aqui, pensou antes de dormir. Então, adormeceu com os olhos semiabertos e começou a sonhar enquanto um zumbido baixo e familiar subitamente alcançou seus ouvidos.

HOLMES DESPERTOU, OFEGANTE. O que acontecera?

Sentado à sua escrivaninha, olhou para a janela do sótão. Lá fora, o vento soprava, monótono e firme, cantarolando nas vidraças, ondulando pelas calhas, balançando galhos de pinheiro no quintal e, sem dúvida, agitando as flores de seus canteiros. Afora as rajadas além da janela fechada e o cair da noite, tudo em seu escritório permanecia como estava antes de ele ter adormecido. Os tons mutantes do crepúsculo enquadrado entre as cortinas entreabertas da janela foram substituídos pela total escuridão, embora a lamparina de mesa lançasse o mesmo brilho sobre o tampo de sua escrivaninha. E ali, espalhadas a esmo à sua frente, estavam as notas manuscritas do terceiro volume de *A completa arte da detecção* — páginas e mais páginas de reflexões, palavras frequentemente rabiscadas na margem — em linhas dispersas e, de certa forma, sem qualquer ordem concebível. Considerando que os dois primeiros volumes revelaram-se uma tarefa bastante fácil (ambos escritos simultaneamente durante quinze anos), este mais recente esforço era prejudicado pela incapacidade de se concentrar inteiramente: sentava-se e logo adormecia com a caneta na mão; sentava-se e ficava olhando para fora da janela às vezes por períodos que lhe pareciam horas; sentava-se e começava a escrever uma série irregular de frases, a maioria não relacionada e livre, como se algo palpável pudesse evoluir daquela confusão de ideias.

O que acontecera?

Ele tocou o pescoço, esfregando-o levemente. É só o vento, pensou. Aquele rápido cantarolar na janela, filtrando-se em seu sono, despertando-o assustado.

É só o vento.

Seu estômago roncou. Então, percebeu que perdera o jantar outra vez. Tinha certeza de que encontraria o habitual rosbife com pão de Yorkshire com acompanhamentos de sexta-feira da Sra. Munro, em uma bandeja no corredor (as batatas assadas já frias junto à porta fechada do sótão). Gentileza de Roger, pensou. Um bom menino. Porque durante a última semana — enquanto ele permanecera trancado no sótão, renunciando à ceia e às suas atividades normais no apiário — a bandeja sempre fora trazida escada acima, e toda vez a encontrava assim que saía ao corredor.

Mais cedo naquele dia, Holmes sentira um pouco de culpa por ter negligenciado seu apiário, então, após o café da manhã, foi até lá, avistando Roger ao longe, ventilando as colmeias. Antecipando o clima quente e com o fluxo de néctar no auge, o menino sabiamente abriu os armazéns de mel de cada colmeia, permitindo que uma corrente de ar passasse pela entrada e saísse pelo topo, auxiliando, assim, as asas vibrantes, que, além de também ajudarem a resfriar as colmeias, poderiam evaporar melhor o néctar ali armazenado. Então, a culpa que Holmes sentira desapareceu, pois as abelhas estavam sendo bem tratadas, e era evidente que sua tutela informal, se não deliberada, sobre Roger alcançara bons frutos (os cuidados com o apiário, teve o prazer de observar, estavam nas mãos capazes e atentas do menino).

Logo, Roger começaria a colher mel por conta própria — removendo cautelosamente as armações, uma de cada vez, acalmando as abelhas com uma nuvem de fumaça, usando um garfo para erguer a cobertura de cera das células — e, nos dias que viriam, uma pequena quantidade de mel fluiria através de um filtro duplo para dentro de um balde de mel, seguida depois por quantidades maiores. Do lugar onde estava no passeio do jardim, Holmes podia se imaginar outra vez no apiário com o rapaz, instruindo Roger sobre os métodos mais simples por meio dos quais um novato poderia produzir mel em favos.

Após colocar um recipiente para armazenar mel em determinada colmeia, dissera anteriormente ao menino, era melhor usar oito armações de extração em vez de dez, fazendo-o apenas quando o néctar estivesse fluindo. Em seguida, as duas armações remanescentes deveriam ser fixadas no centro do armazém de mel, certificando-se de usar uma fundação de favos não aramada. Se tudo estivesse correto, a colônia extrairia a fundação, preenchendo as duas armações com mel. Quando as armações de favos ficassem cheias e niveladas, deveriam ser imediatamente substituídas com mais de favos — desde que, é claro, o fluxo estivesse ocorrendo como esperado. No caso de o fluxo ser menos abundante do que o desejado, seria sábio, então, substituir a fundação de favos não aramada por uma de extração aramada. Obviamente, ressaltou, as colmeias deviam ser inspecionadas com frequência para que pudessem decidir melhor qual o método de extração apropriado.

Holmes instruíra Roger sobre todo o procedimento, mostrando ao garoto cada etapa do processo, certo de que — quando o mel estivesse pronto para ser colhido — Roger seguiria suas instruções ao pé da letra.

— Você deve compreender, meu rapaz, que estou lhe confiando essa tarefa porque acredito que você é plenamente capaz de realizá-la sem erros.

— Obrigado, senhor.

— Tem alguma pergunta?

— Não, acho que não — respondeu o menino com brando entusiasmo, o que de certa forma dava a falsa impressão de que ele estava sorrindo, mesmo com uma expressão séria e concentrada.

— Muito bom — disse Holmes, deslocando o olhar do rosto de Roger para as colmeias em torno. Não percebeu que o garoto continuava olhando para ele, que estava sendo observado com a mesma plácida reverência que ele mesmo reservava apenas para o apiário. Em vez disso, Holmes ponderou sobre as idas e vindas dos habitantes de seu apiário, sobre as comunidades atarefadas,

diligentes e ativas das colmeias. — Muito bom — repetiu, sussurrando para si mesmo naquela tarde de um passado recente.

Virando-se para o passeio do jardim e lentamente tomando o caminho de casa, Holmes sabia que a Sra. Munro acabaria por fazer sua parte, enchendo frasco após frasco com o mel excedente, oferecendo um lote para a paróquia, outro para a missão de caridade e mais um para o Exército da Salvação quando fosse fazer compras na cidade. Ao dar esses presentes em forma de mel, Holmes acreditava que também estava fazendo a sua parte — disponibilizando o material viscoso de suas colmeias (algo que ele considerava um saudável subproduto de seu verdadeiro interesse: a cultura de abelhas e os benefícios da geleia real), dando-os para quem distribuiria de forma justa os vários frascos sem rótulo (na condição de que seu nome nunca fosse associado ao que fora dado), e proporcionando uma benéfica doçura para os menos afortunados de Eastbourne e, esperava, de outras partes.

— Senhor, o que está fazendo é um trabalho abençoado por Deus — disse-lhe a Sra. Munro certa vez. — Com certeza, é a vontade Dele que o senhor está seguindo, o modo como ajuda os necessitados.

— Não diga esse absurdo — respondeu com desdém. — Quando muito, estou seguindo a minha vontade. Vamos remover Deus desta equação, está bem?

— Como quiser — disse ela em um tom bem-humorado. — Mas, se me perguntasse, diria que é a vontade de Deus.

— Minha cara senhora, nunca lhe perguntei nada a respeito.

Afinal de contas, o que ela poderia saber sobre Deus? A personificação de seu Deus, imaginava Holmes, com certeza era a popular: um velho enrugado sentado oniscientemente em um trono de ouro, reinando sobre a criação no interior de nuvens gordas, falando ao mesmo tempo de forma gentil e autoritária. Seu Deus certamente tinha uma barba comprida. Para Holmes, era divertido pensar que o Criador da Sra. Munro provavelmente se parecia um

pouco com ele — só que o Deus dela era fruto da imaginação, ao passo que ele, não (ao menos não por completo, ponderou).

No entanto, afora esporádicas referências a uma entidade divina, a Sra. Munro não era abertamente filiada a nenhuma igreja ou religião, nem fizera qualquer esforço óbvio para insinuar Deus na mente do filho. Era evidente que o menino tinha preocupações muito leigas, e, verdade seja dita, Holmes gostava do caráter pragmático do jovem. Por isso, naquela noite de ventania, em sua escrivaninha, escreveria diversas linhas para Roger, algumas frases que gostaria que o menino lesse algum tempo depois.

Pousando uma folha de papel à sua frente e baixando o rosto para a escrivaninha, começou a escrever:

Não será por meio de dogmas de doutrinas arcaicas que você adquirirá maior discernimento, mas sim pela evolução contínua da ciência, e por meio de suas perspicazes observações do ambiente natural além das janelas. Para compreender verdadeiramente a si mesmo, o que também é compreender verdadeiramente o mundo, basta olhar para a vida abundante ao seu redor — o prado florido, as florestas inexploradas. Sem que isso se torne o objetivo primordial da humanidade, não prevejo a chegada de uma verdadeira era de iluminação.

Holmes baixou a caneta. Ponderou duas vezes sobre o que fora escrito, lendo as palavras em voz alta, sem mudar nada. Depois, dobrou o papel em um quadrado perfeito, pensando em um local aceitável para guardá-lo — um lugar onde não fosse esquecido, um lugar de onde pudesse recuperá-lo com facilidade. As gavetas da escrivaninha estavam fora de questão, já que o bilhete em breve se perderia entre seus escritos. Da mesma forma, os desorganizados e superlotados gabinetes de arquivos seriam muito arriscados, assim como os confusos enigmas que eram os seus bolsos (frequentemente, pequenos itens iam parar ali sem querer — pedaços de papel, fósforos quebrados, um charuto, grama, uma pedra ou uma concha interessante encontrada na praia, essas coisas

incomuns que recolhia em suas caminhadas — somente para desaparecerem ou aparecerem mais tarde, como se por encanto). Um lugar confiável, decidiu. Algum local apropriado, memorável.

— Onde, então? Pense...

Ele pesquisou os livros empilhados junto a uma parede.

— Não...

Girando a cadeira, olhou para as estantes ao lado da porta do sótão, estreitando o olhar para uma única prateleira reservada exclusivamente aos seus livros publicados.

— Talvez...

Logo depois, ele estava de pé diante desses antigos exemplares e de várias monografias de sua autoria, traçando com o dedo indicador uma linha horizontal pelas lombadas empoeiradas — *Sobre tatuagens, Sobre identificação de pegadas, Sobre as diferenças de cinzas de cento e quarenta tipos de tabaco, Um estudo sobre a influência de uma profissão no formato da mão, Dissimulação, A máquina de escrever e sua relação com o crime, Escrita secreta e cifrada, Sobre os motetos polifônicos de Lasso, Um estudo sobre raízes caldeias no antigo idioma da Cornuália, O uso de cães no trabalho do detetive* —, até chegar à primeira obra-prima de sua velhice: *Manual prático de cultura de abelhas com algumas observações sobre a segregação da rainha*. Quão imenso lhe pareceu o livro quando o retirou da prateleira, embalando com as palmas das mãos a robusta lombada.

Entre o capítulo 4 (“Forragem de abelhas”) e o capítulo 5 (“Própolis”), a nota para Roger destacava-se como um marcador de livro, pois Holmes decidira que aquela rara edição seria um presente adequado para o próximo aniversário do menino. Claro que, sendo alguém que raramente se lembrava de aniversários, ele precisava perguntar à Sra. Munro quando seria celebrado o dia auspicioso (já acontecera ou era iminente?). Ele imaginou o olhar surpreso surgindo no rosto de Roger quando o livro lhe fosse entregue, os dedos do menino virando as páginas lentamente enquanto o lia

sozinho no seu quarto no chalé e, finalmente, o bilhete dobrado sendo descoberto (uma forma mais prudente, menos intrometida, de entregar uma mensagem importante).

Certo de que a nota estava em local seguro, Holmes devolveu o livro à prateleira. Ao caminhar em direção à escrivaninha, sentiu-se aliviado por poder voltar a se concentrar no trabalho. E assim que se sentou em sua cadeira, olhou fixamente para as páginas manuscritas que cobriam o tampo da escrivaninha, cada uma preenchida com inúmeras palavras apressadamente escritas, caracteres à tinta parecendo rabiscos infantis — mas justamente nesse momento os fios de sua memória começaram a se desenrolar, deixando-o incerto quanto a quem aquelas páginas pertenciam de fato. Logo os fios flutuaram para longe, desaparecendo na noite como folhas sopradas das sarjetas, e por um breve intervalo de tempo ele ficou olhando para as páginas, embora sem nada questionar, recordar nem pensar.

No entanto, suas mãos se mantiveram ocupadas mesmo enquanto sua mente estava ausente. Seus dedos percorriam o topo da escrivaninha, passando pelas várias páginas à sua frente, sublinhando frases aleatoriamente — vasculhando as pilhas de papéis sem qualquer razão aparente. Era como se seus dedos estivessem se mexendo por conta própria, em busca de algo recentemente esquecido. Páginas e mais páginas foram postas de lado, umas sobre as outras, formando uma pilha inteiramente nova perto do centro da escrivaninha, até que, finalmente, seus dedos ergueram aquele manuscrito inacabado unido por um elástico: *A harmonicista de vidro*. De início, manteve o olhar fixo no manuscrito, parecendo indiferente à sua redescoberta; tampouco percebeu que Roger estudara repetidamente aquele texto, esgueirando-se em algumas ocasiões no sótão para verificar se a história fora aumentada ou concluída.

Mas foi o título do manuscrito que finalmente tirou Holmes de seu estupor, provocando um sorriso curioso e modesto entre sua barba. Se aquelas palavras não estivessem claramente escritas no topo,

aparecendo acima da primeira seção, ele poderia ter posto o manuscrito na nova pilha, onde o texto seria mais uma vez esquecido sob anotações posteriores e não relacionadas. Ele retirou o elástico, deixando-o cair na escrivaninha. Então, reclinou-se na cadeira e leu a história incompleta como se tivesse sido escrita por outra pessoa. No entanto, a lembrança da Sra. Keller subitamente persistiu com certa clareza. Ele foi capaz de se lembrar de sua fotografia e de seu marido aborrecido, sentado à sua frente na Baker Street. Mesmo ao fazer uma pausa de alguns segundos, olhando para o teto, conseguiu voltar no tempo: saindo da Baker Street com o Sr. Keller, misturando-se ao tumulto das ruas londrinas enquanto caminhavam em direção à Portman's. Naquela noite, ele conseguiu se ocupar do passado melhor do que do presente, enquanto o vento murmurava incessantemente nas vidraças do sótão.

II. *Inquietação em Montague Street*

Precisamente às quatro da tarde, eu e meu cliente estávamos junto a um poste de luz, esperando do outro lado da rua em frente à Portman's, mas a Sra. Keller ainda não chegara. Coincidentemente, estávamos perto dos cômodos encortinados que eu alugara na Montague Street quando viera a Londres pela primeira vez, em 1877. Obviamente, não havia nenhuma razão para compartilhar tais informações pessoais com meu cliente ou dizer que — na época em que eu ocupara aqueles cômodos — a atual Portman's havia sido uma pensão feminina de reputação duvidosa. A área em si pouco mudara desde que ali me hospedara, e consistia principalmente de habitações idênticas e contíguas, os andares térreos revestidos com pedra branca, os três níveis superiores, com tijolos.

Enquanto estava ali, meus olhos percorrendo aquelas janelas do passado e as do presente, dei-me conta de algo que me escapara ao longo dos anos: o anonimato de meus primeiros tempos de prática, a liberdade de ir e vir sem ser reconhecido ou desviado do meu caminho. Assim, embora a rua continuasse como sempre fora, percebi que minha encarnação mais velha diferia um pouco do homem que eu fora quando morei ali. Naquela época, os disfarces eram usados apenas como meio de infiltração e observação, uma forma de me intrometer facilmente em diversas partes da cidade enquanto obtinha informações. Entre os vários papéis que assumi, havia um vagabundo comum, um jovem e devasso encanador chamado Escott, um venerável padre italiano, um *ouvrier* francês e até mesmo uma velha. No entanto, perto do fim de minha carreira, passei a levar comigo um bigode falso e óculos com o único propósito de escapar dos vários seguidores das narrativas de John. Não podia mais trabalhar sem ser identificado, nem podia jantar em público sem que estranhos me abordassem durante a refeição, querendo conversar e apertar minha mão, fazendo perguntas intoleráveis

sobre a minha profissão. Portanto, pode parecer um lapso imprudente — como logo percebi enquanto saía às pressas da Baker Street com o Sr. Keller — o fato de eu ter me esquecido de trazer meu disfarce ao iniciar aquele caso, pois, enquanto corríamos para a Portman's, fomos abordados por um operário amável e simplório, a quem ofereci algumas palavras lacônicas.

— Sherlock Holmes? — perguntou, subitamente juntando-se a nós enquanto atravessávamos a Tottenham Court Road. — É o senhor mesmo, não é? Li todas as suas histórias, senhor.

Respondi com um gesto, um rápido aceno, com a intenção de fazê-lo se afastar. Mas o sujeito não desistiu. Boquiaberto, voltou-se para o Sr. Keller, dizendo:

— E suponho que este seja o Dr. Watson.

Surpreendido pelo operário, meu cliente olhou para mim com uma expressão constrangida.

— Que ideia absurda — falei com recato. — Se sou Sherlock Holmes, então explique como é possível que este senhor muito mais jovem seja o doutor?

— Não sei. Mas o senhor é Sherlock Holmes. Posso dizer que não me engano facilmente.

— Talvez seja um tanto retardado?

— Não, senhor, não diria isso. — Soando ligeiramente desconfiado e confuso, o trabalhador parou enquanto continuamos a andar. — O senhor está trabalhando em um caso? — perguntou atrás de nós.

Mais uma vez fiz um gesto com a mão, e não lhe disse nada. Era assim que eu geralmente lidava com a abordagem indesejada de estranhos. Além disso, se o operário realmente conhecesse as histórias de John, com certeza saberia que eu nunca falava ou divulgava meus pensamentos enquanto havia um caso em andamento. No entanto, meu cliente pareceu surpreso com minha indelicadeza, mas não comentou nada, e nós dois continuamos a caminhar em silêncio em direção à Montague Street. Após nos posicionarmos perto da Portman's, comecei a perguntar algo que me passara pela cabeça quando estávamos a caminho:

— Uma última pergunta: em relação ao pagamento...

Minha observação foi interrompida pelo Sr. Keller, que falou com urgência, agarrando a lapela do próprio casaco com seus dedos brancos e finos.

— Sr. Holmes, é verdade que recebo um salário modesto, mas farei o que for necessário para remunerá-lo por seus serviços.

— Meu caro rapaz, minha profissão é a minha própria recompensa — falei, sorrindo. — Caso eu tenha alguma despesa, o que, neste caso, não antevejo, poderá pagá-las quando seu modesto salário o permitir. Agora, se conseguir se conter um instante, peço-lhe que me deixe terminar a pergunta que estava tentando fazer: como sua mulher pôde pagar por essas aulas clandestinas?

— Não sei — respondeu. — Mas ela tem os próprios meios.

— Você está se referindo à sua herança.

— Sim.

— Muito bem — falei, examinando o tráfego humano do outro lado da rua, tendo o campo visual ocasionalmente obstruído por carruagens e tílburis, e por um meio de transporte que vinha se tornando menos incomum naqueles tempos, ao menos na classe abastada: o automóvel.

Acreditando que meu caso estivesse quase encerrado, esperei ansiosamente pela chegada da Sra. Keller. Depois de vários minutos sem que ela surgisse, perguntei-me se não teria entrado na Portman's antes da hora. Ou talvez estivesse inteiramente ciente das suspeitas do marido e decidira não aparecer. Quando eu estava a ponto de sugerir a última possibilidade, os olhos de meu cliente se estreitaram. Meneando a cabeça, ele sussurrou:

— Lá está ela! — E fez menção de persegui-la.

— Calma — pedi, colocando a mão no seu ombro. — Por enquanto, devemos manter distância.

Então também a vi caminhando ociosamente em direção à Portman's, uma figura lenta movendo-se em meio a pedestres mais apressados. A sombrinha amarelo-clara que pairava acima dela estava em desacordo com a mulher embaixo dele, considerado que a Sra. Keller, uma criatura minúscula, usava um vestido cinza convencional, no austero estilo peito de pombo, com a linha da cintura mais baixa à frente para acentuar a curva em S de seu corpete. Usava luvas brancas e embalava um pequeno livro com capa marrom em

uma das mãos. Ao chegar à entrada da Portman's, ela baixou e fechou a sombrinha, colocando-o debaixo do braço antes de entrar.

O ombro de meu cliente resistiu a meu aperto, mas eu o impedi de sair correndo à minha frente, perguntando-lhe:

— Sua mulher tem o hábito de passar perfume?

— Sim, tem.

— Excelente — falei, soltando-o e ultrapassando-o na rua. — Vamos ver do que se trata tudo isso?

Meus sentidos são — como meu amigo John destacou — notavelmente aguçados, e há muito mantenho a convicção de que o resultado imediato de determinado caso se baseia com frequência no imediato reconhecimento de perfumes. Portanto, seria oportuno que os especialistas criminais aprendessem a distingui-los. Quanto ao perfume de escolha da Sra. Keller, era uma sofisticada mistura de rosas, complementada por um toque de especiarias, que foi detectado pela primeira vez à entrada da Portman's.

— A fragrância é Cameo Rose, certo? — sussurrei para meu cliente. Mas, como ele já havia passado por mim com pressa, não obtive resposta.

Ainda assim, quanto mais avançávamos, mais forte o aroma ficava, até que, ao parar brevemente para distinguir de onde vinha, senti que a Sra. Keller estava em algum lugar muito perto de nós. Meus olhos vasculharam o pequeno e empoeirado estabelecimento — estantes bambas e desniveladas inclinando-se de um lado a outro da loja, livros lotando as prateleiras e também empilhados ao acaso em corredores escuros. Não a vi em parte alguma, nem o proprietário idoso que eu imaginara que estaria sentado atrás do balcão junto à porta de entrada com o rosto voltado para algum texto obscuro. Na verdade, desprovida de funcionários e clientes, a Portman's transmitia a estranha impressão de estar desocupada. Assim que tal pensamento passou por minha cabeça, como se para enfatizar a aura incomum do lugar, ouvi música no andar de cima.

— É a Ann, Sr. Holmes. Ela está lá agora. Está tocando!

Creio que chamar tal abstração etérea de música era impreciso, pois os sons delicados que chegavam aos meus ouvidos não tinham forma, arranjo nem melodia. No entanto, o magnetismo do instrumento teve o seu efeito: os tons variados convergiram em uma única e sustentada harmonia que era

ao mesmo tempo dissonante e cativante, o bastante para que eu e meu cliente fôssemos atraídos em sua direção. Com o Sr. Keller à frente, passamos por estantes e atingimos um lance de escada perto da porta dos fundos.

Contudo, enquanto subia até o segundo andar, percebi que o odor de Cameo Rose não passara do térreo. Olhei para trás e examinei a loja mais abaixo. Mais uma vez não vi ninguém. Abaixei-me para olhar melhor e, sem sucesso, fixei os olhos no topo das estantes. Esta minha hesitação me impediu de evitar que o Sr. Keller batesse vigorosamente à porta de Madame Schirmer, uma breve batida que ressoou pelo corredor e silenciou o instrumento.

Até certo ponto, porém, o caso estava encerrado no momento em que me juntei a ele. Sem dúvida, eu sabia que a Sra. Keller estava em outro lugar, e que outra pessoa estava tocando a harmônica. Ah, eu não deveria revelar tanto ao tentar escrever minha narrativa. Ao contrário de John, não sei postergar a verdade, nem tenho o talento de ocultar os pontos relevantes para criar uma conclusão superficialmente significativa.

— Acalme-se, homem — falei, advertindo meu cliente. — Você não deveria se expor assim.

O Sr. Keller franziu as sobrancelhas e manteve o olhar na porta.

— Peço perdão — disse ele.

— Não há nada a perdoar. Contudo, uma vez que seu furor poderá impedir nosso progresso, falarei em seu nome a partir de agora.

O silêncio que se seguiu à furiosa batida à porta de meu cliente foi então substituído pelos passos rápidos e igualmente potentes de Madame Schirmer. A porta se abriu e ela apareceu em seguida, com a expressão furiosa e gestos agitados, a mulher mais vigorosa que já conheci. Antes que ela pudesse pronunciar qualquer palavra exaltada, tomei a frente e entreguei-lhe meu cartão de visita, dizendo:

— Boa tarde, Madame Schirmer. Você poderia fazer a gentileza de nos conceder um pouco do seu tempo?

Encarando-me momentaneamente com um olhar curioso, fixou os olhos alarmados em meu cliente.

— Prometo que não lhe deteremos por mais que alguns minutos — continuei, batendo o dedo no cartão que ela estava segurando. — Talvez você me conheça.

Desconsiderando minha presença por completo, Madame Schirmer falou asperamente:

— Herr Keller, não volte mais aqui! Não aceitarei esse tipo de interrupção! Por que você vem aqui me criar problemas? O mesmo se aplica ao senhor — acrescentou, fixando o olhar em mim. — É isso mesmo! Você é amigo dele, não é? Então vá embora com ele e nunca mais volte! Não tenho paciência para pessoas como vocês!

— Minha prezada senhora, por favor — falei, tirando o cartão da mão dela e erguendo-o diante de seu rosto.

Para minha surpresa, ao ver meu nome, ela balançou a cabeça, resistente.

— Não, não, você não é essa pessoa — disse ela.

— Eu lhe asseguro, Madame Schirmer, que sou.

— Não, não, você não é ele. Não, eu já vi essa pessoa diversas vezes.

— Poderia me dizer onde o conheceu?

— Na revista, é claro! Esse detetive é muito mais alto, não é? Cabelo preto, nariz grande e com cachimbo. Como pode ver, você não é ele.

— Ah, a revista! Aquela é uma deturpação um tanto intrigante. Nisso podemos concordar. Infelizmente, não faço justiça à minha caricatura. Se a maioria das pessoas que conheço me imaginasse erroneamente como a senhora, Madame Schirmer, então talvez minha liberdade fosse menos tolhida.

— Você é ridículo! — Com isso, ela amassou o cartão e jogou-o aos meus pés. — Vejam, ou vocês vão embora imediatamente ou chamarei a polícia!

— Não posso sair daqui — disse o Sr. Keller com firmeza. — Não até ver Ann com meus próprios olhos.

Subitamente, nossa incomodada antagonista pisou com força no chão repetidas vezes até o ruído reverberar abaixo de nós.

— Herr Portman — gritou em seguida, sua voz enfática ecoando pelo corredor. — Estou com problemas! Chame a polícia! Há dois assaltantes à minha porta! Herr Portman...

— Madame Schirmer, isso não vai adiantar — falei. — Parece que o Sr. Portman saiu. — Então, voltei-me para meu cliente, que parecia profundamente contrariado. — Você também deve saber, Sr. Keller, que Madame Schirmer está completamente dentro de seus direitos e que não temos base legal para entrarmos em seu apartamento. Contudo, ela deve compreender que a sua iniciativa é regida unicamente pela preocupação com sua esposa. Atrevo-me a acreditar que, se formos autorizados a entrar com Madame Schirmer por apenas dois minutos, com certeza poderíamos resolver essa questão.

— Sua esposa não está aqui, Herr Keller — disse a mulher com desagrado. — Eu já lhe disse isso várias vezes. Por que você vem até aqui me trazer seus problemas? Posso chamar a polícia, sabia?

— Não há nenhuma razão para isso — falei. — Estou plenamente consciente do fato de que o Sr. Keller acusou-a de forma injusta, Madame Schirmer. Mas qualquer interferência por parte da polícia só complicaria o que é, na verdade, um assunto bastante triste. — Eu me inclinei para a frente e sussurrei algumas palavras em seu ouvido. — Como vê — disse ao me afastar —, sua ajuda seria muito valiosa.

— Como eu poderia saber disso? — Ela suspirou, sua expressão mudando de aborrecida para arrependida.

— É verdade — respondi com simpatia. — Minha profissão, lamento dizer, às vezes é um negócio deplorável.

Enquanto o confuso rosto de meu cliente se voltava para mim, Madame Schirmer pensou um instante, com suas enormes mãos nos quadris. Em seguida, balançou a cabeça e deu um passo para o lado, gesticulando para que entrássemos.

— Herr Keller, acho que não é culpa sua. Entre se quiser ver com os próprios olhos, pobre homem.

Tivemos acesso a uma sala escassamente decorada, com um teto baixo e janelas semiabertas. Havia um piano de armário em um canto, um cravo e um bom número de instrumentos de percussão em outro, e, posicionadas lado a lado junto às janelas, duas harmônicas maravilhosamente restauradas. Tais instrumentos, com uma série de pequenas cadeiras de vime ao seu redor, eram os únicos objetos naquela sala despojada. Afora um

tapete Wilton quadrado no centro, as ripas acastanhadas e desbotadas do assoalho permaneciam expostas; as paredes pintadas de branco também não tinham adornos, permitindo que as ondas de som refletissem de tal forma a produzir um eco característico.

Não foi, no entanto, a decoração da sala que imediatamente me chamou a atenção, nem o perfume das flores primaveris que entrava pelas janelas abertas; ao contrário, era a criatura frágil e inquieta sentada diante de uma das harmônicas: um menino de não mais de dez anos, cabelo ruivo e bochechas sardentas, voltando-se nervosamente em seu assento para nos olhar quando entramos na sala. Ao ver a criança, meu cliente se deteve. Então, seus olhos vagaram pelo cômodo enquanto Madame Schirmer observava da porta, com os braços cruzados à altura da cintura. Eu, por outro lado, caminhei em direção ao menino, dirigindo-me a ele com a mais calorosa das entonações:

— Olá.

— Olá — respondeu a criança timidamente.

Olhando de volta para meu cliente, sorri e disse:

— Suponho que esse jovem não seja a sua mulher.

— Você sabe que não. — Foi a resposta irritada que recebi. — Mas não consigo entender. Onde está Ann?

— Paciência, Sr. Keller, paciência.

Puxei uma das cadeiras para perto da harmônica e sentei-me ao lado do menino enquanto eu observava o instrumento, apreendendo cada detalhe.

— Qual é o seu nome, garoto?

— Graham.

— Então, Graham — comecei, percebendo que os vidros antigos eram mais finos nos agudos e, portanto, mais fáceis de tocar. — Madame Schirmer é boa professora?

— Acho que sim, senhor.

— Hum — falei, pensativo, correndo um dedo pelas bordas dos vidros.

Nunca tive a oportunidade de observar detalhadamente uma harmônica — ainda mais uma em condições tão perfeitas. O que eu sabia era que o instrumento era tocado com o intérprete sentado em frente ao conjunto de vidros, girando-os por meio de um pedal, ocasionalmente molhando-os com

uma esponja umedecida. Também sabia que era necessário usar ambas as mãos, permitindo a execução de diferentes partes ao mesmo tempo. Contudo, ao olhar atentamente para a harmônica, notei que os vidros tinham a forma de hemisférios, cada um com um bocal aberto no centro. O vidro maior e mais agudo era a nota sol. Cada vidro — com exceção dos semitons, que eram brancos — tinha o interior pintado com uma das sete cores prismáticas: dó, vermelho; ré, laranja; mi, amarelo; fá, verde; sol, azul; lá, índigo; si, roxo; e dó, vermelho de novo. Os cerca de trinta vidros variavam de vinte e três a nove centímetros de diâmetro; fixados em um eixo, acomodavam-se em um estojo de um metro — afunilado no sentido do comprimento para se adaptar à forma cônica dos vidros e fixado a uma moldura com quatro pernas — erguido sobre dobradiças na metade de sua altura. O eixo que cruzava o estojo horizontalmente era de ferro, e rodava dentro de encaixes de bronze em cada extremidade. No lado mais largo do estojo havia uma haste quadrada, onde fora fixada uma roda de mogno. A roda servia como um diferencial para manter o movimento constante quando o eixo e os vidros eram rodados pela ação do pedal. Com uma tira de chumbo oculta ao longo de sua circunferência, a roda parecia ter cerca de quarenta e cinco centímetros de diâmetro e, a cerca de dez centímetros do eixo, havia um pino de marfim fixado em sua face; ao redor da extremidade do pino tinha um laço de corda, que se estendia do pedal móvel para proporcionar o movimento.

— É uma engenhoca notável — falei. — Devo entender que os tons são mais prolongados quando os vidros rodam das extremidades dos dedos, não quando rodam para eles?

— Sim, é isso — respondeu Madame Schirmer às nossas costas.

O sol já se inclinava no horizonte e sua luz refletia nos vidros. Os olhos arregalados de Graham lentamente se estreitaram, e o som do inquieto suspiro do meu cliente tirou vantagem da acústica do ambiente. Vindo de fora, o aroma de narcisos formigava em minhas narinas, um cheiro semelhante ao de cebola com um toque de mofo. Não estou sozinho em minha antipatia pelo sutil aroma dessas flores, pois os cervos também as repelem. Em seguida, tocando os vidros mais uma vez, falei:

— Se as circunstâncias fossem diferentes, eu lhe pediria para tocar para mim, Madame Schirmer.

— Claro, podemos combinar, senhor. Às vezes faço apresentações particulares.

— É claro — falei, erguendo-me da cadeira. Batendo delicadamente no ombro do menino, prossegui: — Acredito que já atrapalhamos a sua aula o bastante, Graham. Então, deixaremos você e sua professora em paz.

— Sr. Holmes! — gritou meu cliente em protesto.

— Sr. Keller, não há mesmo mais nada para vermos aqui, afora aquilo que Madame Schirmer tem a oferecer profissionalmente.

Com isso, girei sobre os calcanhares e atravessei a sala, seguido pelo olhar perplexo da mulher. O Sr. Keller correu para se juntar a mim no corredor, e, ao sairmos do apartamento, eu disse, enquanto ela fechava a porta:

— Obrigado, Madame Schirmer. Nós não a incomodaremos novamente, embora pode ser que venha procurá-la em breve para ter uma ou duas aulas. Adeus.

Contudo, no momento que cruzávamos o corredor, a porta se abriu e ouvimos a voz da mulher:

— Então é verdade? Você é o sujeito da revista?

— Não, minha cara senhora, não sou ele.

— Ha! — exclamou ela, e a porta se fechou.

Quando meu cliente e eu chegamos ao pé da escada, parei para acalmá-lo, pois seu rosto enrubescera e se tornara sombrio ao encontrar o menino, em vez da esposa. Suas sobrancelhas estavam tensionadas e seus olhos brilhavam, com uma expressão quase irracional. Suas narinas também estavam dilatadas de vergonha, e sua mente estava absolutamente confusa com o paradeiro da esposa, por isso seu rosto expressava uma dúvida significativa.

— Sr. Keller, asseguro-lhe que nem tudo é tão grave quanto imagina. De fato, apesar de algumas omissões deliberadas da parte dela, sua mulher tem sido honesta nas satisfações que lhe dá.

Sua expressão sombria se aliviou um pouco.

— Evidentemente o senhor viu mais lá em cima do que era visível para mim — disse ele.

— Talvez, mas aposto que você viu exatamente o mesmo que eu. No entanto, posso ter percebido um pouco mais. Mesmo assim, precisa me dar uma semana para chegar a uma conclusão satisfatória.

— Estou em suas mãos.

— Muito bom. Peço-lhe que volte imediatamente a Fortis Grove, e, quando sua mulher chegar, não deve lhe dizer o que aconteceu aqui hoje. É muito importante, Sr. Keller, que você siga inteiramente o meu conselho.

— Sim, senhor. Tentarei fazer isso.

— Excelente.

— Mas gostaria de saber algo primeiro, Sr. Holmes. O que falou ao ouvido de Madame Schirmer que nos permitiu entrar em seu apartamento?

— Ah, sim — exclamei com um gesto de descaso. — Foi uma mentira simples, embora eficaz, que já usei antes em casos semelhantes. Disse-lhe que você estava morrendo e que sua esposa o abandonara nesse momento de necessidade. O próprio fato de eu ter sussurrado deveria ter denunciado a mentira, embora o truque raramente falhe, como uma espécie de chave mestra.

O Sr. Keller olhou para mim com uma leve expressão de desagrado.

— Ora, vamos! — exclamei, e voltei o rosto para o outro lado.

Ao chegarmos à frente da loja, finalmente encontramos o proprietário idoso, um sujeito pequeno e enrugado, que retomara seu lugar atrás do balcão. Sentado ali com um macacão de jardinagem manchado de terra, debruçado sobre um livro, o homem segurava uma lupa com a mão trêmula e a usava para ler. Perto dele havia um par de luvas marrons que ele aparentemente tirara e deixara sobre o balcão. Por duas vezes, o sujeito tossiu com tanta severidade que chegou a nos assustar. Mas levei um dedo aos lábios para que meu companheiro permanecesse em silêncio. Contudo, como o Sr. Keller mencionara anteriormente, o homem parecia alheio à presença de qualquer outra pessoa na loja, mesmo quando cheguei a sessenta centímetros dele, olhando para o grande livro que prendia sua atenção: um exemplar sobre a arte da topiaria. As páginas que consegui ver eram ilustradas com desenhos cuidadosos de arbustos e árvores aparadas

em forma de elefante, canhão, macaco e o que parecia ser um canopo egípcio.

Sáímos o mais silenciosamente possível e, ao sol minguante do fim da tarde, pedi uma última coisa a meu cliente antes de partir.

— Sr. Keller, você tem algo que poderia me ser útil no momento.

— Basta dizer.

— A fotografia de sua esposa.

Meu cliente concordou com relutância.

— É claro, se precisa dela.

Ele enfiou a mão dentro do casaco e pegou a foto, oferecendo-a para mim, embora parecesse desconfiado.

Sem hesitar, enfiei a fotografia no bolso, dizendo:

— Eu lhe agradeço, Sr. Keller. Então, não há mais nada a fazer hoje. Desejo-lhe uma noite muito agradável.

E foi assim que o deixei. De posse da imagem de sua mulher, logo voltei para meu retiro. Na rua, passavam ônibus e charretes, tálburis e carruagens de quatro rodas, transportando gente para todos os lugares, enquanto eu me desviava de pedestres na calçada, caminhando em um ritmo deliberado em direção à Baker Street. Algumas carroças rurais passaram por mim, transportando o que restara das verduras levadas à metrópole ao amanhecer. Logo, eu bem sabia, as ruas em torno de Montague Street ficariam tão silenciosas e inanimadas quanto qualquer povoado após o anoitecer. E eu, à essa altura, estaria recostado em minha cadeira, observando a fumaça azul do meu cigarro subindo para o teto.

AO NASCER DO SOL, Holmes já esquecera completamente o bilhete para Roger. Aquilo ficaria dentro do livro, até que, várias semanas depois, ele pegou o exemplar para fins de pesquisa e encontrou a folha dobrada entre os capítulos (uma mensagem curiosa escrita por seu próprio punho, embora ele não se lembrasse disso). Também havia outras folhas dobradas, todas escondidas e esquecidas nos diversos livros no sótão: cartas urgentes nunca enviadas, lembretes estranhos, listas de nomes e endereços, um poema ocasional. Ele não se lembrava de ter escondido uma carta pessoal da rainha Vitória ou o cartaz de uma peça de teatro que guardara desde seu breve envolvimento com a Sasanoff Shakespearean Company (atuando no papel de Horácio em uma produção teatral londrina de *Hamlet* em 1879). Nem se lembrava de ter guardado entre as páginas do livro *Mistérios de apicultura explicados*, de M. Quinby, o desenho irregular, embora detalhado, de uma abelha-rainha feito por Roger quando o menino tinha doze anos e que fora deslizado por baixo da porta do sótão dois verões atrás.

Entretanto, Holmes não estava alheio ao agravamento de sua falha de memória. Ele acreditava que era capaz de rever eventos passados incorretamente, ainda mais se a realidade desses eventos estivesse fora de seu alcance. Mas, perguntou-se, o que foi alterado e o que foi verdade? E o que mais era tido por certo? Mais importante, o que exatamente fora esquecido? Ele não sabia dizer.

Mesmo assim, ele se apegava ao que era consistentemente tangível: sua propriedade, sua casa, seus jardins, seu apiário, seu trabalho. Ele desfrutava de seus charutos, seus livros, às vezes de uma taça de conhaque. Preferia as brisas noturnas e as horas após a

meia-noite. Sem dúvida, a presença tagarela da Sra. Munro muitas vezes o incomodava, embora seu filho de fala mansa sempre houvesse sido uma companhia querida e bem-vinda; mas, nesse caso, suas revisões mentais também mudaram o que de fato era verdade. Afinal, ele não vira o menino com bons olhos à primeira vista: um garoto tímido, desajeitado e emburrado espreitando-o por trás da mãe. No passado, ele seguira a regra inabalável de nunca contratar uma governanta com filhos. Entretanto, a Sra. Munro, que ficara viúva recentemente e precisava de um emprego estável, lhe fora bastante recomendada. Além disso, encontrar ajuda confiável tornara-se muito difícil — principalmente estando isolado no campo —, por isso Holmes deixou claro que ela poderia ficar, desde que as atividades do menino se restringissem ao chalé de hóspedes e que seu trabalho não fosse interrompido por qualquer confusão que a criança pudesse causar.

— Não se preocupe, senhor, eu prometo. Meu Roger não causará nenhum problema. Cuidarei disso.

— Então estamos entendidos, não é mesmo? Posso estar aposentado, mas ainda sou um homem muito ocupado. Distrações desnecessárias de qualquer tipo simplesmente não serão toleradas.

— Sim, senhor, entendo muito bem. Não se preocupe nem um pouco com o menino.

— Não me preocuparei, minha cara, embora suspeite que você deverá se preocupar.

— Sim, senhor.

Quase um ano se passou antes que Holmes voltasse a ver Roger. Certa tarde, enquanto passeava pela parte oeste de sua propriedade, perto do chalé de hóspedes onde a Sra. Munro morava, ele viu o menino ao longe, entrando no chalé com uma rede de caçar borboletas. Depois disso, passou a avistar o garoto solitário mais frequentemente: atravessando prados, fazendo trabalhos escolares nos jardins, observando os seixos na praia. Mas foi apenas quando encontrou Roger no apiário diante das colmeias, com uma

mão segurando o pulso da outra, inspecionando uma picada no centro da palma, que Holmes finalmente dirigiu-se a ele. Segurando a mão do menino, usou uma unha para arrancar o ferrão, e explicou:

— Foi sábio de sua parte não ter arrancado o ferrão. Caso contrário, você com certeza teria esvaziado todo o veneno dentro da picada. Quando for assim, use a unha para tirá-lo e não aperte o depósito, entendeu? Você foi salvo a tempo. Veja, mal começou a inchar. Eu já tive picadas muito piores, lhe garanto.

— Não dói muito — disse Roger, olhando para Holmes com os olhos estreitados, como se o sol brilhasse em seu rosto.

— Em breve vai doer, mas só um pouquinho, espero. Se ficar pior, tente molhar a mão com água salgada ou sumo de cebola. Isso geralmente faz passar a dor.

— Ah.

E embora Holmes esperasse pelas lágrimas do menino (ou, ao menos, algum constrangimento por ter sido flagrado no apiário), ele ficou impressionado com a rapidez com que a atenção de Roger passou da picada para as colmeias: aparentemente fascinado com a vida do apiário, o menino ficou observando o pequeno agrupamento de abelhas movendo-se antes ou após o voo perto das aberturas das colmeias. Se ele tivesse chorado uma única vez, se houvesse demonstrado a menor falta de coragem, Holmes jamais o teria estimulado a ir em frente. Mas levou-o até uma colmeia e ergueu a tampa para que Roger pudesse ver o mundo lá dentro (o armazém de mel com suas células de cera branca, as células maiores que abrigavam as ninhadas de zangões, e as células escuras mais abaixo onde habitavam as ninhadas de operárias). Se não fosse isso jamais teria voltado a pensar naquela criança ou considerado o menino como um igual. (Frequentemente, pensou, crianças extraordinárias costumam ter pais medíocres.) Nem teria convidado Roger a voltar na tarde seguinte, permitindo que o garoto testemunhasse em primeira mão as tarefas de março: a verificação do peso semanal da

colmeia, a combinação de colônias quando uma rainha deixava de funcionar em uma delas, a certificação de que havia alimento suficiente disponível para os ninhos das crias.

Posteriormente, quando passou de espectador curioso a ajudante valorizado, Roger ganhou os trajes que Holmes já não usava mais — as luvas de cor clara e o chapéu telado de apicultor, que foram dispensados assim que ele se sentiu mais confortável para lidar com as abelhas. Logo, aquela tornou-se uma associação fácil e inata. Na maioria das tardes após as aulas, o menino se juntava a Holmes no apiário. Durante o verão, Roger acordava mais cedo, e, quando Holmes chegava, o menino já estava ocupado com as colmeias. Enquanto cuidavam das abelhas ou estavam calmamente sentados no pasto, a Sra. Munro lhes trazia sanduíches, chá, talvez algum doce que ela tivesse preparado naquela manhã.

Nos dias mais quentes — após concluir o trabalho, quando as águas refrescantes das piscinas naturais eram um apelo irresistível — desciam a sinuosa trilha da falésia. Roger caminhava ao lado de Holmes, afastando pedras do caminho íngreme, olhando repetidamente para o mar lá embaixo, curvando-se de vez em quando para examinar algo encontrado no caminho (pedaços quebrados de conchas, um besouro diligente ou um fóssil engastado na parede da falésia). O cheiro quente e salgado aumentava à medida que desciam, assim como o prazer de Holmes pela curiosidade do menino. Uma coisa era tomar conhecimento de certo objeto, mas uma criança inteligente como Roger precisava inspecionar e tocar meticulosamente o que chamava sua atenção. Holmes tinha certeza de que nada havia de muito notável naquele caminho, mas fazia as pausas com Roger, contemplando tudo o que interessava o menino.

Quando desceram a trilha pela primeira vez, Roger olhou para as longas e acidentadas dobras que se elevavam acima deles e perguntou:

— Essa falésia é feita só de calcário?

— Calcário e arenito.

Nas camadas abaixo do calcário havia marga, arenito verde e areia de Wealden sucessivamente, explicou Holmes à medida que desciam. As camadas de marga e a fina camada de arenito foram cobertas com calcário, argila e sílex, acrescentados ao longo dos éons por inúmeras tempestades.

— Ah — exclamou Roger, andando distraidamente para a borda do caminho.

Soltando uma das bengalas, Holmes puxou-o de volta.

— Atenção, rapaz. Cuidado onde pisa. Vamos, segure meu braço.

A trilha mal comportava um adulto, muito menos um homem idoso e um menino andando lado a lado. O caminho tinha menos de um metro de largura, e em certos locais a erosão o diminuía consideravelmente. No entanto, os dois conseguiram descer sem muita dificuldade: Roger mantendo-se perto da borda íngreme, Holmes movendo-se a centímetros da parede da falésia, com seu braço agarrado pelo menino. Mais à frente, o caminho se alargava em certo trecho, fornecendo um mirante e um banco. Embora Holmes tivesse a intenção de continuar (pois a piscina natural só existia durante o dia, uma vez que a maré noturna engolia todo o litoral), subitamente o banco lhe pareceu um local mais conveniente para descansar e conversar. Sentado ali com Roger, ele tirou um charuto jamaicano do bolso, mas logo percebeu que não tinha fósforos. Então, em vez de fumar, mastigou o charuto, saboreando o ar marítimo, e seguiu o olhar do menino, voltado para um ponto onde as gaivotas circulavam, mergulhavam e grasnavam.

— Você ouviu os bacuraus na noite passada? Eu ouvi — disse Roger, tendo a memória despertada pelos gritos das gaivotas.

— Ouviu mesmo? Que sorte.

— As pessoas os chamam de chupa-cabras, mas não acredito que se alimentem de cabras.

— Geralmente, comem insetos. Eles capturam as presas com as asas, sabia?

— Ah.

— Também temos corujas.

A expressão de Roger se iluminou.

— Nunca vi. Gostaria de ter uma coruja, mas minha mãe não considera as aves bons animais de estimação. Mas acho que seria bom ter uma em casa.

— Bem, então talvez a gente possa pegar uma coruja para você uma noite dessas. Temos muitas na propriedade, então certamente não fará falta.

— Sim, eu gostaria muito.

— Claro que seria melhor manter a coruja em um lugar onde sua mãe não a encontre. Meu escritório é uma possibilidade.

— Ela não vai procurar lá?

— Não, ela não se atreveria. Mas, se fizer isso, eu lhe direi que o pássaro pertence a mim.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto do menino.

— Ela acreditaria em você. Sei que ela acreditaria.

Deixando claro que não estava falando sério sobre a coruja, Holmes piscou para Roger. Mesmo assim, apreciou a confiança do menino — o compartilhamento de um segredo, as alianças secretas inerentes a uma amizade —, e isso agradou tanto a Holmes que ele se viu oferecendo aquilo que acabara esquecendo de dizer:

— De qualquer modo, Roger, falarei com a sua mãe. Creio que ela deixaria você ter um periquito. — Então, para dar continuidade à sua camaradagem, prometeu que começariam mais cedo na tarde seguinte e chegariam às piscinas naturais bem antes do anoitecer.

— Devo buscá-lo? — perguntou Roger.

— Sim. Você me encontrará nas colmeias.

— Quando, senhor?

— Às três acho que é cedo o bastante, você não concorda? Isso deve nos dar tempo suficiente para irmos, tomarmos um banho e voltarmos. Acredito que hoje começamos muito tarde para completarmos o passeio.

A luz crepuscular e a brisa marítima cada vez mais intensa já os envolvia. Holmes respirou fundo, estreitando os olhos para o sol poente. Com a vista menos distinguível, o oceano mais além parecia-lhe uma extensão enegrecida margeada por uma enorme e abrasadora erupção. Devemos começar a subir a falésia, pensou. Mas Roger não parecia estar com pressa. Nem Holmes, que olhou de soslaio para o menino e notou aquele rosto jovem e absorto voltado para o céu, aqueles olhos azul-claros fixos em uma gaivota que circulava lá em cima. Só mais um pouco, disse Holmes para si mesmo, sorrindo enquanto observava os lábios de Roger se entreabrindo em um estranho fascínio, sem se intimidar com o brilho do sol ou com o vento persistente.

MUITOS MESES DEPOIS, Holmes se veria sozinho dentro do apertado quarto de Roger (a primeira e última vez que pôs os pés nos aposentos do menino). Em uma manhã nublada e cinza, sem nenhuma outra alma presente no chalé de hóspedes, ele destrancou a propriedade sombria da Sra. Munro e entrou. As cortinas impermeáveis estavam fechadas, as luzes, apagadas, e o cheiro amadeirado de naftalina se sobrepunha a qualquer outro cheiro. A cada três ou quatro passos fazia uma pausa, olhando em frente para a escuridão e reajustando as mãos nas bengalas, como se antecipando que alguma forma vaga e inimaginável emergiria das sombras. Então, continuou em frente — as pontas de suas bengalas soando menos pesadas e cansadas do que seus passos — até atravessar a porta aberta do quarto de Roger, entrando no único cômodo do chalé que não estava completamente isolado da luz do dia.

Era, de fato, um quarto muito bem-arrumado, muito diferente daquilo que Holmes esperava encontrar: a característica bagunça de um menino de vida intensa. O filho de uma governanta, concluiu, certamente seria mais propenso a manter um espaço ordenado do que a maioria das crianças, a menos, é claro, que seu quarto também fosse arrumado pela mãe. Ainda assim, como o rapaz era naturalmente muito caprichoso, Holmes teve certeza de que fora Roger quem organizara as suas coisas de forma tão meticulosa. Além disso, o pungente cheiro de naftalina ainda não penetrara no quarto, o que sugeria a ausência da Sra. Munro ali. Em vez disso, evidenciava-se um aroma de terra úmida, embora não desagradável.

Como cheiro de terra durante uma boa chuvarada, pensou. Como ter terra fresca em mãos.

Durante algum tempo, ficou sentado à beira da cama bem-feita do menino, olhando ao redor — paredes pintadas de azul-bebê, janelas cobertas por cortinas transparentes de renda, diversos móveis de carvalho (a mesa de cabeceira, uma única estante, a cômoda). Olhando pela janela acima de uma escrivaninha de estudante, percebeu finos ramos de árvore entrecruzando-se do lado de fora, que pareciam um tanto etéreos atrás da gaze rendada, raspando quase sem ruído nas vidraças. Em seguida, sua atenção voltou-se para os objetos pessoais que Roger deixara ali: seis livros didáticos empilhados sobre a escrivaninha, uma mochila escolar vazia pendurada na maçaneta da porta do armário, a rede de caçar borboletas em pé, escorada em um canto. Finalmente ele se levantou, caminhando devagar, movendo-se de parede a parede como se estivesse respeitosamente analisando uma exibição em um museu, e então parando por um instante para olhar melhor, resistindo à vontade de tocar em determinados pertences.

Contudo, o que ali viu não o surpreendeu nem lhe forneceu novas percepções a respeito do menino. Havia livros sobre observação de pássaros, sobre abelhas e guerra, vários livros de bolso de ficção científica esfarrapados, um bom número de revistas da *National Geographic* (ocupando duas prateleiras e dispostas em ordem cronológica), pedras e conchas encontradas na praia e organizadas por seu tamanho e semelhança, alinhadas em fileiras de números iguais sobre a cômoda. Além dos seis livros didáticos, a escrivaninha exibia cinco lápis apontados, canetas para desenhar, papéis em branco e o frasco contendo as abelhas japonesas. Tudo fora ordenado e alinhado em um lugar apropriado. O mesmo ocorria com os objetos que ocupavam a mesa de cabeceira: tesoura, cola, um grande álbum de recortes com uma capa preta sem adornos.

Ao que parecia, no entanto, os itens mais reveladores estavam pendurados nas paredes: os coloridos desenhos de Roger (soldados

indistintos disparando rifles marrons uns nos outros, tanques verdes explodindo, violentos rabiscos vermelhos irrompendo de torsos ou de testas de rostos estrábicos, fogo antiaéreo amarelo em direção a uma frota de bombardeiros azul-escuros, bonecos massacrados espalhados sobre um sangrento campo de batalha enquanto um sol alaranjado erguia-se no horizonte rosado); três fotografias emolduradas, retratos em tons de sépia (uma sorridente Sra. Munro segurando o filho pequeno, com o jovem pai orgulhoso ao seu lado; o menino posando com o pai uniformizado em uma plataforma de trem; Roger criança correndo para os braços estendidos do pai — cada fotografia, uma perto da cama, outra perto da escrivaninha e mais uma perto da estante, mostrava um homem de aparência forte e atarracada, rosto corado e quadrado, cabelo ruivo penteado para trás, olhos benevolentes de alguém que se fora e cuja ausência era terrivelmente sentida).

Entretanto, de todas as coisas naquele quarto, foi o álbum de recortes que finalmente chamou a atenção de Holmes por mais tempo. Voltando até a cama do garoto, ele se sentou e olhou para a mesa de cabeceira, observando a capa preta do álbum, a tesoura, a cola. Não, disse para si mesmo, ele não bisbilhotaria aquelas páginas. Ele já bisbilhotara mais do que pretendia. Melhor não, advertiu a si mesmo, enquanto pegava o álbum de recortes, ignorando suas melhores intenções.

Ele percorreu as páginas vagorosamente, com o olhar se detendo algum tempo em uma série de colagens complexas (fotografias e palavras recortadas de diversas revistas e cuidadosamente coladas). O primeiro terço do álbum de recortes denunciava o interesse do menino pela natureza, pela vida selvagem e pelos vegetais. Ursos pardos sobre as patas traseiras percorriam florestas perto de leopardos que descansavam no oco de árvores africanas; caranguejos eremitas de desenho animado ocultavam-se com pumas ferozes em meio a um aglomerado de girassóis de Van Gogh; uma coruja, uma raposa e uma cavalinha escondidas sob um monte de

folhas caídas. O que se seguia, no entanto, era cada vez menos bucólico, embora semelhante em formato: a vida selvagem se transformava em soldados britânicos e norte-americanos, as florestas tornavam-se ruínas de cidades bombardeadas, e as folhas se tornavam ora cadáveres, ora palavras — DERROTADO, FORÇAS, RETIRADA — espalhadas pelas páginas.

A natureza completa em si mesma, o homem sempre em conflito com o homem. O yin-yang da visão de mundo do menino, pensou Holmes, que intuiu que as colagens iniciais — aquelas das primeiras páginas do álbum de recortes — haviam sido feitas anos antes, quando o pai de Roger ainda era vivo (como sugeriam as bordas onduladas e amareladas das imagens recortadas e a falta de cheiro de cola de borracha). O resto, concluiu após cheirar as páginas e examinar as bordas de três ou quatro colagens, fora montado pouco a pouco nos últimos meses e parecia mais complexo, engenhoso e metódico em seu formato.

Mas a parte final da obra de Roger ainda estava inacabada. Em realidade, com apenas uma imagem centrada na página, parecia estar apenas começando. Ou, perguntou-se Holmes, teria o rapaz pretendido que aquilo fosse visto exatamente assim? Uma fotografia monocromática solitária, flutuando em um vazio de escuridão; uma gritante, enigmática — embora emblemática — conclusão de tudo o que a precedera (as figuras vívidas e sobrepostas, a fauna e a floresta, aqueles sombrios e determinados soldados em guerra). A fotografia em si não era nenhum mistério. Holmes conhecia muito bem o lugar. Ele ali estivera com o Sr. Umezaki: o antigo edifício da prefeitura de Hiroshima reduzido a um esqueleto pela explosão atômica (“O Domo da Bomba Atômica”, como o chamara o Sr. Umezaki).

Solitário naquela página, o edifício inspirava aniquilação total, muito mais do que quando visto *in loco*. A fotografia fora tirada semanas, possivelmente dias, após a explosão da bomba, revelando uma imensa cidade em ruínas — nenhum ser humano, nenhum

bonde ou trem, nada reconhecível afora a fantasmagórica casca do prédio da prefeitura pairando acima da paisagem queimada e arrasada. Então, aquilo que se seguia àquela última imagem — páginas e mais páginas de papel preto sem uso — apenas ressaltava o inquietante impacto daquela única foto. Subitamente, ao fechar o álbum de recortes, Holmes foi dominado pelo cansaço que levava consigo até o chalé. Algo deu errado no mundo, refletiu. Algo mudou na essência, e eu não faço ideia do quê.

“Então, o que é a verdade?”, perguntara-lhe o Sr. Umezaki certa vez. “Como chegar a ela? Como desvendar o significado de algo que não quer ser revelado?”

— Eu não sei — disse Holmes em voz alta no quarto de Roger. — Eu não sei — repetiu ele, recostando-se no travesseiro do menino e fechando os olhos, com o álbum de recortes apoiado no peito. — Não faço a menor ideia...

Holmes adormeceu em seguida, embora não o tipo de sono que se segue à total exaustão, nem mesmo um sono agitado em que o sonho e a realidade se entrelaçam, mas sim um estado de torpor que o imergiu em um grande silêncio. Aquele sono o levou a outro lugar, transportando-o para fora do quarto onde seu corpo repousava.

APÓS CARREGAR A mala que Holmes e o Sr. Umezaki estavam compartilhando e levariam consigo a bordo do trem matinal (ambos tendo separado poucos itens para aquela viagem), Hensuiro despediu-se dos dois na estação ferroviária, onde, apertando com força as mãos do Sr. Umezaki, sussurrou fervorosamente no ouvido do companheiro. Então, antes de embarcarem no vagão, ele foi até Holmes, curvou-se com exagero e disse:

— Eu o vejo de novo. Muito de novo, sim.

— Sim — disse Holmes, divertido. — Muito, muito de novo.

Quando o trem partiu da estação, Hensuiro permaneceu na plataforma com os braços erguidos, acenando em meio a uma multidão de soldados australianos; depois recuou rapidamente, acabando por desaparecer por completo. Logo o trem dirigiu-se para oeste, e Holmes e o Sr. Umezaki sentaram-se rigidamente em seus assentos de segunda classe, observando com olhares de esguelha à medida que os edifícios de Kobe aos poucos cediam lugar à paisagem luxuriante que se movia, mudava e brilhava além da janela.

— Que bela manhã — observou o Sr. Umezaki, um comentário que se repetiria diversas vezes durante o primeiro dia de viagem (a bela manhã tornando-se uma bela tarde e, finalmente, uma bela noite).

— Muito — foi a resposta que Holmes lhe deu a cada vez.

No entanto, durante a partida, mal trocaram palavras. Sentaram-se em silêncio, autossuficientes e distantes em seus respectivos lugares. Durante algum tempo, o Sr. Umezaki se ocupou escrevendo em um pequeno diário vermelho (mais haicais, imaginou Holmes),

enquanto o detetive, com um jamaicano fumegando nas mãos, contemplava a paisagem borrada que passava lá fora. Somente após deixarem a estação de Akashi — quando a trepidação da partida do trem fez cair o charuto dos dedos de Holmes, fazendo-o rolar pelo chão — teve início uma conversa de verdade (iniciada pela curiosidade geral do Sr. Umezaki e, finalmente, abrangendo diversos assuntos que precederiam sua chegada a Hiroshima).

— Permita-me — disse Umezaki, levantando-se para buscar o charuto para o companheiro.

— Obrigado — disse Holmes, que, já tendo se soerguido, voltou a se sentar, colocando as bengalas longitudinalmente sobre o colo (mas em um ângulo específico para evitar que colidissem com os joelhos do Sr. Umezaki).

Novamente acomodados em seus assentos, enquanto a paisagem passava na janela, o Sr. Umezaki tocou a madeira manchada de uma das bengalas.

— São finamente trabalhadas, não é?

— Ah, sim — disse Holmes. — Eu as tenho há pelo menos vinte anos, possivelmente mais. São minhas companheiras de longo tempo.

— Você sempre andou com as duas?

— Não até recentemente. Recentemente para mim, é claro. Nos últimos cinco anos, se não me falha a memória.

Então, querendo elaborar, Holmes explicou: na verdade, ele só precisava do apoio da bengala direita enquanto caminhava; a bengala esquerda, no entanto, tinha uma inestimável dupla finalidade: dar-lhe apoio caso a bengala direita lhe escapasse e ele tivesse de se inclinar para recuperá-la, ou para uma rápida substituição caso a bengala da direita se tornasse irre recuperável. Claro, prosseguiu, sem a contínua ingestão de geleia real, as bengalas não teriam nenhuma utilidade, pois ele estava convencido de que certamente estaria confinado a uma cadeira de rodas.

— Verdade?

— Sem dúvida.

Com isso, a conversa engrenou, pois ambos estavam ansiosos para discutir os benefícios da geleia real, especialmente os seus efeitos para deter ou retardar o processo de envelhecimento. Como Holmes veio a saber, antes da guerra o Sr. Umezaki entrevistara um herbalista chinês sobre as qualidades benéficas daquela secreção branca, leitosa e viscosa.

— O sujeito acreditava que a geleia real podia curar a menopausa e o climatério masculino, bem como doenças do fígado, artrite reumatoide e anemia.

— Flebite, úlcera gástrica, diversas doenças degenerativas e fraqueza mental e física em geral — acrescentou Holmes. — Também nutre a pele, remove manchas faciais e rugas, além de evitar sinais de envelhecimento natural ou, mesmo, senilidade prematura.

Era incrível, mencionou Holmes, que uma substância tão poderosa, cuja química ainda não era totalmente conhecida, pudesse ser produzida pelas glândulas da faringe da abelha-operária — criando abelhas-rainhas de larvas de abelhas comuns e curando uma infinidade de males da humanidade.

— Apesar do tanto que tentei — disse Umezaki —, encontrei pouca ou nenhuma evidência que apoiasse as reivindicações de sua utilidade terapêutica.

— Ah, mas existem — respondeu Holmes, sorrindo. — Nós estudamos a geleia real há muito, muito tempo, não é mesmo? Sabemos que é repleta de proteínas, lipídios, ácidos graxos e carboidratos. Dito isso, nenhum de nós chegou perto de descobrir tudo o que contém, por isso me baseio na única prova que realmente tenho, que é a minha boa saúde. Mas acredito que você não seja um usuário regular.

— Não. Afora escrever um ou dois artigos de revista, meu interesse é puramente casual. Receio, entretanto, ser um tanto cético a esse respeito.

— Que pena — disse Holmes. — Esperava que você me fornecesse um frasco para a minha viagem de volta à Inglaterra. Faz algum tempo que estou em falta. Nada que não possa ser sanado após minha volta para casa, embora eu devesse ter me lembrado de trazer um frasco ou dois, ao menos o suficiente para uma dose diária. Felizmente, trouxe mais jamaicanos do que o necessário, então não estou completamente desprovido daquilo de que preciso.

— Ainda podemos conseguir um frasco no caminho.

— Quanto incômodo, não acha?

— Nenhum incômodo.

— Está tudo bem, de verdade. Consideremos isso o preço que terei de pagar por meu esquecimento. Parece que nem mesmo a geleia real é capaz de impedir a inevitável perda de memória.

Este, também, foi outro trampolim na conversa, porque naquele momento, aproximando-se de Holmes, falando baixinho, como se a sua pergunta fosse de extrema importância, o Sr. Umezaki poderia lhe indagar sobre suas famosas aptidões. Mais especificamente, queria saber como Holmes dominara a capacidade de perceber com tanta facilidade aquilo que para outros muitas vezes passava despercebido.

— Estou ciente de sua crença na observação pura como uma ferramenta para alcançar respostas definitivas, só que fico intrigado com a maneira como você realmente observa determinada situação. Pelo que tenho lido, bem como pelo que experimentei em primeira mão, parece que você não apenas observa, mas também usa a memória sem esforço, quase fotograficamente, e, de certa forma, é assim que chega à verdade.

— “O que é a verdade?”, perguntou Pilatos — disse Holmes em meio a um suspiro. — Para ser sincero, meu amigo, perdi o apetite por qualquer noção de verdade. Para mim, simplesmente há o que há. Chame de verdade, se quiser. Melhor dizendo, e estou entendendo isso com uma boa dose de visão retrospectiva, sou atraído por aquilo que é claramente visível, reunindo tanto quanto

possível do externo, e então sintetizando tudo o que foi recolhido em algo de valor imediato. As implicações universais, místicas ou de longo prazo, aqueles lugares onde a verdade talvez resida, não me interessam.

— E quanto à memória? — perguntou o Sr. Umezaki. — Como é usada?

— Em termos de formação de uma teoria, ou de chegar a uma conclusão?

— Sim, exatamente.

Se fosse mais jovem, Holmes teria lhe dito que a memória visual era fundamental para a sua capacidade de solucionar certos problemas porque, quando ele examinava um objeto, ou investigava uma cena de crime, tudo era instantaneamente convertido em palavras ou em números precisos correspondentes às coisas que observara. Assim que as conversões formavam um padrão em sua mente (uma série de frases ou equações particularmente vívidas que ele podia tanto enunciar quanto visualizar), elas se alojavam em sua memória, e, embora pudessem ficar dormentes enquanto ele estivesse às voltas com outras considerações, emergiriam imediatamente sempre que ele voltasse a atenção para as situações que as geraram.

— Com o tempo, percebi que a minha mente já não funcionava de forma tão fluida — continuou Holmes. — A mudança foi gradativa, mas eu a sinto totalmente agora. Minha forma de lembrar, aqueles vários grupos de palavras e números, não é tão facilmente acessível como foi outrora. Viajando pela Índia, por exemplo, saí do trem em algum lugar no interior do país para uma breve parada, um lugar que eu nunca vira, e fui prontamente abordado por um mendigo seminu, que dançava alegremente. Antes, eu teria observado tudo ao meu redor com perfeição de detalhes: a arquitetura do prédio da estação, os rostos das pessoas por quem passava, os vendedores comercializando suas mercadorias; mas isso raramente acontece hoje em dia. Eu não me lembro do edifício da

estação e não posso lhe dizer se havia vendedores ou pessoas por perto. Tudo o que me lembro é de um mendigo moreno e desdentado dançando diante de mim, com um braço estendido para receber alguns tostões. O que me importa agora é que tenho essa deliciosa imagem dele; onde ocorreu o evento não importa. Se isso tivesse acontecido sessenta anos antes, eu teria ficado muito perturbado por ser incapaz de lembrado me lembrar do local em detalhes. Agora, entretanto, preservo apenas o que é necessário. Os pequenos detalhes não são essenciais. O que aparece em minha mente nos dias de hoje são impressões rudimentares, não frívolos arredores. E sou grato por isso.

Por um momento, o Sr. Umezaki não disse nada. Seu rosto assumiu o ar distraído e pensativo de alguém que estava processando informações. Então, meneou a cabeça e sua expressão se suavizou. Quando voltou a falar, sua voz soou quase hesitante:

— É fascinante como você descreve isso.

Mas Holmes já não estava ouvindo. Ao fundo do corredor, a porta do vagão de passageiros se abriu e uma jovem esbelta, com óculos de sol, entrou no vagão. Usava um quimono cinza e segurava um guarda-chuva. Ela cambaleou em sua direção, parando a cada poucos passos, como se tentando se equilibrar. Então, ainda de pé no corredor, olhou para a janela mais próxima, atraída pela paisagem que passava lá fora e seu perfil subitamente exibiu uma ampla e desfigurada cicatriz com quelóide, que surgia como tentáculos por baixo do colarinho, subia pelo pescoço, queixo, e atravessava o lado direito do rosto até desaparecer em meio a seu imaculado cabelo negro. Quando ela finalmente avançou e passou por eles sem lhes dar atenção, Holmes se pegou pensando: você já foi uma garota atraente. Há pouco tempo, você era a coisa mais linda que alguém já vira na vida.

CHEGARAM À ESTAÇÃO de Hiroshima no início da tarde, e viram-se saindo do trem e entrando em uma área turbulenta, repleta de barracas do mercado negro — o tumulto das barganhas, o comércio de mercadorias ilícitas, a birra ocasional de uma criança sonolenta —, mas, após o ruído monótono e as constantes vibrações inerentes a uma viagem de trem, tal clamor humano foi um alívio bem-vindo. Segundo o Sr. Umezaki, estavam entrando em uma cidade recém-renascida nos princípios da democracia, onde, ainda naquele mês, um prefeito fora escolhido por voto popular na primeira eleição pós-guerra.

Mas ao vislumbrar os arredores de Hiroshima de dentro do vagão de passageiros, Holmes pouco viu que indicasse a proximidade de uma cidade movimentada; em vez disso, notara aglomerados de barracos de madeira temporários, como pobres aldeias vivendo em estreita proximidade umas das outras, separadas apenas por campos amplos tomados pelas buvas. Quando o trem diminuiu a velocidade ao se aproximar da estação em ruínas, ele percebeu que as buvas — brotando vigorosamente sobre um terreno escuro e desigual de terra carbonizada, sobre lajes de concreto e destroços — prosperavam na terra queimada onde antes havia edifícios de escritórios, bairros inteiros e distritos comerciais.

A normalmente detestável buva, explicou o Sr. Umezaki para Holmes, era uma bênção inesperada do pós-guerra. Em Hiroshima, o súbito surgimento da planta — cuja proliferação suscitava um sentimento de esperança e renascimento — contrariava a teoria amplamente aceita de que a cidade continuaria a ser um lugar

estéril por ao menos setenta anos. Ali e em outros lugares, o seu crescimento abundante impedira a morte em massa por inanição.

— As folhas e as flores se tornaram um ingrediente importante no preparo de bolinhos — disse o Sr. Umezaki. — Sei que não são muito apetitosos, acredite, mas aqueles que não podem continuar com o estômago vazio os comem para aliviar a fome.

Holmes continuou a olhar pela janela, procurando algum sinal mais definitivo da cidade, mas, quando o trem entrou no pátio ferroviário, ele só conseguia ver os barracos de madeira — aumentando em número, com alguns terrenos baldios em torno transformados em modestos canteiros de vegetais — e o rio Enko, que corria paralelo aos trilhos.

— Como meu estômago está um tanto vazio no momento, não me importaria de provar um desses bolinhos. Parece-me uma invenção bastante original.

O Sr. Umezaki meneou a cabeça.

— São originais, é verdade, só que no mal sentido.

— Mas parecem-me intrigantes.

Embora Holmes esperasse por um almoço tardio de bolinhos de buva, foi outra especialidade local que finalmente o saciou: uma panqueca japonesa coberta com um molho doce, recheada com o que o cliente escolhesse a partir de um cardápio, e comercializada por diversos vendedores de rua ou lojas de soba improvisadas ao redor da Estação Hiroshima.

— Chama-se *okonomi-yaki* — explicou o Sr. Umezaki mais tarde, enquanto os dois estavam sentados junto ao balcão de uma loja de soba, observando o habilidoso cozinheiro preparar seu almoço sobre uma grande chapa de ferro (seu apetite despertado pelas fragrâncias crepitantes que emanavam em sua direção). Ele disse que experimentara aquele prato pela primeira vez quando menino, enquanto passava férias em Hiroshima com o pai. Desde aquela viagem na infância, ele já visitara a cidade algumas vezes,

geralmente detendo-se ali apenas tempo suficiente para a troca de trens, mas às vezes havia um vendedor de *okonomi-yaki* na estação.

— É impossível resistir. O próprio aroma evoca esse fim de semana com meu pai. Ele nos trouxe para visitar o Jardim Shukkei-en. Raramente me lembro de que estivemos juntos aqui ou em qualquer outro lugar, para falar a verdade, a não ser quando o cheiro do *okonomi-yaki* está no ar.

Durante a refeição, Holmes fez uma pausa entre os bocados e cutucou o interior da panqueca com um hashi. Ele observou a mistura de carne, massa e repolho e disse em seguida:

— É uma criação simples, embora muito requintada, não concorda?

O Sr. Umezaki desviou os olhos do pedaço de panqueca que segurava nos hashis. Ele pareceu ocupado com a mastigação e não respondeu até engolir.

— Sim — disse afinal. — Sim...

Em seguida, após obterem informações vagas e apressadas do ocupado cozinheiro, dirigiram-se para o Jardim Shukkei-en, um refúgio do século XVII que o Sr. Umezaki sabia que Holmes gostaria de conhecer. Carregando a mala, abrindo caminho pelas calçadas repletas de pedestres, caminhando junto a postes telefônicos tortos e pinheiros curvados, ele pintou um retrato vívido do lugar, cujos detalhes iam sendo extraídos de suas lembranças de infância. O jardim, disse para Holmes, era uma paisagem em miniatura, com uma lagoa inspirada no famoso lago Xi Hu, na China, e havia riachos, ilhotas e pontes representadas em uma escala muito maior do que a verdadeira. Um oásis inimaginável, Holmes deu-se conta ao tentar imaginar o jardim — aparentemente impossível de conceber em uma cidade arrasada, esforçando-se por uma reconstrução cujos ruídos os cercavam: o bater dos martelos, o ranger dos equipamentos pesados, os operários em movimento pelas ruas com tábuas de madeira nos ombros, o tropear de cavalos e carros.

De qualquer forma, o Sr. Umezaki prontamente admitiu, a Hiroshima de sua juventude já não mais existia, e ele temia que o jardim tivesse sido muito danificado pela bomba. Ao mesmo tempo, acreditava que algum vestígio de seu charme original ainda pudesse permanecer intacto, possivelmente a pequena ponte de pedra atravessando uma lagoa transparente, talvez a lanterna de pedra construída à imagem da imperatriz chinesa Yang Kwei Fei.

— Acho que logo saberemos — disse Holmes, ansioso para deixar as ruas ensolaradas em troca de um ambiente mais sereno e relaxante, algum lugar onde pudessem fazer uma pausa em meio à sombra das árvores e limpar o suor da testa.

Contudo, ao se aproximarem de uma ponte que atravessava o rio Motoyasu, no árido centro da cidade, o Sr. Umezaki percebeu que haviam errado algum desvio no caminho ou que talvez ele tivesse entendido errado as instruções rapidamente transmitidas pelo cozinheiro. Mas nenhum dos dois parou, atraídos pelo que se erguia mais adiante.

— O Domo da Bomba Atômica — disse o Sr. Umezaki, apontando para a cúpula de concreto armado, que fora exposta pela explosão.

Seu dedo indicador subiu além do edifício, apontando o céu absolutamente azul. Ali, revelou, foi o lugar onde ocorreu a grande explosão luminosa, aquele inexplicável *pika-don*, que engoliu a cidade em uma violenta tempestade de fogo, seguida de dias de chuva negra — a rápida precipitação de partículas radioativas misturadas com as cinzas de casas, árvores e corpos destruídos pela explosão e lançados na atmosfera.

Quando se aproximaram do prédio, a brisa do rio começou a soprar com mais liberdade, e a tarde quente subitamente esfriou. Os sons da cidade, silenciados pela brisa, soavam menos incômodos quando pararam para fumar. O Sr. Umezaki baixou a mala a seus pés antes de acender o charuto de Holmes, ambos sentados sobre uma coluna de concreto tombada (uma ruína conveniente, em torno da qual cresciam ervas daninhas e capim selvagem). Afora o que

parecia um punhado de árvores recém-plantadas, a área oferecia pouca sombra. Em sua maior parte, constituía-se de um trecho aberto de terra, que, desprovido de qualquer outra pessoa que não uma idosa acompanhada por duas mulheres mais jovens, mais parecia uma praia deserta varrida por um furacão. A poucos metros dali, junto à cerca que circundava o prédio do Domo da Bomba Atômica, podiam ver as mulheres ajoelhadas, cuidadosamente colocando, cada uma, um colar de origami entre os milhares que ali já estavam.

Em seguida, inalando e expelindo fumaça por entre lábios contraídos, os dois sentaram-se, hipnotizados pela visão da estrutura de concreto reforçado, um símbolo devastado próximo ao marco zero, um formidável memorial aos mortos. Após a explosão, aquele foi um dos poucos edifícios que não acabaram reduzidos a escombros derretidos — a estrutura de aço esquelética dos arcos da cúpula erguendo-se acima das ruínas e projetando-se para o céu —, enquanto quase tudo abaixo se fragmentara, queimara e desaparecera. Lá dentro não havia pavimentos, pois as ondas de choque fizeram o interior do edifício desabar até o porão, restando em pé apenas as paredes.

Para Holmes, entretanto, o edifício inspirava uma espécie de esperança, embora ele não tivesse certeza do porquê. Talvez, pensou, a esperança manifestada pelos pardais empoleirados nas vigas enferrujadas e pelos trechos de céu azul visíveis no oco da cúpula. Ou, talvez, diante daquela insondável destruição, a desafiadora perseverança do edifício fosse em si um prenúncio de esperança. Contudo, alguns minutos mais cedo, quando pela primeira vez vislumbrara o edifício, aquela cúpula que sugeria tantas mortes violentas, Holmes se sentira tomado por um profundo remorso ao perceber para onde a ciência moderna levava a humanidade: para esta incerta era da alquimia atômica. Ele se lembrou das palavras de um médico londrino que interrogara certa vez, um sujeito inteligente, sóbrio, que, sem qualquer motivo

aparente, matara a esposa e os três filhos com estricnina, e, posteriormente, ateara fogo à própria casa. Quando perguntado diversas vezes sobre as razões do crime, recusando-se a falar, o médico finalmente escrevera três frases em uma folha: “Há um grande peso em todos os lados da terra. Por isso, devemos parar. Devemos parar, caso contrário, a terra chegará a uma paralisação total e deixará de girar pela pressão que exercemos sobre ela.” Somente então, muitos anos depois, ele conseguia atribuir algum sentido àquela explicação enigmática, por mais frágil que fosse.

— Não temos muito tempo — disse o Sr. Umezaki, deixando cair a ponta de seu cigarro e, em seguida, esmagando-a com o pé. Ele consultou o relógio. — Realmente, não temos muito tempo. Se queremos ver o jardim e pegar a balsa para Miyajima, devemos ir. Isso se quisermos chegar ao spa perto de Hofu ainda esta noite.

— Claro — concordou Holmes, procurando suas bengalas.

Enquanto ele erguia a coluna, o Sr. Umezaki pediu licença e foi até as mulheres para obter informações adequadas de como chegar ao Jardim Shukkei-en (sua saudação amigável e sua voz inquisitiva foram trazidas pela brisa). Ainda saboreando seu charuto, Holmes observou o Sr. Umezaki e as três mulheres, todos ao pé do sombrio edifício, sorrindo juntos ao sol da tarde. A mulher idosa, cujo rosto vincado ele podia ver com muita clareza, estava sorrindo de maneira extraordinariamente feliz, traindo certa inocência infantil que às vezes ressurgue com a idade avançada. Então, como se combinado com antecedência, as três se curvaram, e o Sr. Umezaki, após fazer o mesmo, voltou-se bruscamente e se afastou delas com rapidez, enquanto seu sorriso se dissolvia depressa por trás de uma expressão contida e um tanto séria.

ASSIM COMO NO Domo da Bomba Atômica, uma cerca alta rodeava o Jardim Shukkei-en, ali fincada para impedir o acesso. Contudo, o Sr. Umezaki não se intimidou e, como aparentemente já fora feito por outras pessoas, encontrou uma fenda na cerca (aberta com alicate, suspeitou Holmes, e puxada para trás com mãos enluvadas, abrindo uma brecha grande o bastante para uma pessoa passar). No momento, passeavam por caminhos tortuosos e interligados cobertos de fuligem acinzentada, que rodeavam lagos escuros e sem vida ou os restos carbonizados de ameixeiras e cerejeiras. Caminhando lentamente, muitas vezes paravam para olhar os restos queimados e frágeis do jardim histórico — ruínas enegrecidas de salas para a cerimônia do chá, um escasso grupo de azaleias onde outrora floresceram centenas, possivelmente milhares.

Mas o Sr. Umezaki mantinha silêncio sobre tudo o que observavam e — muito para a decepção de Holmes — ignorou as perguntas que lhe foram feitas a respeito do antigo esplendor do jardim. Além disso, demonstrou uma irritante hesitação em ficar ao lado de Holmes, às vezes andando na frente, ou se atrasando abruptamente nos caminhos enquanto Holmes, sem saber, se adiantava. Na verdade, após receber as orientações das mulheres, o humor do Sr. Umezaki se tornara bastante sombrio, sugerindo que alguma informação indesejada lhe fora passada. O mais provável, imaginou Holmes, era que o jardim e sua memória tivessem se tornado um domínio inóspito, restrito, um lugar aonde agora o acesso público era proibido.

Como logo ficou evidente, eles não eram os únicos invasores ali. Em sua direção caminhava um homem de aparência sofisticada, com

quarenta e tantos ou cinquenta e poucos anos, com as mangas da camisa enroladas até os cotovelos, segurando a mão de um menino pequeno e alegre que saltitava ao seu lado usando bermuda azul e camisa branca. Assim que os dois se aproximaram, o homem educadamente meneou a cabeça para o Sr. Umezaki e disse-lhe algo em japonês, e quando o Sr. Umezaki respondeu, ele voltou a assentir educadamente. Parecia que o homem queria dizer algo mais, só que o menino puxou sua mão para que continuassem a caminhada, e o homem simplesmente continuou assentindo e se foi.

Quando Holmes perguntou o que o sujeito dissera, o Sr. Umezaki balançou a cabeça e deu de ombros. Aquele breve encontro, Holmes percebeu, tivera um efeito perturbador sobre o companheiro. Repetidamente olhando por cima do ombro, ele parecia distraído e, caminhando junto a Holmes por algum tempo, segurando a mala com os nós dos dedos esbranquiçados, parecia ter visto um fantasma. Então, antes de mais uma vez sair correndo à frente, disse:

— Que estranho... Acredito que acabei de passar por mim e pelo meu pai, apesar de meu irmão mais novo, meu irmão de verdade, não Hensuiro, não poder ser visto em lugar algum. Como você estava convencido de que eu era filho único, e tendo vivido a maior parte da vida sem a presença de um irmão, não vi por que mencioná-lo. Ele morreu de tuberculose. Na verdade, morreu apenas um mês depois de termos passeado juntos por este mesmo caminho. — Ele olhou para trás, enquanto acelerava os passos. — Que estranho, Sherlock-san. Foi há muitos anos, e agora não me parece ter sido há tanto tempo.

— É verdade — disse Holmes. — O passado esquecido às vezes me surpreende com impressões inesperadas, momentos dos quais mal me lembrava, até eles me revisitarem.

O caminho os levou a uma lagoa maior que se curvava em direção a uma ponte de pedra arqueada sobre a água. Com diversas pequenas ilhas pontilhando a lagoa — cada uma exibindo restos de

salões de chá, cabanas e outras pontes —, o jardim subitamente pareceu vasto e distante de qualquer cidade. Mais adiante, o Sr. Umezaki parou, à espera de que Holmes se juntasse a ele. Em seguida, os dois observaram um monge sentado de pernas cruzadas em uma das ilhas, coberto por um manto e perfeitamente imóvel, como uma estátua, a cabeça raspada e baixa em oração.

Holmes abaixou-se junto aos pés do Sr. Umezaki, pegou uma pedra de cor turquesa no caminho e guardou-a no bolso.

— Não acredito que haja algo como destino no Japão — disse o Sr. Umezaki afinal, com o olhar fixo no monge. — Depois da morte de meu irmão, vi meu pai cada vez menos. Ele viajava muito naquela época, principalmente para Londres e Berlim. Com a morte do meu irmão, que se chamava Kenji, e a tristeza de minha mãe permeando a nossa casa, eu queria muito acompanhá-lo em suas viagens. Mas eu estudava, e mais do que nunca minha mãe precisava de mim perto dela. Mas meu pai era encorajador: ele me prometeu que, caso eu aprendesse a falar inglês e fosse bem na escola, um dia eu poderia viajar com ele para o exterior. Daí, com toda a ansiedade infantil que você possa imaginar, eu passava as horas livres aprendendo a ler, escrever e a falar inglês. Acredito que, de certa forma, tal perseverança estimulou a determinação que eu precisava para me tornar um escritor.

Quando começaram a andar novamente, o monge ergueu a cabeça, inclinando-a para o céu. Ele cantou baixinho, emitindo um som monótono e gutural que percorreu a lagoa como ondulações sobre a água.

— Um ano mais tarde — prosseguiu o Sr. Umezaki —, meu pai me enviou um livro de Londres, uma excelente edição de *Um estudo em vermelho*. Foi o primeiro romance que li do início ao fim em inglês, e foi a minha introdução aos escritos do Dr. Watson a respeito de suas aventuras. Infelizmente, eu não lia as edições em inglês de seus outros livros por um bom tempo, não até eu deixar o Japão para estudar na Inglaterra. Devido a seu estado mental, minha mãe

proibiu que livros sobre ele ou sobre a Inglaterra fossem lidos em nossa casa. Na verdade, ela sumiu com aquela edição que meu pai me enviara, encontrando-a onde eu a escondera e descartando-a sem a minha permissão. Felizmente, eu terminara o último capítulo na noite anterior.

— Uma reação bastante severa da parte dela — disse Holmes.

— Foi — concordou o Sr. Umezaki. — Fiquei furioso por semanas. Eu me recusava a falar com ela ou a comer a sua comida. Foi um período difícil para todos.

Chegaram a uma série de outeiros na costa norte da lagoa, onde, além dos limites do jardim, um rio adjacente e montanhas distantes forneciam uma bela vista. Ali perto havia uma pedra grande, deliberadamente posicionada, que servia como uma espécie de banco natural, cuja metade superior era nivelada e polida. Holmes e o Sr. Umezaki sentaram-se naquele ponto privilegiado, desfrutando de uma boa visão geral do jardim.

Sentado naquele local, Holmes se sentia tão desgastado quanto aquela pedra antiga ao pé dos outeiros, permanecendo quando tudo ao redor estava indo embora ou já se fora. Do outro lado da lagoa, além da margem oposta, havia formas curiosas de árvores: membros retorcidos e improdutivos que não mais protegiam o jardim das casas da cidade e das ruas movimentadas. Ficaram ali algum tempo, falando pouco e admirando a paisagem, até que Holmes, pensando nas palavras do Sr. Umezaki, disse:

— Espero não estar sendo muito curioso, mas suponho que seu pai não esteja mais vivo.

— Minha mãe tinha menos da metade da idade do meu pai quando se casaram — disse o Sr. Umezaki —, por isso tenho certeza de que ele está morto, embora eu não faça nenhuma ideia de onde ou como faleceu. Para ser sincero, eu estava esperando que você pudesse me dizer.

— Como, exatamente, sugere que eu faça isso?

Inclinando-se para a frente, o Sr. Umezaki uniu as pontas dos dedos. Em seguida, observou Holmes com olhos atentos.

— Durante nossa correspondência, meu nome não lhe pareceu familiar?

— Não, não posso dizer que sim. Deveria?

— O nome do meu pai, então? Umezaki Matsuda, ou Matsuda Umezaki?

— Infelizmente, não estou entendendo.

— Parece que você teve uma relação de negócios com meu pai enquanto ele esteve na Inglaterra. Não tinha certeza de como abordar o assunto, porque temia que você pudesse questionar meus motivos para convidá-lo a vir até aqui. Imaginei que você faria as conexões por conta própria e, de algum modo, estaria mais acessível.

— E quando ocorreram tais relações? Pois eu lhe garanto que não tenho qualquer lembrança disso.

Balançando a cabeça com seriedade e destrancando a mala a seus pés, o Sr. Umezaki começou a abri-la no chão, remexendo a própria roupa até achar uma carta, que desdobrou e entregou para Holmes.

— Isso chegou com o livro que meu pai me mandou. Era para a minha mãe.

Holmes aproximou a carta do rosto, examinando o que podia.

此処倫敦に於て著名なる探偵
シャーロック・ホームズ氏に相談為したる
結果相応の期間吾英國に留まる事を
もて最も吾らの利を得るものと確信致し候
貴殿此の本を讀まばお分かりになるが如く
ホームズ氏は真実勝れた頭脳と知性の
持主にて候 依て斯る重大事件に関し
彼の言必ずや軽々に扱わらるべからずと
心得候 吾既に吾が資産と財務を民樹
成人し責任を負得る時に至る迄貴殿に
委託すべく諸手續を終了致し候

— Foi escrita quarenta, talvez quarenta e cinco anos atrás, certo? Veja como o papel amarelou consideravelmente nas bordas, e como a tinta preta ficou azulada.

Holmes devolveu a carta para o Sr. Umezaki.

— O conteúdo, infelizmente, me é inacessível. Portanto, se me der a honra...

— Farei o melhor que puder. — Com a expressão remota e transfigurada, o Sr. Umezaki começou a traduzir: — Após consulta com o grande detetive Sherlock Holmes aqui em Londres, vejo que é do interesse de todos nós que eu permaneça na Inglaterra indefinidamente. Por meio deste livro, você verá que ele é, de fato, um homem muito sábio e inteligente, e sua opinião sobre este importante assunto não deve ser desprezada. Já providenciei para que a propriedade e minhas finanças sejam colocadas aos seus cuidados até o momento em que Tamiki possa assumir tais responsabilidades na vida adulta. — O Sr. Umezaki começou a dobrar o papel, acrescentando: — A carta é de vinte e três de março de 1903, o que significa que eu tinha onze, e ele, cinquenta e nove anos. Nunca mais ouvimos falar dele, nem recebemos qualquer

informação adicional sobre o motivo pelo qual se viu obrigado a ficar na Inglaterra. Em outras palavras, isso é tudo que sei.

— Isso é lamentável — disse Holmes, enquanto a carta era guardada de volta na mala. Naquele momento, ele não foi capaz de dizer para o Sr. Umezaki que acreditava que seu pai fosse um mentiroso. Mas podia exprimir a própria confusão, explicando que não tinha certeza de ter se encontrado com Matsuda Umezaki. — É possível que eu o tenha conhecido. Ou não. Você não tem ideia de quantas pessoas têm me procurado ao longo desses anos; literalmente milhares. No entanto, poucas se destacam em minha mente, embora eu ache que um japonês em Londres certamente se destacaria, não é? Ainda assim, de um modo ou de outro, não me lembro. Sinto muito, pois sei que isso não foi muito útil.

O Sr. Umezaki fez um gesto de descaso com a mão e pareceu menos compenetrado.

— Não vale a pena — disse ele, sua voz assumindo um tom casual. — Pouco me importo com meu pai. Ele desapareceu há muito tempo e está enterrado em minha infância, junto de meu irmão. Estou lhe perguntando isso por causa da minha mãe, porque ela sempre quis saber. Até hoje, em verdade, continua sofrendo. Sei que deveria ter abordado isso com você anteriormente, mas era difícil falar sobre isso na presença dela, por isso escolhi fazê-lo em nossas viagens.

— Sua descrição e sua devoção por sua mãe são louváveis — disse Holmes com sinceridade.

— Obrigado — respondeu o Sr. Umezaki. — E, por favor, este pequeno problema não deve obscurecer as verdadeiras razões de sua presença aqui. Meu convite foi sincero e, quero deixar claro, temos muito a ver e conversar.

— Naturalmente — disse Holmes.

Porém, nada de substancial foi conversado por um bom tempo depois desse diálogo, além de breves generalidades faladas principalmente pelo Sr. Umezaki (“Acho que deveríamos ir. Não

queremos perder nossa barca.”). E nenhum dos dois se sentiu propenso a iniciar uma conversa. Nem ao deixarem o jardim, nem quando se viram em uma barca com destino à ilha Miyajima (ficaram em silêncio até mesmo ao vislumbrarem o imenso tori vermelho sobre o mar). Em seguida, o silêncio constrangedor só aumentou, mantendo-se com eles no ônibus para Hofu e quando se instalaram no spa Momiji-so para passar a noite (um resort onde, segundo a lenda, uma raposa branca curara a perna ferida nas águas termais, e onde, imerso por aquela água famosa em uma banheira, era possível ver o rosto da raposa flutuando em meio ao vapor). O silêncio só se dissipou pouco antes do jantar, quando o Sr. Umezaki olhou para Holmes e abriu um largo sorriso, dizendo:

— Está uma bela noite.

Holmes sorriu de volta, embora sem entusiasmo.

— Muito — foi sua resposta concisa.

MAS SE, COM um ligeiro erguer de sua mão, o Sr. Umezaki descartara a questão do desaparecimento do pai, agora era Holmes quem se preocupava com o dilema de Matsuda.

O nome do sujeito, mais tarde ele se convenceria disso, lhe era vagamente conhecido (ou será que tal impressão, perguntou-se, se baseava unicamente no sobrenome que já lhe era familiar?). Assim, durante seu segundo pernoite — enquanto comiam peixe e bebiam saquê no restaurante de uma pousada em Yamaguchi —, ele fez mais perguntas sobre o pai do seu companheiro de viagem, e a questão inicial foi recebida com um longo e desconfortável olhar do Sr. Umezaki.

- Por que está me perguntando isso agora?
- Lamento dizer que minha curiosidade foi despertada.
- É mesmo?
- Temo que sim.

Depois disso, todas as perguntas receberam respostas atenciosas. O Sr. Umezaki foi tornando-se cada vez mais efusivo à medida que sua taça era repetidamente esvaziada e enchida.

Contudo, quando os dois ficaram embriagados, o Sr. Umezaki ocasionalmente parava no meio das frases, incapaz de completar o que estava dizendo. Por um tempo, olhou com desânimo para Holmes, apertando a taça. Logo, deixou de falar definitivamente, e dessa vez seria Holmes quem o ajudaria a se erguer, se afastar da mesa e seguir cambaleando. Então, se retiraram para seus respectivos quartos, e, na manhã seguinte, enquanto passeavam por três aldeias e santuários vizinhos, não foi feita qualquer menção à conversa da noite anterior.

Aquele terceiro dia seria considerado por Holmes o melhor de toda a viagem. Tanto ele quanto o Sr. Umezaki, embora sentindo os desagradáveis efeitos colaterais do excesso de bebida, estavam de ótimo humor, e era um dia de primavera glorioso. Sentados no ônibus, caminhando pelo campo, a conversa fluiu de assunto para assunto de maneira natural e alegre. Falaram da Inglaterra, de apicultura; falaram da guerra e das viagens realizadas na juventude. Holmes ficou surpreso ao saber que o Sr. Umezaki visitara Los Angeles e apertara a mão de Charles Chaplin. Já o Sr. Umezaki ficou fascinado com as aventuras de Holmes no Tibete, onde visitara Lhasa e passara alguns dias com Dalai Lama.

A conversa fácil e amigável se estendeu da manhã até a tarde, enquanto exploravam produtos em um bazar da aldeia (Holmes comprara um abridor de carta ideal: uma pequena espada *kusun-gobu*) e testemunhavam um inusitado festival da fertilidade da primavera em outra aldeia. Os dois conversaram em sussurros enquanto uma procissão de sacerdotes, músicos e moradores vestidos como demônios desfilava pela rua: os homens carregando falos eretos de madeira, as mulheres abraçando pênis menores envoltos em papel vermelho, os espectadores tocando as pontas dos falos que passavam para garantir boa saúde para os filhos.

— Que notável — comentou Holmes.

— Sabia que você acharia interessante — disse o Sr. Umezaki.

Holmes sorriu maliciosamente.

— Meu amigo, suspeito que isso seja muito mais de seu agrado do que do meu.

— Você deve estar certo — concordou o Sr. Umezaki, sorrindo, enquanto estendia as pontas dos dedos para um falo que se aproximava.

A noite que se seguiu foi como a anterior: outra pousada, jantar juntos, rodadas de saquê, cigarros e charutos, e mais perguntas sobre Matsuda. Uma vez que era impossível para o Sr. Umezaki saber tudo acerca do pai — especialmente depois que o

interrogatório saiu do geral para o específico —, suas respostas eram muitas vezes indefinidas, um dar de ombros, ou simplesmente: “Eu não sei.” Ainda assim, o Sr. Umezaki não se ressentiu do interrogatório, mesmo quando as perguntas de Holmes trouxeram de volta tristes lembranças da sua infância sobre a agonia e a tristeza de sua mãe.

— Ela destruiu muita coisa, quase tudo o que meu pai tocara. Por duas vezes, ateou fogo à nossa casa, e também tentou me convencer a acompanhá-la em um pacto de suicídio. Ela queria que entrássemos no mar e nos afogássemos. Essa era a sua ideia de como vingar o mal que meu pai fizera contra nós.

— Então imagino que sua mãe tenha uma especial antipatia por mim. Ela mal consegue disfarçar o desprezo. Senti isso desde o início.

— Não, ela não gosta muito de você, mas, sinceramente, ela não gosta muito de ninguém. Não encare isso como algo pessoal. Ela mal se dirige a Hensuiro, e não gosta do caminho que escolhi seguir na vida. Eu não me casei, vivo com meu companheiro, e ela diz que tais coisas aconteceram por meu pai ter nos abandonado. Para ela, um rapaz jamais poderá se tornar um homem se não tiver um pai para lhe ensinar o que é isso.

— Então, suponho que fui decisivo nesta escolha pelo abandono.

— Ela acha que sim.

— Então devo encarar isso como algo pessoal? Espero que você não compartilhe de tais sentimentos.

— Não, não mesmo. Minha mãe e eu somos completamente diferentes. Nada tenho contra você. Você, por assim dizer, é um herói para mim, e um amigo recém-descoberto.

— Você me deixa lisonjeado — disse Holmes, estendendo a taça para um brinde. — Aos novos amigos...

Durante toda a noite, o rosto do Sr. Umezaki exibiu uma expressão confiante e atenciosa. Holmes interpretou tal fisionomia como um sinal de fé: o Sr. Umezaki acreditava que, ao falar sobre

seu pai e relatar o que sabia, o detetive aposentado pudesse lançar alguma luz sobre seu desaparecimento, ou, ao menos, fornecer algumas ideias ao fim do interrogatório. Apenas mais tarde, quando ficou claro que Holmes nada tinha a revelar, outra expressão se tornou evidente: um rosto triste, um tanto sombrio. Amargura e melancolia, pensou Holmes, depois que o Sr. Umezaki repreendeu uma garçonne que acidentalmente derramou saquê na mesa.

Posteriormente, na última etapa de sua viagem, veio um longo período de introspecção entre os dois, pontuado apenas pelas exalações da fumaça do tabaco. A bordo do trem que seguia para Shimonoseki, o Sr. Umezaki se manteve ocupado escrevendo em seu diário vermelho, e Holmes, com os pensamentos ocupados com o que depreendera de Matsuda, olhou pela janela, seguindo o curso de um rio delgado que serpeava entre montanhas íngremes. Às vezes, o trem passava perto de residências rurais, cada casa com um único barril de setenta e cinco litros junto à margem do rio (as palavras escritas nas laterais dos barris, explicara o Sr. Umezaki anteriormente, significavam: "Água para prevenção de incêndios"). A caminho, Holmes observou diversas pequenas aldeias ao pé de altas montanhas. Alcançar os cumes daquelas montanhas, imaginou, seria estar em uma posição privilegiada e ter uma visão deslumbrante da paisagem abaixo: os vales, as aldeias, as cidades distantes, talvez todo o Mar Interior.

Enquanto observava a paisagem, Holmes refletia sobre tudo o que o Sr. Umezaki lhe dissera a respeito de seu pai, formando em sua mente um retrato básico do homem desaparecido, alguém cuja presença ele quase poderia evocar do passado: a magreza e a altura, a forma distinta de seu rosto magro, o cavanhaque de um intelectual Meiji. No entanto, Matsuda também era um diplomata-estadista, servindo como um dos principais ministros das Relações Exteriores do Japão, antes que a desgraça encurtasse o seu mandato. Mesmo assim, permaneceu como uma personagem enigmática, conhecida por sua habilidade para a lógica e para o

debate, e por sua vasta compreensão das políticas internacionais. A mais notável entre suas diversas realizações foi um livro que documentava a guerra do Japão com a China, escrito quando morou em Londres, detalhando, entre outras coisas, a diplomacia secreta que ocorrera antes da eclosão da guerra.

Ambicioso por natureza, as aspirações políticas de Matsuda começaram durante a Restauração Meiji, quando entrou para o serviço público contra a vontade dos pais. Considerado um intruso, pois não era associado a nenhum dos quatro clãs ocidentais privilegiados, suas habilidades eram impressionantes o suficiente para lhe terem oferecido o governo de diversas prefeituras. Enquanto ocupava esse cargo, fez sua primeira visita a Londres em 1870. Quando estava prestes a renunciar sua posição governamental, foi escolhido para participar do Ministério das Relações Exteriores em expansão, mas sua promissora carreira terminou três anos mais tarde, quando sua insatisfação com o governo dominado pelos clãs acabou por tramar sua queda. A malfadada conspiração levou-o a uma longa temporada na cadeia, onde, em vez de definhar atrás das grades, continuou a realizar trabalhos importantes, como traduzir para o idioma japonês a *Introdução aos princípios da moral e da legislação*, de Jeremy Bentham.

Após ser libertado, Matsuda se casou com sua jovem esposa e, com o tempo, ela lhe deu dois filhos. Enquanto isso, passou vários anos viajando pelo exterior, indo e vindo do Japão, tornando Londres sua base europeia, enquanto viajava com frequência para Berlim e Viena. Esse foi um longo período de estudos para ele. Seu interesse principal era o Direito Constitucional. E embora fosse considerado um erudito com profundo conhecimento do Ocidente, suas crenças sempre foram as de um autocrata.

— Não se engane — disse o Sr. Umezaki naquela segunda noite de interrogatório. — Meu pai acreditava que um poder único e absoluto deveria governar o seu povo. Acho que era por isso que ele

preferia a Inglaterra aos EUA. Acho também que suas crenças dogmáticas o tornaram muito impaciente para ser um político bem-sucedido, e muito menos um bom pai e marido.

— E você acredita que ele ficou em Londres até morrer?

— É mais do que provável.

— E você nunca o procurou quando estudou na Inglaterra?

— Durante algum tempo, sim. No entanto, tornou-se impossível encontrá-lo. Francamente, não me esforcei o bastante, mas eu era jovem, estava envolvido com minha nova vida e novos amigos, e não sentia necessidade urgente de entrar em contato com o homem que me abandonara havia muito tempo. Afinal, desisti de qualquer esforço para localizá-lo, sentindo-me de algum modo liberado por tal decisão. Afinal, àquela altura ele pertencia a outro mundo. Nós éramos estranhos.

Contudo, confessou o Sr. Umezaki, ele viria a lamentar tal decisão décadas mais tarde. Porque agora ele tinha cinquenta e cinco anos — apenas quatro anos mais jovem do que o pai quando o vira pela última vez — e sentia crescer um vazio dentro de si, um espaço negro onde habitava a ausência do pai.

Além disso, ele imaginava que seu pai devia ter compartilhado o mesmo lugar vazio em relação à família que ele jamais veria novamente. Com a morte de Matsuda, aquela ferida sombria e vazia de algum modo fora transferida para seu filho sobrevivente, acabando por apodrecer como uma fonte de perplexidade e angústia frequente, um problema não resolvido de um coração envelhecido.

— Então, não é apenas por causa de sua mãe que você quer algumas respostas? — perguntou Holmes, as palavras subitamente tomadas pela embriaguez e pelo cansaço.

— Não, suponho que não — respondeu o Sr. Umezaki com um pouco de desespero.

— Então, quem está buscando a verdade é você, não é? Em outras palavras, é importante compreender os fatos para o seu bem-estar.

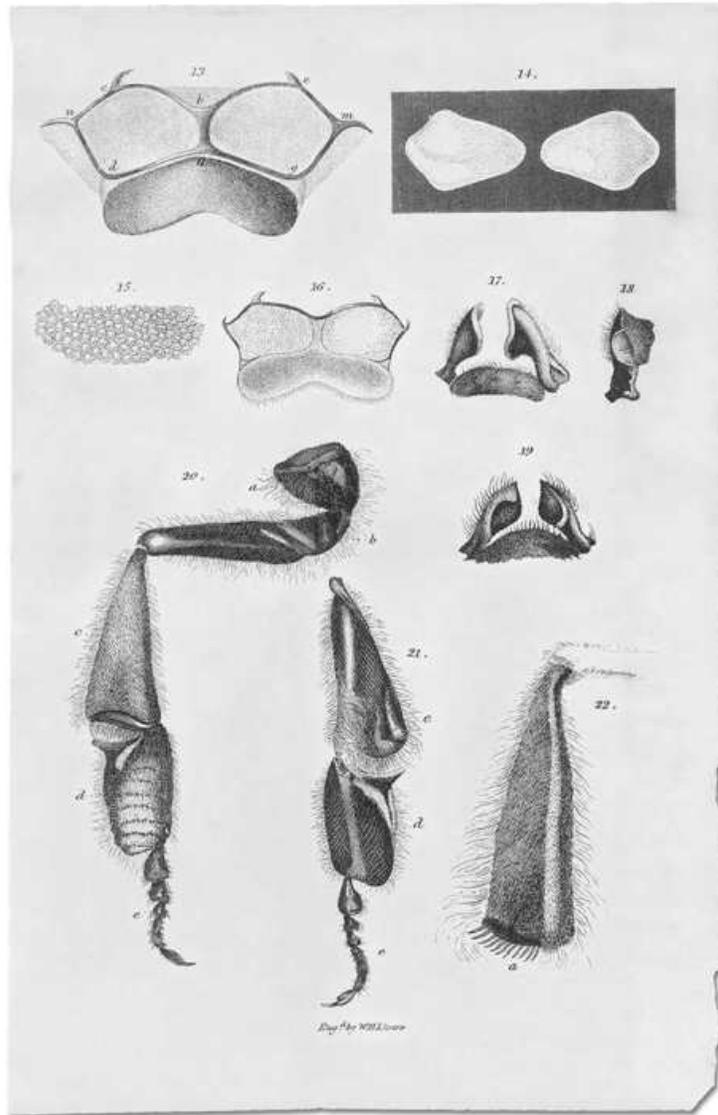
— Sim. — O Sr. Umezaki refletiu um instante, olhando para o copo antes de voltar os olhos para Holmes. — Então, qual é a verdade? Como chegar a ela? Como desvendar o significado de algo que não deseja ser desvendado?

Ele manteve os olhos em Holmes, na expectativa de que tal questionamento criasse um ponto de partida definitivo. Se Holmes respondesse, ele poderia começar a lidar com o desaparecimento de seu pai e com a maior dor de sua infância.

Mas Holmes ficou em silêncio, aparentemente perdido em seus pensamentos. A expressão introspectiva gerou uma pontada de otimismo no Sr. Umezaki. Sem dúvida, Holmes estava consultando o vasto índice de sua memória.

Como o conteúdo de um arquivo profundamente enterrado em um gabinete esquecido, os outrora conhecidos detalhes que cercavam a decisão de Matsuda de abandonar a família e sua terra natal, quando finalmente recuperados, dariam lugar a uma quantidade inestimável de informação. Logo os olhos de Holmes se fecharam (a mente ruminante do velho detetive já alcançando os recessos mais recônditos do gabinete, era o que acreditava o Sr. Umezaki, no fim das contas), e um leve ronco, quase imperceptível, foi então ouvido.

PARTE III



FOI HOLMES — após acordar em sua escrivaninha, com os pés dormentes, e, em seguida, dar um passeio ao ar livre para reforçar a circulação — quem encontrou Roger naquele fim de tarde, perto do apiário, parcialmente escondido em meio à grama alta do pasto ao lado. O rapaz estava deitado de costas, braços paralelos ao corpo, descansando e olhando para as nuvens que se movimentavam com lentidão no céu. Antes de se aproximar ou chamá-lo, Holmes também olhou para aquelas nuvens, desejando saber o que exatamente prendia a atenção de Roger, pois nada de extraordinário podia ser visto afora a gradual movimentação dos cúmulos e suas sombras amplas que periodicamente obliteravam a luz solar e varriam o pasto como ondas sobre um litoral.

— Roger, meu rapaz — disse Holmes afinal, baixando o olhar enquanto atravessava o gramado. — Infelizmente, sua mãe solicita sua ajuda na cozinha.

Era verdade que Holmes não tinha intenção de se aventurar no apiário. Simplesmente planejara uma breve caminhada pelo jardim, verificando os canteiros de hortaliças, arrancando ervas daninhas ocasionais, firmando a terra solta com uma bengala. Entretanto, a Sra. Munro o encontrara quando ele saía pela porta da cozinha e, limpando a farinha no avental, perguntou se ele poderia fazer-lhe a gentileza de chamar o menino. Holmes concordou, embora não sem relutância, porque ainda havia trabalho inacabado esperando por ele no sótão e porque uma caminhada para além dos jardins inevitavelmente se tornaria uma distração prolongada, embora bem-vinda (pois assim que colocasse os pés no apiário, ele tinha certeza

de que ficaria ali até o anoitecer, espiando as colmeias, organizando os ninhos das crias, removendo favos desnecessários).

Alguns dias depois, entretanto, ele percebeu que o pedido da Sra. Munro fora sinistramente oportuno: se ela tivesse procurado o menino por conta própria, jamais buscaria além do apiário, ao menos não inicialmente. Ela nunca teria percebido a grama alta pisoteada, formando uma nova trilha no pasto, ou — seguindo aquele trajeto estreito e curvo — encontrado Roger imóvel, observando aquelas nuvens brancas e maciças. Sim, ela teria gritado seu nome do passeio do jardim, mas, sem obter resposta, o teria imaginado em outro lugar (lendo no chalé, perseguindo borboletas no bosque, talvez catando conchas na praia). Ela não ficaria preocupada. Uma expressão apreensiva não surgiria em seu rosto enquanto atravessava o gramado chamando seu nome.

— Roger — disse Holmes. — Roger — sussurrou ao se aproximar do menino, pressionando com suavidade uma bengala em seu ombro.

Posteriormente, quando trancado em seu escritório, ele apenas se lembraria dos olhos do menino — aquelas pupilas dilatadas fixas no céu, de alguma forma expressando êxtase — e pensaria um pouco mais naquilo que discernira depressa em meio à grama que oscilava suavemente: os lábios, as mãos e o rosto inchado de Roger, as inúmeras picadas em forma de vergões formando padrões irregulares em seu pescoço, rosto, testa e orelhas. Holmes também não pesaria as poucas palavras que proferira agachado junto ao menino, palavras ditas com gravidade e que, se ouvidas por outra pessoa, teriam soado incrivelmente frias, inimaginavelmente insensíveis.

— Você está morto, meu rapaz. Morto de fato, sinto muito....

Mas Holmes estava bem familiarizado com a indesejável chegada da morte — ou ao menos queria acreditar que sim — e dificilmente suas visitas repentinas o surpreendiam. Durante sua longa vida, ele já se ajoelhara junto a muitos cadáveres — mulheres, homens,

crianças e animais, muitas vezes completos estranhos, embora alguns conhecidos, observando o modo conclusivo como a morte deixa seu cartão de visita (hematomas azul-escuros na lateral de um cadáver, pele descorada, dedos retorcidos congelados pelo *rigor mortis*, aquele cheiro enjoativo inalado pelas narinas dos vivos: diversas variações, mas sempre o mesmo tema inegável). *A morte, assim como o crime, é lugar-comum, escreveu certa vez. Por outro lado, a lógica é rara. Portanto, manter uma atitude mental lógica, especialmente quando enfrentamos a mortalidade, pode ser difícil. No entanto, é sempre na lógica, e não na morte, que devemos nos pautar.*

Assim, em meio à grama alta, a lógica foi invocada como a proteção de uma armadura para rechaçar a dolorosa descoberta do corpo do menino (desconsiderada a leve tontura, o tremor em seus dedos, ou a angústia atordoante que começava a florescer em sua mente). A morte de Roger não tinha importância no momento, convenceu a si mesmo. O que importava naquele instante era como Roger morrera. Contudo, sem nem mesmo examinar o corpo — sem sequer se curvar para observar aquele rosto inchado e inflamado — ele compreendeu as circunstâncias da morte do menino.

Roger fora picado, é claro. Picado repetidas vezes, Holmes percebeu à primeira vista. Antes da morte do garoto, sua pele se avermelhara, acompanhada por uma dor causticante e coceira generalizada. Talvez tivesse fugido de seus atacantes. De qualquer forma, vagara das colmeias até o pasto, provavelmente desorientado, perseguido pelo enxame. Não havia nenhum sinal de vômito em sua camisa ou em torno de seus lábios e queixo, embora o menino certamente tivesse sentido cólicas abdominais, náuseas. Sua pressão arterial teria caído, provocando fraqueza. A garganta e a boca sem dúvida incharam, impedindo-o de engolir ou gritar por ajuda. Seguiram-se alterações no ritmo cardíaco, bem como dificuldade para respirar e, provavelmente, uma sensação de morte iminente (ele era uma criança inteligente, por isso teria percebido

qual seria seu destino). Então, como se caindo em um alçapão, ele tombara na grama e perdera os sentidos, morrendo, surpreendentemente, com os olhos bem abertos.

— Anafilaxia — murmurou Holmes, tirando salpicos de terra das bochechas do menino. Reação alérgica grave, concluiu. Picadas demais. O extremo do espectro alérgico, uma morte relativamente rápida e desconfortável. Ele ergueu o olhar desesperado para o céu, observando as nuvens avançando lá em cima, ciente da eminência do anoitecer naquele fim do dia.

O que acontecera?, perguntou-se afinal, lutando com as bengalas para ficar de pé. O que o menino fizera? O que provocara as abelhas a tal ponto? O apiário parecia tão sereno como sempre. Ao atravessá-lo mais cedo em busca de Roger, chamando o nome do menino, Holmes não vira nenhum enxame, nenhuma atividade nas entradas das colmeias, nada fora do comum. Além do mais, não havia uma única abelha perto do corpo de Roger. Independentemente disso, o apiário merecia uma análise mais aprofundada e as colmeias necessitavam de inspeção adequada. Seria preciso usar macacão, luvas, chapéu e véu, para que Holmes não tivesse destino semelhante ao do menino. Antes, porém, as autoridades e a Sra. Munro teriam de ser informadas, e o corpo de Roger, levado dali.

O sol já mergulhava rumo ao oeste, e, por trás dos campos e dos bosques, havia um tênue brilho no horizonte longínquo. Afastando-se de Roger, Holmes atravessou o pasto precariamente, abrindo sua própria trilha tortuosa para evitar completamente o apiário, atravessando a grama até atingir a brita do passeio do jardim. Ali, ele fez uma pausa, olhando para o tranquilo apiário e para o local no gramado que ocultava o corpo do menino, ambos os lugares inundados pela luz dourada do sol. Só então murmurou, imediatamente perturbado pela insignificância das próprias palavras silenciosas:

— O que está me dizendo? — exclamou subitamente, em voz alta, batendo com as bengalas na brita. — O que... vocês...

Uma abelha-operária passou zumbindo, seguida por outra, detendo-o com seu zumbido.

O sangue foi drenado de seu rosto e suas mãos tremiam enquanto agarrava os cabos das bengalas. Tentando recuperar a compostura, respirou fundo e, em seguida, voltou-se depressa para a casa da fazenda. Mas ainda não podia prosseguir porque tudo à sua frente — as fileiras do jardim, a casa, os pinheiros — era apenas vagamente tangível. Por um momento, permaneceu perfeitamente imóvel, confundido por tudo o que via ao redor e à sua frente: como é possível, perguntou, que eu tenha vindo parar em um lugar que não é meu? Como cheguei aqui?

— Não — disse ele. — Não, não... Você está enganado...

Holmes fechou os olhos, inalando ar para dentro do peito. Ele precisava se concentrar, e não apenas para se recuperar, mas também para vencer o sentimento de estranheza, pois o passeio era concepção sua, e o jardim também. Havia narcisos selvagens ali perto e ainda mais perto havia buddleias roxas. Se seus olhos estivessem abertos, Holmes tinha certeza de que reconheceria os cardos gigantes, veria seus canteiros de hortaliças. Finalmente, ao abrir as pálpebras, encontrou os narcisos, as buddleias, os cardos e os pinheiros mais adiante. Então, ordenou às suas pernas que avançassem, e o fez com um bom grau de sombria determinação.

— É claro — murmurou. — Claro...

Naquela noite, Holmes ficaria junto à janela do sótão, olhando para a escuridão. Como se por escolha própria, ele não se lembraria dos momentos anteriores que o levaram ao escritório, das especificidades de tudo o que fora dito e explicado, da breve conversa com a Sra. Munro depois que voltou à fazenda, sua voz chamando-o da cozinha:

— Você o encontrou?

— Sim.

— Ele está a caminho?

— Temo que sim.

— Já era hora.

Ou o telefonema sussurrado notificando Anderson da morte de Roger, informando ao policial onde o corpo fora encontrado, e avisando a Anderson que ele e seus homens se mantivessem afastados do apiário:

— Há algo de errado com minhas abelhas, portanto, tome cuidado. Se você cuidar do menino e informar a mãe dele sobre o ocorrido, tratarei das colmeias e amanhã revelarei o que descobrir.

— Estamos a caminho. Sinto muito por sua perda, senhor. De verdade.

— Apresse-se, Anderson.

Ele se autocensurou por ter evitado a Sra. Munro, em vez de lidar com ela diretamente — incapaz de transmitir seu próprio remorso, de compartilhar com ela parte de sua agonia, de ficar ao seu lado quando Anderson e seus homens entraram na casa. Em vez disso, estupefato pela morte de Roger e pela própria ideia de confrontar a mãe do menino com a verdade, ele subiu a escada até o escritório, fechou e trancou a porta, esquecendo-se de voltar para o apiário, como planejado. Então, sentou-se à escrivaninha, escrevendo um bilhete atrás do outro, pouco consciente do significado das frases escritas às pressas, pouco se importando com o que ocorria lá fora, a tristeza espontânea da Sra. Munro vindo lá de baixo (seus gemidos guturais, os soluços sem fôlego — uma tristeza profunda que percorreu as paredes e pisos, ecoou pelos corredores e logo terminou tão abruptamente quanto começara). Minutos depois, Anderson bateu à porta do escritório, dizendo:

— Sr. Holmes... Sherlock...

Relutante, Holmes permitiu-lhe a entrada, mas apenas por algum tempo. Entretanto, os detalhes de sua discussão, as coisas que Anderson sugerira, as coisas com as quais Holmes concordara, estavam inevitavelmente perdidas para ele.

E no silêncio que se seguiu — uma vez que Anderson e seus homens haviam deixado a casa, levando a Sra. Munro em um veículo e o menino em uma ambulância — ele foi até a janela do sótão, nada vendo além da completa escuridão. Mas ainda assim percebeu algo, uma imagem inquietante que não conseguia afastar por completo da memória: os olhos azuis de Roger lá fora, no pasto, aquelas pupilas dilatadas, parecendo atentas embora insuportavelmente vazias.

Voltando para a escrivaninha, descansou algum tempo em sua cadeira, inclinado para a frente, pressionando os polegares nas pálpebras fechadas.

— Não — murmurou, balançando a cabeça. — É mesmo? — disse então em voz alta, erguendo o rosto. — Como pode ser? — Ele abriu os olhos, olhando em torno como se esperasse encontrar alguém ali perto. Mas, como sempre, estava sozinho no sótão, sentado à escrivaninha, pegando distraidamente a caneta.

Seu olhar voltou-se para o trabalho à sua frente, para as pilhas de papel, para a desordem de suas anotações e aquele manuscrito inacabado unido por um elástico. Nas horas que se seguiriam até o amanhecer, ele não pensaria muito mais em Roger, nem jamais conceberia o menino sentado naquela mesma cadeira, debruçado sobre o caso da Sra. Keller e desejando a conclusão da história. No entanto, naquela noite, ele se sentiu subitamente obrigado a terminar a história de qualquer maneira, pegando papéis em branco para começar a criar para si mesmo uma espécie de encerramento onde antes não havia nenhum.

Então foi como se as palavras surgissem bem diante de seus próprios pensamentos, enchendo as páginas com facilidade. As palavras impulsionavam sua mão para a frente, ao mesmo tempo em que o puxavam sem parar para trás — passando pelos meses de verão em Sussex, por sua recente viagem ao Japão, pelas duas grandes guerras —, de volta a um mundo que prosperou durante a

conclusão de um século e início de outro. Ele escreveria até o amanhecer. Não pararia até que a tinta estivesse quase no fim.

III.
Nos Jardins da
Sociedade de Física e Botânica

Como documentado nos curtos esboços de John, frequentemente eu não era muito escrupuloso ao trabalhar em um caso, e nem sempre agia com desinteresse. Para ser sincero quanto à foto da Sra. Keller, devo confessar que não tinha a menor necessidade dela. Na verdade, o caso já estava concluído antes mesmo de irmos à Portman's naquela quinta-feira à noite, e eu poderia ter revelado tudo para o Sr. Keller na ocasião, caso o rosto de sua mulher não me atraísse tanto. Ao prolongar a conclusão, eu sabia que poderia voltar a vê-la pessoalmente, mas de um melhor ponto de vista. Quis ficar com a fotografia por razões particulares, com a intenção de preservá-la, a título de pagamento. Mais tarde, naquela noite, sentado sozinho junto à janela, a mulher ainda estava presente em meus pensamentos — a sombrinha erguida contra o sol, como se para proteger a brancura de sua pele de alabastro — enquanto sua tímida imagem olhava para cima a partir do meu colo.

Contudo, vários dias se passaram antes que eu tivesse a oportunidade de dedicar minha plena atenção a ela. Nesse meio-tempo, minhas energias foram despendidas em uma questão de suprema importância que o governo francês me contratara para resolver: um caso sórdido girando em torno de um peso de papel de ônix roubado da escrivãzinha de um diplomata em Paris, que acabou escondido sob o assoalho de um palco no West End. Mesmo assim, a mulher persistia em minha mente, manifestando-se de forma cada vez mais fantasiosa, o que, apesar de ser quase inteiramente minha invenção, era tão atraente quanto desconcertante. Mas eu não deixava de perceber que minhas reflexões eram baseadas em fantasia e, portanto, provavelmente imprecisas. Ainda assim, não posso negar os complicados impulsos despertados quando eu estava preocupado com este

tolo devaneio. Pela primeira vez a ternura que eu sentia ia além da minha racionalidade.

Assim, na terça-feira seguinte, disfarcei-me adequadamente, refletindo sobre qual personagem melhor atenderia à encantadora Sra. Keller. Escolhi Stefan Peterson, um bibliófilo de meia-idade de personalidade gentil, senão um tanto efeminada. Uma personagem míope, de óculos, vestindo um tweed surrado, que tinha o hábito de passar a mão nervosamente pelo cabelo despenteado enquanto puxava, distraída, a echarpe azul.

— Perdoe-me, senhora — falei, estreitando os olhos para meu reflexo no espelho, imaginando quais seriam as tímidas e educadas primeiras palavras de meu personagem para a Sra. Keller. — Perdão, senhora... me desculpe...

Ajustando a echarpe, percebi que sua predisposição para a flora consistia para rivalizar o amor dela por todas as coisas que floresciam. Despenteando meu cabelo, tive certeza de que seu fascínio pela literatura romântica era insuperável. Afinal, ele era um ávido leitor, que preferia o solitário conforto de um livro à maioria das interações humanas. No entanto, em sua essência, era um homem solitário, se comportando como alguém que, à medida que ficava mais velho, começava a contemplar o valor da companhia estável. Com esse intuito, estudou a sutil arte da quiromancia, mais como uma forma de fazer contato com os outros do que como um meio de divulgar eventos futuros. Se a palma da mão certa pousasse brevemente sobre a sua, ele imaginou que seu calor fugaz poderia mantê-lo vivo pelos próximos meses.

E então não consigo me imaginar escondido atrás de minha própria criação, em vez disso, ao recordar os momentos daquela tarde, sou completamente retirado do processo. Em vez de mim, era Stefan Peterson quem caminhava à luz oblíqua da tarde, a cabeça baixa e os ombros direcionados para o peito, uma atrapalhada e lamentável figura caminhando cautelosamente em direção à Montague Street. Sua figura não atraía olhares demorados, nem sua presença era notada. Para aqueles por quem passava, ele era uma alma eminentemente esquecível.

No entanto, estava determinado em sua missão, chegando à Portman's antes da Sra. Keller. Ao entrar na loja, passou silenciosamente pelo balcão onde, como antes, o proprietário lia um livro — lupa em uma mão, rosto próximo do texto — sem tomar conhecimento da fugaz proximidade de

Stefan. Somente então, ao vagar por um corredor, questionou também a audição do proprietário, pois o velho não dera sinal de ter ouvido o ranger das dobradiças da porta da loja, nem a placa de ABERTO batendo no vidro depois que a porta se fechou. Ele atravessou corredores abarrotados de estantes, em meio a partículas de poeira que rodopiavam entre os escassos raios de sol. Quanto mais fundo entrava na loja, deu-se conta, mais escuro ficava à sua frente, até que tudo ao seu redor foi tomado pelo breu.

Chegando na escada, subiu sete degraus e ali se agachou, para poder observar claramente a entrada da Sra. Keller sem ser notado. Então, em dado momento, os eventos finalmente se desenrolaram da seguinte maneira: as vibrações tristes da harmônica começaram a soar lá em cima — os dedos do menino correndo pelos vidros e, momentos depois, a porta da loja se abriu. Como fizera nas terças e quintas-feiras anteriores, a Sra. Keller entrou com sua sombrinha sob o braço e empunhando um livro com a mão enluvada. Sem se importar com o proprietário — nem ele com ela —, foi até os corredores, parando às vezes para examinar as prateleiras, ocasionalmente tocando as lombadas de vários livros, como se seus dedos se sentissem impelidos a fazer aquilo. Por um tempo, permaneceu visível, embora de costas para ele. Stefan viu-a caminhar lentamente em direção aos recessos mais escuros da loja, tornando-se cada vez menos aparente. Por fim, ela desapareceu por completo de sua visão, mas não antes de ele observar que a Sra. Keller devolveu o livro que trazia a uma prateleira superior e o trocou por outro, que parecia ter escolhido aleatoriamente.

Você está longe de ser uma ladra, disse para si mesmo. Na verdade, só pega livros emprestados.

Uma vez que ela estava fora de vista, ele apenas pôde supor sua exata localização — em algum lugar ali perto, sim, pois sentia o cheiro de seu perfume; certamente em um local em meio à quase escuridão, mesmo que apenas por alguns segundos. O que ocorreu a seguir era esperado e pouco surpreendente, apesar de seus olhos não estarem bem-preparados: um repentino clarão iluminou os fundos da loja, inundando os corredores por um momento com seu brilho, desaparecendo tão depressa quanto irrompera. Ele desceu os degraus imediatamente, ainda ofuscado pelo brilho que penetrara suas pupilas e, sabia, agora envolvia a Sra. Keller.

Ele atravessou uma estreita passagem entre a dupla fileira de estantes, inalando os poderosos e orientadores aromas de sua fragrância, e parou à sombra da parede oposta. Enquanto olhava para a parede, seus olhos começaram a se ajustar ao ambiente, e ele murmurou:

— Bem aqui, e em nenhum outro lugar.

Os sons distantes da harmônica continuavam a chegar distintamente a seus ouvidos. Ele olhou para a esquerda e encontrou precárias pilhas de livros. Então, olhou para a direita: mais pilhas de livros. E ali, bem à sua frente, estava o portal de fuga da Sra. Keller: uma porta de fundos fechada e emoldurada pelo mesmo brilho que ofuscara sua visão. Deu dois passos adiante e empurrou a porta. Teve que dispor de todo o seu autocontrole para evitar sair correndo atrás dela. Com a porta escancarada, a luz novamente inundou a loja. No entanto, ele hesitou em ultrapassar a soleira, e com cautela, enquanto olhava para as telas de treliça que formavam uma passarela fechada, gradualmente avançou em um passo arrastado e cuidadoso.

Logo seu perfume foi obscurecido pelos odores ainda mais pungentes de tulipas e narcisos. Ele foi até o fim da passarela, onde espiou por uma treliça coberta de videiras e viu um pequeno jardim paisagístico, em um projeto extremamente elaborado: canteiros de hortaliças prosperavam ao lado de uma topiaria um tanto oblíqua podada de densas sebes. Flores perenes e rosas cobriam as paredes do perímetro: um oásis ideal que o proprietário criara no coração de Londres e que mal dava para ser visto da janela de Madame Schirmer. Provavelmente em anos anteriores à perda de sua visão, o velho adaptara seu jardim para os diferentes microclimas de seu quintal: onde o telhado do edifício impedia que a luz solar iluminasse certos lugares por um longo tempo, o proprietário plantara folhagem variada, com a intenção de destacar as áreas escuras; em outros lugares, os canteiros perenes hospedavam dedaleiras, gerânios e lírios.

Um caminho de seixos se curvava em direção ao centro do jardim, terminando em um trecho quadrado de grama, cercado por uma sebe de buxo formal. Sobre a relva havia um pequeno banco, e, ao lado, uma grande urna de terracota, pintada com pátina de cobre. Em cima do banco — com a sombrinha fechada sobre o colo, segurando com ambas as mãos o livro que

havia pegado emprestado —, a Sra. Keller estava sentada à sombra do prédio, lendo, enquanto o som da harmônica emanava da janela lá em cima e soprava pelo jardim como uma brisa enigmática.

Claro, pensou ele, é claro. No exato momento em que ela ergueu os olhos do livro e inclinou a cabeça para o lado, ouvindo atentamente quando a música relaxou um pouco e, logo em seguida, assumiu um desempenho refinado, menos dissonante. Ele tinha certeza de que Madame Schirmer tomara o lugar de Graham à harmônica, mostrando para o menino como os vidros deveriam ser manipulados. E enquanto aqueles dedos magistras tiravam tons requintados do instrumento, transformando o próprio ar com suas texturas tranquilizadoras, ele observou a Sra. Keller ao longe, notando o sutil arrebatamento em sua expressão — o exalar suave de sua respiração entre os lábios entreabertos, o relaxamento de sua postura rígida, seus olhos se fechando com lentidão — e a presença oculta de algo pacífico a respeito dela que emergiu, mesmo que por escassos minutos, de acordo com a música.

É difícil lembrar quanto tempo ele permaneceu ali, pressionando o rosto na tela de treliça enquanto olhava para a Sra. Keller, pois ele também fora cativado por tudo aquilo que enriquecia o jardim. No entanto, sua concentração seria finalmente quebrada pelo ranger da porta dos fundos, seguido por uma tosse violenta anunciando que o proprietário já atravessava a soleira. Usando um macacão encardido e luvas marrons, o velho atravessou o passeio, segurando a alça de um regador em uma das mãos. Logo, ele passaria pela figura que pressionava o corpo nervosamente na tela de treliça, entrando no jardim sem se dar conta de seus vasos e chegando aos canteiros de flores assim que declinavam os últimos acordes da harmônica. Então o regador escorregou de sua mão, caiu de lado e deixando escorrer quase todo o seu conteúdo.

Naquele instante, tudo acabou: a harmônica silenciou, o proprietário estava curvado sobre os canteiros de rosas, tateando a grama em busca daquilo que lhe escapara da mão. A Sra. Keller reuniu seus pertences e se levantou do banco, caminhando em direção ao velho com aquela calma que agora lhe era familiar. Sua sombra se projetou sobre o Sr. Portman quando ela se curvou diante de suas mãos estendidas, erguendo o regador, e o

proprietário, sem ter se dado conta de sua presença fantasmagórica, prontamente agarrou a alça e tossiu. Então, como a sombra de uma nuvem passando facilmente pela terra, ela se afastou na direção de um pequeno portão de ferro nos fundos do jardim. Ela girou a chave que estava na fechadura e abriu o portão o suficiente para que pudesse sair — ao abrir e fechar, produziu a mesma mistura de ranger e estrépito. Então pareceu-lhe que ela nunca estivera no jardim ou na loja. De certa forma, ela se tornou imediatamente nebulosa em sua mente, recuando rumo ao nada, como as últimas notas tiradas do instrumento de Madame Schirmer.

No entanto, em vez de correr atrás dela, ele voltou, atravessou a livraria e saiu à rua. Ao anoitecer, subiu a escada que levava ao meu apartamento. Ainda a caminho, amaldiçoou a paralisia de sua vontade, aquilo que o detivera, mantendo-o preso ao jardim, mesmo quando ela sumira de vista. Apenas mais tarde — quando o disfarce de Stefan Peterson foi removido, cuidadosamente dobrado e guardado dentro de minha cômoda — considerei a natureza de alguém tão irresoluto. Como, perguntei-me, poderia um homem tão culto e letrado ficar desconcertado por uma mulher tão pequena e despreziosa? Pois o semblante passivo da Sra. Keller pouco denunciava daquilo que havia de incontrolável ou excepcional a seu respeito. Será que o isolamento e o distanciamento que cercavam sua vida de estudos — as horas solitárias gastas absorvendo todos os tipos de comportamento e pensamento humano — não lhe deram nenhuma noção do que então lhe era exigido?

Você deve ser forte, desejei convencê-lo. Deve pensar mais como eu. Ela é real, sim, mas também é uma invenção, um desejo derivado de sua própria necessidade. Em sua solidão, você se apegou ao primeiro rosto que chamou sua atenção. Poderia ter sido qualquer uma, você sabe. Afinal, é um homem, meu caro. Ela é apenas uma mulher e existem milhares iguais espalhadas por esta grande cidade.

Eu tinha um único dia para tramar o melhor curso de ação para Stefan Peterson. Na quinta-feira seguinte, decidi, ele ficaria do lado de fora da Portman's e observaria de longe quando ela entrasse na loja — momento em que se dirigiria até o beco atrás do jardim do proprietário e esperaria, fora de alcance, até que o portão dos fundos fosse finalmente aberto. Meu plano foi realizado sem falhas na tarde seguinte: por volta das cinco da tarde, a Sra.

Keller saiu pelo portão dos fundos com a sombrinha erguida e um livro em mãos. Começou a caminhar imediatamente e ele a seguiu, mantendo distância. Mesmo quando quis se aproximar, algo o manteve afastado. Ainda assim, seus olhos discerniram os grampos em seu cabelo negro e denso, e o sutil movimento de seus quadris. De vez em quando, ela parava e erguia a cabeça para o céu, o que lhe permitia avistar seu perfil, o contorno de seu maxilar, a suavidade quase transparente de sua pele. Então, pareceu-lhe que ela estava falando baixinho, sua boca murmurando sem emitir sons. Quando terminou, olhou para a frente e continuou a caminhar. Ela atravessou a Russell Square, desceu a Guilford Street, virou à esquerda na Gray's Inn Road, chegou ao cruzamento da King's Cross e atravessou uma rua transversal, onde, desviando do passeio, acompanhou os trilhos de trem perto da Estação de St. Pancras. Era um caminho tortuoso, sem direção. Ainda assim, pelo movimento deliberado de seus passos, ele compreendeu que aquele não era um mero passeio para a Sra. Keller. E quando, finalmente, ela atravessou os grandes portões de ferro da Sociedade de Física e Botânica, o fim de tarde já começara a se transformar em início de noite.

O parque onde se viu ao atravessar os altos muros de tijolos vermelhos contrastava muito com o restante do bairro. Lá fora, em uma grande artéria que se estendia em ambas as direções e por onde fluía o tráfego da cidade, a rua estava repleta de comércio e as calçadas fervilhavam de pedestres. Contudo, passados os portões de ferro — no lugar onde oliveiras, canteiros de flores e hortas de verduras e hortaliças margeavam um sinuoso caminho de brita — espalhavam-se vinte e seis mil metros quadrados de campos exuberantes em torno de uma casa senhorial, que, em 1772, fora doada à Sociedade por Sir Philip Sloane. Ali, à sombra dessas árvores, ela continuou a caminhar, girando ociosamente a sombrinha. Dobrando à direita no caminho principal, ela pegou uma trilha mais estreita, passando por massarocos e *Atropa belladonna*, passando por cavalinhas e matricárias, parando de vez em quando para tocar as flores, sussurrando enquanto o fazia. Ele também estava lá com ela, mas ainda não se sentia disposto a encurtar a distância entre os dois, mesmo quando se deu conta de que eram as únicas pessoas que caminhavam pela trilha.

Eles prosseguiram, passando por íris e crisântemos — um atrás do outro — até que, por um momento, ele a perdeu de vista onde a trilha se curvava por trás de uma alta sebe, vendo apenas a sua sombrinha flutuando acima da folhagem. Em seguida, a sombrinha sumiu e seus passos no cascalho silenciaram. Quando ele dobrou a esquina, ela estava muito mais perto do que ele esperava. Acomodando-se em um banco que marcava uma bifurcação na trilha, ela baixou a sombrinha fechada sobre o colo e abriu o livro. Muito em breve, ele sabia, o sol ficaria abaixo dos muros do parque, cobrindo tudo com tons mais escuros. Você deve agir agora, disse para si mesmo. Agora, enquanto ainda há luz.

Cutucando a echarpe, ele se aproximou, nervoso, dizendo:

— Com licença.

Ele disse que queria perguntar sobre o livro dela, educadamente explicando que era um colecionador, um leitor ávido, sempre interessado em saber o que os outros estavam lendo.

— Acabei de começar — disse ela, encarando-o com cautela quando ele se sentou ao seu lado.

— Que maravilha — comentou Stefan, falando com entusiasmo, como se para esconder a própria falta de jeito. — Com certeza este é um local agradável para se desfrutar de algo novo, não é mesmo?

— É — respondeu ela com a voz serena.

Suas sobranceiras eram muito densas, espessas, dando a seus olhos azuis uma aparência severa. Ela parecia irritada com alguma coisa, seria a imposição de sua presença ou simplesmente a reservada e cautelosa reticência de uma mulher?

— Posso? — disse ele, apontando para o livro. Ela relutou um instante antes de lhe entregar o exemplar. Marcando a página onde ela parara com o indicador, ele observou a lombada. — Ah, *Autumn Vespers*, de Menshov. Muito bom. Também prefiro escritores russos.

— Entendo — disse ela.

Houve um longo silêncio, quebrado apenas pelo tamborilar de seus dedos sobre a capa do livro.

— Uma bela edição. A encadernação é bem costurada.

O olhar dela permaneceu fixo nele quando recebeu o livro de volta, e ele se viu confrontado por seu rosto estranho e assimétrico: a sobrancelha erguida, aquele meio sorriso forçado que ele também vira na fotografia. Então ela se levantou e pegou a sombrinha.

— Desculpe, senhor, mas preciso ir.

Ela o achara desagradável. De que outra forma explicar sua necessidade de ir embora logo após ele ter chegado?

— Perdoe-me. Eu a incomodei.

— Não, não — retrucou ela. — De modo algum. Mas está ficando tarde e estão me esperando em casa.

— É claro — disse ele.

Havia algo sobrenatural em seus olhos azuis, e sua pele pálida e sua conduta geral: os movimentos lentos e sinuosos de seus membros quando ela se afastou, a maneira como flutuou feito uma aparição na trilha do jardim. Sim, algo sem propósito, equilibrado e incognoscível, tinha certeza, enquanto ela se afastava dele e dava a volta ao redor da sebe. Agora, com o anoitecer caindo no jardim, ele se sentiu perdido. Aquilo não era para terminar tão subitamente. Ele devia ter parecido interessante e único para ela — um espírito irmão, talvez. Então o que seria aquela incapacidade, aquela falta em si mesmo? Por que, quando parecia que cada molécula dentro dele o atraía para ela, a mulher se afastara tão rapidamente? E o que o fez segui-la na trilha naquele instante, mesmo quando parecia que ela o considerava um estorvo? Ele não sabia dizer, nem podia imaginar por que sua mente e seu corpo estavam em desacordo naquele instante: um sabia mais que o outro e, no entanto, o mais racional revelava-se menos determinado.

Contudo, uma chance o aguardava além da sebe, pois ela não se apressara como ele imaginara. Em vez disso, estava agachada ao lado da íris, a bainha de seu vestido cinza roçando na brita, e ela colocara o livro e a sombrinha no chão ao seu lado. Segurando uma das flores vistosas na mão direita, ela não notou sua aproximação nem percebeu sua sombra incidindo sobre ela à luz crepuscular. Ali, ele observou com atenção enquanto ela suavemente pressionava os dedos nas folhas lineares. Então, quando ela retirou a mão, ele observou que havia uma abelha-operária sobre sua luva.

Ela não se intimidou, afastando a criatura ou esmagando-a com o punho. Um leve sorriso se espalhou pelo seu rosto enquanto analisava a abelha de perto, fazendo-o com aparente reverência, e, durante algum tempo, foram proferidos sussurros afetuosos. Por sua vez, a abelha-operária permaneceu na palma de sua mão — sem se mover nem cravar o ferrão em sua luva, como se também a observasse. Que estranha comunhão, pensou, de um modo como ele jamais vira. Por fim, ela achou por bem liberar a criatura, deixando-a na mesma flor onde estava, e pegou a sombrinha e o livro.

— O nome íris tem relação com a palavra arco-íris — gaguejou ele. Mas ela não ficou surpresa ao vê-lo ali.

Quando ela se levantou, avaliando-o com um olhar desapaixonado, ele sentiu o desespero tremular em sua voz, mas não conseguiu evitar dizer:

— É fácil entender por que, pois se abrem em tantas cores: azuis e roxas, brancas e amarelas, como estas, rosas e laranjas, marrons e vermelhas, até mesmo negras. É uma flor resistente. Com luz suficiente, cresce em regiões desérticas, ou no frio do extremo norte.

A expressão ausente da Sra. Keller tornou-se permissiva, e, seguindo em frente, abriu espaço para que o homem caminhasse ao seu lado, ouvindo ele lhe contar tudo o que sabia sobre a flor. Íris era a deusa grega do arco-íris, mensageira de Zeus e Hera, encarregada de levar as almas das mulheres mortas para os Campos Elíseos. Por isso, os gregos plantavam íris roxas sobre os túmulos das mulheres. Os antigos egípcios adornavam seus cetros com uma íris, que representava a fé, a sabedoria e a coragem. Os romanos honravam a deusa Juno com a flor, e usavam-na nas cerimônias de purificação.

— Talvez você já saiba que a íris florentina, *Il Giaggiolo*, é a flor oficial de Florença. E se já visitou a Toscana, certamente sentiu o aroma das íris roxas que são cultivadas entre as várias oliveiras da região, um aroma muito parecido com o das violetas.

Ela o estava olhando com atenção e fascínio, como se esse encontro inesperado tivesse reanimado uma tarde tediosa.

— Como você descreve, parece muito agradável — disse ela. — Mas, não, não conheço a Toscana. Nem a Itália de modo geral.

— Ah, você deveria, minha querida, realmente deveria. Não há melhor lugar no mundo do que as montanhas italianas.

Então, naquele momento, ele não conseguiu pensar em mais nada a dizer. Temia que suas palavras tivessem acabado, e ele tinha pouco mais a comunicar. Ela desviou o rosto, olhando para a frente. Ele esperava que a moça dissesse algo, mas tinha certeza de que ela não diria. Por isso, foi como se, por frustração ou pura impaciência consigo mesmo, ele decidiu dispensar o peso infinito de seus próprios pensamentos e, em vez disso, falar sem antes considerar o significado do que seria dito:

— Eu me pergunto, se me permite: o que a atrai em uma íris?

Ela inspirou profundamente o temperado ar primaveril e, sem nenhuma razão aparente, balançou a cabeça.

— O que me atrai em uma íris? Isso é algo em que nunca pensei realmente. — Ela respirou fundo mais uma vez e sorriu para si mesma, dizendo afinal: — Acho que uma flor sobrevive até mesmo aos piores tempos, não é mesmo? E uma íris perdura: após secar, outra igual ocupa seu lugar. Nesse aspecto, as flores são efêmeras, embora persistentes, por isso suspeito que sejam menos afetadas por tudo o que é ótimo ou horrível a seu redor. Isso responde à sua pergunta?

— Um pouco, sim.

Chegaram ao ponto onde a trilha desembocava no caminho principal. Ele diminuiu os passos, olhando para ela, e, quando parou de andar, a mulher fez o mesmo. Mas o que era aquilo que ele queria lhe dizer, então, ao procurar seu rosto? O que, na tênue luz do entardecer, voltou a despertar seu desespero? Ela o olhou sem piscar, esperando que ele prosseguisse.

— Eu tenho um dom. — Ele se viu dizendo. — Gostaria de compartilhá-lo, se me permite.

— Um dom?

— Mais um *hobby*, na verdade, embora tenha se mostrado bastante benéfico para outras pessoas. Sabe, sou um tipo de quiromante amador.

— Não entendi.

Ele estendeu o braço em direção a ela, mostrando-lhe a palma da mão.

— Posso prever eventos futuros com um bom grau de precisão.

Ele podia olhar para a mão de qualquer estranho, explicou, e decifrar o curso da sua vida: seu potencial para o amor verdadeiro, para um casamento feliz, quantos filhos teria, várias preocupações espirituais, e se poderia esperar uma vida longa.

— Então, se você me conceder um instante gostaria muito de lhe dar uma prova do meu talento.

Quão desprezível se sentiu, quão ardiloso deve ter parecido. A expressão confusa dela o deixou certo de que uma educada repreensão seria iminente. Só que — embora a expressão permanecesse — ela se agachou, deixando a sombrinha e o livro aos seus pés, então se ergueu novamente para encará-lo. Sem um vestígio de hesitação, ela tirou a luva direita e, fixando os olhos nele, estendeu-lhe a mão nua com a palma para cima.

— Mostre — disse ela.

— Muito bem.

Ele pegou a mão dela, mas era difícil ver qualquer coisa à luz do entardecer. Curvando-se para olhar mais de perto, só conseguia notar a brancura de sua pele, uma pele pálida, silenciada pelas sombras, obscurecida pelo fim do dia. Nada se distinguia em sua superfície: nenhuma linha óbvia, nenhum sulco profundo. Não passava de uma superfície lisa, pura. No momento, tudo o que ele podia perceber naquela mão era sua falta de profundidade. Era imaculada além da medida, desprovida das marcas indicadoras da existência, como se, na verdade, ela não tivesse nascido. Um efeito da luz, raciocinou. Uma ilusão de ótica. No entanto, uma voz dentro de si invadiu seus pensamentos: esta mulher nunca ficará velha, enrugada nem vagará precariamente de um cômodo a outro.

Mesmo assim, havia outro tipo de clareza revelada naquela mão, e continha tanto o passado quanto o futuro.

— Seus pais morreram — disse ele. — Seu pai, quando você era criança, sua mãe, recentemente. — Ela não se moveu e nem respondeu. Ele falou de seus filhos não nascidos e das preocupações do marido para com ela. Ele lhe disse que ela era amada, que recuperaria a esperança, e que, com o tempo, encontraria grande felicidade em sua vida. — Você está certa ao acreditar que faz parte de algo maior — disse ele. — Algo benevolente, como Deus.

E ali, à sombra de jardins e parques, estava a afirmação que ela procurava. Ali ela era livre, protegida das ruas movimentadas onde passavam carruagens atrás de carruagens, onde a morte potencial estava sempre à espreita, e onde os homens bravateavam, lançando longas e duvidosas sombras atrás de si. Sim, ele podia ver sobre sua pele: ela se sentia viva e intacta quando cercada pela natureza.

— Não posso dizer mais nada, pois está ficando muito escuro. Mas estaria mais do que disposto a reiniciar outro dia.

A mão dela começou a tremer, e, balançando a cabeça, consternada, ela inesperadamente a recolheu, como se chamas tivessem roçado os seus dedos.

— Não, eu sinto muito — respondeu de forma perturbada enquanto se curvava para recolher seus pertences. — Preciso ir, preciso mesmo. Obrigada.

Então, como se ele não estivesse de pé ao seu lado, ela prontamente se voltou e saiu correndo pelo caminho principal. No entanto, o calor de sua mão permaneceu; a fragrância que usava perseverou. Ele não tentou chamá-la, nem deixou o jardim em sua companhia. Era justo que ela fosse sem ele. Era tolice esperar outra coisa dela naquele entardecer. Com certeza é para melhor, pensou, observando-a ir embora, seu corpo se afastando do dele. Entretanto, o que aconteceu em seguida foi difícil de acreditar. Posteriormente, ele insistiria que aquilo não ocorrera como lembrado, e, no entanto ele se recordava do episódio da seguinte maneira: bem diante de seus olhos, ela desapareceu no caminho, dissolvendo-se em uma nuvem do éter mais branco. O que restou — flutuando naquele instante como uma folha — foi a luva em que pousara a abelha. Atônito, ele correu até o local onde ela desaparecera e inclinou-se para pegar a luva. Ao retornar a Baker Street, questionou a exatidão de sua memória, mesmo estando certo de que a luva se afastara dele, como uma miragem, até que aquilo, também, saísse de seu alcance e não existisse mais.

Em breve, assim como a Sra. Keller e sua luva, Stefan Peterson também se desmaterializaria rapidamente, para sempre perdido com o balanço dos membros, a mudança das características faciais e o remover e dobrar de roupas. Assim que terminei de despir o disfarce, senti um imenso fardo

sendo retirado de meus ombros. No entanto, eu não estava totalmente satisfeito, pois havia muito a respeito daquela mulher que continuava a me envolver. Quando tinha uma preocupação em mente, costumava passar dias sem dormir, ponderando as provas diversas vezes e considerando-as de todos os ângulos. Assim, com a Sra. Keller vagando em meus pensamentos, me dei conta de que qualquer descanso dispersaria a minha atenção.

Naquela noite, vaguei pela casa usando meu longo robe azul, recolhendo travesseiros da minha cama e almofadas do sofá e das poltronas. Então, criei um divã oriental improvisado na sala, onde me acomodei com um novo suprimento de cigarros, uma caixa de fósforos e a fotografia da mulher. Em meio ao cintilar da lamparina eu finalmente a vi, vindo através de um véu de fumaça azul, as mãos estendidas para mim, olhos fixos nos meus. Eu me sentei, imóvel, com um cigarro fumegante entre os lábios, enquanto a luz brilhava sobre seus traços suavemente definidos. Então, foi como se sua aparência tivesse resolvido todas as dúvidas que me assolavam. Ela viera, tocara minha pele, e, em sua presença, fui facilmente embalado em um sono tranquilo. Algum tempo depois, acordei, e o sol da primavera iluminava a sala. Os cigarros todos haviam sido consumidos, e a nuvem de tabaco ainda flutuava no teto, mas não havia nenhum vestígio visível dela, a não ser aquele seu rosto remoto e pensativo selado atrás de uma fachada de vidro.

AMANHECEU.

Sua pena estava quase sem tinta. As folhas de papel haviam se esgotado, e a mesa estava coberta pelo febril esforço noturno de Holmes. Contudo, ao contrário do irracional rabiscar de notas, fora um empenho focado que estimulara a sua mão até o amanhecer: a continuação da história de uma mulher que ele conhecera havia décadas, e que, por algum motivo à parte, se imiscuíra em seus pensamentos noturnos, vindo até ele como um espectro vívido e completamente formado enquanto descansava em sua escrivaninha, pressionando os polegares nas pálpebras fechadas.

— Você não me esqueceu, não é mesmo? — disse a Sra. Keller, morta havia muito tempo.

— Não — sussurrou Holmes.

— Nem eu de você.

— É mesmo? — perguntou ele, erguendo a cabeça. — Como é possível?

Ela, assim como o jovem Roger, caminhara ao seu lado entre flores e sobre passeios de brita, muitas vezes dizendo muito pouco (sua atenção pairando aqui e ali, voltada para os objetos curiosos que encontravam no caminho), e, assim como o menino, a existência dela em sua vida fora efêmera, deixando-o silenciosamente perturbado e insensível após sua partida. Claro, ela nunca soube nada factual a respeito de seu eu verdadeiro, não tinha ideia de que ele era na verdade um investigador renomado seguindo-a disfarçado. Ela só o conheceu como um tímido colecionador de livros, um sujeito acanhado que compartilhava do mesmo amor pela flora e pela literatura russa — um estranho que

conheceu certo dia em um parque, mas, ao mesmo tempo, gentil, tendo nervosamente se aproximado dela quando estava sentada em um banco, perguntando com educação sobre o romance que estava lendo:

— Com licença, não pude deixar de notar. Você está lendo *Autumn Vesper*, de Menshov?

— Sim — respondeu ela com a voz serena.

— Muito bem escrito, não acha? — prosseguiu ele, entusiasmado, como se quisesse esconder sua falsa falta de jeito. — Tem as suas falhas, embora erros em uma tradução sejam de se esperar. Tais erros, acho, são perdoáveis.

— Não encontrei nenhum. Na verdade, acabei de começar...

— Ainda assim, deve ter encontrado — disse ele. — Possivelmente você não percebeu. São fáceis de serem omitidos.

Ela o olhou com cautela quando ele se sentou ao seu lado. Suas sobrancelhas eram muito densas, espessas, dando aos seus olhos azuis uma aparência severa. Ela parecia irritada com algo: seria pela imposição de sua presença, ou simplesmente a reservada e cautelosa reticência de uma mulher?

— Poderia? — disse ele, apontando para o livro. Ela relutou um instante antes de lhe entregar o exemplar.

Marcando a página onde ela estava com o dedo indicador, ele foi até o início do livro, dizendo afinal:

— Veja, aqui, por exemplo: no início da história os alunos do ginásio estavam sem camisa, pois Menshov escreveu: "O sujeito autoritário exigiu que os meninos sem camisa fizessem uma fila, e Vladimir, sentindo-se exposto com Andrei e Sergei, baixou os longos braços ao lado do corpo." Mais tarde, no entanto, na página seguinte, ele escreve: "Ao saber que o sujeito era um general, Vladimir discretamente cruzou os punhos da camisa atrás das costas e, em seguida, ajeitou os ombros estreitos." Há muitos exemplos semelhantes na obra de Menshov ou, ao menos, nas traduções de seus livros.

Mas, em seu relato, Holmes não conseguiu se lembrar exatamente da conversa que tiveram quando se conheceram, observando apenas que ele perguntara pelo livro e que fora afetado pelo olhar persistente que ela lhe lançara (o estranho e assimétrico fascínio de seu rosto — a sobrancelha erguida, aquele meio sorriso relutante que viu pela primeira vez em uma fotografia — era típico de uma heroína impassível). Havia algo de sobrenatural em seus olhos azuis, sua pele pálida e sua conduta geral: os movimentos lentos e sinuosos de seus membros, a maneira como flutuou como um fantasma na trilha do jardim. Algo sem propósito, equilibrado e incognoscível, aparentemente resignado e fatalista.

Ao baixar a caneta, Holmes voltou à crua realidade de seu escritório. Desde o amanhecer, ele ignorara suas necessidades físicas, mas agora teria que deixar o sótão (por mais que temesse essa ideia), esvaziar a bexiga e beber água, e, antes de fazer uma refeição, investigar o apiário à luz do dia. Cuidadosamente, recolheu as páginas de sua escrivaninha, classificando-as e organizando-as em uma pilha. Depois, bocejou, arqueando a coluna. Sua pele e roupas cheiravam a fumaça de charuto, rançoso e pungente, e ele se sentiu tonto por ter trabalhado a noite inteira com a cabeça e os ombros curvados sobre a escrivaninha. Posicionando as bengalas, se ergueu do assento, gradualmente ficando de pé. Voltando-se, começou a avançar em direção à porta, alheio ao suave estalar das articulações e dos ossos das pernas em movimento.

Então, com lembranças de Roger e da Sra. Keller misturadas em sua mente, Holmes saiu de seu local de trabalho repleto de fumaça, verificando por reflexo a bandeja do jantar geralmente deixada pelo menino no corredor, embora antes mesmo de cruzar a soleira já soubesse que não estaria ali. Ele prosseguiu ao longo do corredor, no sentido inverso ao que miseravelmente subira na véspera. No entanto, o estupor da noite anterior passara. A terrível nuvem negra que chocara seus sentidos e transformara uma tarde agradável na mais escura das noites se dissipara, e Holmes estava pronto para a

tarefa que tinha pela frente: descer em uma casa ausente de qualquer alma que não a sua própria, vestir o traje adequado, fazer o lento trajeto através do jardim, quando ele se aproximaria do apiário vestindo roupas brancas, como um fantasma oculto atrás de um véu.

Contudo, Holmes deteve-se no topo da escada por bastante tempo, esperando como sempre fazia quando Roger vinha ajudá-lo a descer. Seus olhos cansados se fecharam e o menino subiu depressa a escada. Posteriormente, o garoto também se materializaria em outras partes, aparecendo em lugares em que Holmes o vira no passado: relaxando o corpo esbelto na piscina natural, a água fria arrepiando seu peito enquanto ele afundava; correndo pela grama alta com a rede de caçar borboletas estendida, vestindo uma camisa de algodão para fora da calça, com as mangas enroladas até os cotovelos; pendurando um alimentador de pólen perto das colmeias, posicionando-o em local ensolarado para as criaturas que ele tanto aprendera a amar. Curiosamente, os vislumbres passageiros do menino ocorriam na primavera ou no verão. Porém, Holmes podia sentir o frio do inverno, podia imaginar o menino no subsolo, enterrado sob a terra gelada.

Então, lembrou-se das palavras da Sra. Munro: “Ele é um bom menino”, disse ela quando assumiu o cargo de governanta. “É introspectivo, um pouco tímido, muito tranquilo, bastante parecido com o pai. Ele não será um fardo, prometo.”

Só que, Holmes agora sabia, o menino tornara-se um fardo, um fardo muito doloroso. Ao mesmo tempo, disse para si mesmo, seja Roger ou qualquer outra pessoa, toda vida tem um fim. E cada um dos mortos ao lado dos quais ele se ajoelhara tinha uma vida. Voltou a atenção para a escada e, ao começar a descer, repetiu para si as perguntas que se fazia sem sucesso desde a juventude: “Qual é o significado de tudo isso? Qual o objetivo dessa tristeza toda? Deve ter algum propósito, ou então o universo é governado pelo acaso. Mas qual é o propósito?”

Ao chegar ao segundo andar — onde usaria o banheiro e molharia o rosto e o pescoço com água fria —, Holmes ouviu, por um instante, um zumbido fraco que imaginou ser de um inseto ou de um pássaro cantando, e pensou nos grossos galhos que provavelmente o protegiam. Pois nem galhos nem insetos faziam parte da miséria da humanidade. Talvez, pensou, fosse por isso que — ao contrário das pessoas—, podiam voltar diversas vezes. Apenas mais tarde, ao chegar ao térreo, ele perceberia que o zumbido provinha de dentro de casa: um rumor suave, esporádico e humano, iluminando a cozinha. Era uma voz de mulher ou de criança, com certeza, embora claramente não fosse a Sra. Munro, e, com certeza, não era Roger.

Com meia dúzia de passos ligeiros, Holmes foi até porta da cozinha e viu vapor erguendo-se de uma panela que fervia no fogão. Ao entrar, ele a encontrou junto à tábua de corte, de costas para ele enquanto picava uma batata e cantarolava despreocupadamente. Mas foi o longo cabelo negro que imediatamente o deixou inquieto — o cabelo negro e oscilante, a pele branca rosada de seus braços, a forma diminuta que ele associou à infeliz Sra. Keller. Ele ficou ali, mudo e imóvel, incapaz de lidar com tal aparição, até que, por fim, entreabriu os lábios, dizendo desesperadamente:

— Por que você está aqui?

Com isso, o murmurar cessou e a cabeça voltou-se bruscamente para encontrar seu olhar, revelando uma menina de aparência simples, uma garota com menos de dezoito anos. Olhos grandes e uma expressão gentil, provavelmente idiota.

— Senhor...

Holmes avançou até ficar diante dela.

— Quem é você? O que está fazendo aqui?

— Sou eu, senhor — respondeu com sinceridade. — Eu sou Em... filha de Tom Anderson. Pensei que soubesse.

Houve um silêncio. A menina abaixou a cabeça, evitando seu olhar.

— A filha do chefe Anderson? — perguntou Holmes.

— Sim, senhor. Não achei que tomaria café da manhã. Já estava preparando seu almoço.

— Mas o que você está fazendo aqui? Onde está a Sra. Munro?

— Dormindo, coitada. — A menina não parecia triste com aquilo, e sim, feliz por ter algo a dizer. Ela manteve a cabeça baixa, dirigindo-se para as bengalas perto de seus pés, e, enquanto falava, emitia um pequeno assobio, como se estivesse soprando as palavras entre os lábios. — O Dr. Baker ficou com ela a noite inteira. Mas ela está dormindo agora. Não sei o que ele lhe deu.

— Ela está no chalé?

— Sim, senhor.

— Entendo. E Anderson mandou você vir para cá?

Ela parecia confusa.

— Sim, senhor — disse ela. — Pensei que soubesse, pensei que meu pai tivesse lhe dito que me mandaria.

Então Holmes se lembrou de Anderson batendo à porta do escritório na noite anterior — o chefe de polícia fazendo perguntas, dizendo algumas coisas triviais, pousando a mão suavemente sobre o seu ombro — mas tudo era muito vago.

— É claro — disse ele, olhando para a janela acima da pia, a luz do sol iluminando a bancada. Ele inspirou com força e, em seguida, voltou a olhar para a menina um pouco confuso. — Sinto muito... As últimas horas têm sido difíceis.

— Não se desculpe, senhor. — Ergueu a cabeça. — O que precisa é comer algo.

— Apenas um copo d'água, acho.

Apático pela falta de sono, Holmes coçou a barba e bocejou, observando enquanto a menina prontamente buscava sua água, franzindo a testa à medida que ela passava as mãos nos quadris e enchia o copo na torneira (entregando-o com um sorriso de prazer e gratidão).

— Mais alguma coisa?

— Não — respondeu ele, pendurando uma bengala em um dos pulsos e liberando uma mão para que pudesse pegar o que ela lhe oferecia.

— Tem uma panela no fogo com seu almoço — disse ela, voltando à tábua de corte. — Mas se mudar de ideia quanto ao desjejum, basta me avisar.

A menina pegou uma faca no balcão e curvou-se descuidadamente para a frente, cortando um pedaço de batata, pigarreando enquanto empunhava a lâmina. Depois que Holmes esvaziou o copo e colocou-o na pia, ela voltou a cantarolar. Então, ele a deixou, saindo da cozinha sem dizer mais nada, cruzando o corredor, a porta da frente, ouvindo aquele cantarolar hesitante e desafinado, que permaneceu em sua cabeça durante algum tempo — no quintal, no galpão do jardim —, mesmo quando já não mais podia ser ouvido.

Mas quando ele se aproximou do galpão, o cantarolar da menina esvoaçou para longe assim como as borboletas ao seu redor, sendo substituído em seus pensamentos pela beleza de seu próprio jardim: as flores voltadas para o céu claro, o perfume dos tremoceiros, os pássaros cantando nos pinheiros próximos e as abelhas pairando aqui e ali, pousando nas pétalas, desaparecendo no interior dos cálices das flores.

Vocês, trabalhadoras rebeldes, pensou. Insetos temperamentais de hábito.

Olhando do jardim, voltado para o galpão de madeira diretamente à sua frente, o secular conselho de um escritor romano ocorreu a Holmes naquele momento (o nome do autor lhe escapava, embora a antiga mensagem logo tenha surgido em sua mente): *Tu não debes ofegar ou soprar, nem te agitares apressado entre elas, nem te defenderes resolutamente quando parecerem ameaçar-te; em vez disso, debes mover tua mão suavemente diante da face, afastando-as com delicadeza; e, por fim, tu não debes ser um estranho para elas.*

Ele destrancou e abriu totalmente a porta do galpão para que a luz do sol pudesse precedê-lo no interior sombrio e empoeirado, com raios iluminando as prateleiras lotadas (sacos de terra e sementes, pás e garras de jardinagem, panelas vazias, roupas dobradas de um apicultor outrora novato), locais onde suas mãos agora alcançavam. Ele pendurou o casaco em um ancinho encostado em um canto, deixando-o ali enquanto vestia o macacão branco, as luvas claras, o chapéu de abas largas e o véu. Logo saiu dali transformado, inspecionando o jardim por trás do véu de gaze, arrastando-se para a frente, atravessando o pasto em direção ao apiário, tendo as bengalas como as únicas assinaturas visíveis de sua identidade.

No entanto, quando Holmes chegou ao apiário, tudo imediatamente pareceu normal por ali, e de repente ele se sentiu pouco à vontade com aquele traje confinante. Espiando o interior escuro de uma colmeia, depois outro, ele observou as abelhas entre as suas cidades de cera — limpando as antenas, esfregando vigorosamente as patas dianteiras ao redor de seus olhos compostos, preparando-se para voar. Em uma observação preliminar, tudo parecia normal no mundo das abelhas — a vida maquinal dessas criaturas sociais, aquele murmúrio constante e harmonioso — sem nenhum indício de qualquer rebelião se fermentando em meio à rotina ordenada de sua comunidade de insetos. A terceira colmeia apresentava o mesmo quadro, assim como a quarta e a quinta (quaisquer restrições que ele tivesse nutrido rapidamente se evaporaram, substituídas por sentimentos mais familiares de humildade e reverência pela complexa civilização da colmeia). Pegando as bengalas no lugar onde as apoiara durante a inspeção, foi tomado por uma sensação de invulnerabilidade: vocês não me farão mal, era seu pensamento reconfortante. Não há nada aqui para temermos.

Contudo — enquanto estava curvado removendo a tampa da sexta colmeia —, uma sombra sinistra projetou-se sobre ele, assustando-o. Olhando de esguelha através do véu, percebeu a

roupa preta (um vestido de uma mulher com franjas rendadas) e os dedos finos de uma mão direita empunhando um galão vermelho. Mas foi o rosto impassível que olhava para ele que o deixou mais aflito — aquelas pupilas sedadas e dilatadas, a tristeza transmitida apenas pela insensível ausência de emoção —, lembrando a jovem que chegara a seu jardim carregando o cadáver de seu bebê, embora pertencessem à Sra. Munro.

— Eu não tenho certeza se é seguro — disse Holmes, voltando à posição vertical. — Você deveria ir embora imediatamente.

Ela não alterou o olhar nem piscou.

— Você me ouviu? — perguntou Holmes. — Não tenho certeza se você está em perigo, mas pode estar.

Seus olhos continuavam firmemente voltados para ele. Então seus lábios se moveram, nada expressando por um momento, até que perguntaram em um sussurro:

— Você vai matá-las?

— Como?

Ela falou um pouco mais alto:

— Você vai destruir suas abelhas?

— Claro que não — foi sua resposta enfática, embora sentisse simpatia pela mulher, reprimindo a crescente sensação de que ela estava se intrometendo.

— Acho que você deveria — disse ela. — Ou eu mesma farei isso.

Ele já entendera que aquilo que ela portava era gasolina, pois o galão pertencia a ele, seu conteúdo era usado na madeira morta de um bosque ali perto. Além disso, ele acabara de ver a caixa de fósforos em sua outra mão, embora, naquele estado, não pudesse imaginá-la reunindo o vigor necessário para incendiar as colmeias. Ainda assim, havia alguma determinação na tranquilidade de sua voz, algo de resoluto. Pessoas assoladas pela dor, ele sabia, ocasionalmente eram possuídas por uma poderosa e impiedosa indignação. E a Sra. Munro, diante dele (firme, fria e de algum modo impassível), estava muito diferente da governanta tagarela e

gregária que Holmes conhecia havia anos. Esta Sra. Munro, ao contrário da outra, o tornava hesitante e tímido.

Holmes ergueu o véu, exibindo uma expressão tão contida quanto a dela.

— Você está transtornada e confusa — disse ele. — Por favor, vá para o chalé. Mandarei a menina chamar o Dr. Baker.

Ela não se moveu nem desviou o olhar.

— Enterrarei meu filho daqui a dois dias — disse ela com clareza. — Partirei hoje à noite. Ele irá comigo. Roger vai para Londres em uma caixa. Isso não está certo.

Uma tristeza profunda tomou conta de Holmes.

— Sinto muito, minha querida. Sinto muito...

Com o abrandamento da sua expressão, a voz dela elevou-se acima da dele, dizendo:

— Não teve a decência de me contar, não é mesmo? Você se escondeu no sótão e se recusou a me ver.

— Sinto muito...

— Acho que, na verdade, você é um velho egoísta. Considero você responsável pela morte do meu filho.

— Absurdo — murmurou Holmes, mas tudo o que sentia era a angústia da mulher.

— Eu o culpo tanto quanto culpo estes monstros que você cria. Se não fosse por você, ele não teria estado aqui, não é mesmo? Não. Você seria picado até a morte, não meu menino. Afinal, isso não era trabalho dele, era? Ele não deveria estar aqui sozinho.

Holmes analisou seu rosto austero — as bochechas encovadas, os olhos injetados de sangue — e disse:

— Mas ele queria estar aqui. Você precisa saber disso. Se eu tivesse previsto o perigo, acha que eu o teria deixado cuidar das colmeias? Você sabe quanto estou sofrendo com sua perda? Também sofro por você. Não consegue ver?

Uma abelha rodeou a cabeça da Sra. Munro, pousando brevemente em seu cabelo. Ainda assim, com os olhos fixos em

Holmes, ela não deu atenção ao bicho.

— Então você vai matá-las — disse ela. — Vai destruir todas se de fato se importa conosco. Você fará o que é certo.

— Não farei isso, minha querida. De nada adiantaria, nem mesmo para o menino.

— Então eu o farei. Não pode me deter.

— Você não fará nada parecido.

Ela permaneceu imóvel, e, durante alguns segundos, Holmes pensou no que faria em seguida. Se ela o derrubasse, ele nada poderia fazer para impedir a destruição. Ela era mais jovem; ele era frágil. Mas se o ataque viesse da parte dele, se pudesse atingi-la com a bengala no queixo ou no pescoço, ela poderia cair no chão — e, caso caísse no chão, ele poderia bater nela de novo, repetidas vezes. Ele olhou para suas bengalas, ambas encostadas na colmeia. Seu olhar voltou-se para a Sra. Munro. Ficaram em silêncio por um tempo, sem que nenhum dos dois se movesse um centímetro. Finalmente ela cedeu, balançando a cabeça e dizendo com a voz trêmula:

— Eu gostaria de nunca tê-lo conhecido, senhor. Gostaria de nunca tê-lo encontrado neste mundo, e não derramarei uma única lágrima após a sua morte.

— Por favor — implorou ele, pegando as bengalas —, não é seguro para você. Volte para o chalé.

Mas a Sra. Munro já havia lhe dado as costas, afastando-se lentamente, como se estivesse sonâmbula. Ao chegar ao limiar do apiário, soltou o galão e, logo em seguida, a caixa de fósforos. Então, enquanto ela atravessava o pasto e sumia de vista, Holmes ouviu seu choro, os soluços ficando mais intensos, embora cada vez mais distantes, no caminho para o chalé.

Posicionando-se em frente à colmeia, Holmes continuou olhando para o pasto, cuja grama alta balançava à passagem da Sra. Munro. Ela rompera a paz do apiário e, agora, a tranquilidade da grama. Há um trabalho importante a ser feito, quis gritar, mas se conteve, pois

a mulher estava devastada pela tristeza e ele só conseguia pensar no trabalho que tinha em mãos (inspecionar as colmeias, restaurar a paz no apiário). Você está certa, pensou. Sou egoísta. Tal noção o fez franzir as sobrancelhas em seu rosto abalado. Mais uma vez encostando as bengalas, sentou-se no chão enquanto uma sensação de vazio crescia dentro dele. Seus ouvidos registravam o baixo rumor concentrado da colmeia: um som que, naquele momento, se recusava a evocar seus anos de apicultor solitário, mas, em vez disso, transmitia-lhe a inegável e profunda solidão de sua existência.

Quão completamente o vazio poderia tê-lo consumido a seguir, com que facilidade ele poderia ter começado a soluçar como a Sra. Munro, não fosse a intrusa e solitária criatura alada amarelo e preto que pousou ao lado da colmeia, chamando a atenção de Holmes, ali se detendo tempo suficiente para ele pronunciar seu nome — *Vespula vulgaris* — antes de voltar a voar, zigzagueando em direção ao local da morte de Roger. Distraído, pegou as bengalas, com a testa franzida de perplexidade: e quanto aos ferrões? Havia ferrões na roupa do menino, ou em sua pele?

Perturbado como estava — lembrando o corpo de Roger, visualizando apenas os olhos do menino —, ele não tinha certeza. Mesmo assim, provavelmente advertira Roger quanto às vespas, mencionando o perigo que representavam para o apiário. Ele com certeza teria explicado que as vespas eram inimigas naturais das abelhas, capazes de esmagá-las com suas mandíbulas (algumas espécies podiam matar quarenta abelhas por minuto), acabando com uma colmeia inteira e roubando as larvas. Certamente, teria contado para o menino as diferenças entre o ferrão de uma abelha e o de uma vespa: o órgão farpado da abelha fixava-se na pele, estripando a criatura, enquanto o ferrão levemente farpado da vespa mal penetrava a pele, podendo ser retirado e utilizado diversas vezes.

Holmes levantou-se. Apressadamente, cruzou o apiário, e, à medida que suas pernas roçavam a grama alta, começou a seguir

uma trilha paralela à que Roger criara, pretendendo reproduzir o trajeto do menino do apiário até o local de sua morte. (Não, você não estava fugindo das abelhas, raciocinou. Não estava fugindo de nada. Ainda não.) A trilha de Roger se curvava acentuadamente a meio caminho, desviando-se na direção do lugar em que seu corpo ficara oculto, terminando onde o menino caíra; uma pequena clareira de calcário cercada de grama. Ali, Holmes viu mais duas trilhas feitas por seres humanos, que se estendiam do caminho do jardim e contornavam o apiário, todas levando à clareira (uma aberta por Anderson e seus homens, outra por Holmes após encontrar o corpo). Então se perguntou se deveria simplesmente continuar abrindo a própria trilha no pasto, procurando aquilo que ele sabia que provavelmente encontraria. Contudo, ao se voltar e olhar para a grama pisoteada, observando a curva que levava o menino à clareira, ele começou a refazer os próprios passos.

Ao parar perto da curva, olhou para a trilha de Roger. A grama fora pisoteada deliberadamente e de modo uniforme, o que sugeria que o menino, assim como ele, viera do apiário caminhando devagar. Ele olhou para a clareira. A grama estava amassada de modo intermitente, indicando que o rapaz correria por ali. Ele voltou sua atenção para a curva, para a mudança de curso, para aquele desvio abrupto. Até aqui você caminhou, pensou ele, e aqui correu.

Ele foi até a trilha do menino, onde olhou para a grama um pouco além da curva. A vários metros de distância, viu um brilho prateado entre a densa vegetação. "O que é isto?", perguntou-se, tentando ver o brilho outra vez. Não, ele não estava enganado: algo cintilava em meio à grama alta. Ele avançou para olhar melhor, saindo da trilha do menino mas logo descobrindo que entrara em outra, menos evidente — um desvio que levava o garoto a penetrar gradualmente na parte do pasto onde a grama era mais densa. Pressionado pela impaciência, Holmes acelerou o passo, esmagando os locais onde o menino pisara com cuidado, alheio à vespa pousada em seu ombro ou às outras que vojavam acima de seu chapéu. Semiagachado,

deu mais alguns passos e encontrou a fonte do estranho brilho. Era um regador que pertencia ao seu jardim, tombado de lado, com o bico ainda molhado e pingando, e saciando a sede de três vespas (operárias amarelo e preto movimentando-se em torno do borrifador, procurando uma gota maior).

— Decisão temerária, garoto — disse ele, empurrando o regador com uma das bengalas, observando como as vespas voejaram assustadas. — Um terrível erro de cálculo...

Ele baixou o véu antes de prosseguir, despreocupado com a vespa que então percorria a gaze de apicultor como uma sentinela. Pois ele sabia que estava perto de seu ninho e que elas nada poderiam fazer para se defenderem. Afinal, ele estava mais equipado para sua destruição do que o menino. Holmes terminaria o que Roger tentara mas não conseguira fazer. Contudo, enquanto examinava o chão com passos cautelosos, ele ficou cheio de remorso. Apesar de tudo o que ensinara ao menino, aparentemente não ensinara um fato de vital importância: despejar água em um ninho de vespas apenas despertava a ira dos insetos. Holmes desejou ter dito para ele que aquilo era como usar gasolina para apagar um incêndio.

— Pobre menino — disse ele, olhando para um buraco no chão com o curioso formato de uma boca suja e escancarada. — Meu pobre menino — lamentou ele, mergulhando uma bengala pouco além da borda do buraco e extraíndo-a em seguida, trazendo a ponta até a frente do véu e estudando as vespas ali agarradas (sete ou oito delas, agitadas pela bengala, sondando raivosamente a circunferência de seu atacante).

Ele balançou a bengala, espantando os insetos. Em seguida, olhou para o buraco, com bordas enlameadas nos pontos onde a água fora derramada, e viu a escuridão ali dentro tomar forma, contorcendo-se para cima à medida que vespa após vespa começava a sair pela abertura, uma boa parte delas alçando voo imediatamente, algumas pousando no véu, outras enxameando ao

redor do buraco. Então, foi isso o que aconteceu, pensou. Foi assim, meu menino, que você foi levado.

Sem pânico, Holmes se retirou, voltando pesaroso até o apiário. Em breve, telefonaria para Anderson, dizendo exatamente o que o legista local estava a ponto de descobrir, algo que a Sra. Munro ouviria no laudo da tarde: não havia ferrões na pele nem nas roupas do menino, o que indicava que Roger fora vítima de vespas, não de abelhas. Além disso, Holmes deixaria claro, o menino estava tentando proteger as colmeias. Roger certamente observara vespas no apiário, então encontrara o ninho delas, e, na tentativa de erradicar os insetos por afogamento, provocara um ataque em grande escala do enxame.

Holmes compartilharia vários detalhes menores com Anderson (o menino fugindo na direção oposta ao apiário enquanto era picado, talvez com a intenção de atrair as vespas para longe das colmeias). Antes de ligar para a polícia, no entanto, ele recuperaria o galão de gasolina tombado e encontraria os fósforos que a Sra. Munro descartara. Deixando uma bengala no apiário, e com o cabo do galão em seus dedos, ele novamente atravessou o pasto e acabou derramando a gasolina no buraco enquanto as vespas lutavam para sair. Um único fósforo completaria a tarefa. A chama se espalhou como uma mecha pelo chão, incendiando a boca aberta com um sibilar, produzindo uma ligeira erupção que momentaneamente arrotaria fogo por aqueles lábios de barro (nada escapando dali, afora um fio retorcido de fumaça que se dissiparia sobre a grama imperturbável), eliminando instantaneamente a rainha, os ovos férteis e a multidão de operárias presas dentro da colônia: um vasto e intrincado império envolto pelo papel amarelado do ninho, desaparecendo em um piscar de olhos, assim como o jovem Roger.

Boa viagem, pensou Holmes enquanto atravessava a grama alta.

— Boa viagem — disse em voz alta, com a cabeça curvada para o céu sem nuvens, sua visão desorientada pela extensão de éter azul. E, ao proferir tais palavras, foi tomado por uma imensa melancolia

por toda persistência da vida, por tudo o que perambulava, perambulava e perambularia sob aquela quietude perfeita e sempre presente. — Boa viagem — repetiu, e começou a chorar em silêncio por trás do véu.

POR QUE AS lágrimas surgiram? Por que — ao descansar na cama, vagar pelo escritório e ir ao apiário, na manhã seguinte e na subsequente — Holmes levava as mãos à cabeça e sentira as pontas dos dedos umedecidas ao roçarem as costeletas, mesmo que nenhum poderoso soluço, lamento ou paralisia o transfigurasse? Em algum lugar — ele imaginou um pequeno cemitério nos arredores de Londres —, a Sra. Munro estaria com seus parentes, todos vestindo roupas tão sombrias quanto as nuvens cinzentas que pairavam sobre o mar e a terra. Será que também estaria chorando? Ou a Sra. Munro teria vertido todas as suas lágrimas durante a viagem solitária para Londres, fortalecendo-se na cidade com o apoio da família, o conforto dos amigos?

Pouco importa, disse para si mesmo. Ela está em outro lugar, eu estou aqui, e nada posso fazer por ela.

Ainda assim, ele tentara ajudá-la. Antes de sua partida, mandara a filha de Anderson até o chalé duas vezes levar um envelope com dinheiro mais que suficiente para as despesas da viagem e do funeral. Ambas as vezes a menina voltara com uma expressão séria, embora agradável, informando-o de que o envelope fora recusado.

— Ela vai aceitar, senhor. Também não quer falar comigo.

— Está tudo bem, Em.

— Devo tentar outra vez?

— Melhor não. Não acho que vai conseguir muita coisa.

Enfrentando o apiário sozinho, sua expressão estava alheia, severa, congelada de desânimo, como se ele também estivesse de pé com os enlutados diante do túmulo de Roger. Até mesmo as colmeias — as brancas fileiras de caixas, as formas retangulares sem

adornos erguendo-se da grama — pareciam-lhe monumentos funerários. Um pequeno cemitério não muito diferente do apiário, ele esperava que fosse o caso. Um lugar simples, bem cuidado e verde, sem ervas daninhas, prédios nem estradas visíveis nas proximidades, nenhum automóvel ou agitação humana para perturbar os mortos. Um lugar tranquilo, em paz com a natureza, uma boa localização para o menino descansar e sua mãe lhe dizer adeus.

Mas por que ele estava chorando tão facilmente, embora sem emoção, as lágrimas impelidas por vontade própria? Por que ele não podia chorar em voz alta, soluçando com o rosto envolto nas próprias mãos? E por que — por ocasião de outras mortes, quando a dor era igual à que ele sentia no momento — ele evitara os funerais de entes queridos e nunca derramara uma lágrima sequer, como se a tristeza fosse algo a ser reprovado?

— Não importa — murmurou. — É inútil.

Ele não buscava respostas (ao menos não naquele dia), nem acreditaria que seu choro pudesse ser o resultado da soma de tudo o que vira, conhecera, tudo com que se importara, que perdera e mantivera abafado através de décadas — os fragmentos de sua juventude, a destruição de grandes cidades e impérios, aquelas vastas guerras transformadoras da geografia — e a lenta perda de bons companheiros e de sua própria saúde, memória e história pessoal. Todas as complexidades implícitas da vida, cada momento profundo e transformador, condensados em uma substância salgada escorrendo de seus olhos cansados. Em vez disso, sentou-se no chão como uma escultura de pedra inexplicavelmente pousada sobre a grama aparada.

Ele já se sentara ali, naquele mesmo local — perto do apiário, o lugar delimitado por quatro pedras trazidas da praia dezoito anos antes (pedras pretas e cinzentas alisadas e aplainadas pela maré, que se encaixavam com perfeição na palma de sua mão), exatamente dispostas — uma em frente a ele, outra atrás, uma à

esquerda, outra à direita — e demarcando um modesto e discreto trecho de terra, que, no passado, contivera e silenciara seu desespero. Era um sutil truque da mente, um tipo de jogo, embora muitas vezes benéfico: no domínio das pedras, ele podia meditar, pensando afetuosamente naqueles que se foram. E, mais tarde, quando saía daquele espaço, deixava qualquer que fosse a dor que o tivesse levado ali, mesmo que apenas por pouco tempo. *Mens sana in corpore sano* era o seu encantamento, falado uma vez dentro daquele espaço, repetido depois ao sair. “Tudo vem em círculos, até mesmo o poeta Juvenal.”

Primeiro, em 1929, e, outra vez, em 1946, ele usara o local regularmente para comungar com os mortos, subjugando sua dor no consenso do apiário. Mas 1929 foi quase a sua ruína, um período muito mais sério do que o do transtorno atual, pois a idosa Sra. Hudson — sua governanta e cozinheira desde seus tempos em Londres, a única pessoa que o acompanhara até a fazenda em Sussex após sua aposentadoria — tombou no chão da cozinha em decorrência de um quadril quebrado e rompeu a mandíbula, perdendo dentes e a consciência (o quadril, descobriu-se posteriormente, fora fraturado pouco antes da queda fatal, pois os ossos estavam frágeis demais para sustentarem seu corpo acima do peso). No hospital, ela finalmente sucumbiu à pneumonia. (*Um fim bastante ameno*, escrevera o Dr. Watson para Holmes após ter sido notificado da sua passagem. *A pneumonia é, como você bem sabe, uma bênção para os fracos, um leve toque para os idosos.*)

Mas assim que a carta do Dr. Watson foi arquivada — e os pertences da Sra. Hudson recolhidos por seu sobrinho e uma governanta inexperiente contratada para as tarefas da sede da fazenda —, seu companheiro de muitos anos, o bom médico, morreu inesperadamente de causas naturais (desfrutara de um bom jantar com os filhos e netos que o visitavam, bebera três taças de vinho tinto, rira de uma piada que seu neto mais velho sussurrara ao seu ouvido, desejara a todos uma boa noite antes das dez e morrera

antes de meia-noite). A notícia comovente veio em um telegrama enviado pela terceira esposa do Dr. Watson, entregue sem a menor cerimônia nas mãos de Holmes pela jovem governanta (a primeira de muitas mulheres que desafortunadamente passaram pela fazenda, tolerando em silêncio seu irascível empregador, se demitindo, em geral, no prazo de um ano).

Nos dias seguintes, Holmes vagou pela praia durante horas, do nascer do sol ao anoitecer, contemplando o mar por bastante tempo, várias pedras sob seus pés. Não vira nem falara diretamente com o Dr. Watson desde o verão de 1920, quando o médico e sua esposa passaram um fim de semana com ele. No entanto, fora uma visita estranha, mais para Holmes do que para seus hóspedes. Ele não fora particularmente amigável com a terceira esposa (achou-a um tanto desinteressante e arrogante), e, afora lembrarem algumas de suas aventuras juntos, percebera que já não tinha muito em comum com o Dr. Watson. Suas conversas noturnas inevitavelmente desembocavam em silêncios desconfortáveis, interrompidos apenas pela necessidade inane da esposa de mencionar os filhos ou seu amor pela cozinha francesa, como se o silêncio de alguma forma fosse seu maior inimigo.

Ao mesmo tempo, Holmes considerava o Dr. Watson mais que a um parente, por isso sua morte súbita, somada à recente perda da Sra. Hudson, parecera-lhe com uma porta batendo abruptamente e separando-o de tudo o que antes o moldara. E enquanto passeava pela praia, parando para observar as ondas batendo, ele compreendeu quanto estava à deriva: naquele mês, as mais puras conexões que tinha com seu antigo eu reduziram-se a quase nenhuma, mas ele permaneceu o mesmo. Então, no quarto dia de caminhada pela praia, passou a prestar atenção nas pedras, aproximando-as do rosto, descartando uma em troca de outra, finalmente se decidindo sobre as quatro que mais lhe agradavam. A menor das pedras, ele sabia, preservava todos os segredos do universo. Além disso, as pedras que carregava nos bolsos falésia

acima precediam seu tempo de vida. Enquanto ele era concebido, nascia, era educado e envelhecia, elas o esperaram na praia, inalteradas. Aquelas quatro pedras comuns, assim como as outras nas quais pisava, eram imbuídas de todos os elementos que então formavam o grande movimento da humanidade. Toda criatura possível ou coisa imaginável, sem dúvida, tinha traços rudimentares tanto do Dr. Watson quanto da Sra. Hudson, e, obviamente, muito dele mesmo.

Então, Holmes dedicou uma área específica para as pedras, sentado entre elas com as pernas cruzadas, afastando da mente daquilo que o perturbava: a confusão causada pela ausência permanente de duas pessoas com quem se importava profundamente. No entanto, ele havia determinado que sentir falta de alguém também era, de certa forma, sentir sua presença. Respirando o ar outonal no apiário, exalando seu remorso (*tranquilidade de pensamento* era o seu mantra tácito — *tranquilidade da psique*, assim como fora instruído pelos lamaístas do Tibete), ele sentiu o início de um encerramento para si e para os mortos como se estivessem desaparecendo aos poucos, tentando afastar-se dele em paz, finalmente permitindo-lhe erguer-se e seguir em frente, com sua tristeza passageira aprisionada entre as pedras veneráveis. *Mens sana in corpore sano.*

Durante a segunda metade de 1929, ele ocupou aquele espaço em seis ocasiões diferentes, cada meditação subsequente ficando mais curta (três horas e dezoito minutos, uma hora e dois minutos, quarenta e sete minutos, vinte e três minutos, nove minutos, quatro minutos). Perto do ano-novo, sua necessidade de sentar-se entre as pedras diminuía e a única atenção que dedicava ao local era para mantê-lo (removendo as ervas daninhas, cortando a grama, firmando as rochas na terra como as pedras que margeavam o passeio do jardim). Quase duzentos e um meses transcorreriam até que ele se sentasse ali outra vez, algumas horas depois de ter sido informado da morte de seu irmão Mycroft. Sua respiração exalando

baforadas de vapor em uma fria tarde de novembro, dissipando-se mais além como uma visão etérea percebida de relance.

Mas foi uma visão interior que o envolveu, já tomando forma em sua mente, acolhendo-o no Quarto dos Estranhos no Clube Diógenes quatro meses antes, onde Holmes se encontrara pela última vez com seu único irmão sobrevivente (quando os dois fumaram charutos e beberam conhaque). Mycroft parecia bem — lúcido, com uma leve cor em seu rosto rechonchudo —, embora sua saúde estivesse debilitada e ele já exibisse alguma perda de suas faculdades mentais. Contudo, nesse dia, ele estava incrivelmente lúcido, revivendo histórias de suas glórias em tempo de guerra, aparentemente satisfeito com a companhia do irmão mais novo. E embora Holmes tivesse começado a enviar potes de geleia real para o Clube Diógenes muito recentemente, ele acreditava que a substância já estivesse melhorando a condição de Mycroft.

— Mesmo com a sua imaginação, Sherlock — dissera seu irmão, curvando o grande corpo de tanto rir —, não acho que você seja capaz de me imaginar pulando de uma balsa de desembarque com meu velho amigo Winston. “Sou o Sr. Bullfinch”, dissera Winston, pois esse era o nome de código combinado, “e vim ver por conta própria como estão indo as coisas no norte da África.”

No entanto, Holmes suspeitava que as duas grandes guerras na verdade representaram um terrível desgaste para seu brilhante irmão (Mycroft tendo continuado a serviço muito além da idade de se reformar, raramente deixando sua poltrona no Clube Diógenes, embora ainda indispensável para o governo). Como o mais misterioso dos homens, um indivíduo posicionado no topo do Serviço Secreto Britânico, seu irmão mais velho muitas vezes trabalhava semanas a fio sem dormir adequadamente — recuperando a energia ao comer com voracidade —, enquanto supervisionava sozinho uma série de intrigas, tanto domésticas quanto no exterior. Não foi nenhuma surpresa para ele o rápido declínio da saúde de Mycroft ao fim da Segunda Guerra Mundial. Holmes também não se

surpreendeu ao observar uma melhora no vigor do irmão, causada, ele tinha certeza, pelo consumo contínuo da geleia real.

— É bom vê-lo, Mycroft — disse Holmes, quando se levantou para ir embora. — Mais uma vez você se tornou a antítese da letargia.

— Um bonde ladeira abaixo? — concordou Mycroft, sorrindo.

— Algo assim — concordou Holmes, tomando a mão do irmão. — Temos passado muito tempo sem nos vermos. Quando nos encontraremos outra vez?

— Sinto muito em dizer que não nos encontraremos.

Holmes inclinou-se para a frente na cadeira e segurou a mão pesada e macia de Mycroft. Ele teria rido naquele momento, mas viu os olhos do irmão contrastando com o sorriso. Irresolutos, instáveis e resignados, os dois subitamente se olharam fixamente, comunicando-se da melhor forma possível: assim como você, seus olhos pareciam dizer, tenho os dedos dos pés nos dois séculos, e minha raça está prestes a se extinguir.

— Ora, Mycroft — disse Holmes, batendo de leve uma bengala na canela do irmão. — Aposto que você está enganado quanto a isso.

Mas, como sempre fora o caso, Mycroft nunca se enganava. E, logo, o último vínculo que Holmes tinha com o passado foi cortado por uma carta, não assinada, enviada pelo Clube Diógenes (que não incluía condolências e afirmava apenas que seu irmão morrera com tranquilidade na terça-feira, 19 de novembro, e que, seguindo seu último desejo, o corpo fora enterrado anonimamente e sem cerimônia). Isso é a cara de Mycroft, pensou, dobrando a carta e guardando-a em meio a os outros papéis em sua escrivaninha. Quão certo você estava, pensou mais tarde, sentado entre as pedras, permanecendo ali na noite fria, sem saber que Roger o espionava do caminho do jardim, ou que a Sra. Munro encontrara o menino e o admoestara, dizendo: “Deixe-o em paz, meu filho. Ele está meio esquisito hoje, Deus sabe por quê.”

Claro que Holmes não falou sobre a morte de Mycroft com ninguém, nem reconheceu abertamente aquela segunda

correspondência do Clube Diógenes: um pequeno pacote entregue justo uma semana após a carta, descoberto na escada da porta da frente e que quase fora esmagado sob seus pés quando ele saiu para dar uma caminhada matinal. Sob o papel de embrulho marrom, encontrou uma surrada edição de *O martírio do homem*, de Winwood Reade (a mesma cópia que seu pai, Siger, lhe dera quando ele era criança e convalescia de uma doença, definhando durante meses no quarto do sótão da casa de campo de seus pais em Yorkshire), com um breve bilhete de Mycroft anexado. Era um livro deprimente, mas que causara uma grande impressão em Holmes quando jovem. Ao ler o bilhete, ao voltar a segurar o exemplar, uma lembrança que ele havia muito tempo reprimia se revelou, pois ele emprestara o livro ao irmão mais velho em 1867, insistindo para que Mycroft o lesse: "Quando terminar, você deve compartilhar suas impressões. Gostaria de saber a sua opinião." *Muitas reflexões interessantes*, foi a breve avaliação de Mycroft setenta e oito anos depois, *apesar de um tanto circunloquiais para o meu gosto. Levei séculos para terminar.*

Não foi a única vez que os falecidos lhe contemplaram com palavras. Havia as anotações que a Sra. Hudson aparentemente escrevera para si mesma, possíveis lembretes anotados em pedaços de papel que escondia pela casa — nos balcões da cozinha, no armário de vassouras, espalhados por todo o chalé da governanta — descobertos por acaso por sua substituta, que os entregava a Holmes sempre com a mesma expressão perplexa. Ele preservou aquelas anotações por algum tempo, contemplando-as como se pudessem ser peças de um quebra-cabeça sem sentido. Mas ele nunca conseguiu chegar a qualquer conclusão definitiva sobre o significado das mensagens da Sra. Hudson, todas consistindo de dois substantivos: *Caixa de Chapéu Chinelos; Cevada Pedra-Sabão; Girandola Marzipã; Cão Barato; Ordo Disco; Cenoura Penhoar; Frutinha Prelibação; Traqueídeos Prato; Pimenta Biscoito.* A lareira da biblioteca, concluiu sem piedade, era o lugar ao qual pertenciam

aquelas anotações (os recados enigmáticos da Sra. Hudson foram queimados em um dia de inverno, transformando-se em nada, assim como várias cartas enviadas para ele por completos estranhos).

Destino semelhante tiveram três diários inéditos do Dr. Watson, e por boas razões. De 1874 a 1929, o médico registrara as minúcias de sua vida diária, produzindo inúmeros volumes que se alinhavam nas estantes de seu escritório. Mas os três diários que ele legara a Holmes — cobrindo o período entre quinta-feira, 16 de maio de 1901, até o fim de outubro 1903 — eram naturalmente mais delicados. A maior parte das narrativas dos diários registrava centenas de casos menores, algumas façanhas notáveis, bem como uma anedota particularmente bem-humorada sobre cavalos de corrida roubados (“O caso dos trotes”). Contudo, misturados com o trivial e o notável, havia um punhado de assuntos sórdidos potencialmente prejudiciais: várias indiscrições a respeito de membros da família real, um dignitário estrangeiro com uma queda por meninos negros e um escândalo de prostituição que ameaçava expor quatorze membros do parlamento.

Portanto, o Dr. Watson fora prudente ao destinar os três diários para ele, para que não caíssem em mãos erradas. Além disso, decidira Holmes, era importante que os livros fossem destruídos, caso contrário, após a sua morte, os textos do médico poderiam vir a público. O que se perdeu, imaginou, ou já fora publicado como relatos ficcionais, provavelmente inconsequentes, ou era digno de desaparecer para manter o sigilo daqueles que os procuraram confidencialmente. Assim, evitando até mesmo folhear as páginas, resistindo inclusive a um rápido passar de olhos sobre o que o Dr. Watson escrevera, os volumes acabaram na lareira da biblioteca, onde o papel e a encadernação fumegaram profusamente, explodindo de repente em chamas laranja-azuladas.

Muitos anos depois, entretanto, durante uma viagem ao Japão, Holmes lembrou a destruição dos diários com certa apreensão. De acordo com a história do Sr. Umezaki, ele supostamente aconselhara

seu pai em 1903, o que significava que — se a história tivesse algum fundo de verdade — os detalhes desse encontro certamente foram reduzidos a cinzas. Então, descansando em uma pousada em Shimonoseki, ele se lembrou outra vez dos diários do Dr. Watson em chamas na lareira, aquelas cinzas brilhando, outrora contendo o registro de dias passados, partindo-se aos poucos e subindo pela chaminé como almas ascendentes e se tornando irrecuperáveis enquanto flutuavam para longe, no céu. A lembrança embotou sua mente. Esticado em um colchão, olhos fechados, ele experimentou um vazio, uma perda inexplicável. Tal sensação aguda e desesperadora voltou-lhe meses depois, quando se sentou entre as pedras naquela manhã nublada e cinzenta.

E, enquanto Roger estava sendo enterrado em outro lugar, Holmes não conseguia perceber ou entender coisa alguma, nem podia deixar de lado a sensação sufocante de que seu eu estava despido (suas faculdades deterioradas navegando em uma região desabitada, pouco a pouco exiladas do familiar, sem caminho de volta para o mundo). No entanto, foi uma lágrima solitária que o reanimou — deslizando por suas costeletas, correndo em direção à sua mandíbula —, uma lágrima então pendurada em um pelo de seu queixo, apressando seus dedos.

— Tudo bem — disse ele com um suspiro, abrindo os olhos congestionados para o apiário, seus dedos erguendo-se da grama para aparar uma lágrima antes que caísse.

LÁ, PERTO DO apiário — e depois acolá, em algum outro lugar: a luz do sol aumentou, a manhã de verão nublada transformou-se em um dia ventoso de primavera — em outro litoral, para aquela terra distante. Yamaguchi-ken, ponta ocidental de Honshu, a ilha de Kyushu visível através do estreito.

— *Ohayo gozaimasu* — disse a anfitriã de rosto redondo quando Holmes e o Sr. Umezaki sentaram-se em tatames (ambos vestindo quimonos cinza, junto a uma mesa com vista para o jardim). Estavam hospedados no Shimonoseki Ryokan, uma pousada tradicional onde cada convidado ganhava um quimono emprestado e tinha a oportunidade de provar, a cada refeição, mediante pedido, a comida regional de tempos de fome (uma variedade de sopas, bolinhos de arroz e pratos que tinham carpa como o principal ingrediente).

A anfitriã saiu da sala matinal, foi até a cozinha e voltou carregando bandejas. Era uma mulher corpulenta. Sua barriga se avolumava no cinto em torno da cintura, os tatames vibravam à sua chegada. O Sr. Umezaki se perguntou em voz alta como ela ficara tão gorda com a atual escassez de alimentos no país. Mas ela continuava se curvando para os clientes, sem entender o inglês do Sr. Umezaki, indo e voltando da cozinha como um cão obediente e bem-alimentado. Então, enquanto tigelas, pratos e refeições fumegantes eram servidos à mesa, o Sr. Umezaki limpou os óculos, recolocando-os enquanto pegava os hashis. E Holmes, analisando seu desjejum e cautelosamente erguendo os seus hashis, bocejou o resto do que fora um sono irregular (um vento errante chacoalhara

as paredes até o amanhecer, e seu gemido assustador mantivera semidesperto).

— Se não se importa, o que você sonhou durante a noite? — perguntou o Sr. Umezaki abruptamente enquanto pegava um bolinho de arroz.

— O que eu sonhei à noite? Com certeza não sonhei absolutamente nada.

— Como é possível? Você deve sonhar às vezes. Todo mundo não sonha?

— Quando menino, eu sonhava. Tenho certeza disso. Não sei dizer quando parou, possivelmente após a adolescência, ou mais tarde. De qualquer modo, não me lembro dos detalhes de nenhum sonho que eu possa ter tido. Tais alucinações são infinitamente mais úteis para artistas e mentes teístas, você não concorda? Para homens como eu, no entanto, são um incômodo nada confiável.

— Já li sobre pessoas que afirmam que não sonham, mas nunca acreditei nisso. Presumo que sintam necessidade de suprimi-los por algum motivo.

— Bem, se tenho sonhos, então me acostumei a ignorá-los. Mas agora pergunto a você, meu amigo: o que se passa em sua cabeça à noite?

— Muitas coisas. Os sonhos podem ser muito específicos: lugares onde estive, rostos cotidianos, situações frequentemente banais. Outras vezes, são cenas remotas e desconcertantes: minha infância, amigos mortos, pessoas que conheço bem, mas que não se parecem com elas mesmas. Às vezes acordo confuso, sem saber onde estou ou o que vislumbrei. Como se eu estivesse preso em algum lugar entre o real e o imaginário, embora apenas por um breve instante.

— Conheço a sensação. — Holmes sorriu, olhando para a janela. Além da sala matinal, no jardim lá fora, uma brisa balançava crisântemos vermelhos e amarelos.

— Considero meus sonhos fragmentos de minha memória — disse o Sr. Umezaki. — A memória é como a fibra da existência de alguém.

Sonhos, creio eu, são como fios rompidos do passado, pequenas linhas irregulares que se desviam da fibra, mas continuam a fazer parte dela. Talvez seja uma noção fantasiosa, não sei. Ainda assim, você não acredita que os sonhos sejam uma espécie de memória, uma abstração daquilo que foi?

Por um tempo, Holmes continuou olhando pela janela. Então disse:

— Sim, é uma noção fantasiosa. Quanto a mim, tenho noventa e três anos, então os fios irregulares a que se refere devem ser muitos. Contudo, estou certo de que nada sonho. Ou talvez as fibras de minha memória sejam extremamente resistentes; caso contrário, a julgar por sua metáfora, eu provavelmente estaria perdido no tempo. Mas não acredito que os sonhos sejam uma abstração do passado. Facilmente poderiam ser símbolos de nossos medos e desejos, como o médico austríaco tanto gostava de sugerir.

Usando hashis, Holmes pegou uma fatia de pepino em conserva de uma tigela, e o Sr. Umezaki observou enquanto ele a levava cuidadosamente à boca.

— Medos e desejos — disse o Sr. Umezaki — também são produtos do passado. Simplesmente os levamos conosco. Mas há muito mais a se sonhar do que isso, não é mesmo? Não lhe parece que ocupamos outra região no sono, um mundo construído sobre as experiências que tivemos neste aqui?

— Não faço a menor ideia.

— Quais são os seus medos e desejos, então? De minha parte, tenho muitos.

Holmes não respondeu, mesmo quando o Sr. Umezaki fez uma pausa esperando por sua resposta. Mantendo os olhos fixos no prato de pepinos em conserva, uma expressão profundamente perturbada apareceu em seu rosto. Não, ele não responderia àquela pergunta, nem diria que seus medos e desejos eram, até certo ponto, os mesmos: o esquecimento que o assolava cada vez mais, despertando-o, ofegante, com a sensação de que aquilo que lhe era

familiar e seguro estava se voltando contra ele, deixando-o indefeso, exposto e sem fôlego; o esquecimento também amenizava os pensamentos desesperados, silenciando a ausência daqueles que ele jamais voltaria a ver, prendendo-o ao presente, onde tudo o que podia querer ou necessitar estava à mão.

— Perdoe-me — disse Umezaki. — Não pretendia ser invasivo. Deveríamos ter conversado ontem à noite, após eu tê-lo procurado, mas não me parecia o momento certo.

Holmes baixou os hashis. Usando os dedos, pegou duas fatias da tigela e as comeu. Quando terminou, esfregou os dedos no quimono.

— Meu querido Tamiki, você suspeita de que sonhei algo sobre o seu pai esta noite? É por isso que está me fazendo essas perguntas?

— Não exatamente.

— Ou você estava sonhando com ele e agora quer narrar a experiência para mim no café da manhã, de forma um tanto indireta?

— Eu tenho sonhado com ele, sim, embora já faça um bom tempo que não sonho.

— Entendo — disse Holmes. — Então por favor me diga: qual é a pertinência desta conversa?

— Sinto muito. — O Sr. Umezaki inclinou a cabeça. — Peço-lhe desculpas.

Holmes percebeu que estava sendo desnecessariamente rude, mas era cansativo ser pressionado repetidamente para dar respostas que não tinha. Além disso, ele já estava irritado com o fato de o Sr. Umezaki ter entrado em seu quarto na noite anterior, ajoelhando-se perto do colchão enquanto ele dormia inquieto. Quando foi despertado pelo vento — um zumbido triste e melancólico nas janelas —, a presença sombria do sujeito deve tê-lo deixado sem fôlego (pairando acima dele como uma nuvem negra, perguntando-lhe em um sussurro: "Você está bem? Diga-me. O que foi?"), porque ele não conseguia falar, não podia mover os braços nem as pernas.

Quão difícil foi naquele momento lembrar-se exatamente de onde estava, ou compreender a voz que se dirigia a ele através da escuridão: “Sherlock, o que foi? Você pode me dizer.”

Apenas quando o Sr. Umezaki o deixou, abrindo e fechando em silêncio a porta corredeira que separava os quartos, foi que Holmes se recuperou. Virando-se de lado, ouviu o melancólico ruído do vento. Ele tocou o tatame sob o colchão, forçando as pontas dos dedos na esteira. Então, fechando os olhos, pensou no que o Sr. Umezaki lhe perguntara, as palavras enfim fazendo sentido: *Diga-me. O que foi? Você pode me dizer.* Porque, na verdade, apesar de tudo o que o sujeito lhe dissera anteriormente sobre desfrutarem a viagem juntos, Holmes sabia que o Sr. Umezaki estava determinado a descobrir alguma coisa sobre seu pai desaparecido, mesmo que isso significasse uma vigília ao lado de sua cama (por que outro motivo o Sr. Umezaki entraria no seu quarto, que outra explicação poderia levá-lo até lá?). Holmes também já interrogara gente adormecida — ladrões, viciados em ópio, suspeitos de assassinato — de forma semelhante (sussurrando em seus ouvidos, coletando informações a partir dos resmungos ofegantes dos sonhadores, confissões sonolentas que mais tarde surpreendiam os autores por sua precisão). Portanto, ele não se ressentiu do método, mas desejou que o Sr. Umezaki deixasse o mistério de seu pai em paz, ao menos até o fim da viagem.

Tais assuntos fazem parte de um passado distante, Holmes teve vontade de dizer, e de nada adiantará se preocupar com isso agora. Talvez os motivos para Matsuda fugir do Japão fossem justificáveis, e, talvez, o bem-estar da família fosse um deles. Mesmo assim, sem um pai realmente presente, ele entendia que o Sr. Umezaki se sentia incompleto. E seja lá do que mais Holmes se convencera naquela noite, ele nunca pensou que a busca do Sr. Umezaki fosse irrelevante. Ao contrário, sempre acreditou que os enigmas da própria vida eram dignos de incansável investigação, embora, no caso de Matsuda, Holmes soubesse que todas as pistas que ele

poderia fornecer — se é que existiam — haviam sido destruídas na lareira havia muitos anos; a lembrança dos diários incinerados do Dr. Watson o preocupavam então, chegavam a embotar sua mente, e logo ele não conseguia pensar em mais nada. Quando acordado no colchão, também não podia mais ouvir o vento furioso soprando pelas ruas, abrindo fendas nas janelas cobertas de papel.

— Sou eu quem deveria pedir desculpas — disse Holmes durante o café da manhã, estendendo o braço sobre a mesa para tocar a mão do Sr. Umezaki. — Tive uma noite um tanto difícil por causa do tempo e tudo o mais, e hoje me sinto mal por isso.

Mantendo a cabeça baixa, o Sr. Umezaki assentiu.

— Só fiquei preocupado. Acho que você gritou durante o sono. Era um som horrível.

— É claro — disse Holmes, animando-o. — Sabe, já estive em pântanos onde o vento dava a nítida impressão de que havia alguém gritando, um berro ou lamento distante, quase como um pedido de socorro. Uma tempestade pode facilmente enganar os seus ouvidos. Eu mesmo já fui enganado, posso lhe garantir. — Sorrindo, ele levou os dedos até a tigela de pepinos.

— Então você acredita que eu me enganei?

— É possível, não é?

— Sim — respondeu o Sr. Umezaki, erguendo a cabeça com um gesto de alívio. — É possível, suponho.

— Muito bem — disse Holmes, segurando uma fatia diante dos lábios. — Encerremos este assunto. Vamos começar o novo dia? E o que temos na agenda esta manhã? Outro passeio pela praia? Ou devemos procurar aquilo que nos trouxe até aqui, a rara cinza espinhosa?

Mas o Sr. Umezaki pareceu perplexo. Quantas vezes discutiram os motivos da visita de Holmes ao Japão (o desejo de saborear a culinária à base de cinza espinhosa, e também testemunhar o arbusto crescendo na natureza), e seu destino, que mais tarde

naquele dia os levaria a um rústico *izakaya* junto ao mar (a versão japonesa de um *pub*, Holmes perceberia quando fosse)?

Ao entraram no *izakaya*, havia um caldeirão borbulhante e folhas frescas de cinza espinhosa sendo cortadas pela mulher do proprietário, e os rostos locais se ergueram, alguns com desconfiança, de seus copos de cerveja ou saquê. No entanto, desde a chegada de Holmes, quantas vezes o Sr. Umezaki falara do bolo especial vendido nos *izakayas*, feitos com os frutos e as sementes moídas e torradas da cinza espinhosa, os ingredientes amassados com farinha à guisa de condimento? E quantas vezes mencionaram as cartas enviadas ao longo dos anos, sempre abordando seu interesse por aquele basto arbusto de crescimento lento que talvez fosse capaz de estender o tempo de vida (alimentado pela exposição aos borrifos de sal, sol direto e ventos secos)? Nem uma única vez, ao que parecia.

O *izakaya* cheirava a pimenta do reino e peixe, e eles se sentaram à mesa tomando chá e ouvindo as conversas ruidosas ao redor.

— Aqueles dois são pescadores — disse Umezaki. — Estão discutindo sobre uma mulher.

Nesse momento, o proprietário atravessou a porta com cortina da sala dos fundos e, revelando seu sorriso banguela, dirigiu-se a cada cliente com uma voz autoritária e cômica, rindo com aqueles a quem conhecia e finalmente dirigindo-se até a mesa deles. O homem parecia divertido com a presença daquele inglês idoso e seu elegante companheiro; batia alegremente no ombro do Sr. Umezaki e piscava para Holmes, como se fossem amigos íntimos. Sentando-se à mesa, o proprietário olhou para o detetive enquanto dizia algo em japonês para o Sr. Umezaki — uma observação que fez com que todos no *izakaya* caíssem na gargalhada, exceto Holmes.

— O que ele disse?

— É muito engraçado — respondeu o Sr. Umezaki. — Ele me agradeceu por ter trazido meu pai aqui. Disse que somos um a cara do outro, mas que acha você mais agradável aos olhos.

— Concordo com a última declaração — disse Holmes.

O Sr. Umezaki traduziu o comentário para o proprietário, que começou a rir e a balançar a cabeça, assentindo.

Em seguida, ao terminar o chá, Holmes disse para o Sr. Umezaki:

— Gostaria de dar uma olhada nesse caldeirão. Poderia pedir ao nosso novo amigo? Diga para ele que eu gostaria muito de ver como a cinza espinhosa é preparada.

Quando o pedido foi transmitido, o proprietário imediatamente se levantou.

— Ele concordou com prazer — contou Umezaki. — Mas é a mulher dele quem cozinha. Só ela pode lhe mostrar o processo.

— Maravilha — disse Holmes, levantando-se. — Você vem?

— Daqui a pouco. Ainda estou bebendo meu chá.

— É uma oportunidade rara. Presumo que você não se importe se eu não o esperar.

— Não, nem um pouco — disse Umezaki, embora olhasse atentamente para Holmes, como se de alguma forma estivesse sendo abandonado.

Logo, porém, os dois estariam perto do caldeirão, segurando as folhas do arbusto e observando como a mulher mexia o caldo. Depois, receberam indicações do lugar onde a cinza espinhosa crescia: na praia, em algum local entre as dunas.

— Vamos até lá amanhã de manhã? — perguntou o Sr. Umezaki.

— Ainda é cedo, podemos ir agora.

— É uma boa distância, Sherlock-san.

— Façamos parte do caminho, ao menos até o anoitecer?

— Se você quiser.

Eles lançaram um último olhar curioso para o *izakaya* — o caldeirão, a sopa, os homens com seus copos de bebida — antes de saírem caminhando pela areia, avançando gradualmente em meio às dunas. Ao anoitecer, não haviam encontrado nenhum sinal do arbusto, e por isso decidiram voltar para jantar na pousada, ambos exaustos pelo passeio e se recolhendo mais cedo em vez de

tomarem os drinques noturnos habituais. Naquela noite, entretanto — a segunda de sua estada em Shimonoseki —, Holmes despertou de outro sono profundo por volta da meia-noite. A primeira coisa que percebeu foi que não podia mais ouvir o vento como na noite anterior. Então, lembrou-se do que o preocupava minutos antes de adormecer: o *izakaya* decrépito junto ao mar, as folhas de cinza espinhosa fervendo em um caldeirão de sopa de carpa. Ficou deitado sob as cobertas, olhando para o teto em meio à penumbra. Algum tempo depois, sentiu sono outra vez e fechou os olhos. Só que não adormeceu, em vez disso, pensou no desdentado proprietário — Wakui era o seu nome — e em como seus comentários bem-humorados encantaram o Sr. Umezaki. Entre eles, uma piada de muito mau gosto a respeito do imperador: “Por que o general MacArthur é o umbigo do Japão? Porque ele está acima do pau-mandado.”

Contudo, nenhum comentário agradou tanto ao Sr. Umezaki quanto a lúdica observação de Wakui sobre Holmes ser seu pai. No fim da tarde, enquanto caminhavam juntos pela praia, o Sr. Umezaki voltou a mencionar aquilo:

— É estranho pensar que, se meu pai fosse vivo, ele seria apenas um pouco mais velho que você.

— Suponho que sim — disse Holmes, olhando em frente para as dunas, examinando o solo arenoso em busca de sinais de arbustos de cinza espinhosa.

— Você é meu pai inglês, que tal? — Inesperadamente, o Sr. Umezaki segurou com firmeza o braço de Holmes enquanto avançavam. — Wakui é um sujeito engraçado. Eu gostaria de visitá-lo amanhã.

Somente então Holmes percebeu que fora escolhido, talvez não de maneira consciente, como substituto de Matsuda. Já era óbvio que, por trás do comportamento maduro e circunspeto do Sr. Umezaki espreitavam as feridas psíquicas da infância. O resto só se tornou aparente após a observação de Wakui ser repetida e os

dedos carentes do Sr. Umezaki o segurarem na praia. Então, quão claro aquilo subitamente se tornou: a última vez que você ouviu falar de seu pai, Holmes pensara, foi a primeira vez que ouviu falar de mim. Matsuda desaparece de sua vida e eu chego em forma de livro, um substituindo o outro.

Então havia as cartas postadas na Ásia, o posterior convite após meses de correspondência cordial, a viagem pelo interior do Japão, e os dias que passaram juntos, feito pai e filho fazendo as pazes após viverem muitos anos longe um do outro. E se Holmes não fosse capaz de fornecer respostas concretas, então, talvez — por viajar uma grande distância para encontrar o Sr. Umezaki, por dormir na casa de sua família em Kobe, por embarcar na viagem para o oeste e visitar o jardim em Hiroshima onde Matsuda levara o Sr. Umezaki quando criança —, sua proximidade pudesse lhe fornecer alguma solução. O que também ficou claro é que o Sr. Umezaki realmente pouco se importava com a cinza espinhosa, a geleia real, ou qualquer outra coisa que aquelas cartas inteligentes abordaram em detalhe. Um estratagema simples, percebeu Holmes, embora eficaz. Cada tópico bem pesquisado, articulado em papel de carta, e provavelmente esquecido.

Essas crianças com pais ausentes, refletiu Holmes, pensando no Sr. Umezaki e no jovem Roger enquanto caminhavam pelas dunas. Esses tempos de almas solitárias e questionadoras, pensou, enquanto os dedos do companheiro apertavam seu braço.

Contudo, ao contrário do Sr. Umezaki, Roger sabia qual fora o destino do pai e acreditava que sua morte — embora trágica em um nível pessoal — fora verdadeiramente heroica no grande esquema das coisas. O Sr. Umezaki, pelo contrário, não podia reivindicar nada semelhante, contando apenas com o frágil e velho inglês que o acompanhava nas dunas à beira-mar, segurando-lhe o cotovelo ossudo, na verdade agarrando-se a ele em vez de guiá-lo.

— Devemos voltar?

— Cansou de procurar?

- Não, estou mais preocupado é com você.
- Acho que estamos muito perto para voltar.
- Está escurecendo.

Holmes abriu os olhos e observou novamente o teto, avaliando a solução do problema, pois satisfazer o Sr. Umezaki seria revelar algo que deveria ser antecipadamente concebido como verdade (como o Dr. Watson trabalhando o enredo de uma história, pensou, a mistura do que foi e do que não foi em uma única e inegável criação). Sim, era possível que tivesse conhecido Matsuda e, sim, seu desaparecimento poderia ser explicado, embora não sem cuidadosa elaboração. E onde foram apresentados pela primeira vez? Talvez na Sala dos Estranhos do Clube Diógenes, por insistência de Mycroft. Mas por quê?

— Se a arte da investigação se resumisse exclusivamente ao ato de raciocinar em uma sala, Mycroft, você seria o maior agente criminal que já existiu. No entanto, você é absolutamente incapaz de trabalhar os aspectos práticos que devem ser considerados antes que um assunto possa ser avaliado. Imagino que é por isso que me chamou aqui mais uma vez.

Imaginou Mycroft em sua poltrona, sentado perto de T.R. Lamont (ou seria R.T. Lanner?), um homem sisudo e ambicioso de ascendência polinésia, um membro da Sociedade Missionária de Londres que vivera na ilha de Mangaia, no Pacífico, e, como um espião do Serviço Secreto Britânico, mantivera rígida supervisão policial em nome da moralidade sobre a população indígena. Na esperança de auxiliar as ambições expansionistas da Nova Zelândia, Lamont, ou Lanner, era forte candidato a assumir um papel mais importante, o de residente britânico, posição que incluía negociações com os chefes das ilhas Cook, preparando o caminho para sua anexação à Nova Zelândia.

Ou será que ele era conhecido como J. R. Lambeth? Não, não, lembrou Holmes, ele era um Lamont, com certeza era um Lamont. De qualquer modo, em 1898 — ou em 1899, ou seria em 1897? —

Holmes fora chamado por Mycroft para dar um parecer sobre o caráter de Lamont (*Como sabe, eu poderia fornecer uma excelente opinião de especialista, escrevera-lhe o irmão em um telegrama, mas reunir os detalhes do verdadeiro valor de uma pessoa não faz parte do meu métier*).

— Precisamos das nossas cartas no jogo — explicou Mycroft, ciente da influência da França no Taiti e nas ilhas da Sociedade. — Naturalmente, a rainha Makea Takau quer que anexemos suas ilhas, mas nosso governo continua sendo um administrador relutante. Por outro lado, o primeiro-ministro da Nova Zelândia está atento, portanto temos a obrigação de sermos tão úteis quanto possível, e, desde que o Sr. Lamont esteja familiarizado com os nativos e com eles compartilhe algo mais além de alguns traços físicos comuns, acreditamos que será muito útil para esse fim.

Holmes olhou para o sujeito baixinho e pouco comunicativo sentado à direita do irmão (olhando por baixo dos óculos, chapéu no colo, diminuído pelo enorme volume à sua esquerda).

— Além de você, Mycroft, quem são os *nós* a que se refere?

— Isso, meu caro Sherlock, assim como tudo o mais que mencionei, é sigiloso e não vem ao caso no momento. Mas sua opinião sobre nosso colega é bem-vinda.

— Entendo....

Só que não era Lamont, ou Lanner, ou Lambeth, que Holmes via agora ao lado de Mycroft, e sim o rosto comprido, o cavanhaque e a alta estatura de Matsuda Umezaki. Foram apresentados naquela sala privativa e quase imediatamente Holmes percebeu que ele preenchia os pré-requisitos do cargo. O dossiê que Mycroft lhe entregara deixava evidente que Matsuda era um homem inteligente (autor de vários livros notáveis, um dos quais tratava de diplomacia secreta), apto a agir como um agente (seu passado no Ministério das Relações Exteriores do Japão atestava esse fato), um anglófilo desencantado com o próprio país (disposto a viajar, sempre que

necessário, do Japão para as ilhas Cook, em seguida, para a Europa, e depois de volta ao Japão).

— Você acredita que ele é nosso homem para esse trabalho? — perguntou Mycroft.

— Certamente — disse Holmes, sorrindo. — *Nós* achamos que ele é o homem perfeito.

Porque, como Lamont, Matsuda seria discreto em todas as manobras políticas, mediando a anexação das ilhas Cook enquanto sua própria família imaginava que ele estava pesquisando Direito Constitucional em Londres.

— Boa sorte, senhor — desejou Holmes, apertando a mão de Matsuda quando o interrogatório terminou. — Tenho certeza de que sua missão transcorrerá tranquilamente.

Os dois se encontrariam mais uma vez, no inverno de 1902 — ou, mais precisamente ainda, no início de 1903 (cerca de dois anos depois que começou a ocupação formal das ilhas Cook pela Nova Zelândia) —, quando Matsuda procuraria o conselho de Holmes sobre os problemas em Niue, uma ilha anteriormente associada a Samoa e Tonga, mas tomada um ano após a anexação. Mais uma vez, Matsuda estava sendo procurado para ocupar uma posição influente, mas agora em nome da Nova Zelândia, e não da Inglaterra.

— É uma oportunidade muito lucrativa, Sherlock, admito. Ficar nas ilhas Cook por tempo indeterminado, reprimindo protestos em Niue e trabalhando para submeter a ilha rebelde a uma administração independente, além de gerenciar a modernização das instalações públicas das outras ilhas.

Eles estavam sentados na sala de Holmes na Baker Street, conversando enquanto bebiam uma garrafa de clarete.

— No entanto, você teme que isso seja visto como uma traição ao parlamento — disse Holmes.

— Um pouco, sim.

— Eu não me preocuparia, meu bom companheiro. Você cumpriu o que lhe foi pedido, e tem feito seu trabalho de forma admirável. Creio que agora você está livre para aplicar seus talentos em outros lugares, e por que não faria isso?

— Você realmente pensa assim?

— Sim, penso.

E, da mesma forma como Lamont, Matsuda agradeceria a Holmes, pedindo em seguida que a conversa ficasse entre eles. Então ele terminou sua taça e curvou-se antes de sair pela porta da frente. Ele logo voltaria para as ilhas Cook, viajando rotineiramente de ilha para ilha, atendendo os cinco chefes principais e os sete outros de menor importância, delineando as suas ideias para um futuro Conselho Legislativo e, então, finalmente, indo até Erromango, nas Novas Hébridas, onde foi visto pela última vez viajando para uma região inóspita (um local raras vezes visitado por estrangeiros, um reino isolado e densamente coberto de vegetação, conhecido por seus grandes totens de crânios e seus colares de ossos humanos).

É claro que não era uma história sem falhas. Se pressionado pelo Sr. Umezaki, Holmes temia confundir detalhes, nomes, datas, diversos detalhes históricos. Além disso, ele não poderia fornecer nenhuma explicação adequada para Matsuda ter abandonado a família com a intenção de viver nas ilhas Cook. No entanto, desesperado por respostas como estava o Sr. Umezaki, Holmes tinha certeza de que a história seria suficiente. As razões desconhecidas que impeliram Matsuda para uma nova vida, percebeu, não tinham nenhum interesse para ele (sem dúvida, tais razões se baseavam em considerações particulares, que estavam além de seu conhecimento). Ainda assim, o que o Sr. Umezaki descobriria sobre seu pai não era insignificante: Matsuda desempenhara papel fundamental na prevenção de uma invasão francesa nas ilhas Cook, bem como suprimira a revolta de Niue, e, antes de desaparecer na

selva, procurara unir os habitantes da ilha para que um dia criassem o próprio governo.

“Seu pai”, diria para o Sr. Umezaki, “era muito respeitado pelo governo britânico. Mas, para os anciãos de Rarotonga e das ilhas vizinhas com idade suficiente para lembrar, seu nome é lendário.”

Finalmente, ajudado pelo brilho suave de uma lamparina queimando perto do colchão, Holmes pegou sua bengala e se levantou. Depois de vestir o quimono, atravessou o quarto, tomando cuidado para não tropeçar nos próprios pés enquanto andava. Ao se aproximar do painel na parede, ficou parado por algum tempo. Do outro lado, no quarto do Sr. Umezaki, ouviu roncos. Enquanto continuava em pé diante do painel, bateu de leve no chão com uma bengala. Então, ouviu o que pareceu uma tosse lá dentro, seguida por suaves movimentos (o corpo do Sr. Umezaki se remexendo na cama, o farfalhar de lençóis). Ele prestou atenção por algum tempo, mas não ouviu nada mais. Finalmente, procurou uma maçaneta, encontrando em vez disso uma ranhura oca, que o ajudou a abrir a porta.

O quarto ao lado era uma duplicata daquele onde Holmes dormia: a fraca luz amarelada de uma lanterna, um único colchão no meio do piso, a escrivaninha embutida, e, encostadas em uma parede, as almofadas usadas para se sentar ou se ajoelhar no chão. Ele se aproximou do colchão. Os lençóis haviam sido afastados para longe, e ele viu o Sr. Umezaki dormindo seminu, de costas, imóvel e agora em silêncio, como se não respirasse. À esquerda do colchão — junto à lamparina — havia um par de chinelos alinhados uniformemente. Quando Holmes se agachou, o Sr. Umezaki despertou de repente, falando com nervosismo em japonês, olhando para o vulto ao seu lado.

— Preciso falar com você — disse Holmes, pousando as bengalas longitudinalmente sobre o colo.

Ainda olhando para a frente, o Sr. Umezaki se sentou. Erguendo a lamparina, iluminou o rosto severo de Holmes.

— Sherlock-san? Você está bem?

Holmes foi ofuscado pelo brilho. Ele tocou a mão erguida do Sr. Umezaki, baixando a lamparina. Então, em meio às sombras, disse:

— Peço que você apenas ouça o que tenho a dizer. E, quando eu terminar, peço que não mais me pressione a esse respeito. — O Sr. Umezaki nada respondeu, então Holmes prosseguiu. — Ao longo dos anos, tive como regra nunca, em nenhuma circunstância, discutir casos estritamente confidenciais ou que envolvessem assuntos nacionais. Espero que você entenda que fazer exceções a essa regra pode colocar vidas em risco e comprometer minha boa reputação. Mas percebo agora que estou velho, e acho que é justo dizer que minha atitude é irrepreensível. Também acho justo dizer que as pessoas cujas confidências guardo há décadas já não estão neste mundo. Em outras palavras, sobrevivi a tudo o que me definia.

— Isso não é verdade — observou o Sr. Umezaki.

— Por favor, não deve falar. Se você se calar, falarei sobre seu pai. Gostaria de dizer o que sei sobre ele antes que eu me esqueça, e quero que você simplesmente me escute. E, quando eu terminar e deixar você aqui, peço que esse assunto nunca mais volte a ser discutido, porque esta noite, meu amigo, você receberá a primeira exceção à regra de uma vida. Agora, por favor, deixe-me tentar tranquilizar nossas mentes o melhor que eu puder.

Com isso, Holmes começou relatando sua história, fazendo-o em um tom baixo, sussurrado, que tinha uma vaga qualidade de sonho. Quando seu sussurro terminou, os dois permaneceram voltados um para o outro durante algum tempo, sem se moverem ou falarem — duas formas indistintas sentadas, cada uma como o reflexo obscuro da outra, suas cabeças ocultas pela penumbra, o chão brilhando sob eles — até Holmes se levantar em silêncio, arrastando-se em direção ao seu quarto, caminhando penosamente em direção à cama enquanto suas bengalas esbarravam nas esteiras.

DESDE O SEU regresso a Sussex, Holmes não pensara muito no que dissera ao Sr. Umezaki naquela noite em Shimonoseki, nem refletira sobre a maneira como sua viagem fora dificultada pelo enigma de Matsuda. Em vez disso, trancado dentro do escritório no sótão, sua mente subitamente o levando até lá, e ele imaginava as dunas distantes onde ele e o Sr. Umezaki passearam; mais especificamente, via a si mesmo caminhando em direção a elas, andando na praia com o Sr. Umezaki, ambos fazendo uma pausa no caminho para observar o mar ou as poucas nuvens brancas acima do horizonte.

— Belo dia, não é mesmo?

— Ah, sim — concordava Holmes.

Era seu último dia em Shimonoseki, e embora os dois não tivessem dormido muito bem (Holmes caiu no sono e acordou repetidas vezes antes de ir até o quarto do Sr. Umezaki, que ficou acordado muito tempo depois de Holmes ter ido embora), prosseguiram com bom ânimo, retomando a busca pela cinza espinhosa. Naquela manhã, o vento cessou completamente, e um perfeito céu de primavera se apresentou. A cidade também estava reanimada quando saíram da pousada após um tardio desjejum: pessoas surgiam de suas casas ou lojas e varriam aquilo que o vento espalhara no chão. No santuário vermelho-claro de Akama-jingu, um casal de idosos cantava sutras ao sol. Em seguida, caminhando à beira-mar, avistaram catadores mais abaixo na costa, uma dúzia de mulheres e idosos vasculhando destroços, coletando mariscos ou qualquer coisa útil trazida pelas correntes (alguns arrastando feixes de troncos nas costas, outros portando grossos fios de algas sobre o

pescoço, parecendo jiboias esfarrapadas e imundas). Logo ultrapassaram os catadores, pegando a trilha estreita que levava às dunas e que depois se alargava progressivamente, até desaparecer no terreno radiante e irregular ao redor.

A superfície das dunas, ondulada pelo vento, pontilhada de mato selvagem, pedaços de conchas ou pedras, impedia a visão do mar. As colinas íngremes pareciam se estender indefinidamente pelo litoral, subindo e descendo em direção a uma distante cadeia de montanhas a leste, ou em direção ao céu, ao norte. Mesmo em um dia sem vento como aquele, a areia se deslocava enquanto avançavam, rodopiando à sua passagem, empoeirando a bainha de sua calça com um pó salgado. Atrás deles, as marcas de seus passos desapareciam lentamente, como se cobertas por uma mão invisível. À frente, onde as dunas se encontravam com o céu, tremulava uma miragem enquanto vapores erguiam-se da terra. No entanto, ainda podiam ouvir as ondas quebrando na praia, os catadores gritando uns com os outros, as gaivotas grasnando sobre o mar.

Para surpresa do Sr. Umezaki, Holmes apontou para onde haviam procurado na noite anterior e, em seguida, para o lugar onde acreditava que deveriam procurar naquele momento: rumo ao norte, junto àquelas dunas que se inclinavam mais próximas ao mar.

— Você verá que a areia ali está úmida, produzindo um criadouro ideal para nosso arbusto.

Eles prosseguiram naquela direção — estreitando os olhos por causa do brilho do sol, soprando areia dos lábios —, e seus sapatos eram ocasionalmente engolidos por bolsões mais profundos nas dunas. Às vezes, Holmes perdia o equilíbrio, mas era amparado pelo Sr. Umezaki. Finalmente, a areia sob seus pés endureceu, o mar apareceu a alguns metros de distância, e ambos chegaram a uma área aberta coberta de mato selvagem, plantas esparsas e de uma volumosa peça de madeira que provavelmente pertencera ao casco de algum barco de pesca. Por algum tempo, ficaram parados, recuperando o fôlego, batendo a areia das calças. Então o Sr.

Umezaki sentou-se em um pedaço de madeira trazido pelo mar, limpando o suor que escorria pela testa, rosto e queixo com um lenço, enquanto Holmes, depois de enfiar um jamaicano apagado entre os lábios, começou a observar com atenção o mato selvagem e a vegetação em torno, inclinando-se, finalmente, ao lado de um largo arbusto infestado de moscas que se reuniam em grandes números sobre as flores.

— Então você está aqui, minha linda — exclamou Holmes a meia voz, apoiando as bengalas ao seu lado. Gentilmente tocou os galhos, cravejados de espinhos curtos emparelhados na base das folhas. Ele observou as flores masculinas e femininas em plantas separadas (aglomerados de florescências axilares, flores brancas unissexuais, esverdeadas e pequenas, com dois milímetros e meio de comprimento, flores brancas com cinco ou sete pétalas), as flores masculinas com cerca de cinco estames, as femininas com quatro ou cinco carpelos livres (cada um contendo dois óvulos). Ele olhou para as sementes brilhantes, redondas e pretas. — Belíssima — disse, dirigindo-se à cinza espinhosa, como se fosse um confidente.

Tragando um cigarro, o Sr. Umezaki agachou-se ao lado do arbusto, soprando fumaça sobre as moscas e espantando-as. Mas não era a cinza espinhosa que prendia sua atenção, e sim o encantamento de Holmes com a planta: aqueles dedos ágeis acariciando as folhas, as palavras murmuradas pronunciadas como um mantra ("Folhas compostas e pinadas, um a dois centímetros, o eixo principal estreitamente alado, espinhoso, folhas pequenas, além de uma folha terminal, brilhante...), o puro contentamento e admiração evidenciados pelo ligeiro sorriso e pelos olhos radiantes do velho.

E quando Holmes olhou para o Sr. Umezaki, ele, por sua vez, observou uma expressão semelhante, que não vira no rosto do companheiro durante toda a viagem, um olhar sincero de tranquilidade e aceitação.

— Encontramos o que queríamos encontrar — disse, observando seu reflexo nos óculos do Sr. Umezaki.

— Sim, acho que encontramos.

— É algo realmente simples... No entanto, muito me comove, embora não faça a menor ideia do porquê.

— Compartilho de seu sentimento.

O Sr. Umezaki curvou-se, voltando à posição ereta quase imediatamente. Só então, pareceu que tinha algo urgente a dizer, mas Holmes balançou a cabeça, dissuadindo-o.

— Vamos aproveitar o resto deste momento em silêncio, está bem? Nossas elaborações podem cometer uma injustiça com tão rara oportunidade, e não queremos que isso aconteça, não é mesmo?

— Não.

— Que bom — disse Holmes.

Depois disso, nenhum dos dois falou durante algum tempo. O Sr. Umezaki terminou o cigarro e acendeu outro, observando enquanto Holmes analisava, tocava e cutucava a cinza espinhosa, incansavelmente mastigando seu jamaicano. Perto dali, as ondas arrebatavam sobre si mesmas e os catadores se aproximavam. Ainda assim, foi seu acordo de manterem silêncio que, mais tarde, causaria uma vívida impressão na mente de Holmes (os dois homens nas dunas junto ao mar, ao lado da cinza espinhosa em um dia ideal de primavera). Se ele tivesse tentado lembrar a pousada onde ficaram ou as ruas por onde andaram juntos, os edifícios pelos quais passaram no caminho, pouco de substancial teria se materializado. Mesmo assim, ele preservou as imagens das dunas, do mar, do arbusto e do companheiro que o atraía até o Japão. Lembrou-se de seu breve silêncio e, assim, recordou-se do som estranho que vinha da praia — fraco a princípio, depois cada vez mais alto, uma voz atenuada e monótona, acordes tocados bruscamente — terminando no seu silêncio mútuo.

— É um tocador de *shamisen* — disse Umezaki, erguendo-se para espiar acima do mato selvagem, seu queixo roçando nas hastes.

— Um tocador de quê? — perguntou Holmes, empunhando suas bengalas.

— De *shamisen*. É como um alaúde.

Com a ajuda do Sr. Umezaki, Holmes levantou-se e olhou além da grama selvagem. Ao longe, avistou uma extensa movimentação de crianças na praia, indo lentamente para o sul, em direção aos catadores. À sua frente, caminhava um homem com cabelos desgrenhados, vestindo um quimono preto e tocando um instrumento de três cordas com um grande arco (os dedos médio e indicador de uma das mãos pressionando as cordas).

— Já vi gente assim — disse Umezaki após o grupo passar. — São mendigos que tocam em troca de comida ou dinheiro. A maioria é bem-sucedida. Eles se dão muito bem em cidades maiores.

Como se fascinadas pelo flautista de Hamelin, as crianças seguiam o homem de perto, ouvindo enquanto ele cantava e tocava. A movimentação do grupo — assim como a música e a cantoria — parou ao se aproximar dos catadores. O grupo se dispersou, e as crianças cercaram o músico, sentando-se na areia. Juntando-se às crianças, os catadores desamarraram as cordas de seus fardos, desprendendo-se de suas cargas, e se ajoelharam ou ficaram de pé atrás dos mais jovens. Depois que todos se acomodaram, o tocador de *shamisen* começou a cantar em um estilo lírico, embora narrativo, intercalando sua voz aguda com acordes que produziam uma espécie de vibração elétrica.

O Sr. Umezaki inclinou a cabeça para o lado, olhando para a praia, e, em seguida, quase que como uma reflexão tardia, disse:

— Devemos ir até lá para ouvi-lo?

— Acho que sim — respondeu Holmes, olhando para o grupo.

Mas eles não se apressaram em deixar as dunas, pois Holmes tinha que contemplar o arbusto mais uma vez, arrancando várias folhas e guardando-as no bolso (amostras que acabaram por se

extraviar em algum lugar a caminho de Kobe). Antes de atravessarem a praia, seus olhos precisavam se deter mais alguns segundos sobre a cinza espinhosa.

— Ainda não conheci o seu gosto — disse para a planta — e receio que nunca venha a conhecer...

Somente então Holmes poderia partir, atravessando a grama selvagem com o Sr. Umezaki, seguindo o caminho até a praia, onde logo se sentou entre os catadores e as crianças, ouvindo o tocador de *shamisen* cantando suas histórias e tocando seu instrumento (um homem parcialmente cego, viria a descobrir, que viajara por todo o Japão, quase sempre a pé). Gaivotas mergulhavam e planavam no céu, parecendo impulsionadas pela música, enquanto um navio roçava o horizonte, navegando para o porto. Tudo isso — o céu perfeito, o público entretido, o estoico intérprete, a música alienígena e o ruído do mar ao longe —, Holmes podia ver claramente, fixando aquela cena como o ápice de prazer de sua viagem. No entanto, o que ocorreu depois passava por sua mente como vislumbres de um sonho: as crianças se reagrupando ao fim da tarde, o músico meio cego liderando o grupo pela praia, orientando seus seguidores entre piras ardentes de madeira, o grupo finalmente entrando no *izakaya* com telhado de palha junto ao mar e sendo recebido ali dentro por Wakui e sua esposa.

A luz do sol iluminava as janelas cobertas de papel, as sombras dos galhos das árvores eram vagas e escuras. *Shimonoseki, último dia, 1947*, escreveu em um guardanapo, que então escondeu como lembrança daquela tarde. Assim como o Sr. Umezaki, ele estava em sua segunda cerveja. Wakui os informou que o bolo especial de cinza espinhosa já acabara. Mas Holmes seria atendido de qualquer forma, refrescando-se no *izakaya*. Durante algum tempo, desfrutou da bebida e do conhecimento daquilo que encontrara. Ali, no fim do dia, enquanto bebia com o Sr. Umezaki, lembrou-se do arbusto solitário crescendo afastado da cidade, infestado de insetos, uma

coisa espinhenta, sem beleza, mas ainda assim original e útil, não muito diferente dele mesmo, divertiu-se ao pensar.

Os clientes lotavam o *izakaya*, atraídos pela música de *shamisen* que tocava nos fundos do bar. As crianças voltavam para casa, rostos queimados de sol, roupas cheias de areia, acenando adeus ao músico e agradecendo-lhe.

— O nome dele é Chikuzan Takahashi. Vem aqui todos os anos — disse Wakui. — E as crianças o seguem como moscas.

Os bolos especiais foram todos vendidos, então sobrara apenas cerveja e sopa para o músico itinerante, para Holmes e o Sr. Umezaki. Os barcos descarregavam suas cargas. Pescadores arrastavam-se pelas ruas, chegando às portas abertas do estabelecimento, respirando o aroma convidativo do álcool, convidativo como uma brisa tranquilizadora. Nesse momento, com o sol poente anunciando a noite, Holmes sentiu — teria sido no segundo, terceiro ou quarto drinque; ao encontrar a cinza espinhosa ou na música de um dia de primavera? — a sensação de algo completo, inefável, embora satisfatório, como no gradual acordar de uma noite inteira de sono.

O Sr. Umezaki baixou o cigarro, inclinou-se sobre a mesa e disse tão baixo quanto pôde:

— Se me permite, gostaria de lhe agradecer.

Holmes olhou para o Sr. Umezaki, incomodado.

— E pelo quê? Sou eu quem deveria lhe agradecer. Está sendo uma experiência magnífica.

— Mas, se me permite... Você lançou luz sobre um dilema de minha vida. Talvez eu não tenha conseguido todas as respostas que buscava, mas você me deu mais do que o suficiente, e eu lhe agradeço por ter me ajudado.

— Meu amigo, eu lhe asseguro que não tenho ideia da que você está falando — disse Holmes, obstinado.

— É importante que eu diga. Prometo não voltar a tocar no assunto.

Holmes brincou com o copo, dizendo afinal:

— Bem, se você é tão grato a mim, poderia demonstrar isso voltando a encher meu copo, pois parece que estou ficando sem bebida.

Então, a gratidão tomou conta do Sr. Umezaki — em mais de um sentido —, e ele prontamente pediu outra rodada, e mais outra, e mais outra, sorrindo a noite inteira sem razão aparente, fazendo perguntas sobre a cinza espinhosa como se de repente estivesse interessado naquilo, transmitindo sua alegria para os clientes que o observavam (curvando-se, balançando a cabeça e erguendo o copo para eles). Após terem terminado suas bebidas, e embora estivesse embriagado, levantou-se com rapidez, ajudando Holmes a se erguer. E, na manhã seguinte, no trem para Kobe, o Sr. Umezaki manteve seu comportamento gregário e atencioso — sorridente e relaxado em sua poltrona, aparentemente sem se incomodar com a ressaca, que também assolava Holmes —, indicando pontos turísticos ao longo do caminho (um templo escondido atrás de árvores, uma aldeia onde ocorrera uma famosa batalha feudal), e perguntando de tempos em tempos:

— Você está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa? Devo abrir a janela?

— Estou muito bem, de verdade — murmurava Holmes, que, nesses momentos, sentia falta das horas do silêncio que anteriormente pontuaram suas viagens.

Contudo, ele estava ciente de que os regressos eram sempre mais tediosos do que o início de uma viagem (a partida, na qual tudo era maravilhosamente singular, e cada destino posterior oferecendo uma infinidade de descobertas). Assim, era melhor cochilar na volta tanto quanto possível, dormindo enquanto os quilômetros eram subtraídos e seu corpo alheio corria em direção ao lar. Entretanto, remexendo-se várias vezes em sua cadeira, com as pálpebras pesadas e bocejando na mão, ficou constrangido com aquele rosto

excessivamente atento, aquele sorriso interminável pairando ali perto.

— Você está se sentindo bem?

— Estou muito bem.

Holmes jamais imaginara que daria boas-vindas à expressão implacável de Maya, ou que, ao chegar a Kobe, o normalmente afável Hensuiro pudesse parecer menos entusiasmado do que o expansivo Sr. Umezaki. No entanto, apesar de todos os sorrisos irritantes e vigor dissimulado, Holmes suspeitava que as intenções do Sr. Umezaki eram, no mínimo, honráveis: para criar uma impressão favorável durante os últimos dias de sua estada, para eliminar a aura de seus humores instáveis e de sua própria infelicidade, desejava ser reconhecido como um homem transformado, alguém que se beneficiara da confiança de Holmes e que seria para sempre grato pelo que agora acreditava ser a verdade.

Essa mudança, no entanto, não transformaria Maya. (Teria o Sr. Umezaki contado para a mãe o que descobrira, perguntou Holmes, ou ela pouco se importou?) A mulher evitou Holmes quanto possível, dificilmente registrando a sua presença, grunhindo seu desdém quando ele se sentava à mesa. Afinal de contas, não fazia diferença se a história de Matsuda contada por Holmes fora ou não compartilhada, pois, para ela, saber aquilo não seria mais reconfortante do que não saber. De qualquer modo, ela continuaria culpando-o (é claro que a realidade da situação pouco importava). Além disso, as últimas revelações só sugeriam que Holmes inadvertidamente enviara Matsuda para ser comido por canibais e, como resultado, seu filho perdera o pai (um golpe devastador para o menino que, na mente dela, o privara de um exemplo masculino e afastara-o do amor de qualquer mulher que não ela mesma). Independentemente de qual mentira ela escolhesse — o conteúdo de uma carta enviada havia séculos por Matsuda ou a história

contada ao Sr. Umezaki tarde da noite — Holmes sabia que ela o desprezaria, que era inútil esperar o contrário.

Mesmo assim, seus últimos dias em Kobe foram agradáveis, embora certamente sem grandes eventos (várias caminhadas cansativas pela cidade com o Sr. Umezaki e Hensuiro, bebidas após o jantar, ir cedo para a cama). Os detalhes do que fora dito, feito ou compartilhado estavam além de sua capacidade de memorização. A praia e as dunas preencheram o vazio. E embora estivesse cada vez mais desconfiado da atenção do Sr. Umezaki, ele levou de Kobe um sentimento de verdadeira afeição por Hensuiro: o jovem artista segurando seu cotovelo, sem segundas intenções, gentilmente convidando Holmes ao seu escritório, mostrando-lhe suas pinturas (os céus vermelhos, as paisagens negras, os corpos retorcidos azul-acinzentados), enquanto modestamente voltava o olhar para o chão salpicado de tinta.

— É muito... não sei dizer... moderno, Hensuiro.

— Obrigado, *sensei*, obrigado...

Holmes observou uma tela inacabada, em que dedos ossudos erguiam-se desesperadamente de escombros, um gato malhado cor de laranja roía a própria pata traseira em primeiro plano. Então, olhou para Hensuiro: encontrou sensíveis olhos castanhos, o rosto afável de um menino.

— Uma alma tão gentil com um ponto de vista tão severo... É difícil conciliar os dois.

— Sim... eu agradeço... sim...

Mas entre as peças acabadas, encostadas nas paredes, Holmes ficou diante de uma obra que era diferente de todas as outras pinturas de Hensuiro: um retrato formal de um homem jovem e bonito, de trinta e poucos anos, posando em um cenário de folhas verde-escuras, trajando um quimono, calça *hakama*, casaco *haori*, meias *tabi* e tamancos de madeira.

— Então, quem é este? — perguntou Holmes, a princípio incerto se era um autorretrato ou até mesmo o Sr. Umezaki em sua

juventude.

— Este é meu irmão — disse Hensuiro.

Da melhor maneira que pôde, ele explicou que seu irmão morrera, mas não por causa da guerra ou de alguma grande tragédia. Não, indicou, passando o dedo indicador pelo pulso: seu irmão se matara.

— A mulher que ele amava também. — Ele simulou um corte nos pulsos novamente. — Meu único irmão...

— Duplo suicídio?

— Sim, acredito que sim.

— Entendo — disse Holmes, inclinando-se para olhar mais atentamente para o rosto oliváceo de Hensuiro. — É uma bela pintura. Gostei muito desta.

— *Honto ni arigato gozaimas, sensei...* Obrigado...

Mais tarde, pouco antes de sua partida de Kobe, Holmes sentiu um desejo incomum de se despedir de Hensuiro com um abraço, mas resistiu em fazê-lo, oferecendo apenas um menear de cabeça e um toque de bengala na canela do sujeito. Foi o Sr. Umezaki quem se adiantou na plataforma da estação, levando as mãos aos ombros de Holmes, curvando-se diante dele e dizendo:

— Esperamos vê-lo novamente algum dia, talvez na Inglaterra. Talvez possamos visitá-lo.

— Talvez — disse Holmes.

Em seguida, ele embarcou no trem, reivindicando um assento na janela. Lá fora, o Sr. Umezaki e Hensuiro permaneceram na plataforma, olhando para ele, mas Holmes — que não gostava de despedidas sentimentais, aquela necessidade exagerada de extrair o máximo de uma partida — evitou seus olhares, ocupando-se em acomodar as bengalas e esticar as pernas. Depois, quando o trem começou a sair da estação, ele olhou rapidamente para onde estavam os dois e, franzindo a testa, percebeu que já tinham ido embora. Apenas ao se aproximar de Tóquio encontrou os presentes ocultos nos bolsos de seu casaco: um pequeno frasco de vidro

contendo duas abelhas japonesas e um envelope com o nome de Holmes com um haicai do Sr. Umezaki:

*Minha insônia...
alguém grita durante o sono,
o vento lhe responde.*

*Procurando na areia,
girando e rodopiando, as dunas
escondem a cinza espinhosa.*

*Ouve-se um shamisen
o crepúsculo nas sombras —
árvores abraçadas pela noite.*

*O trem e meu amigo
se foram — início do verão,
fim da dúvida da primavera.*

Embora estivesse certo das origens do haicai, Holmes ficou perplexo com o frasco ao aproximá-lo do rosto e ao contemplar as duas abelhas mortas ali dentro: uma agarrada à outra, com as pernas entrelaçadas. De onde teriam vindo? Do apiário municipal de Tóquio? De algum lugar durante suas viagens com o Sr. Umezaki? Ele não sabia dizer (não mais do que era capaz de explicar a maior parte das quinquilharias que iam parar nos seus bolsos), nem podia imaginar Hensuiro recolhendo as abelhas, colocando-as cuidadosamente no frasco antes de enfiá-lo no bolso de seu casaco, entre pedaços de papel e fios de tabaco, uma concha azul e grãos de areia, a pedra cor de turquesa do Jardim Shukkei-en e uma única semente de cinza espinhosa.

— Onde foi que eu as encontrei? Pense....

Não importando quanto tentasse, não conseguia se lembrar da origem do frasco. Ainda assim, era óbvio que recolhera as abelhas mortas por algum motivo, provavelmente com fins de pesquisa,

talvez como uma recordação, ou, quem sabe, como um presente para o jovem Roger (um presente por ter cuidado do apiário durante a sua ausência, é claro).

Dois dias depois do enterro de Roger, Holmes pegou-se lendo o haicai; o encontrara sob pilhas de papel em cima da escrivaninha. Segurando as bordas vincadas, seu corpo inclinou-se para a frente na cadeira, com um jamaicano entre os lábios e a fumaça rodopiando em direção ao teto. Viu-se pondo a página sobre a mesa algum tempo depois, inalando a fumaça, expirando pelas narinas, olhando para a janela e para o teto nebuloso. Notou a fumaça ascendente flutuando como tufos de éter. Em seguida, viu-se naquele trem, com o casaco e as bengalas sobre o colo, atravessando os campos, passando pelos arredores de Tóquio, sob pontes erguidas acima dos trilhos da ferrovia. Viu-se em um navio da Marinha Real, em meio a soldados alistados que o observavam, sentado ou comendo sozinho, uma relíquia de uma época que se desmantelara. Evitava conversar, e as refeições marítimas e a monotonia da viagem prejudicavam sua memória. Retornando a Sussex, a Sra. Munro encontrando-o cochilando na biblioteca. Indo ao apiário e entregando a Roger o frasco de abelhas. "Isto é para você. *Apis cerana japonica*. Ou talvez a gente deva simplesmente chamá-las de abelhas japonesas. Que tal?" "Obrigado, senhor." Viu-se despertar na escuridão, ouvindo o próprio ofegar, sentindo que sua mente finalmente o abandonara, mas encontrando-a ainda intacta à luz do dia, voltando à vida como um aparelho obsoleto. E quando a filha de Anderson trouxe seu café da manhã de geleia real no pão frito e lhe perguntou: "Alguma notícia da Sra. Munro?", ele se viu balançando a cabeça e respondendo: "Não, nenhuma."

Mas e quanto às abelhas japonesas?, perguntou-se naquele momento, pegando suas bengalas. Onde o menino as guardou?, pensou enquanto se levantava. Ele olhou para a janela e viu a manhã nublada e cinzenta que se seguira à noite, sufocando o amanhecer enquanto ele trabalhava em sua escrivaninha.

Onde exatamente ele as guardou?, pensou quando saiu de casa, imprensando a chave reserva do chalé na palma da mão que segurava o cabo de uma das bengalas.

ENQUANTO AS NUVENS de tempestade se espalhavam sobre o mar e sobre a sua propriedade, Holmes destrancou os aposentos da Sra. Munro e entrou. As cortinas estavam fechadas e as luzes, apagadas. O cheiro amadeirado da naftalina se sobrepunha a qualquer outra coisa que ele inalasse. A cada três ou quatro passos ele fazia uma pausa, olhando em frente para a escuridão, e reajustando o controle sobre as bengalas, como se esperando que alguma forma vaga e inimaginável saltasse das sombras.

Ele seguiu em frente — suas bengalas menos pesadas e fatigadas que seus passos — até ultrapassar a porta aberta do quarto de Roger, entrando no único cômodo da casa que não fora completamente privado da luz do dia. Então, pela primeira e última vez, viu-se entre os poucos pertences do rapaz.

Ele se sentou na borda da cama arrumada de Roger, olhando em torno. A mochila pendurada na maçaneta da porta do armário. A rede de caçar borboletas em pé a um canto. Finalmente, ele se levantou e caminhou sem pressa pelo quarto. Os livros. As revistas *National Geographic*. As pedras e conchas sobre a cômoda, as fotografias e os desenhos coloridos nas paredes. Os objetos em cima de uma escrivaninha de estudante: seis livros didáticos, cinco lápis apontados, canetas de desenho, papel em branco... e o frasco contendo as duas abelhas.

— Entendo — disse ele, erguendo o frasco, dando uma breve olhada em seu conteúdo (as criaturas ali dentro exatamente na mesma posição em que estavam quando as descobriu no trem na chegada a Tóquio).

Ele baixou o frasco sobre a escrivaninha, certificando-se de colocá-lo na mesma posição em que o encontrara. Quão metódico era o menino, quão preciso: tudo organizado, tudo alinhado. Os itens na mesa de cabeceira também estavam arrumados: uma tesoura, um frasco de cola de borracha, um grande álbum de recortes com uma capa preta sem adornos.

Logo Holmes pegou o álbum de recortes. Sentado novamente na cama, virando as páginas com calma, examinou as colagens intrincadas retratando a vida selvagem e as florestas, os soldados e a guerra, e, por fim, olhou para a imagem desolada do antigo edifício da prefeitura de Hiroshima. Quando, finalmente, terminou o álbum de recortes, o cansaço que ele acalentara desde a madrugada tomou-o por completo.

Lá fora, a difusa luz solar ficou ainda mais tênue.

Galhos finos raspavam nas vidraças, quase sem fazer ruído.

— Eu não sei — murmurou incompreensivelmente, sentado na cama de Roger. — Eu não sei — repetiu, recostando-se no travesseiro do menino e fechando os olhos, pressionando o álbum de recortes no peito. — Eu não faço a menor ideia.

Ele caiu no sono depois disso, embora não o tipo resultante da total exaustão, ou mesmo um sono agitado em que o sonho e a realidade se entrelaçam, mas sim um estado de torpor que o submergiu em um grande silêncio. Aquele sono expansivo e profundo levou-o para outro lugar, tirando-o do quarto onde seu corpo repousava.

Esteve ausente por mais de seis horas — sua respiração estável e baixa, seus membros sem se moverem nem retraírem. Os trovões do meio-dia foram inaudíveis para seus ouvidos, e ele não percebeu a tempestade varrendo sua propriedade, a grama alta curvando-se sobre o solo, as grossas gotas de chuva molhando a terra. Quando a tempestade parou, ele não ouviu a porta da frente se abrir, permitindo a entrada de uma rajada de ar frio de chuva pela sala, ao longo do corredor, até o quarto de Roger.

Mas Holmes sentiu o frio atingir seu rosto e seu pescoço, como mãos frias tocando levemente a sua pele, instando-o a despertar.

— Quem está aí? — murmurou.

Abriu as pálpebras e olhou para a mesa de cabeceira (tesoura, cola de borracha). Seu olhar desviou-se, fixando-se no corredor adiante: aquela passagem obscura entre o brilho do quarto do menino e o da porta da frente aberta, onde, depois de alguns segundos de observação, percebeu alguém parado em meio à sombra, imóvel, de frente para ele, com a silhueta destacada pela luz que vinha por trás. O farfalhar de roupas, o agitar da bainha de um vestido.

— Quem é? — perguntou, ainda incapaz de se sentar.

A figura só se tornou visível quando recuou, voltando ao vestíbulo. Ele a viu trazer uma mala para dentro do chalé antes de fechar a porta, mais uma vez mergulhando a casa na escuridão, e desaparecendo tão rapidamente quanto aparecera.

— Sra. Munro...

Ela se materializou, gravitando em torno do quarto do menino, a cabeça flutuando como uma esfera branca e sem forma contra um fundo negro. Contudo, a própria escuridão não tinha apenas uma tonalidade e parecia estar flutuando e oscilando embaixo dela: o tecido do vestido, suspeitou Holmes, o traje de luto. De fato, ela usava um vestido preto, franjado com rendas e de corte austero. Sua pele estava pálida e viam-se círculos azulados sob seus olhos (a dor diminuía-lhe a juventude: seu rosto estava abatido, seus movimentos, mais lentos). Entrando no quarto, ela balançou a cabeça enquanto se aproximava, sem expressão, sem denotar a agonia que ele a ouvira expressar no dia da morte de Roger ou a raiva purulenta que exibira no apiário. Em vez disso, sentiu algo positivo nela, uma concessão e, provavelmente, tranquilidade. Não pode mais me culpar, pensou ele, nem às minhas abelhas. Você nos julgou erradamente, minha querida, e percebeu seu erro. As mãos pálidas da Sra. Munro baixaram sobre ele, cuidadosamente retirando

o álbum de recortes de suas mãos. Ela evitou seu olhar, mas Holmes vislumbrou de esguelha suas pupilas dilatadas, reconhecendo nelas o mesmo vazio que vira no corpo de Roger. Sem dizer nada, ela colocou o álbum de recortes sobre a mesa de cabeceira, posicionando-o cuidadosamente, como o menino teria feito.

— Por que você está aqui? — perguntou Holmes após apoiar os pés no chão, erguendo-se e sentando-se no colchão.

Ao falar, seu rosto corou de vergonha, pois ela o encontrara dormindo dentro de seus aposentos, abraçando o álbum de recortes de seu filho morto, quando muito, era ela quem deveria fazer aquela pergunta. Mesmo assim, a Sra. Munro não parecia terrivelmente perturbada com sua presença, o que o deixou ainda mais desconfortável. Ele olhou em torno e viu as bengalas apoiadas na mesa de cabeceira.

— Não a esperava em casa tão cedo — ouviu-se dizer, distraidamente tentando segurar o cabo das bengalas. — Espero que sua viagem não tenha sido muito cansativa. — Envergonhado com a superficialidade de suas próprias palavras, seu rosto enrubesceu.

A Sra. Munro estava diante da escrivaninha, de costas para ele, enquanto Holmes continuava sentado na cama, de costas para ela. A mulher explicou que achara melhor voltar para o chalé, e quando Holmes percebeu a voz calma com a qual se dirigiu a ele, sua inquietação diminuiu.

— Tenho muito a fazer — avisou ela. — Há coisas que preciso resolver. Minhas e de Roger.

— Você deve estar faminta — disse ele, empunhando suas bengalas. — Pedirei que a menina lhe traga algo, ou talvez você prefira jantar comigo à mesa?

Ele se perguntou se a filha de Anderson já terminara as compras na cidade e, quando se levantou, a Sra. Munro respondeu às suas costas:

— Não estou com fome.

Holmes voltou-se para ela e encontrou seu olhar de soslaio (aqueles olhos relutantes e vazios nunca realmente se concentrando em algo, sempre observando-o de lado).

— Há alguma coisa que você deseje? — Foi tudo o que ele conseguiu pensar em perguntar. — Posso fazer algo?

— Sei cuidar de mim mesma, obrigada — disse ela, desviando completamente o olhar.

Então Holmes compreendeu a verdadeira razão de seu retorno tão repentino, e quando ela se fixou nos objetos em cima da mesa, cruzando os braços sob os seios, ele observou o perfil de uma mulher que decidia qual a melhor maneira de concluir mais um capítulo de sua vida.

— Você vai me deixar, não é mesmo? — perguntou ele de repente, deixando as palavras escaparem inadvertidamente de sua boca.

Os dedos dela percorriam o tampo da escrivaninha, roçando canetas de desenho, tocando o papel em branco, fazendo uma pausa sobre a superfície de madeira polida (o local onde Roger fazia a lição de casa, os desenhos elaborados que pendurava nas paredes, e, certamente, onde lia suas revistas e seus livros). Embora o menino estivesse morto, ela o visualizava ali sentado, enquanto ela cozinhava, limpava e ocupava-se na casa principal. Holmes também imaginara Roger naquela escrivaninha, curvado para a frente à medida que o dia se tornava noite, e a noite, madrugada. Ele queria compartilhar essa visão com a Sra. Munro, contando-lhe o que ele acreditava que ambos imaginaram, mas permaneceu em silêncio, antecipando a resposta que finalmente passou confiante pelos seus lábios:

— Sim, senhor. Eu o deixarei.

Claro que sim, pensou Holmes, como se solidário com a decisão da mulher. No entanto, ficou tão magoado pela firmeza de sua resposta que gaguejou como alguém implorando por uma segunda chance.

— Por favor, você não precisa tomar uma decisão tão precipitada, especialmente neste momento.

— Mas não foi precipitada. Passei horas pensando nisso, e é impossível pensar de outra forma. Há pouco aqui de valor. Apenas estas coisas e nada mais. — Ela pegou uma caneta de desenho vermelha, girando-a cuidadosamente entre os dedos e o polegar. — Não, não foi precipitada.

Uma brisa soprou de repente pela janela acima da escrivaninha de Roger, fazendo os galhos roçarem no vidro. A brisa aumentou por um instante, farfalhando a árvore do lado de fora, fazendo os galhos baterem com mais força nas vidraças. Abatido pela resposta da Sra. Munro, Holmes suspirou resignado e, em seguida, perguntou:

— E para onde você vai? Para Londres? O que será de você?

— Sinceramente, não sei. Seja como for, não acho que minha vida importe para você.

Seu filho estava morto. O marido estava morto. Ela falava como alguém que enterrara aqueles que mais amava, e, ao fazê-lo, se enterrara junto. Holmes lembrou-se de um poema que ele lera na juventude, uma única linha que assombrara sua infância: *Seguirei adiante sozinho, de modo que você possa me procurar por lá.* Oprimido pelo desespero complacente da mulher, ele deu um passo em direção a ela, dizendo:

— É claro que importa. Renunciar à esperança é renunciar a tudo, e você não deve fazer isso, minha querida. Tem a obrigação de perseverar. Senão, seu amor pelo menino não vai perdurar.

Amor: essa era uma palavra que a Sra. Munro jamais o ouvira pronunciar. Ela lhe lançou um olhar de soslaio, detendo-o com a frieza de seu olhar. Então, como se para evitar o assunto, olhou novamente para a escrivaninha, dizendo:

— Aprendi muito a esse respeito.

Holmes a viu pegar o frasco de abelhas.

— Verdade?

— São insetos japoneses. Gentis e tímidos, não são? Não como aqueles que você cria, não é mesmo? — Ela pousou o frasco na palma da mão.

— Está certa. Você pesquisou.

Ele ficou surpreso com o conhecimento da Sra. Munro, mas franziu a testa quando ela não disse mais nada (com os olhos voltados para o frasco, fixados sobre as abelhas mortas ali dentro). Incapaz de suportar o silêncio, ele prosseguiu:

— São criaturas notáveis: tímidas, como você diz, embora eficientes ao matar um inimigo.

Ele disse para ela que o marimbondo gigante japonês caçava diversas espécies de abelhas e vespas. Quando um marimbondo descobria uma colmeia, deixava uma secreção para marcar o local. Essa secreção servia para fazer com que outros marimbondos na área se reunissem e atacassem a colônia. Contudo, as abelhas japonesas eram capazes de detectar a secreção do marimbondo, permitindo que se preparassem para o ataque iminente. Quando os marimbondos entravam na colmeia, as abelhas cercavam cada atacante e os envolviam com seus corpos, submetendo-os a uma temperatura de quarenta e sete graus Celsius (muito quente para um marimbondo, perfeito para uma abelha).

— Realmente são fascinantes, não é mesmo? — concluiu. — Visitei um apiário em Tóquio. Tive a sorte de ver essas criaturas em primeira mão.

A luz do sol rompeu as nuvens, iluminando as cortinas. Então Holmes se deu conta da impropriedade de seu discurso (o filho da Sra. Munro morrerá, mas tudo o que ele conseguia lhe oferecer era uma palestra sobre abelhas japonesas). Tomado pelo desamparo, ele balançou a cabeça lamentando a própria estupidez. E enquanto imaginava um pedido de desculpas, ela baixou o frasco sobre a escrivaninha, com a voz trêmula de emoção:

— Não faz sentido... A maneira como você fala não é humana... Nada disso é humano, apenas ciência e livros, coisas presas em

garrafas e caixas. O que você sabe sobre amar alguém?

Holmes irritou-se com seu tom de voz cáustico e rancoroso — a aguda ênfase do desprezo em sua voz sussurrada — e se esforçou para se recompor antes de responder. Então, percebeu que suas mãos estavam agarrando as bengalas, e que os nós de seus dedos estavam brancos. Você não faz ideia, pensou. Soltando um suspiro exasperado, ele afrouxou as mãos ao redor das bengalas e arrastou-se de volta ao colchão de Roger.

— Certamente não sou assim tão rígido — disse ele, sentando-se ao pé da cama. — Ao menos não quero pensar que seja. Mas como posso convencê-la do contrário? E se eu lhe disser que minha paixão pelas abelhas não evoluiu de qualquer ramo da ciência ou das páginas de algum livro, você me acharia menos desumano?

Mantendo seu olhar sobre o frasco, ela não respondeu nem se moveu.

— Sra. Munro, temo que minha idade avançada tenha prejudicado a minha memória, como você sem dúvida deve estar completamente ciente. Com frequência perco coisas: meus charutos, minhas bengalas, às vezes meus próprios sapatos, e encontro coisas nos bolsos que me deixam perplexo. É divertido e aterrorizante ao mesmo tempo. Há também períodos em que não me lembro por que fui de uma sala para outra, nem entendo frases que acabo de escrever em minha escrivania. No entanto, muitas outras coisas estão indelevelmente gravadas em minha mente paradoxal. Por exemplo, eu me lembro de meus dezoito anos com a maior clareza: muito alto, solitário, um feio estudante de Oxford, passando as noites na companhia do graduado que dava aulas de matemática e lógica, um sujeito puritano, agitado e desagradável, um residente da Igreja de Cristo, como eu, alguém que você deve conhecer como Lewis Carroll, mas que eu conhecia como reverendo C. L. Dodgson, um inventor de fantásticos quebra-cabeças de palavras, de matemática, e de cifras, para meu infinito interesse. Seus truques e dobraduras de papel parecem tão vivos para mim agora como eram

então. Da mesma forma, posso ver o pônei que tive quando criança. Lembro-me de montá-lo nas charnecas de Yorkshire, perdendo-me de bom grado em um mar de ondas de urze. Existem várias dessas cenas em minha memória, e todas são fáceis de lembrar. Por que estas permanecem e outras desaparecem, não sei dizer.

“Mas deixe-me compartilhar algo mais a meu respeito, porque sinto que é relevante. Quando você olha para mim, creio que veja um homem incapaz de ter sentimentos. Estou mais atento a essa noção do que você, minha cara. Só me conheceu no fim da vida, isolado aqui ou dentro de meu apiário. Quando decido falar, costumo comentar sobre aquelas criaturas. Então eu não a culpo por pensar mal de mim. De qualquer modo, até quarenta e oito anos, eu tinha apenas um ligeiro interesse por abelhas e pelo mundo das colmeias. Mas, em meu quadragésimo nono aniversário, eu não conseguia pensar em mais nada. Como explicar isso?

Ele inspirou, fechando os olhos por um segundo, e continuou em seguida:

— Eu estava investigando uma mulher. Ela era mais jovem, muito estranha para mim, embora sedutora, e me vi preocupado com ela, algo que nunca compreendi completamente. Nosso tempo juntos foi fugaz: menos de uma hora, na verdade. Ela nada sabia a meu respeito e eu sabia muito pouco sobre ela, exceto que gostava de ler e de passear junto às flores, então passei com ela entre as flores. Os detalhes do caso não são importantes, além do fato de que ela acabou indo embora de minha vida e de que, por mais inexplicável que fosse, senti que algo de essencial se perdera, criando um vazio dentro de mim. E, no entanto, ela começou a se manifestar em meus pensamentos, existindo em um momento de lucidez, o que me pareceu insignificante quando ocorreu pela primeira vez, mas que, logo em seguida, apresentou-se novamente e nunca mais me abandonou.

Ele ficou em silêncio e estreitou os olhos, como se estivesse evocando o passado. A Sra. Munro olhou para ele, contraindo

ligeiramente o rosto.

— Por que está me dizendo isso? O que isso tem a ver com tudo o mais?

Quando ela falou, seu rosto sem rugas exibiu vincos na testa, e aquelas linhas profundas foram a coisa mais expressiva nela. Mas Holmes não estava olhando para ela, seu olhar se desviara para o chão, atento a algo que apenas ele podia vislumbrar.

Era algo de pouca importância, disse Holmes para a Sra. Munro, enquanto a Sra. Keller se revelava para ele, estendendo a mão enluvada através do tempo. Ali, no parque da Sociedade de Física e Botânica, ela levou os dedos à erva-viperinae e à *atropa belladonna* — às cavalinhas e às matricárias —, e naquele momento segurava uma íris. Ao retirar a mão, observou que havia uma abelha-operária sobre a sua luva. Mas ela não se intimidou, não afastou a criatura nem esmagou-a com o punho. Um leve sorriso se espalhou pelo seu rosto enquanto analisava a abelha de perto, com aparente reverência (um sorriso curioso, palavras carinhosas e sussurradas). Por sua vez, a abelha-operária permaneceu pousada sobre a palma de sua mão, sem se mover nem cravar o ferrão em sua luva, como se também a observasse.

— É impossível dar uma visão precisa de tão íntima comunhão, do tipo que eu jamais vira igual — disse Holmes, erguendo a cabeça. — Ao todo, o episódio durou uns dez segundos, certamente não mais do que isso. Então, ela achou por bem liberar a criatura, soltando-a na própria flor de onde viera. No entanto, essa breve e simples transação: a mulher, sua mão e a criatura que ela segurava sem desconfiança, me impeliu de cabeça naquilo que se tornou minha maior preocupação. Como vê, não se trata de ciência exata, minha cara, não é tão sem sentido quanto você sugere.

A Sra. Munro manteve os olhos fixos nele.

— Mas isso está longe de ser amor verdadeiro, não é?

— Eu não compreendo o amor — disse Holmes com tristeza. — Nunca aleguei compreender.

E, independentemente de quem ou do que precipitou tal fascínio, ele sabia que a busca de sua vida solitária se baseara por completo em métodos científicos, que suas ideias e escritos não eram destinados aos sentimentos do leigo. Ainda assim, havia a multidão dourada. O ouro das flores. O ouro do pólen. O milagre de uma cultura que mantivera seu modo de vida — século após século, era após era, aeon após aeon — provando a competência de sua comunidade de insetos para superar os problemas da existência. A comunidade autossuficiente da colmeia, na qual nem um único trabalhador desanimado dependia da atenção humana. A parceria entre o homem e as abelhas atraía apenas aqueles que vigiavam os limites do mundo das abelhas e salvaguardavam a evolução de seus complexos domínios. A medida de paz descoberta na harmonia do murmúrio dos insetos, acalmando a mente e fornecendo garantias contra a confusão de um planeta em transformação. O mistério, o espanto e a deferência, e, acentuando tudo isso, a luz do sol de fim de tarde que permeia o apiário com tonalidades de amarelo e laranja: tudo isso experimentado e valorizado por Roger, ele não tinha dúvida. Mais de uma vez, enquanto estavam juntos no apiário, Holmes percebera admiração no rosto do menino, o que lhe causava uma sensação que ele não conseguia expressar facilmente.

— Alguns podem chamar isso de um tipo de amor, se assim o desejarem.

Sua expressão mudou para a tristeza e o desânimo.

A Sra. Munro notou que ele estava chorando de modo quase imperceptível (as lágrimas escorrendo pelo seu rosto e pela sua barba). No entanto, as lágrimas secaram tão rapidamente quanto começaram, e Holmes enxugou as bochechas, suspirando. Por fim, ele se ouviu dizendo:

— Eu gostaria que você reconsiderasse. Gostaria muito que ficasse.

Mas a Sra. Munro se recusou a falar. Em vez disso, olhou em volta para os desenhos na parede, como se ele não estivesse ali. Holmes

baixou a cabeça outra vez. Eu mereço isso, pensou. As lágrimas começaram a brotar e então pararam.

— Você sente falta dele? — perguntou ela com sofrimento, finalmente quebrando o silêncio.

— É claro que sim — foi sua resposta imediata.

O olhar dela vagou pelos desenhos, fazendo uma pausa diante de uma fotografia em sépia (o pequeno Roger em seus braços com o jovem marido orgulhosamente ao seu lado).

— Ele o admirava muito. Você sabia disso?

Holmes ergueu a cabeça, assentindo com um gesto de alívio quando ela se voltou para ele.

— Foi Roger quem me contou sobre as abelhas no frasco. Ele me contou tudo o que você ensinou para ele, me falou tudo o que você disse.

O tom contido e cáustico desaparecera, e a súbita necessidade da Sra. Munro de se dirigir a ele diretamente — com a voz suave e melancólica, seu olhar se encontrando com o dele — fez Holmes sentir que ela de algum modo o absolvera. No entanto, só conseguia ouvir e assentir, olhando fixo para ela.

Com sua angústia se tornando evidente, ela procurou seu rosto melancólico e enrugado.

— O que devo fazer agora, senhor? O que sou sem meu menino? Por que ele teve que morrer assim?

Mas Holmes não conseguiu pensar em nada reconfortante para lhe dizer. No entanto, os olhos dela imploravam, como se quisessem receber algo de valor, algo resoluto e benéfico. Naquele momento, ele duvidou de que pudesse existir um estado mental mais implacavelmente cruel do que desejar entender o real significado de circunstâncias que não tinham respostas úteis ou definitivas. Pior, ele sabia que nada poderia inventar para aliviar seu sofrimento, como fizera com o Sr. Umezaki, nem poderia preencher as lacunas e criar uma conclusão satisfatória, como o Dr. Watson muitas vezes fizera

ao escrever suas histórias. Não, a verdade em si era clara e inegável: Roger estava morto, vítima de um infortúnio.

— Por que isso aconteceu, senhor? Eu preciso saber por quê...

Ela falou como tantos antes dela: aqueles que o procuravam em Londres e aqueles que anos mais tarde invadiam seu retiro em Sussex solicitando sua ajuda, rogando-lhe que solucionasse seus problemas e restaurasse a ordem em suas vidas. Como se fosse assim tão fácil, pensou. Como se todos os problemas tivessem uma solução garantida.

Então, a perplexidade que significava períodos em que sua mente não conseguia entender suas próprias ruminções lançou sua sombra sobre Holmes, mas ele se expressou o melhor que pôde, dizendo solenemente:

— Parece que, ou melhor, ocorre que, às vezes acontecem coisas que fogem ao nosso entendimento, minha cara, e a realidade injusta é que esses acontecimentos, sendo tão ilógicos para nós, desprovidos de qualquer razão que possamos lhes atribuir, são mesmo o que são e, infelizmente, nada além disso. E eu acredito, acredito de verdade, que essa é a noção mais difícil de aceitar.

A Sra. Munro olhou para ele durante algum tempo, como se não tivesse intenção de responder. Em seguida, sorrindo amargamente, ela disse:

— Sim... é isso.

No silêncio que se seguiu, ela olhou outra vez para a escrivaninha, para as canetas, para o papel, para os livros e para o frasco, e ajeitou tudo o que tocara anteriormente. Quando terminou, ela se voltou para ele, dizendo:

— Desculpe-me, mas preciso dormir. Os últimos dias foram exaustivos.

— Você ficaria lá em casa esta noite? — perguntou Holmes, preocupado com ela e motivado pela sensação de que não deveria ficar sozinha. — A filha de Anderson fará a comida, embora, como

você verá, suas refeições estejam longe de ser apetitosas. E tenho certeza de que há lençóis limpos no quarto de hóspedes.

— Sinto-me confortável aqui, obrigada — disse ela.

Holmes pensou em insistir para que ela o acompanhasse, mas a Sra. Munro já desviara o olhar, voltando-se para o corredor escuro. Seu corpo e cabeça curvados e determinados, e suas pupilas dilatadas — cheias e negras, rodeadas por tênues círculos esverdeados — agora ignoravam sua presença. Ela entrara no quarto de Roger sem falar, então ele imaginou que sairia da mesma forma. No entanto, quando a Sra. Munro se dirigiu à porta, ele a interceptou, tomando-lhe a mão, impedindo-a de seguir em frente.

— Minha jovem...

Mas ela não tentou se livrar dele nem ele continuou a detê-la. Holmes simplesmente segurou-lhe a mão e ela, a dele, sem dizerem mais nada ou olharem um para o outro: de mãos dadas, comunicando-se através da leve pressão dos dedos, até que, meneando a cabeça, ela o soltou e saiu pela porta, logo desaparecendo no corredor, deixando-o para atravessar sozinho a escuridão.

Após algum tempo, ele se levantou e, sem olhar para trás, saiu do quarto de Roger. No corredor, batia as bengalas à sua frente como um cego (atrás dele, o brilho do quarto do menino, à sua frente, a penumbra do chalé, e, em algum lugar mais além, a Sra. Munro). Chegando ao vestíbulo, procurou a maçaneta, agarrou-a e, com algum esforço, abriu a porta. Mas a luz do lado de fora ofuscou sua visão, impedindo-o de avançar por um instante. E foi nesse momento em que estava ali de pé, olhos estreitados, inalando o ar saturado de chuva, que o santuário do apiário — a paz de suas colmeias, a tranquilidade que sentia ao sentar-se entre as quatro pedras — o atraiu. Ele inspirou profundamente antes de começar a andar, ainda apertando os olhos quando deu o primeiro passo. A meio caminho, fez uma pausa, remexendo os bolsos em busca de um jamaicano, mas encontrou apenas uma caixa de fósforos. Tudo

bem, pensou, retomando a caminhada, chapinhando seus sapatos na lama. O mato alto, em ambos os lados do caminho, brilhava com a umidade.

Chegando ao apiário, uma borboleta avermelhada pairou junto a ele. Outra borboleta apareceu, como se perseguindo a primeira. E mais outra. Quando a última passou, seus olhos examinaram o apiário, fixando-se nas fileiras de colmeias e, em seguida, no gramado que ocultava as quatro pedras (tudo molhado, salpicado de gotas de chuva).

Então continuou em frente, seguindo até onde sua propriedade se encontrava com o céu e a terra branca caía perpendicularmente sob a casa grande e os canteiros de flores do chalé da Sra. Munro — suas camadas junto à trilha estreita que serpeava rumo à praia, exibindo a evolução do tempo, cada camada indicando o progresso desigual da história, transformando-se de forma gradual, embora persistente, com fósseis e raízes pressionados entre elas.

Quando Holmes começou a descer a trilha (as pernas persuadindo-o a seguir em frente, as marcas de suas bengalas riscando o chão de calcário molhado), ouviu as ondas quebrando na praia, aquele rumor distante e o breve silêncio que se seguia, como o dialeto inicial da criação antes que a vida humana fosse concebida. A brisa da tarde e o ruído do mar se misturavam enquanto ele observava além da praia, a quilômetros de distância, o sol refletido nas águas, ondulando entre as correntes. A cada minuto que passava, o mar ficava cada vez mais radiante, o sol aparentemente erguendo-se de suas profundezas, as ondas tremulando em tons de laranja e vermelho.

Mas tudo parecia tão remoto, tão abstrato e estranho para ele. Quanto mais olhava para o mar e para o céu, mais afastado se sentia da humanidade. E era por isso, pensou, que a humanidade estava sempre em conflito consigo mesma, sendo esse distanciamento o subproduto inevitável de uma espécie que avançara muito além de suas qualidades inatas, e tal fato o

consumiu com uma imensa tristeza que ele mal conseguia conter. Ainda assim, as ondas quebravam, as falésias se erguiam nas alturas, a brisa trazia o cheiro da água salgada e a pós-tempestade temperava o calor do verão. Seguindo pela trilha, o desejo de fazer parte da ordem original da natureza se agitou dentro dele, o desejo de escapar das armadilhas das pessoas e do clamor sem sentido que anunciava sua autoimportância. Ele sentia essa necessidade sobrepondo-se a tudo o que valorizava ou acreditava ser verdadeiro (seus vários escritos e teorias, suas observações sobre grande número de coisas). O céu já estava escurecendo à medida que o sol baixava; a lua também ocupava o céu, refletindo a luz do sol, um semicírculo transparente no firmamento preto-azulado. Brevemente, ele olhou para o sol e para a lua — aquela estrela quente e ofuscante e aquele crescente frio e sem vida —, satisfeito pelo modo como cada um seguia uma órbita de acordo com o próprio movimento, embora ambos fossem essenciais para o outro de certa forma. As palavras surgiram em sua mente embora a fonte tivesse sido esquecida: *O sol não deve alcançar a lua, nem a noite ultrapassar o dia*. Finalmente, tal como ocorrera diversas vezes enquanto ele descia aquela trilha sinuosa, começou a escurecer.

Quando Holmes chegou à metade do caminho, o sol mergulhava no horizonte, derramando seus raios através das piscinas naturais e das pedras lá embaixo, misturando sua luz com as sombras profundas. Após chegar ao banco do mirante, deixou as bengalas de lado, olhou para a praia lá embaixo, para o mar e para o céu infinito. Algumas nuvens de tempestade remanescentes permaneciam ao longe, piscando como vaga-lumes, e várias gaivotas, que pareciam gritar para ele, vojavam umas em torno das outras, oscilando habilmente ao sabor da brisa. Debaixo delas, as ondas estavam alaranjadas, escuras e também cintilantes. No lugar onde a trilha se curvava transversalmente à praia, notou aglomerados de grama nova e ramos de amoreiras, mas eram como párias banidos da terra fértil mais acima. Então, pensou ter ouvido o som de sua respiração

— um ritmo baixo e contínuo, não diferente do zumbido do vento — ou seria algo mais, algo que emanava de algum lugar ali perto? Talvez, pensou, fosse o tênue murmurar das falésias, as vibrações dessas imensuráveis dobras de terra, pedras e raízes, afirmando sua permanência sobre o homem, como vinham fazendo ao longo dos tempos, e estavam se dirigindo a ele agora, como o próprio tempo.

Ele fechou os olhos.

Seu corpo relaxou: o cansaço se espalhou pelos seus membros, mantendo-o sentado no banco. Não se mova, disse para si mesmo, e lembre-se daquilo que é duradouro. Os narcisos silvestres e os canteiros de ervas. A brisa farfalhando nos pinheiros, como fazia desde antes de seu nascimento. Holmes sentiu uma sensação de formigamento no pescoço, uma vaga coceira entre os pelos da barba. Lentamente, ergueu a mão do colo. Cardos gigantes serpeavam em direção ao topo. As buddleias roxas floresceram. Hoje chovera, molhando sua propriedade, encharcando o solo. Amanhã a chuva voltaria. O solo ficaria ainda mais perfumado após o aguaceiro. Uma profusão de azaleias, rododendros e louros brotaria nos pastos. Mas o que é isso? Sua mão capturou a sensação, a coceira baixando do pescoço até o punho. Sua respiração ficara mais tênue, mas seus olhos se abriram de qualquer forma. Ali, revelado no abrir de seus dedos, esvoaçando com os movimentos nervosos de uma mosca comum, uma solitária abelha-operária, com reservatórios repletos de pólen; uma desgarrada das colmeias, alimentando-se por conta própria. Criatura notável, pensou, observando ela dançar sobre sua palma. Então, ele balançou a mão, fazendo-a voar, invejoso de sua velocidade e de quão facilmente levantara voo em um mundo tão mutável e inconsistente.

Epílogo

Mesmo após tanto tempo, meu coração ainda pesa ao empunhar a caneta para escrever estes últimos parágrafos sobre as circunstâncias em que a vida da Sra. Keller foi interrompida. De modo confuso e, agora tenho certeza, de forma totalmente não confiável, tentei apresentar algum registro de minha rara ligação com aquela mulher, desde o primeiro vislumbre de seu rosto em uma fotografia até a tarde em que, finalmente, ela me ofereceu alguns fugazes relances de seu modo de ser. Minha intenção era terminar ali, na Sociedade de Física e Botânica, e nada relatar a respeito do evento que desde então criou um estranho vazio em minha mente, algo que a gradual passagem de quarenta e cinco anos ainda não foi capaz de satisfazer ou conciliar completamente.

No entanto, nesta noite escura, a caneta é guiada pelo meu desejo de reportar tanto quanto possível, para evitar que minha memória vacilante decida, sem o meu consentimento, bani-la para outro lugar. Temendo tal inevitabilidade, sinto que não tenho escolha senão apresentar os fatos como ocorreram. Ao que me lembre, havia uma única breve nota na imprensa pública na sexta-feira seguinte à sua saída do parque da Sociedade de Física e Botânica, aparecendo em uma edição do *Evening Standard*. Pela sua localização no jornal, parece que aquilo foi considerado um evento de menor importância, e a nota dizia o seguinte:

Um trágico acidente ferroviário ocorreu esta tarde perto da Estação de St. Pancras, envolvendo uma locomotiva e culminando com a morte de uma mulher. O maquinista, Ian Lomax, da linha London & North Western Railway, ficou surpreso ao ver uma mulher com uma sombrinha caminhando em direção à locomotiva que vinha em sentido contrário às quatorze e trinta. Incapaz de parar a locomotiva antes que pudesse alcançá-la, o maquinista sinalizou com o apito, mas a mulher permaneceu

nos trilhos e, sem fazer nenhuma tentativa perceptível para se salvar, foi atropelada. A força do impacto despedaçou seu corpo, e ela foi jogada a uma grande distância dos trilhos. Mais tarde, ao ter seus pertences examinados, a infeliz mulher foi identificada como Ann Keller, de Fortis Grove. Seu marido, que está inconsolável, ainda não fez nenhuma declaração oficial sobre o porquê de ela estar caminhando sobre os trilhos, embora a polícia esteja investigando, na tentativa de determinar as razões.

Tais são os únicos fatos conhecidos sobre a morte violenta da Sra. Ann Keller. Ainda assim, por mais que essa narrativa esteja muito comprida, eu a prolongarei mencionando como — na manhã seguinte, após saber de sua morte — vesti meu disfarce de óculos e bigode com mãos trêmulas e recuperei minha compostura enquanto caminhava da Baker Street até a casa em Fortis Grove.

A porta da frente se abriu lentamente e tudo o que pude ver foi o semblante apático de Thomas R. Keller emoldurado pela escuridão que pairava atrás dele. Ele não pareceu desanimado nem animado com a minha chegada, e nem meu disfarce provocou qualquer olhar de interrogação de sua parte. Imediatamente detectei um forte bafo de conhaque de Jerez — La Marque Speciale, para ser mais preciso — quando ele disse com frieza:

— Sim, por favor, entre.

Contudo, o pouco que eu desejava compartilhar com o sujeito foi deixado de lado à medida que eu o seguia silenciosamente através de salas, com as cortinas fechadas, passando por uma escada, até chegarmos a um escritório iluminado por uma única lâmpada. Seu brilho espalhava luz sobre duas cadeiras e, entre elas, uma mesa com duas garrafas da bebida cujo cheiro senti em sua respiração.

E é nesse ponto que mais do que nunca sinto falta de John. Com detalhes inteligentes e hipérbolos beirando a grandeza, ele era capaz de transfigurar uma história banal, que é a medida do verdadeiro talento de um escritor, em uma coisa interessante. Contudo, quando escrevo minha própria história, não sou capaz de pintar com pinceladas tão generosas e refinadas. Ainda assim, farei o melhor possível para descrever de modo tão vívido quanto possível o quadro do sofrimento que se abatera sobre meu cliente.

Mesmo quando me sentei junto ao Sr. Keller, expressando-lhe minha mais profunda solidariedade, ele quase nada disse em resposta, mantendo-se imóvel, com o queixo mal barbeado apoiado no peito, imerso em um profundo estupor. Seu olhar vago e inanimado fixava-se no chão. Com uma mão segurava o braço da cadeira, e mantinha a outra ao redor do gargalo de uma garrafa de conhaque, embora, em seu estado debilitado, fosse incapaz de levar a garrafa até a boca.

O Sr. Keller também não reagiu como imaginei que o faria. Ele não atribuía nenhuma culpa pela morte da mulher, e, quando absolvi sua esposa de qualquer delito, minhas palavras pareceram vazias e sem importância. O que importava agora o fato de ela não ter comparecido a aulas secretas de harmônica, ou que Madame Schirmer tivesse sido julgada injustamente, ou que sua esposa tivesse sido honesta com ele de modo geral? Ainda assim, compartilhei a pouca informação que ela omitira, falando sobre o pequeno jardim oásis da Portman's, os livros emprestados das prateleiras, as aulas de música que transcorriam enquanto ela lia. Citei o portão dos fundos que levava ao beco atrás da loja. Citei a falta de rumo de seus passeios — através de ruas de pedestres, avenidas estreitas, junto a ferrovias — e que ela acabava seguindo até a Sociedade de Física e Botânica. Ao mesmo tempo, não havia nenhum motivo para mencionar Stefan Peterson, ou dizer a meu cliente que sua mulher passara um fim de tarde na companhia de alguém cujas intenções não eram nada nobres.

— Mas eu não entendo — disse ele, remexendo-se na cadeira e voltando o olhar triste para mim. — O que a levou a fazer isso, Sr. Holmes? Não entendo.

Eu já me fizera a mesma pergunta repetidas vezes, embora não tenha conseguido chegar a uma resposta fácil. Bati-lhe gentilmente na perna, então olhei para seus olhos injetados de sangue, o que o levou a voltar a concentrá-los no chão, como se ferido por meu olhar.

— Não sei dizer com certeza. Realmente não sei o que falar.

Poderia haver várias explicações, mas eu já as analisara uma a uma em minha mente e nada convincente se apresentara. Uma explicação possível seria que a dor pela perda dos filhos tivesse sido um fardo excessivamente pesado para ela carregar. Havia a explicação de que o suposto poder dos

sons da harmônica teria exercido algum controle sobre sua frágil psique, ou que ela houvesse enlouquecido pelas injustiças da vida, ou que ela tivesse alguma doença desconhecida que a houvesse levado à loucura. Não conseguia encontrar nenhuma outra solução adequada, então estas se tornaram as explicações que eu passara horas analisando e ponderando, embora sem um fim satisfatório.

Por algum tempo, estabeleci a loucura como conclusão mais plausível. A preocupação inquieta e obsessiva com a harmônica sugeria algo de psiconeurótico em sua natureza. O fato de ela ter se trancando em um sótão por horas a fio e tocado para invocar os filhos não nascidos apenas reforçava a ideia de insanidade. Por outro lado, aquela mulher que lia romances em bancos de parques, que demonstrava grande empatia com as flores e as criaturas dos jardins, parecia em paz consigo mesma e com o mundo em torno. Contudo, os perturbados mentais podem exibir contradições comportamentais, apesar de ela não ter mostrado sinais exteriores de sua perturbação. De fato, não havia quase nada que desse a entender que aquela era uma mulher capaz de caminhar em direção a um trem em movimento. Se fosse esse o caso, por que, então, demonstrava paixão por tudo o que era vivo, florescia e prosperava na primavera? Mais uma vez, eu não conseguia chegar a uma conclusão que desse sentido aos fatos.

Havia, porém, uma teoria final, que parecia bastante provável. Naquela época, o plumbismo era uma doença comum, especialmente porque o chumbo podia ser encontrado em louças e utensílios, velas, tubulações de água, molduras de janelas, tintas e taças de peltre. Sem dúvida, o chumbo também podia ser encontrado nas peças metálicas da harmônica e na tinta aplicada a cada vidro, como meio de diferenciar as notas. Eu já suspeitava que intoxicação por chumbo crônica fora a causa da doença, surdez e morte de Beethoven, pois ele também dedicara horas ao domínio dos vidros da harmônica. Portanto, a teoria era forte, tão forte que eu estava determinado a provar sua validade. Mas logo se tornou evidente que a Sra. Keller não exibia nenhum sintoma de plumbismo agudo ou crônico. Ela não tinha o andar cambaleante, convulsões ou cólicas, nem apresentava qualquer comprometimento das faculdades intelectuais. E embora ela pudesse ter adquirido plumbismo sem nunca ter tocado em uma harmônica, entendi que

o mal-estar geral que ela experimentara anteriormente melhorara em vez de ser agravado pelo instrumento. Além disso, suas próprias mãos descartavam a suspeita inicial: careciam de manchas ou da descoloração preto-azulada que teria surgido junto à ponta dos dedos.

Não, concluí afinal, ela não estava louca ou doente, nem desesperada a ponto da insanidade. Por razões desconhecidas, ela simplesmente se isentara da equação humana e deixara de existir, fazendo-o, talvez, como algum meio contraditório de sobrevivência. E mesmo agora eu me pergunto se a criação é, ao mesmo tempo, muito bela e muito terrível para algumas almas sensíveis, e se a percepção dessa dualidade ambígua não lhes fornece qualquer outra opção além de partir por vontade própria. Afora isso, não posso dar qualquer outra explicação que chegue mais perto da verdade dessa questão. Ainda assim, nunca foi uma conclusão com a qual me sentisse confortável.

Quando eu estava terminando esta análise sobre sua esposa, o Sr. Keller inclinou-se para a frente na cadeira, e sua mão deslizou com flacidez pela garrafa até descansar com a palma para cima sobre a mesa de canto. Sua expressão sombria e abatida se suavizara e uma respiração suave se erguia em seu peito. Muita dor e pouco sono, concluí. Conhaque demais. Então, fiquei ali mais algum tempo, entregue a uma taça de La Marque Speciale — levantando-me para ir embora somente quando o licor enrubesceu minhas faces e atenuou a melancolia que saturava todo o meu ser. Logo eu cruzaria os cômodos da casa, buscando a luz do sol que era vista levemente ao longo das bordas das cortinas fechadas, embora não antes de pegar a fotografia da Sra. Keller de um bolso do casaco e, com alguma relutância, deixá-la na frouxa palma da mão estendida de meu cliente. Depois disso, fui embora sem olhar para trás, atravessando o espaço entre a escuridão e a luz tão rapidamente quanto possível, abandonando-me em uma tarde que persiste em minha memória tão brilhante, azul e sem nuvens como foi naquele dia remoto.

Mas eu ainda não estava disposto a voltar a Baker Street. Em vez disso, naquela tarde ensolarada de primavera, parti para Montague Street, saboreando a experiência de passear por aquelas ruas que a Sra. Keller conhecera tão bem. Durante todo o tempo, imaginei o que poderia me

esperar quando pisasse no jardim da Portman's. Logo me vi ali, tendo atravessado a loja vazia, os corredores sombrios, saindo pelos fundos no centro do jardim, onde havia aquele pequeno banco cercado pela sebe de buxo. Fiz uma pausa para admirar a paisagem, examinando as hortas perenes e as rosas junto ao muro que cercava o jardim. Soprou uma ligeira brisa, e, olhando para além da sebe, observei dedaleiras, gerânios e lírios oscilando ao sabor do vento. Então, sentei-me no banco e esperei que a harmônica começasse a tocar. Trouxera comigo diversos cigarros Bradley de John, e, tirando um deles do bolso de meu colete, comecei a fumar enquanto ouvia a música. E foi nesse momento, olhando para a sebe, saboreando os aromas do jardim, não desfavoravelmente misturados com o tabaco, que uma sensação tangível de saudade e de isolamento começou a se agitar dentro de mim.

A brisa soprou com mais força, mas apenas por um instante. A sebe estremeceu violentamente e, as plantas perenes oscilaram para lá e para cá. A brisa parou, e, no momento de tranquilidade que se seguiu, enquanto o dia esmaecia, percebi que a música não mais me agradava. Quão lamentável o fato de esse instrumento sedutor, cujo som é tão arrebatador, tão ricamente emblemático, não ser suficiente para me impressionar como antes. E como poderia? Ela se matara, ela se fora. E o que importava se, afinal, tudo se perderia, tudo seria vencido, se não existia nenhuma razão, padrão ou lógica para tudo o que se fazia na terra? Pois ela não estava mais lá, e eu ainda permanecia. Nunca senti um vazio tão incompreensível dentro de mim, e só então, enquanto meu corpo se erguia do banco, comecei a entender quão absolutamente sozinho eu estava no mundo. Assim, com a rápida chegada do anoitecer, eu nada levaria do jardim, exceto aquela ausência impossível, aquele vazio interior que ainda comportava o peso de outra pessoa: um espaço que tomava a forma de uma mulher singular e curiosa que nunca conheceu meu eu verdadeiro.

ORIGEM DAS ILUSTRAÇÕES

AS TRÊS ILUSTRAÇÕES do livro foram originalmente impressas em *New Observations on the Natural History of Bees*, de François Huber (Londres: W. & C. Tait, e Longman, Hurst, Rees, Orme, e Brown, 1821).

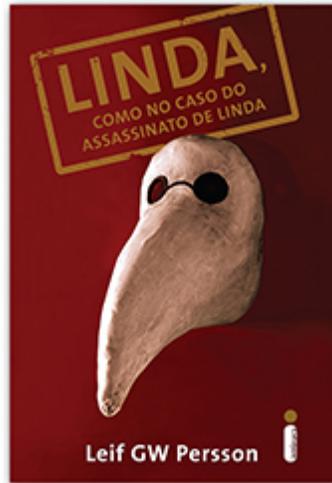
Sobre o autor

©Peter I. Chang

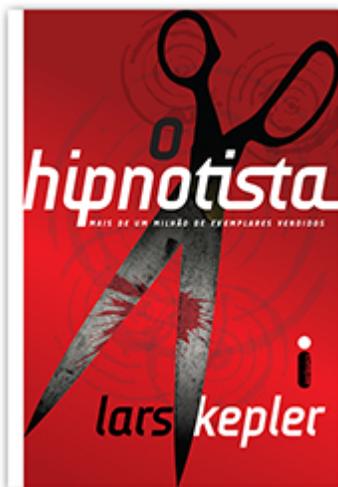


Nascido no Novo México, Estados Unidos, em 1968, Mitch Cullin é um autor prolífico, com livros traduzidos para mais de dez idiomas. Ele mora em São Gabriel, na Califórnia, e, além de escrever, colabora com projetos do artista visual Peter I. Chang.

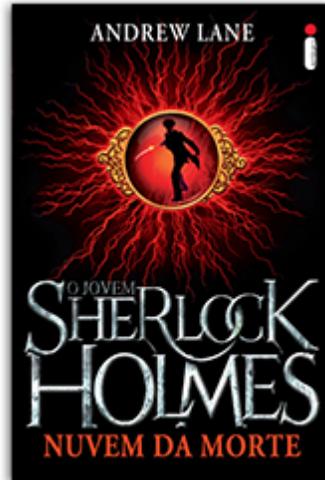
Leia também



Linda, como no caso do assassinato de Linda
Leif GW Persson



O hipnotista
Lars Kepler



O jovem Sherlock Holmes: Nuvem da morte
Andrew Lane